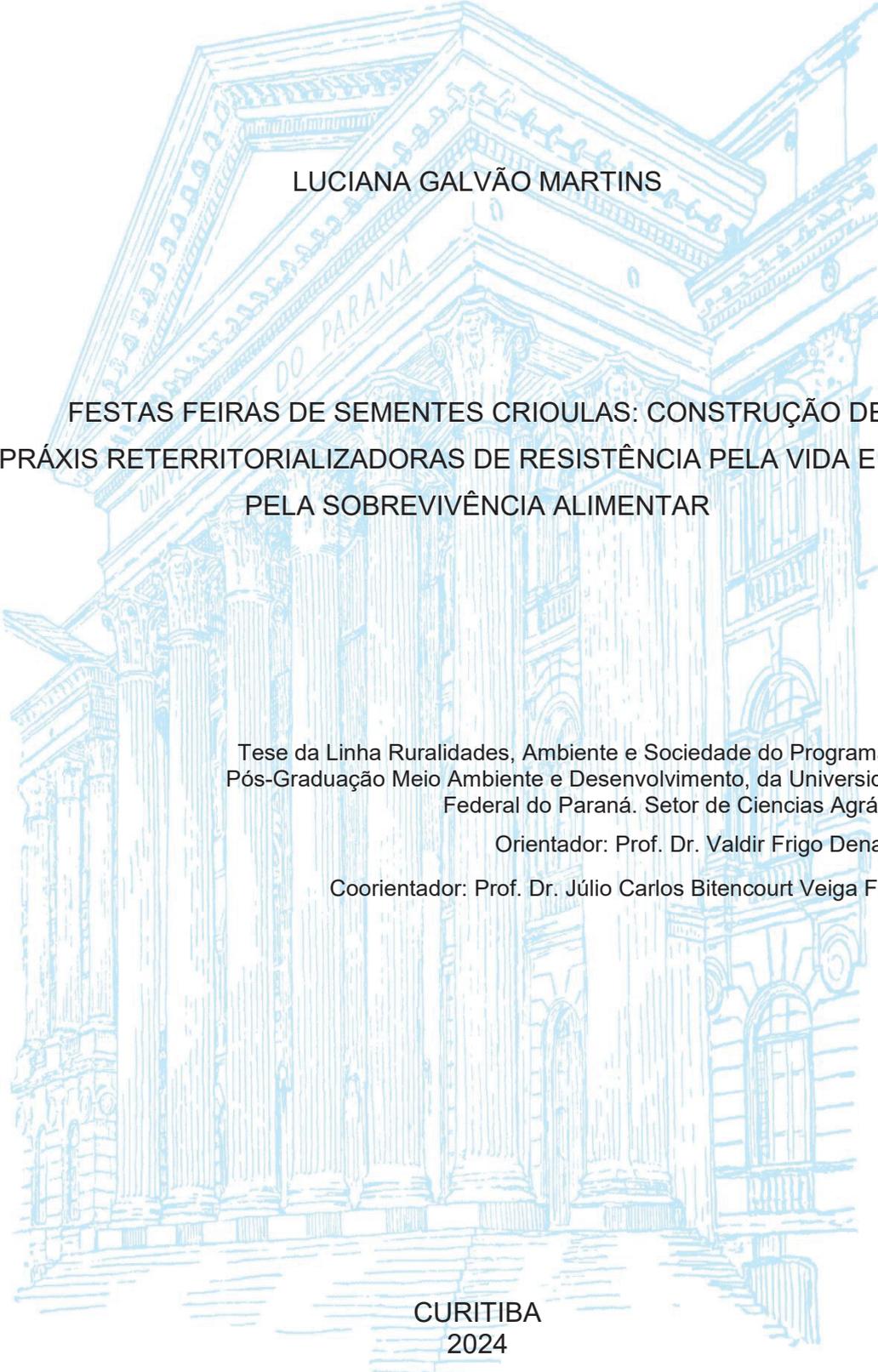


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIANA GALVÃO MARTINS

FESTAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS: CONSTRUÇÃO DE
PRÁXIS RETERRITORIALIZADORAS DE RESISTÊNCIA PELA VIDA E
PELA SOBREVIVÊNCIA ALIMENTAR

CURITIBA
2024



LUCIANA GALVÃO MARTINS

FESTAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS: CONSTRUÇÃO DE
PRÁXIS RETERRITORIALIZADORAS DE RESISTÊNCIA PELA VIDA E
PELA SOBREVIVÊNCIA ALIMENTAR

Tese da Linha Ruralidades, Ambiente e Sociedade do Programa de
Pós-Graduação Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade
Federal do Paraná. Setor de Ciências Agrárias.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Frigo Denardin

Coorientador: Prof. Dr. Júlio Carlos Bitencourt Veiga Filho

CURITIBA
2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Martins, Luciana Galvão

Festas feiras de sementes crioulas: construção de práxis reterritorializadoras de resistência pela vida e pela sobrevivência alimentar / Luciana Galvão Martins. – Curitiba, 2024.

1 recurso online: PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Frigo Denardin

Coorientador: Prof. Dr. Júlio Carlos Bitencourt Veiga Filho

1. Movimentos sociais. 2. Sobrevivência. 3. Natureza - Usos e costumes .I. Denardi, Valdir Frigo. II. Veiga Filho, Júlio Carlos Bitencourt. III. Universidade Federal do Paraná. Programa Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. IV. Título.

Bibliotecária: Telma Terezinha Stresser de Assis CRB-9/944



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO - 40001016029P1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **LUCIANA GALVÃO MARTINS** intitulada: **FESTAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOLAS: CONSTRUÇÃO DE PRÁXIS RETERRITORIALIZADORAS DE RESISTÊNCIA PELA VIDA E PELA SOBREVIVÊNCIA ALIMENTAR**, sob orientação do Prof. Dr. VALDIR FRIGO DENARDIN, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 23 de Abril de 2024.

Assinatura Eletrônica
30/04/2024 14:57:04.0
VALDIR FRIGO DENARDIN
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/04/2024 13:35:34.0
MARCIA REGINA FERREIRA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
29/04/2024 19:16:29.0
ALFIO BRANDENBURG
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
29/04/2024 16:55:59.0
MARCOS AURÉLIO SAQUET
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ)

Av. Cel. Francisco H. Dos Santos, 100 Centro Politécnico - Ed. Observatório Multidisciplinar de Meio Ambiente - térreo - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 81530-000 - Tel: (41) 0000-0000 - E-mail: made@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 361508

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 361508

AGRADECIMENTOS

É compreensível e natural sentir-me desgastada e cansada ao chegar ao fim da escrita da tese, especialmente após todo o esforço, dedicação e emoções envolvidas ao longo da jornada. Esse momento pode ser desafiador, pois os sentimentos e reflexões não se cessam na com o término deste ciclo. A tese aborda não somente a importância das Festas Feiras de Sementes Crioulas, mas também os desafios enfrentados pelos movimentos sociais e pelas comunidades tradicionais. A degradação da natureza, erosão dos solos, as contaminações das águas atingem e afetam os povos indígenas, quilombolas, faxinalenses, caiçaras e a sociedade. As Festas Feiras de Sementes Crioulas se destacam como resistência e resiliência para preservação da semente pela agroecologia, sua valorização promovem a biodiversidade e segurança e soberania alimentar. As pressões não se cessam, a ameaça é constante e diária.

Primeiramente sou grata a minha mãe Regina que deixou a profissão de professora de matemática para cuidar de três filhas. Agradeço ao meu pai Luciano, que foi o primeiro a ter um curso superior na família e que incentivou e oportunizou meus estudos. Dou o devido agradecimento aos meus antepassados e as mulheres da minha família, que diante de tantas adversidades conseguiram sobreviver ao patriarcado e a discriminação de gênero.

Lembro-me bem da minha Vó Amélia que estudou até o quarto ano, era o máximo que uma mulher poderia chegar nos estudos no contexto em que vivia e, ao completar este período, foi obrigada a trabalhar em uma fábrica de costura. Foi a única de todas as irmãs que aprendeu a ler e a escrever. Nas nossas conversas ela falava que a sua insistência a levou as letras, as palavras e aos números, não haviam cadernos ou lápis na escola, eram pequenas pedras lisas e uma espécie de giz, escrevia e em seguida apagava. E, para não esquecer do que tinha aprendido, escrevia para memorizar na terra com pequenos gravetos. Já a minha Vó Lourdes, passou por muito percalços, com três filhos pequenos se separou nos anos de 1940, passou fome e foi regriminada pela família. E, assim mesmo, conseguiu ser enfermeira da Beneficência Portuguesa, era requisitada pelos médicos nas cirurgias de coração, ela comentava que não tinha emoção maior do que segurar com as mãos um coração quentinho batendo.

Agradeço ao meu companheiro Marcio Paulo Ferreira pela parceria irrestrita e apoio nesses quatro anos. Amo-te, agradeço!

Expresso a minha sincera gratidão aos apoios emocionais que recebi durante esta trajetória: a Anna Clara Donadio, minha terapeuta-guia; a Márcia Vaistman e Marcio Harum nos diários encontros de yoga e nos afetuosos diálogos durante a pandemia, amigos do coração e de encontro geracional. Muito obrigada!

Agradeço de coração aos movimentos sociais, às organizações mobilizadoras do campo, aos interlocutores e interlocutoras que participaram na construção desta tese. Aos povos da terra e da água, que tive oportunidade de conversar, silenciar e aprender.

Ofereço os meus agradecimentos ao meu orientador Professor Dr. Valdir Frigo Denardin, pelo incentivo, contribuições, discussões e dedicação permanente a minha trajetória. Ao Professor Dr. Júlio Carlos Bitencourt Veiga Filho pelas leituras de estímulo ao conhecimento e aprofundamento nas reflexões.

Expresso a minha gratidão a Professora Dra. Marcia Regina Ferreira e ao Professor Dr. Marcos Aurelio Saquet e Professor Dr. Alfio Brandenburg, pelas importantes orientações, críticas e sugestões na banca de qualificação e defesa, sem eles esta tese não seria construída.

Manifesto meu agradecimento aos professores, doutorandos e doutorandas e a secretaria do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, da UFPR, pelas oportunidades de reflexões e fomento a pesquisa. Em especial, sou grata as amizades construídas durante este processo, a Juliana Greco Yamaoka e Karini Scarpari, amigas e companheiras de alma e para a vida.

Agradeço as agências financiadoras, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Brasil (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em diferentes momentos ao longo do processo de doutoramento no PPGMADE/UFPR.

Peço desculpas a todos e a todas que me distanciei e me ausentei em benefício da pesquisa acadêmica.

EPÍGRAFE

Vivas
Vivas, Vivas
Porque todas as vidas são essenciais
Quando nós falamos tagarelado
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinado
E dançamos descompassados
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é porque estamos errando
É porque não fomos colonizados
(NEGO BISPO, 2023).

RESUMO

A agricultura rural apresenta-se condicionada e afetada pelo contexto capitalista que dita como devem ser as relações de produção e consumo, excluindo as diversidades e as heterogeneidades que existem/resistem ao modelo de agricultura voltado para monoculturas, agronegócio e estruturado em *commodities*, sob controle de grandes empresas que colocam em risco a natureza e a sociedade, bem como, agricultores e agricultoras familiares, comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas, povos da floresta e das águas. As sementes possuem um papel fundamental na vida do ser humano há milhares de anos, responsáveis pela alimentação. Navegando sobre estudos sobre Festas Feiras de Sementes Crioulas percebeu-se que eles ressaltam diversos conjuntos de ações na construção coletiva pelas redes formadas e estabelecidas, sendo as feiras de sementes possibilidades de levar a participação e conscientização da sociedade. No entanto, embora os debates reconheçam as feiras de sementes como elemento fortalecedor em diversos contextos e ações, as discussões sobre território e os movimentos de/do/no/pelo território não foram amplamente e abordadas a partir das feiras de sementes crioulas. Nesta pesquisa, pergunta-se: teriam os sujeitos sociais a partir das feiras de sementes crioulas condições de construir práxis reterritorializadoras de resistência? Como objetivo geral deste trabalho, pretendeu-se analisar como se constitui os espaços que as feiras de sementes crioulas ocupam e como contribuem em práxis reterritorializadoras de resistência nos territórios que transitam. Os objetivos específicos são: discorrer sobre o processo de apropriação e usos das sementes pelos sistemas modernos de agricultura, a fim de proporcionar reflexões sobre a mercantilização das sementes, o monopólio de bens da natureza e apropriação da agrobiodiversidade; compreender como os espaços das feiras de sementes crioulas se constituem pela capacidade dos sujeitos de construir práxis de resistência nesses espaços; analisar as práxis reterritorializadoras de resistência nos espaços das feiras de sementes crioulas nos territórios que transitam. A importância das sementes crioulas, sua conservação e reprodução é fundamental para a vida deste planeta, transcendem os limites do mercado e ganham uma dimensão vital de sobrevivência alimentar. A relação entre as sementes crioulas e a decolonialidade ganham sentido, quando em análise a própria concepção de território, do espaço que as feiras ocupam das feiras de sementes como lugar (visão ontológica biocêntrica). As sementes crioulas guardadas, repassadas, trocadas e cultivadas visam o fortalecimento da agroecologia em um movimento reterritorializador pela semente dentro dos espaços das Festas Feiras das Sementes Crioulas. Ao mesmo tempo, transcendem a eles, são resistências a um modelo de agricultura que utiliza sementes transgênicas e que desconsidera as diversidades, heterogeneidades e pluridiversidades. As Festas Feiras de Sementes Crioulas emergem como espaços de celebração e de comemoração, de encontros e de reencontros. Possibilitam diálogo e funcionam como locais estratégicos de reivindicação e união para a busca da autonomia dos povos indígenas, comunidades quilombolas, caiçaras e faxinalenses e para famílias agricultoras e guardiãs de sementes. As práxis dos sujeitos são possibilidades mobilizadoras de ações, luta e resistência nas suas variadas relações no/do/de e pelo território, sendo elas materiais e imateriais. O espaço vivido está no cotidiano e da construção coletiva, é nesse agir que está a resistência. As Festas Feiras de Sementes Crioulas realizadas dentro das comunidades tradicionais possuem uma relevância diferenciada. As realizadas fora desses territórios possuem como foco o diálogo, a partilha, a comercialização e trocas de sementes. Contudo, nos dois movimentos, as feiras proporcionam um espaço para lidar com os desafios e as dificuldades compartilhadas e, principalmente, para promover e oportunizar o encontro dos povos da terra e da água com o objetivo e intuito de fortalecer e a oportunizar a autonomia e a visibilidade. O Direito da Natureza é reivindicado.

Palavras-chaves: Movimentos Sociais. Sobrevivência Alimentar. Território. Pluriverso. Direito da Natureza

ABSTRACT

Rural agriculture is conditioned and affected by the capitalist context that dictates how production and consumption relations should be, excluding the diversities and heterogeneities that exist/resist the agricultural model focused on monocultures, agribusiness and structured in commodities, under control of large companies that put nature and society at risk, as well as family farmers, traditional communities, indigenous people, quilombolas, forest and water peoples. Seeds have played a fundamental role in human life for thousands of years, responsible for food. Browsing studies on Crioula Seed Fairs Festivals, it was noticed that they highlight different sets of actions in the collective construction by the networks formed and established, with seed fairs being possibilities to bring participation and awareness to society. However, although the debates recognized seed fairs as a strengthening element in different contexts and actions, discussions about territory and movements of/from/in/through the territory were not widely addressed from Creole seed fairs. In this research, the question is: would the social subjects from the Creole seed fairs be able to build re-territorializing praxis of resistance? The general objective of this work was to analyze how the spaces occupied by Creole seed fairs are constituted and how they contribute to re-territorializing praxis of resistance in the territories they pass through. The specific objectives are: to discuss the process of appropriation and uses of seeds by modern agricultural systems, in order to provide reflections on the commodification of seeds, the monopoly of natural goods and the appropriation of agrobiodiversity; understand how the spaces of Creole seed fairs are constituted by the capacity of subjects to build praxis of resistance in these spaces; analyze the re-territorializing praxis of resistance in the spaces of Creole seed fairs in the territories they transit. The importance of native seeds, their conservation and reproduction is fundamental to the life of this planet, they transcend the limits of the market and gain a vital dimension of food survival. The relationship between Creole seeds and decoloniality makes sense when analyzing the very conception of territory, the space that seed fairs occupy as a place (biocentric ontological vision). The Creole seeds saved, passed on, exchanged and cultivated aim to strengthen agroecology in a re-territorializing movement for the seed within the spaces of the Creole Seed Fair Festivals. At the same time, they transcend them, they are resistance to an agricultural model that uses transgenic seeds and that disregards diversities, heterogeneities and pluridiversities. The Crioula Seed Fairs emerge as spaces for celebration and commemoration, for meetings and reunions. They enable dialogue and function as strategic places of demand and union for the search for autonomy for indigenous peoples, quilombola, caiçara and faxinalense communities and for farming families and seed guardians. The subjects' praxis are mobilizing possibilities for actions, struggle and resistance in their varied relationships in/of/of and through the territory, both material and immaterial. The lived space is in everyday life and collective construction, it is in this action that resistance lies. The Creole Seed Fair Festivals held within traditional communities have a different relevance. Those carried out outside these territories focus on dialogue, sharing, commercialization and exchange of seeds. However, in both movements, fairs provide a space to deal with shared challenges and difficulties and, mainly, to promote and provide opportunities for the meeting of peoples of land and water with the objective and intention of strengthening and providing opportunities for autonomy and visibility. The Law of Nature is claimed.

Keywords: Social movements. Food Survival. Territory. Pluriverse. Law of Nature

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Árvore de compartilhamento de seres e saberes.....	19
Figura 2 - Convergência dos interesses dos doutorandos (2022).....	20
Figura 3 - Tema-problema do Projeto Coletivo (2022).....	20
Figura 4 - Esquema inicial - Reflexão das forças e Movimentos do/no território.....	126
Figura 5 - ira de Produção Local (2021).....	143
Figura 6 - Um dia de Campo Feliz na ABAI (2021).....	144
Figura 7 - Foto da Partilha de alimento e da manda mística na ABAI (2021).	145
Figura 8 - Banda Filhos da Mãe da Terra ABAI.....	147
Figura 9 - Sementes Crioulas Feira das Sementes Agroecológicas, dentro da 19ª Jornada de Agroecologia (Curitiba/PR).....	149
Figura 10 - Criança na 19ª Jornada Agroecológica na Feira das Sementes Agroecológicas (2022).....	150
Figura 11 - Fotos da Feira de Sementes na Jornada Agroecológica (Curitiba).....	151
Figura 12 - Banner da 18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade (Irati/PR).....	153
Figura 13 - Fotos da Mandala e das Barracas da 18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade Irati/PR.....	154
Figura 14 - Banners da Feira de Sementes e Mudas em Morretes/PR (2022).....	156
Figura 15 - Banners da 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade em Palmeiras/PR.....	160
Figura 16 - Teste de trangenía na 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade em Palmeiras/PR.....	161
Figura 17 - Foto da Mandala de Alimentos da 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade (Palmeiras/PR).....	162
Figura 18 - Banners da Festa Feira de Sementes Crioulas no Quilombo da Restinga Lapa/PR.....	163
Figura 19 - Fotos da Festa Feira de Sementes Crioulas no Quilombo da Restinga Lapa (2023).....	164

Figura 20 - Benzimento das sementes crioulas na Festa Feira de Sementes no Quilombo da Resitnga (Lapa/PR)	167
Figura 21 - Fotos do Encontro Escuta dos Povos em Mandirituba/PR (2023)	169
Figura 22 - Foto da Festa das Sementes e dos Guardiões e Guardiãs da Biodiversidade na ABAI (2024)	171
Figura 23 - Guardas de Sementes Crioulas, Produtor do Sítio Joaninhas (PARTICIPANTE 01, 2022).....	175
Figura 24 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 1)	178
Figura 25 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 2)	179
Figura 26 - Casa de Sementes ABAI (2021)	180
Figura 27 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 3)	189
Figura 28 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 4)	190
Figura 29 - Calendário das Festas Feiras de Sementes Crioulas no Paraná (ReSA, 2023)	192
Figura 30 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 5)	196
Figura 31 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 6)	197
Figura 32 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 7)	209
Figura 33 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 8)	213
Figura 34 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 9)	214

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Palavras-chaves e suas variações de idioma e escrita	68
Tabela 2 - Base de dados e palavras-chaves	69
Tabela 3 - Google Acadêmico e palavras-chaves	71
Tabela 4 - Quadro resumo das Bases de Dados Acadêmicas	71
Tabela 5 - Quadro resumo dos resultados obtidos.....	72
Tabela 6 - Etimologias das palavras resistência, resistir, existência e existir.	109
Tabela 7 - Resumo dos modos de resistência	110
Tabela 8 - Instrumentos Metodológicos	119
Tabela 9 - Objetivos da pesquisa e a organização das informações	127
Tabela 10 - Categorias de análise: Sementes, Território-Desterritorialização- Reterritorialização (TDR) e Resistência	128
Tabela 11 - Atividades de campo e entrevistas	129
Tabela 12 - Entrevistas realizadas entre 2022 a 2024	130

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

PPC	- Projeto de Pesquisa Coletivo da Turma XIX do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná
PPGMADE	- Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento
TEDIS	- Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Território, Diversidade & Saúde
GPDTS	- Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Territorial Sustentável
LIIS	- Laboratório Interdisciplinar e Intercultural de Inovações Sociais
FAO	- Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
OMPI	- Organização Mundial de Propriedade Intelectual
UPOV	- International Union for the Protection of New Varieties of Plants
CDB	- Convenção sobre Diversidade Biológica
TIRFAA	- Tratado sobre Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e a Agricultura
ReSA	- Rede de Sementes da Agroecologia
IPEA	- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PNAPO	- Política Nacional de Agroecologia de Produção Orgânica
MST	- Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
AS-PTA	- Agricultura Familiar e Agroecologia
CPT	- Comissão Pastoral da Terra
ABAI	- Associação Brasileira de Amparo à Infância (Fundação Vida para Todos)
COPERVIDA	- Cooperativa Agropecuária Familiar Orgânica do Semiárido
CAPA	- Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
AMAI	- Associação Morretes Agroflorestal e Ecológica
ASSESOAR	- Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural
EMATER	- Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
IAPAR	- Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná
APEC	- Articulação Paranaense por uma Educação no Campo
AOPA	- Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia

FLD - Fundação Luterana de Diaconia

LAMA/UEPG- Laboratório de Mecanização Agrícola da Universidade Estadual
de Ponta Grossa

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário

STRI - Sindicato Municipal dos Trabalhadores Rurais

SUMÁRIO

PRÓLOGO	16
1. CONVITE A REFLEXÃO E APROXIMAÇÃO AO TEMA PROBLEMA ...	24
2. SEMENTES PARA A SOBREVIVÊNCIA ÀS PRÁTICAS AGRÍCOLAS MODERNAS PRATICADAS PELOS IMPÉRIOS ALIMENTARES	30
2.1. Apropriação das Sementes nos Sistemas Modernos de Agricultura dos Impérios Alimentares.....	35
2.1.1. Os Impérios Alimentares e a apropriação genética da agrobiodiversidade	40
2.1.2. Das Sementes como base da agricultura à uma concepção de propriedade intelectual	45
2.2. Agrobiodiversidade: sementes e a agroecologia	53
2.3. Construção de sistemas de produção agroecológicos	57
2.3.1. Conservação de Sementes <i>in situ</i> e <i>ex situ</i>	61
3. NAVEGANDO PELAS ABORDAGENS EM ESTUDOS DE FEIRAS DE SEMENTES ATRAVÉS DE ALGUMAS BASES DE DADOS CIENTÍFICAS: IDENTIFICANDO PONTOS DE DISCUSSÃO SOBRE TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA.	65
3.1. Métodos utilizados de busca nas bases de dados	66
3.2. Primeiros resultados das buscas nas bases de dados.....	69
3.3. Discussões: caracterização e os métodos de pesquisas dos artigos selecionados por base de dados científicos.....	71
3.3.1. Redalyc	77
3.3.2. Web of Science	87
3.3.3. Google Acadêmico	89
3.4. Considerações sobre a pesquisa em algumas bases acadêmicas	92
4. TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E RESISTÊNCIA.....	96
4.1. Território e territorialidades.....	96
4.2. Sementes crioulas na perspectiva decolonial.....	100

4.3. Resistência e Re-existência	108
5. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	115
5.1. Instrumentos e categorias de análises	118
5.1.1. História Oral.....	119
5.1.2. Categorias de Análise	125
5.2. Festas Feiras de Sementes Crioulas entre Caminhos: Metodologias, Ontologias e Epistemologias.....	131
6. RAÍZES E REFLEXÕES: APROXIMAÇÃO DAS FESTAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS NO ESTADO DO PARANÁ ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	135
6.1. Origens Das Festas Feiras de Sementes Crioulas no Estado do Paraná	135
6.2. Aproximação das Festas Feiras de Sementes Crioulas pela observação participante.....	142
6.2.1. Feira de Produção Local (Morretes) e Um dia de Campo Feliz na ABAI (Associação Brasileira de Amparo à Infância, Mandirituba) - 2021	143
6.2.2. Feira das Sementes Agroecológicas na 19ª Jornada de Agroecologia em Curitiba	148
6.2.3. 18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade em Irati (2022)	152
6.2.4. Feira de Sementes e Mudas em Morretes/PR.....	155
6.2.5. 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade 25 a 26/08/2023 em Palmeiras (PR).....	160
6.2.6. Festa Feira de Sementes Crioula no Quilombo da Restinga na Lapa (PR)	163
6.2.7. Encontro com os povos originários e a Festa das Sementes e dos Guardiões e Guardiãs da Biodiversidade em Mandirituba (PR) – 07 e 08 de outubro de 2023	168
7. DO LUGAR AO TERRITÓRIO: FESTAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS.....	174

7.1. Guardas de sementes crioulas pelas as famílias agricultoras e guardiãs, a Casa da Semente e a Casa da Partilha na ABAI	174
7.2. Mas, porque fazer uma Feira de Sementes Crioulas?	187
7.3. “A gente existe e coexiste com a semente, fortalecer a luta”	193
7.4. Projeto de Vida Político Pedagógico Agroecológico pelas sementes crioulas nas Festas Feiras de Sementes Crioulas	197
7.5. Resistência aos desafios à Re-existência a partir dos desafios	207
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	216
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	222
APÊNDICE 1 - Leis, Decretos e Convenções relacionados as sementes.....	244
APÊNDICE 2 - Decretos e Leis no Brasil relacionados as sementes.....	247
APÊNDICE 3 – Roteiro de perguntas.....	251
ANEXO 1 – Declaração Política da 12ª Feira Regional de Sementes e da Biodiversidade.....	253
ANEXO 2 – Documento referente ao encontro dos Povos Originários e Comunidades Tradicionais.....	257
ANEXO 3 – Formulário de Inscrição 19ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade.....	271

PRÓLOGO

Esta pesquisa parte da construção interdisciplinar do Projeto de Pesquisa Coletivo (PPC, 2021), elaborado pela Turma XIV de doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMADE/UFPR), com a elaboração de um tema-problema de pesquisa unificado, intitulado *Re-existências desde o Sul frente a conflitos e injustiças socioambientais, destruição da natureza e desmonte de políticas públicas*.

O PPGMADE atua desde o início da década de 1990, surgindo em um contexto de emergências para questões ambientais, envolvendo construções de um novo campo do saber com relações entre a sociedade e a natureza. Assim, o PPGMADE em sua trajetória com a pesquisa interdisciplinar e sobretudo com a problemática socioambiental (como por exemplo, a diminuição da sociobiodiversidade e as mudanças climáticas), surgiu numa tentativa de contribuir para o avanço do conhecimento tendo como eixo principal a questão do meio ambiente e o desenvolvimento, tal como afirmam Zanoni e Raynaut (2015, p.11), “a dimensão ambiental é integrante do processo de desenvolvimento e não pode ser tratada separadamente”.

Por envolver complexidades, os desafios sociais e ambientais (sociedade/natureza), demandaram mudanças e renovação na produção do saber, que perpassam por quatro questões principais (ZANONI; RAYNAUT, 2015): 1. Reformulação campo científico (articulações entre meio ambiente e desenvolvimento em sua integração: meio, sujeitos, objetos, atores e produtos); 2. Referência a interdisciplinaridade (questionamentos cruzados entre disciplinas); 3. Colaboração entre as disciplinas (problemas metodológicos com plano teórico interdisciplinar e consideração de confrontos e controvérsias); 4. Recursos humanos que conduzam esta abordagem (profissionais preparados a colaborar e problematizar de forma ampla). Todas essas questões se relacionam com a criação deste doutorado¹.

¹ Parcerias foram importantes (FLORIANI, 2018), tais como: a Escola de Arquitetura Paris-la-Villete, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e o pensador Enrique Leff, (coordenador da Rede Latinoamericana de Educação Ambiental-RLEA), Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), e o Centro de Desenvolvimento Sustentável (CBS) da Universidade Federal de Brasília (UnB), com a interlocução de Magda Zanoni (Universidade Paris 7) e Claude Raynaut (Universidade Bordeaux II).

A interdisciplinaridade emerge como um procedimento fundamental na geração de conhecimentos no campo das Ciências Ambientais. Neste contexto, destaca-se a participação das redes de pesquisa temáticas que enriquecem as discussões, bem como, teorias e diálogos para formulação de novos desafios investigativos. É relevante ressaltar que as reflexões aqui apresentadas resultantes também, de esforços coletivos, abrangendo colaboradores. O início do processo do doutoramento, em 2020, começou juntamente com a pandemia do vírus SARS-CoV-2, limitando as atividades e com a realização de todas as disciplinas e atividades extracurriculares de forma virtual. Foi um período de muitas tensões, novidades, percalços e contradições frente as adaptações a nova realidade e para continuidade das aulas, dos estudos e da pesquisa de uma maneira geral, envolvendo docentes e discentes (tanto no ambiente acadêmico como pessoal e familiar)².

Sendo como proposta do PPGMADE a vivência e a construção interdisciplinar, por três disciplinas foram as oportunizadas: Socioambientalismo e Interculturalidade; Fundamentos da Pesquisa Interdisciplinar e Construção de Pesquisa Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento. No segundo semestre de 2021, a construção do PPC foi composta por 11 doutorandos/as em 4 linhas de pesquisa: 1. Usos e Conflitos dos Ambientes Costeiros (Patrícia Betti, Rafaela Carla Mattia); 2. Epistemologia Ambiental (Emilio Romanini Netto, Gisele Francisca Horokoski, Juliana Greco Yamaoka); 3. Ruralidades, Ambiente e Sociedade (Fabiane Moreira Da Silva, Karini Aparecida Scarpari, Luciana Galvão Martins); 4. Cidade e Ambiente Urbano (Débora Rocha Faria, Dhyeisa Lumena Rossi Jorge, Ormy Leocádio Hütner Júnior)³. Ou seja, a construção do PPC foi

² Por exigir a virtualização de todas as atividades, nem sempre foram fáceis as interações dentro das casas dos discentes e docentes. Em algumas residências foi possível perceber durante os encontros virtuais as dificuldades, uma vez que todos os demais moradores também estavam envolvidos em seus processos individuais, afetivos e coletivos (por exemplo, pais e mães de filhos/filhas pequenos que exigiam maiores dedicações). Além disto, acrescenta-se o acesso à computadores com as novas exigências de *wi-fi*. Assim, vários foram os pontos de importância e de oscilações, tais como bolsas de pesquisa com avaliação e revisão anual e a perda de seis bolsas do PPGMADE durante o processo. E, um outro ponto, não menos importante, que parte grande da construção de pesquisa se deu durante um governo que constantemente atacava a ciência com uma ideologia tosca.

³ No ano de 2020, as turmas de mestrado e doutorado aderiram à política de cotas no PPGMADE e, no dia 08/11/2021, foi aprovada no Colegiado a Resolução 01, que trata sobre Ações Afirmativas que garantem as cotas como política que institui 50% das vagas de ingressos a candidatos e candidatas negros/as (preto/as e pardo/as); indígenas; quilombolas; povos e comunidades tradicionais de diferentes pertencas assim autodeclaradas em conformidade com o Decreto 6040/2007 (extrativistas, pescadores/as, faxinalenses, ciganos/as, etc.); assentados

“interlinhas” (todas as linhas de pesquisa e todos doutorandos e todas as doutorandas) e acrescentando-se a isso, a formação multidisciplinar dos discentes: ciências sociais, biológicas, agronomia, pedagogia, agroecologia, desenvolvimento rural e segurança alimentar, filosofia, turismo e arquitetura e urbanismo.

Algumas transformações foram necessárias, pois, com a virtualização em alguma medida já estávamos acostumados, mas ficava a pergunta de como mobilizar as ferramentas digitais de forma a possibilitar o trabalho coletivo e interdisciplinar exigido pela disciplina Pesquisa Interdisciplinar e Construção de Pesquisa Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento? Como organizar uma metodologia de trabalho de maneira virtual e coletiva? Questionamentos foram surgindo concomitantemente com a sua própria realização. Utilizou-se a plataforma *Microsoft Team* (ambiente de sala de aula virtual indicado pelo programa); o *Miro* (plataforma online de quadro branco que permitia a utilização em quadros e folhas adesiva tipo *post-its*) e o *Google Drive* para a elaboração de documentos.

O processo contou com a orientação de quatro docentes responsáveis, com a premissa que neste projeto conjunto deveria constar as nossas pesquisas individuais de tese, considerando suas bases conceituais e teóricas. Foram quatro etapas principais de trabalho: definição do tema-problema; exploração do tema problema; construção do projeto e interação das intenções de pesquisa.

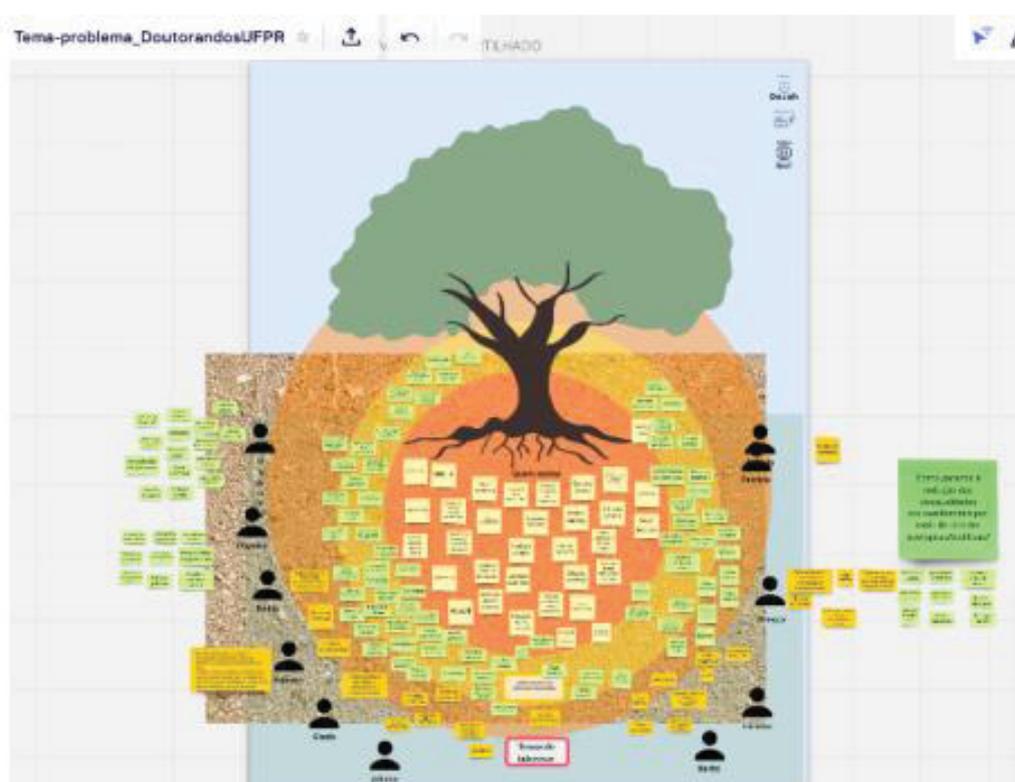
Na definição do tema-problema, buscamos os interesses comuns de temas de pesquisa individuais. Nesta etapa, foram 6 reuniões entre discentes e duas com os docentes, além da formação de um Comitê de Mediação. Nesta introdução foi necessário antes de seu início, orquestrar uma forma de aproximação dos discentes que, apesar de mais de um ano de convívio online, não foi possível dadas as circunstâncias pandêmicas a vivência a ponto de construir um projeto interdisciplinar coletivo.

Realizamos a metáfora da árvore para representar a interação e o compartilhamento de seres e saberes (Árvore, na figura 1). Cada história era

da reforma agrária; povos do campo; professores/as da rede pública de educação básica; pessoas trans (transexuais e travestis); migrantes humanitários e refugiados/as. No dia 12/11/2021, foram lançados os editais nº 08/2021 para o Mestrado e Doutorado para as novas turmas dentro desses novos critérios (PPGMADE, 2021).

projetada como sementes ao solo, depois essas sementes se transformariam em caule (tronco) e posteriormente, com mais sustentação, sua copa e seus frutos. Cada representatividade era uma etapa de trocas de conhecimentos até os frutos que seriam suas teses individuais. Essa atividade foi importante para que todas as pessoas fossem ouvidas e consideradas, como também para o registro de forma compartilhada, assim, cada discente pode se pronunciar e participar desta construção.

Figura 1- Árvore de compartilhamento de seres e saberes



Fonte: PPC (2021)

Partir daí fomos para a segunda parte, a exploração do tema-problema. Etapa de organização do processo de pesquisa e das bases teóricas, que precisou de formação de duplas e trios de trabalho, um Comitê de Revisão, 6 reuniões com discentes e 4 reuniões com os docentes.

A intenção das discussões era a priorização das preferências da maioria, que muitas vezes além de aportes teóricos, eram consideradas também por votação. Com isso, conseguimos apresentar a primeira versão do PPC aos professores, que se fixaram praticamente em três esferas: a escrita em si para ter coerência e sincronicidade, a falta de articulação entre o tema-problema com o texto e falta de empiria.

No momento seguinte, o projeto coletivo da turma estava tomando corpo, considerando entregas e prazos: sistematização e refinamento. Foram necessárias a formação de grupos de trabalho, 8 reuniões de discentes e 2 reuniões com docentes para apresentação da versão final do trabalho. Chegamos ao título: "*Re-existências desde o Sul frente a conflitos e injustiças socioambientais, destruição da natureza e desmonte de políticas públicas*". O trabalho foi organizado em quatro partes: a primeira parte, foi a introdução com a apresentação do tema-problema considerando a abordagem teórica a trajetória metodológica. A segunda parte, se debruçou sobre as injustiças socioambientais, a destruição da natureza juntamente com o desmonte das políticas públicas, tratando as reflexões sobre modernidade e colonialidade, pensamento decolonial e resistência e re-existência. A terceira parte, foram apresentados exemplos mais empíricos de re-existências: Rede de Sementes da Agroecologia (ReSA); luta quilombola e desmonte de políticas públicas e, a primavera indígena. O último item, tratou especificamente das congruências entre o trabalho coletivo e as intenções de pesquisa individuais de cada discente. A partir deste compilado das intenções de pesquisa dos onze discentes, todos se propuseram a elaborar suas propostas considerando a seguinte pergunta: como sua proposta de pesquisa individual relaciona-se ao tema-problema coletivo da turma?

Para elaboração desta tese, a intenção de pesquisa se aproxima das reflexões epistemológicas do projeto coletivo, se de um lado temos, desmonte de políticas públicas voltadas à soberania e segurança alimentar vinculadas com a patrimonialização da semente e seus usos, conflitos e injustiças socioambientais como a contaminação dos alimentos por agrotóxicos e inseticidas, a degradação dos solos e águas e a destruição da natureza. E, de outro, práticas agroecológicas de saberes e fazeres, vinculados com os saberes populares, como por exemplo, dos cultivos de sementes crioulas como forma de

agir-viver-pensar-existir-resistir. Inicialmente, o título provisório do projeto de pesquisa era: *Re-Existências do Cuidado e do Saber Popular: do plantar e do colher pelas Mulheres Guardiãs de Sementes Crioulas da Rede de Sementes Agroecológica (Resa) do Estado do Paraná/Brasil*. Com o decorrer dos meses, à medida que as leituras avançavam, participava de encontros e visitas de campo, a tese foi gradualmente se transformando e refinando, até que emergiu o título: *Feira De Sementes Crioulas: Construção de Práxis Reterritorializadoras de Persistência e Resistência frente a Agricultura Convencional*. Contudo, após a sua escrita, o título escolhido foi ***Festas Feiras de Sementes Crioulas: Construção de Práxis Reterritorializadoras de Resistência pela Vida e pela Sobrevivência Alimentar***. Este título pareceu mais adequado por destacar a importância das Festas Feiras de Sementes Crioulas como espaços resistência que buscam legitimar ações por meio das sementes para valorização da agroecologia, da vida e sobrevivência alimentar.

Contou-se com o respaldo, apoio e reflexões coletivas de cinco grupos de estudo/pesquisa: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Território, Diversidade & Saúde (TEDIS/UFPR, de 2016 até 2022); Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Territorial Sustentável (GPDTs, desde 2020), RED Rede de Territórios Possíveis – América Latina (desde 2022) e PROJETO H939 - PESQUISA-AÇÃO-PARTICIPATIVA: experiências de práxis territorial e popular no Brasil (desde 2022) e Laboratório Interdisciplinar e Intercultural de Inovações Sociais (LIIS, desde 2023). Além disto, foram vários os envolvimento com atividades técnico-científicas e profissionais relacionadas ao PPGMade: Café com MADE, I e II Jornada Afro-indígena, participações de defesas de teses e dissertações; participações de eventos e palestras; apresentações de trabalho completos em evento nacional ou internacional concomitante à área de pesquisa ou projeto/tese, publicações de Anais e artigos de trabalhos completos/resumos.

E, deste sentir, viver e conviver, pensar e coletivizar, que nasce esta tese. Terminei esse prólogo com um trecho do livro *Vida não é Útil*, de Airton Krenak, que fala de nós e nosso entorno, da experiência e da natureza pluridimensional que ultrapassa o tempo e o espaço:

Na floresta não há essa substituição da vida, ela flui, e você, no fluxo, sente a sua pressão. Isso que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de

onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos. Para além da ideia de “eu sou a natureza”, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida. Eu tenho uma alegria muito grande de experimentar essa sensação e fico procurando comunicá-la, mas também respeito o fato de que cada um tem a sua passagem por este mundo (KRENAK, 2020, p. 54).

1. CONVITE A REFLEXÃO E APROXIMAÇÃO AO TEMA PROBLEMA

A agricultura rural apresenta-se condicionada e afetada pelo contexto capitalista que dita como devem ser as relações de produção e consumo, excluindo as diversidades e as heterogeneidades que existem/resistem ao modelo de agricultura voltado para monoculturas, agronegócio e estruturado em *commodities*, sob controle de grandes empresas que colocam em risco a natureza, os não humanos e os seres humanos, como também em especial, agricultores e agricultoras familiares, povos da floresta e das águas, comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas.

As sementes são o principal insumo de qualquer produção agrícola (Romel *et al.*, 2016), ao longo da história os seres humanos as manipulavam sem o conhecimento prévio da sua constituição genética, contudo isso foi se alterando, e, com o tempo, o aprendizado sobre genética, controle de cultivares, legislação e patentes de insumos e pacotes tecnológicos se tornaram parte da agricultura (GLIESSMAN, 2000; MOONEY, 1987). Segundo Gliessman (2009), a base genética foi se estreitando até um ponto de atenção - a dependência das sociedades humanas à poucas espécies de organismos cultivados, pequenos números de combinações – os adubos e fertilizantes, como instrumentos de dependência e os agricultores consumidores dessas químicas provenientes das indústrias dos agrotóxicos. Além disto, as monoculturas ou o sistema contínuo de plantio (como soja-milho ou soja-trigo, por exemplo), segundo a Embrapa (2021), “tende a provocar a degradação física, química e biológica do solo, a diminuição da disponibilidade de nutrientes devido às mudanças na atividade biológica e a degradação física do solo”.

A semente crioula é a denominação dada a semente cultivada e plantada localmente (geração após geração), semente que foi guardada e adaptada diante das condições climáticas e ambientais pelos agricultores ou pelos povos que dela se beneficiam (MAICA, 2012; GLIESSMAN, 2002). Para Shiva *et al.* (2004, p. 137), “[...] a semente é a encarnação das ideias e do conhecimento, da cultura e do patrimônio de um povo”, como representatividade da sabedoria dos que trabalham em sintonia com a natureza, considerando o lugar e os arredores, por ser a semente “o primeiro elo da cadeia alimentar” e consequentemente, símbolo de segurança alimentar. Santili (2009) apresenta as

sementes como base da agrobiodiversidade e, que, portanto, são essenciais para a agricultura e para a produção de alimentos.

As sementes fazem parte do processo de fortalecimento da agricultura, da segurança e soberania alimentar, tanto discutidas na agroecologia, frente aos sistemas alimentares voltados para a monocultura e mercantilização. Para Pessoa, Brandenburg e Pivato (2022), as sementes crioulas são partes deste cenário, como elemento essencial para um novo paradigma agroecológico, de modo que, as práxis dos sujeitos sociais sejam fundamentadas nos conhecimentos que permeiam a valorização das sementes crioulas e nos processos produtivos relacionados a elas.

As sementes possuem uma centralidade na proposta das Festas Feiras de Sementes Crioulas para fortalecimento da agroecologia e para a valorização das comunidades tradicionais e indígenas. São nas feiras de sementes crioulas que a prática e uso das sementes nativas e sem agrotóxicos são comemoradas, muito associadas à reprodução de uma agricultura agroecológica que contribui para a agrobiodiversidade. As feiras envolvendo sementes crioulas são frutos do conhecimento e da resistência dos modos de produção que buscam a independência das sementes comerciais e da agricultura hegemônica pautada na utilização de insumos e agrotóxicos.

Pergunta-se: teriam os sujeitos sociais a partir das feiras de sementes crioulas condições de construir práxis reterritorializadoras de resistências?

Saquet (2018) afirma que a partir da relação natureza-sociedade existe um universo de complexidades de heterogeneidades nos/dos territórios:

O processo histórico também é geográfico (e vice-versa), num amplo movimento de desterritorialização e reterritorialização: na desterritorialização, há perda do território inicialmente apropriado e construído, a supressão dos limites, das fronteiras, como afirma Raffestin (1978, 1984) e, na reterritorialização, ocorre a reprodução dos elementos do território anterior, pelo menos, em algumas das suas características. Acontece outra (i)materialização, com rupturas e continuidades, muito bem expressa numa das afirmações de Deleuze e Guattari (1976 [1972]), quando afirma que o capitalismo reterritorializa constantemente o que desterritorializa (SAQUET, 2018, p. 483).

Os territórios contêm relações de base local, cultural e ecológica, segundo Saquet (2018), em que os sujeitos exercem papel fundamental dentro do lugar e na ativação de territorialidades “voltadas para a cooperação, a solidariedade, a luta e a resistência política diante das forças hegemônicas do capital e do Estado

burguês” (2018, p.479). Na concepção deste trabalho, entende-se que os sujeitos são protagonistas de mobilização, luta e resistência e com diversas relações no território (materiais e imateriais), bem como afirma Saquet (2018, p. 482), os “sujeitos são múltiplos, nos espaços urbanos e rurais, vivendo cotidianamente como sínteses das relações sociedade-natureza”, ou seja, são diversas as suas relações e intersecções dentro do espaço (agir humano).

O território, concebido não apenas como terra, mas como resultado do agir humano no lugar, é uma construção coletiva e multidimensional, relacional-histórica entre seres humanos e natureza, moldada num determinado tempo e espaço, podendo ser transitório, fluido e volátil. Para Escobar (2014a), a equação território mais cultura, ao mesmo tempo que é material é também simbólica (imaterial). Escobar (2010) contrapõe a predominância de um único sentido ou "voz" (universo monológico), propondo o pluriverso como resposta. Ele convida a estudar o pluriverso para compreender iniciativas fundamentadas em outras ontologias, abrindo espaço para a diversidade de visões e cosmologias de mundo. Se a modernidade e o consumismo enfatizam a perspectiva antropocêntrica, a abordagem biocêntrica quebra com essa simplificação do antropocentrismo (Escobar, 2005, 2010). Em outras palavras, a persistência das comunidades e movimentos de base étnico-territorial leva à resistência, oposição, defesa e afirmação dos territórios (Escobar, 2015, p. 92).

Neste caminho, percebe-se que a agricultura foi se desterritorizando pelo capitalismo/modernização e as ações envolvendo as sementes crioulas são possibilidades de reterritorialização no capitalismo, mas em outra lógica. Sendo assim, desta breve contextualização, a **hipótese** desta pesquisa é:

- A organização coletiva, protagonizada pelos sujeitos sociais (as (os) expositoras (es), organizadoras (es) e guardiãs (ões) que participam das Feiras de Sementes), indicam um direcionamento para a autonomia de reprodução social, de resistência e redes de conexão formadas, numa postura contra hegemônica decorrente da persistência e de esforços comunitários.
- As sementes crioulas guardadas, repassadas e trocadas são fortalecedoras de um movimento reterritorializador pela semente. São resistências a um modelo de agricultura que utiliza sementes

transgênicas e que desconsidera as diversidades, heterogeneidades e pluridiversidades dos territórios.

- Por onde as feiras de sementes crioulas transitam, as práxis dos sujeitos abrem espaços para ações coletivas de construção de um modelo de agricultura sem agrotóxicos e transgênicos, como um movimento contínuo e na contramão de uma agricultura hegemônica pautada em insumos.

Como **objetivo geral** deste trabalho, pretende-se analisar como se constitui os espaços que as feiras de sementes crioulas ocupam e como os sujeitos sociais contribuem em práxis reterritorializadoras de resistência nos territórios que transitam.

Os **objetivos específicos** são:

- Discorrer sobre o processo de apropriação e usos das sementes pelos sistemas modernos de agricultura, a fim de proporcionar reflexões sobre a mercantilização das sementes, o monopólio de bens da natureza e apropriação da agrobiodiversidade;
- Compreender como os espaços das feiras de sementes crioulas se constituem pela capacidade dos sujeitos de construir práxis de resistência nesses espaços;
- Analisar as práxis reterritorializadoras de resistência nos espaços das feiras de sementes crioulas nos territórios que transitam;

Opondo-se ao modelo de agricultura moderno e ao agronegócio, a agroecologia integra diversos princípios ecológicos, socioeconômicos e agronômicos (ALTIERI, 2004). E, as sementes crioulas são partes deste contexto, como componente fundamental do paradigma agroecológico, são frutos do conhecimento local, da persistência e resistência nos modos de produção que busca a independência das sementes comerciais. Desse modo, para a construção desta tese, uma motivação fundamental é a possibilidade de, a partir dos objetivos aqui colocados, apresentar problematizações sob a ótica decolonial. Em um contexto de construção e de resistência, trata-se de um caminho em direção ao rompimento, ao mesmo tempo que avança, para práticas agrícolas não colonizadoras como também discursivas de dinâmicas de re-existência e de re-territorialização contra agricultura hegemônica.

Após esta breve introdução buscou-se, tendo em vista atender ao primeiro objetivo específico, focar no processo de apropriação e usos das sementes pelos sistemas modernos de agricultura, e, em seguida, como a agroecologia, pela construção da cultura da agrobiodiversidade se instituiu como intervenção não extrativista e não hegemônica.

Em seguida, buscou-se navegar pelas abordagens em estudos de Feira de Sementes através de algumas bases de dados científicas, identificando os pontos de discussão sobre território e resistência, que durante esta investigação, foi observado a ênfase na organização coletiva protagonizada pelos diferentes sujeitos sociais envolvidos.

Quanto ao segundo objetivo específico, na quarta parte, a partir das discussões de território, territorialidade, desterritorialização e reterritorialização, buscou-se uma reflexão sobre território e sementes à luz do pensamento decolonial e da capacidade dos sujeitos de construir práxis de resistência dentro dos espaços das feiras.

Na quinta parte, a proposta metodológica da pesquisa buscou-se no levantamento de informações junto aos feirantes, participantes e organizadores das feiras de sementes crioulas, tendo na pesquisa de observação participativa seus propósitos de investigação.

Na sexta parte, buscou-se uma jornada pelas origens das Festas Feiras de Sementes Crioulas no Estado do Paraná, combinando com a observação participante em algumas delas. Pretendeu-se relatar e descrever a diversidade destes espaços para o fortalecimento das sementes crioulas, da agroecologia e dos povos pela sobrevivência alimentar.

Na sétima parte, pretendeu-se refletir como as Festas Feiras de Sementes se constituem como práxis territoriais, nelas ocorrem movimentações políticas, discursivas, contestatórias e de resistência contra a agricultura hegemônica, com proposições de alternativas contra a naturalização dominante. Além disto, percebeu-se que existe uma ontologia política que valoriza o encontro entre o orgânico e o não orgânico, tanto entre os seres humanos e não humanos quanto com a própria natureza.

E, por fim, as considerações finais. Quanto ao terceiro objetivo, percebeu-se uma necessidade de refutação. As feiras realizadas dentro das comunidades tradicionais têm uma relevância diferenciada, as pautas são envoltas nas

dificuldades e problemas que elas enfrentam nos seus territórios. As feiras realizadas fora dos territórios das comunidades tradicionais ou no urbano, possuem como foco o diálogo, a partilha, a comercialização e trocas de sementes. Contudo, não somente essa agenda, as feiras também proporcionam um espaço para lidar com os desafios e as dificuldades compartilhadas e, principalmente, para promover e oportunizar o encontro dos povos indígenas, comunidades quilombolas e faxinalenses e para famílias agricultoras e guardiãs de sementes, com o objetivo e intuito de fortalecer e a oportunizar a autonomia e a visibilidade.

2. SEMENTES PARA A SOBREVIVÊNCIA ÀS PRÁTICAS AGRÍCOLAS MODERNAS PRATICADAS PELOS IMPÉRIOS ALIMENTARES

As sementes possuem um papel fundamental na vida do ser humano há milhares de anos, são elas as responsáveis pela manutenção da vida e da alimentação dos seres humanos e não humanos. A concepção de semente aqui será entendida como material genético não apenas como essência natural-genética com grande diversidade para plantio, mas também como parte do sistema alimentar de diversas práticas, saberes e fazeres, de biodiversidade, de cultura humana e natural e de história local (MAICA, 2012).

As plantas com sementes surgiram há mais de 350 milhões de anos (Era Paleozóica) como processo evolutivo de fecundação entre os gametas masculinas e femininas de um vegetal, com material genético e de proteção para o embrião de uma planta (MAZOYER; ROUDART, 2010). Não se pretende entrar nos aspectos morfológicos, apenas para ilustrar que as sementes carregam material genético fundamental para a vida da planta e para garantia dos nutrientes necessários para a germinação e conseqüentemente a propagação das espécies e fonte de alimentação. No livro *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*, de Marcel Mazoyer e Laurence Roudart (2010), os autores questionam o motivo do ser humano⁴ ter se tornado agricultor, direcionado o olhar para a mudança de padrões e para as primeiras domesticações de plantas e animais às agriculturas. Ao longo do tempo e das diversas formas de agricultura, os seres humanos em menos de dez mil anos reconheceram a agricultura como parte importante da sobrevivência e essencial para a sua alimentação.

Os seres humanos apresentavam comportamentos nômades e prosperavam em pequenos grupos de caçadores-coletores e, conforme Daly e Farley (2004), eram alimentos eram partilhados pois, não guardados se deterioravam facilmente. As pessoas começaram a mudar do estilo nômade para agrupamentos de pequenas concentrações e povoados, mudando a forma de se relacionar com o alimento, plantando, armazenando e alterando as relações com a terra. Direitos a propriedade, acumulação de riquezas e criações

⁴ No livro o autor e a autora utilizam a palavra homem, contudo nesta tese será considerada seres humanos por englobar todos os gêneros.

de artefatos e instrumentos, divisão do trabalho e especializações, defesa de propriedade, criação de estados e nações, concentração de riqueza, desenvolvimento de classes dominantes, aumento populacional e inovações tecnológicas na agricultura são alguns exemplos de mudanças que aconteceram no decorrer do tempo e da nossa história (DALY; FALEY, 2004).

Assim, no período neolítico os seres humanos começaram a plantar e criar seus animais, “domesticou, introduziu e multiplicou, em todos os tipos de ambiente, transformando, assim, os ecossistemas naturais originais em ecossistemas cultivados, artificializados e explorados por seus cuidados” (MAZOYER; ROUDART, 2010, p.52). Nesse período, desenvolveu-se a instrumentalização através do polimento da pedra e outras formas de manipulação (tais como o machados e enxadas feitos de pedras afiadas) até o aparecimento da escrita e da metalurgia, como também marcado pela construção de moradias, objetos de argila e cerâmica e, é claro, a agricultura e a criação. Para Mazoyer e Roudart (2010, p.52), a agricultura “conquistou o mundo”, de nômades para uma sociedade de cultivadores, sendo ela a principal forma de transformação da natureza, envolvendo produção, produtividade e eficiência, transformando o trabalho e as relações sociais – de nômades para uma sociedade de cultivadores, conforme trecho destacado:

Nessa mesma época, após algum tempo, essas plantas e esses animais especialmente escolhidos e explorados foram domesticados e, dessa forma, essas sociedades de predadores se transformaram por si mesmas, paulatinamente, em sociedades de cultivadores. Desde então, essas sociedades introduziram e desenvolveram espécies domesticadas na maior parte dos ecossistemas do planeta, transformando-os, então, por seu trabalho, em ecossistemas cultivados, artificializados, cada vez mais distintos dos ecossistemas naturais originais. Essa passagem da predação à agricultura, ou seja, a revolução agrícola neolítica, foi sem dúvida, como enfatiza V. G. Childe (1983), “a primeira revolução que transformou a economia humana” (Man makes himself). (MAZOYER, ROUDART, 2010, p.70).

Mazoyer e Roudart (2010) ressaltaram ainda, que a prática do cultivo e da criação não foram encontradas previamente ou já estavam disponíveis, como também não possuíam instrumentos adaptados para a agricultura. Os seres humanos precisaram se adaptar as essas novas formas de viver, eles as criaram sem nenhum saber inato. As modalidades de cultivo foram sendo criadas e adaptadas às suas necessidades e aos diferentes lugares e espaços ocupados, sobretudo, baseadas na exploração da natureza e em estilos de organização.

Segundo Gliessman (2000), as espécies agrícolas de hoje foram domesticadas fluindo de sistemas naturais dominados pela seleção naturais para sistemas controlados pelos seres humanos, no que chama de seleção dirigida. A seleção natural ainda tinha um papel em relação ao meio ambiente, mas com o tempo, a medida que os seres humanos começaram a fazer a domesticação intencional, espécies passaram a viver fora do seu ecossistema provocando alterações genéticas, como indicado o trecho abaixo:

Uma espécie domesticada depende da intervenção humana, e a espécie humana está agora dependente das plantas e animais domesticados. Em termos ecológicos, esta interdependência pode ser considerada como um mutualismo obrigatório. Ela aconteceu através de um processo de transformação mútua: as culturas humanas tanto causaram modificação na constituição genética de certas espécies úteis quanto transformaram a si próprias como resultados daquelas modificações (GLIESSMAN, 2000, p. 380).

O processo de seleção dirigida, do gosto e da aparência atraente, da uniformização genética e a aplicação de fertilizantes, são respostas ao desejo de facilidade de colheita e de processamento, para vida longa na prateleira. Fazem parte de um ciclo de modificação da biomassa das plantas domesticadas, que segundo Gliessman (2000), ocasiona menos energia para suas características ou comportamentos relacionados a resistência ambiental, sua capacidade de resistir aos estresses e ameaças do ambiente pela modificação de sua fisiologia e morfologia natural. Exige insumos, fertilizantes e agrotóxicos, sendo causa do efeito da agricultura sobre o meio ambiente, degradação dos solos e água, como também sua dependência. A coleta das sementes que tinham as características com alto rendimento ou resistência a doenças para plantar na próxima safra, foram sendo reservadas por produtores que as chamavam de sementes crioulas (método chamado de seleção massal⁵), como apontado abaixo:

[...] elas são adaptadas as condições locais e, ainda que uma variedade crioula, enquanto tal, possua um conjunto de características que a distingue em relação as demais, possui, internamente, uma maior variabilidade genética quando comparada as variedades modernas. (...). Este método antigo e tradicional de seleção dirigida

⁵ A seleção massal é fundamentada na seleção visual: “a seleção massal é o método de melhoramento mais antigo e, provavelmente, o mais empregado no melhoramento de plantas ao longo do tempo. Na domesticação das principais espécies cultivadas, certamente, a seleção massal foi muito importante” (ABREU, 2010, p.1).

envolve organismo como um todo e a seleção a campo; apesar de ser um processo relativamente lento e mais variável em seus resultados, tem a vantagem de ser mais semelhante a seleção natural na forma como ocorre em ecossistemas naturais. Características envolvendo a adaptação as condições locais são retidas, juntamente com outros aspectos mais diretamente desejáveis de rendimento ou desempenho, mantendo-se, também, a variabilidade genotípica. Tais características são muito importantes, especialmente para sistemas de reprodução agrícola de pequena escala, com recursos limitados e maior viabilidade nas condições de produção. Todos os outros métodos de seleção dirigida tendem a aumentar a uniformidade genética, e reduzem significativamente, ou eliminam, o papel das condições ambientais locais no processo de seleção (GLIESSMAN, 2000, p. 385).

As sementes estão relacionadas com o patrimônio genético, conforme Pinto *et al.* (2019, p. 185) são “símbolo cultural e prática social”, sendo as sementes crioulas aquelas que “[...] não sofreram nenhum tipo de manipulação tecnológica para seu melhoramento, como a transgenia por exemplo”. Complementa os autores sobre a importância das sementes:

Além de serem importantes para a manutenção da diversidade biológica, as sementes crioulas também exercem papel crucial no que tange a resistência de espécies nativas, saberes e comunidades tradicionais. Logo, a prática de seleção, guarda e plantio de sementes corresponde a um traço cultural indelével de muitas comunidades tradicionais. Como é o caso das populações do campo no Brasil (PINTO, et al., 2020, p.178).

Para Pinto *et al* (2019, p. 181), as sementes crioulas exercem um papel de resistência das espécies nativas, de saberes e fazeres, porque envolvem práticas de seleção, guarda e plantio de sementes, pois:

[...] a palavra semente recebe um adjetivo que carrega ainda mais sentidos, o termo crioula agrega um quê de resistência a essas matriarcas da vida. São sementes que traduzem um modo de vivência e sobrevivência moldado na luta contra um sistema que expropria o direito do agricultor de relacionar-se livremente com a natureza à sua volta sem que seja pelo viés da lógica operante de mercantilização da vida. Mercantilizam a vida da planta, os saberes envolvidos na prática social do manejo da lavoura e com isso, mercantilizam o modo de viver dos homens e mulheres do campo.

As sementes crioulas são partes deste processo de fortalecimento da produção de alimentos e bastantes discutidos na Agroecologia, resistência ao sistema alimentar voltado aos monocultivos e a mercantilização. Guardar, resguardar, resgatar, produzir, colher, armazenar, trocar e vender sementes

crioulas são formas de garantir a continuidade de produção de alimentos saudáveis e variados. Santilli (2009) afirma que as sementes são a base para agrobiodiversidade que, portanto, são essenciais para uma agricultura. Neste trabalho entende-se como agrobiodiversidade, no sentido analisado por Santilli (2009), que envolve diversas áreas do conhecimento de forma indisciplinar (agronomia, antropologia, ecologia, botânica, genética, biologia da conservação, de direito etc.) com diversas interfaces como a segurança alimentar, nutrição, saúde, sustentabilidade ambiental, mudanças climáticas entre outras e, engloba também, os elementos que interagem com a produção agrícola tais como os espaços de cultivo, de criação de animais entre outros.

As sementes foram cultivadas ao longo dos séculos por comunidades agrícolas em todo o mundo (SHIVA *et al.*, 2004). Após a domesticação⁶ das espécies selvagens de sementes, os seres humanos buscaram “saciar a deficiência de alimento pela manutenção e reprodução de sementes, não apenas na forma de alimento, mas também para satisfazer outras necessidades, como festas e rituais” (MAICA, 2012, p. 698). Assim, destaca-se que, dessas pluri-diversidades, os saberes, fazeres e aprendizados relacionados aos plantios, o cuidado e a manutenção das sementes, adaptabilidade ao solo e condições dos ciclos ambientais, usos em relação ao ecossistema local são fontes de conhecimentos que foram sendo adquiridos pelas práticas e passados em geração em geração como parte da nossa coexistência com as sementes. Nessa interdependência entre os seres humanos e as sementes, foram cultivando e selecionando as espécies que mais se relacionavam ao ambiente, como fonte de sobrevivência e relações históricas, sociais e culturais das múltiplas práticas materiais e imateriais (a preservação, o cultivo, a seleção, os cruzamentos, a armazenagem, as trocas, as festas, os cultos, as comidas sagradas...). As sementes por incorporarem relações sociais e de produção agrícola das práticas humanas também se apresentam como objeto de mercantilização e de apropriação, desde o seu material genético aos surgimentos dos organismos geneticamente modificados (OGM's) até questões de bioética, de biossegurança e de biodireitos envolvendo as sementes (SHIVA *et al.*, 2004). Questões essas que reforçam a transformação da forma como as sementes são geridas no

⁶ Entende-se como domesticação como resultado da relação entre seres humanos e a natureza para o surgimento de novas espécies como consequência do manejo do ser humano.

processo produtivo agrícola, de um bem comum para um bem de mercado. Assim, as sementes agroecológicas crioulas fazem frente a essa transformação e sobre o controle e apropriação da natureza.

Nas próximas seções, será possível verificar a partir da Revolução Verde, em especial, como se deu a apropriação das sementes pelo desenvolvimento tecnológico da agricultura e, em seguida, como a agroecologia, pela construção da cultura da agrobiodiversidade se institui como intervenção não extrativista e não hegemônica. O propósito é situar e entender os modos de apropriação da semente pelos impérios alimentares e, ao mesmo tempo proporcionar uma contextualização de como as sementes crioulas contribuem para a construção da agroecologia, que através de práticas tradicionais vinculadas a saberes e fazeres, relações sociais e culturais fazem frente ao modelo hegemônico de produção agrícola e do agronegócio.

2.1. Apropriação das Sementes nos Sistemas Modernos de Agricultura dos Impérios Alimentares

Pretende-se discorrer sobre o processo de apropriação das sementes pelos sistemas modernos de agricultura dos Impérios Alimentares, reflexões sobre a mercantilização das sementes e o cerco da dependência, dispostas não unicamente no controle genético, mas também no monopólio de bens da natureza e apropriação da agrobiodiversidade, vinculados a alimentação e a sobrevivência dos seres humanos e não humanos.

A apropriação das sementes está inserida em diversas racionalidades que envolvem modelos de produção e consumo aplicados às atividades agrícolas industriais e de exploração da natureza, concebendo os recursos naturais como matérias-primas a serviço do modelo de produção e consumo vigentes. Lucas Gama Lima (2021) no artigo *A Monopolização das Sementes pelo Capital e a Contaminação por Transgênicos no Semiárido de Alagoas*, realizou uma análise da monopolização das sementes diante da mundialização do capital e do monopólio genético, de bens da natureza indispensável a re-produção da vida. O Autor, à luz de Karl Marx, enfatiza que a mercantilização de bens da natureza sob o modo de produção a serviço do capital, proporcionou um divórcio dos sujeitos e a natureza. Ou seja, as relações de trabalho da terra para modos de

produção agrícola, de propriedade e a falta de controle dos sujeitos sobre as suas sementes (guarda da última colheita para insumo comprado), frente a dependência dos “detentores desses organismos vivos” ajudou a consolidar um vicioso ciclo de aquisição e sementes-mercadoria por meio do qual se capturou parcelas generosas da renda da terra dos produtores" (LIMA, 2021, p. 274). Para o autor:

A disseminação das sementes-mercadoria pelo planeta não encontraria êxito sem um longo processo de expropriação primária, iniciado –e ainda não finalizado –séculos antes do aparecimento dos monopólios. Em países da Europa esse papel foi desempenhado pelos proprietários fundiários e pela burguesia agrária quando do cercamento das terras e expulsão do campesinato. Por sua vez, na América Latina, a encetadura do fenômeno foi executada pelos invasores europeus contra os povos originários (LIMA, 2021, p. 273).

Santilli (2009) realizou estudo aprofundando as revoluções agrícolas da antiguidade à modernidade, englobando atividades de plantios e de criação de animais, usos de ferramentas manuais (a pá e a enxada) e ferramentas utilizando animais para o arado (que apresentavam baixa produtividade devido a instrumentalização ainda precária associada a dificuldade de comercialização). Com o passar dos séculos foram sendo acrescentados novas formas para aumentar a prática agrícola, tais como a charrua⁷, a construção de estábulos e celeiros para armazenar produtos para o inverno, a utilização de estrume para fertilizar os solos e a criação de gado. A partir do século XIII com aumento significativo da população e da exploração dos recursos naturais, a produção agrícola começou a passar por crises (guerras, fome e doenças)⁸.

A Europa passava por modificações agrícolas entre os séculos XVI e XIX, principalmente a partir da revolução industrial transformando o sistema produtivo (substituição de pousios por culturas forrageiras). Segundo Santilli (2009, p. 38) o “desenvolvimento agrícola esteve intimamente ligado ao crescimento das cidades, da indústria e do comércio”. Além disto, a autora ressalta como os sistemas agrícolas europeus se beneficiaram da exploração de plantas provenientes dos territórios colonizados, tais como batata, feijão, milho, abóbora,

⁷ “A charrua é um instrumento composto de várias ferramentas: uma, que corta o solo verticalmente, e outra, triangular e assimétrica, que corta o solo horizontalmente, e tem a função de rasgar o solo e revolver e afofar a leiva” (SANTILI, 2009, p.35).

⁸ Exemplos: A Peste negra por volta dos anos de 1347 a 1651, Guerra dos 100 anos entre França e Inglaterra entre 1337 e 1453 (SANTILI, 2009).

cacau, pimenta entre outros⁹. A partir do século XVII, maquinarias e máquinas à vapor foram sendo desenvolvidas e utilizadas na indústria.

No século XIX a produção de máquinas agrícolas já era mais intensa aumentando a utilização de terras (charruas, semeadoras, ceifadeiras, debulhadoras, ventilação de grãos, trituradores entre outros). A mecanização da produção agrícola levou a pensar também na introdução de produtos químicos para adubar e fertilizar a terra, substituindo a poliprodução vegetal e animal por intensificadores e agrotóxicos (SANTILLI, 2009). O processo de modernização da agricultura em especial após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)¹⁰, aproveitamento bélico na agricultura e por conta dos debates sobre o abastecimento alimentar, uma vez que as guerras trouxeram fome e racionamento de alimentos, levaram os Estados Unidos¹¹ a uma posição de ampliação de produção para atender a Europa fragilizada. Lima (2021) ressalta o aparecimento de empresas agroquímicas de manejo de agrotóxicos, venda de sementes híbridas e expropriação de semente dos camponeses e dependência as sementes-mercadorias.

Gradativamente esta situação foi se alterando conforme a organização dos sistemas alimentares europeus e a criação de novas vias e modos de gestão, usos agroquímicos e sementes comerciais voltados para a produção em massa de alimentos (CALLE *et al*, 2012). Sendo assim, o sistema agrícola de produção foi marcado por uma mudança de organização da cadeia agroalimentar e por uma “agricultura empreendedora” (PLOEG, 2016, p.65). Em

⁹ “À alimentação europeia, até então baseada no trigo-centeio-cevada, foi incorporada a batata andina, que se disseminou em pouco tempo por todo o continente. Se do ouro e da prata trazidos das Américas restou pouco, a batata (originária dos Andes) ainda alimenta não só a Europa, como boa parte do mundo. O consumo do chocolate, que era uma bebida exótica e pouco conhecida quando os espanhóis chegaram ao México e à América Central (por onde se estendia o império asteca), também difundiu-se pelo mundo inteiro. Poucos se lembram, entretanto, de que foram os astecas que desenvolveram as técnicas para secar e tostar as sementes de cacau que, depois de moídas e aquecidas, transformavam-se na pasta de xocoatl. Da mesma forma, os europeus introduziram novas culturas em suas colônias nas Américas, ainda que não oriundas da Europa (trigo, cevada, aveia, centeio, cana-de-açúcar etc.), além de terem desenvolvido outras formas de consumo das plantas nativas das Américas. À pasta de xocoatl os europeus acrescentaram açúcar, avelã e nozes, para melhorar o sabor. Os tomates, naturais das Américas, e as massas feitas com trigo, originário do Oriente Próximo, formaram a base de diversos pratos da culinária italiana” (SANTILLI, 2009, p.38).

¹⁰ Segundo Ploeg (2016), após o termino da Segunda Guerra Mundial, o maquinário de guerra assim como as indústrias bélicas foram equipadas para produção de tratores e fertilizantes químicos.

¹¹ Assim, os EUA com a Guerra Fria, criam a Aliança para o Progresso voltado para os países da América Latina (KHATOUNIAN, 2001).

Washington, Willian Gown, usou a expressão “Revolução Verde” em uma conferência (1966), para se referir a inovações tecnológicas e aumento de produtividade no setor da agricultura (modificação em sementes, fertilização do solo, utilização de agrotóxicos, transformação tecnológica no campo) visando a comercialização e, conseqüentemente, a mercantilização da agricultura. Para Ploeg (2016, p.65), a “biologia do solo e o foco na manutenção de solos ricos em vida biológica que pudessem fornecer nitrogênio naturalmente desaparecem da agenda, sendo substituídos pela química do solo”, a Revolução Verde foi parte deste processo para consolidar o aumento da produtividade com o *slogan* voltado para combater a fome, acelerou a propagação dos pacotes tecnológicos e maior apropriação da natureza.

A Revolução Verde se caracterizou pela “associação de insumos químicos (adubos e agrotóxicos), mecânicos (tratores, colheitadeiras mecânicas etc.) e biológicos (variedades melhoradas)” (SANTILLI, 2009, p. 43). Que, conforme Escobar (2014), outro fator de motivação das multinacionais com a Revolução Verde, foi a possibilidade de aumentar seus mercados. O projeto de desenvolvimento agrícola de modernização da agricultura com a utilização de tecnologia e insumos no campo ocorreu de forma desigual gerando grande diferenciação social e sem distribuição de terra. A Revolução Verde contribuiu para aumentar a poluição por agrotóxicos, perda da biodiversidade, erosão do solo e problemas ambientais (ALTIERI, 2004), como mencionado abaixo:

A crise agrícola-ecológica existente, hoje, na maior parte do Terceiro Mundo, resulta do fracasso do paradigma dominante de desenvolvimento. As estratégias de desenvolvimento convencionais revelaram-se fundamentalmente limitadas em sua capacidade de promover um desenvolvimento equânime e sustentável. Não foram capazes nem de atingir os mais pobres, nem de resolver o problema da fome, da desnutrição ou as questões ambientais. As inovações tecnológicas não se tornaram disponíveis aos agricultores pequenos ou pobres em recursos em termos favoráveis, nem se adequaram às suas condições agroecológicas e socioeconômicas (CHAMBERS; GHILDYAL, 1985 *apud* ALTIERE, 2004, p.19-20).

A Revolução Verde contou com o apoio de órgãos internacionais, assim ganhou expansão mundial rapidamente ao mesmo tempo que padronizava práticas agrícolas com uma visão de artificialização do meio ambiente. Para Silva (2014), todo o processo de degradação ambiental se instalou a partir do modelo

industrial denominado Revolução Verde (década de 60), que marcou também o início da modernização conservadora simplesmente porque se afasta dos modelos de sistemas tradicionais. A exploração de recursos para uma produção de larga escala voltada para o mercado fragiliza e destrói a natureza. A modernização da agricultura¹², segundo Ploeg (2016), afasta e representa uma ruptura na relação ser humano e natureza, os fertilizantes no lugar da biologia dos solos e o adubo no lugar dos conhecimentos dos camponeses, no lugar da luz solar a luz elétrica na horticultura e nos celeiros acelerando os processos naturais, o acasalamento natural deu espaço para transferências de embrião e tecnologia de identificação do macho reprodutor e fertilização das fêmeas, demonstrando uma queda da participação da natureza.

As sementes foram recebendo doses de fertilização nitrogenada, os solos foram sendo contaminados por processos químicos de preparo e controle de pragas para visibilizar monoculturas e a exportação de cultivos que só beneficiam grandes proprietários rurais não sendo acessíveis para pequenos agricultores (SANTILLI, 2009). Além dos impactos socioambientais deste modelo de produção a partir da Revolução Verde, pode-se citar: a contaminação de alimentos, alimentos processados, intoxicação de trabalhadores (as) e de animais, contaminação água e solos, desigualdades sociais, desemprego, migração e êxodo rural.

Muitas organizações, inclusive a própria a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em alguma medida apoiou pesquisas e estudos com a desculpa que o aumento da produtividade de alimentos poderia ajudar no combate a fome. Gliessman (2002) afirma que os avanços científicos e inovações tecnológica durante a segunda metade do século XX, aumentaram a produção de alimentos utilizando fertilizantes e pesticidas por um lado, contudo, de outro degradou os recursos naturais dos quais depende a agricultura (solo, água e diversidade genética) aumentando a dependência do uso de recursos não renováveis (petróleo, por exemplo). Brandenburg (2010), ressalta que o processo de especialização do processo produtivo alterou as relações com a natureza por conta da racionalidade do

¹² Conforme Wanderley (2009, p.10), “um dos elementos chaves da legitimização ideológica da modernização da agricultura no Brasil consistia na afirmação de que para ser moderno seria necessário ser grande, a escala se transformando numa das exigências do desenvolvimento”.

capital e da modernização na agricultura, tais como: poluição de águas, de solo e da biodiversidade por resíduos químicos, por manejos inapropriados, por erosão de solos e por monocultivos.

Tais eventos, especialmente a partir da segunda metade do século XX, redefiniram pelas novas técnicas e métodos, o aumento da produtividade e aportam uma evidente transformação no modelo agrícola, usos de fertilizantes, herbicidas e insumos (MAZOYER, ROUDART, 2010; GASPARINI, 2014). As mudanças e incrementos nas atividades agrícolas tendo em vista a mercantilização, industrialização, comercialização, produção, logística e consumo é o que se denomina agronegócio com alterações na cadeia produtiva alimentar como um todo (GASPARINI, 2014).

Lima (2021, p. 274) afirma que a apropriação da semente como mercadoria é “uma das contradições mais pulsantes do capitalismo contemporâneo”, fonte recente de poder dos monopólios, já que as sementes são essenciais a disseminação da vida e da agricultura, a apropriação baseia-se no “ encapsulamento dos códigos genéticos usurpados dos ecossistemas e transformados em instrumentos do ardil processo de monopolização dos bens da natureza” (p.275). Para Mooney (1987), o que está em jogo é o controle da pesquisa genética e dos cultivares com o objetivo de garantir o mercado para a agroquímica e a dependência do sistema agrícola. Como consequência, começaram a se estabelecer políticas públicas para regulamentar os usos característicos dos insumos da Revolução Verde, tais como herbicidas, pesticidas e fertilizantes, bem como, permissões e proibições de mercado e relacionados a saúde.

2.1.1. Os Impérios Alimentares e a apropriação genética da agrobiodiversidade

Nesta parte, com base nos estudos de Ploeg (2008), pretende-se destacar a caracterização dos Impérios Alimentares e as relações estabelecidas entre eles e a apropriação das sementes, que são subjulgadas e subordinadas aos interesses do mercado. Isso, por sua vez, resultam em orientações de políticas que priorizam e normatizam interesses que ameaçam e colocam em risco a soberania e segurança alimentar. Essas questões estão intimamente ligadas às

preocupações levantadas por Moore (1987) sobre o patenteamento de variedades com consequências negativas.

Ploeg (2008) apresenta três linhas de raciocínio interligadas para falar da combinação entre invisibilidade e onipresença em relação ao campesinato: a primeira, em relação ao que chama de natureza contraditória da condição camponesa (luta por autonomia em padrões de dependência múltiplos e pelos processos de exploração), que faz nascer o agricultor empresarial que tenta se integrar ao sistema. A segunda, vinculado ao papel crítico dos camponeses nas sociedades modernas que não têm autonomia, mas que lutam para sua existência (exemplifica, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terras do Brasil), vinculado com a qualidade de vida no campo, qualidade dos alimentos, necessidades ligadas a água, energia e terras férteis. E, por fim, uma terceira que se relaciona com o modelo dominante, com tendência a destruir o campesinato e os valores ligados a ele.

Ploeg (2008, p. 15-17) caracteriza a agricultura mundial em três trajetórias com diferentes impactos na natureza de formas diferentes: 1) a industrialização multifacetada de longo alcance, com desconexão entre produção e consumo de alimentos por não se preocupar com a procedência afastando-se os ecossistemas locais (são alimentos projetados, como por exemplo, os Organismos Geneticamente Modificados - OGM); 2) de recampesinização¹³ com fortes pressões sobre os sistemas locais e regionais de alimentos, que implica em movimentos quantitativos (aumento do número de camponeses) e qualitativo (aumento da autonomia) e, 3) de processo emergente de desativação que está vinculada a redução progressiva de produção agrícola. Para o autor, por estar a agricultura camponesa submetida ao Império, ela também faz frente a ele, resistindo com estratégias, tais como os circuitos curtos e descentralizados que aproximam produtores e consumidores.

As trajetórias interagem com a segmentação da agricultura em três categorias (PLOEG, 2008): 1) A agricultura camponesa (uso sustentável do capital ecológico para melhor qualidade de vida do camponês), sendo ela multifuncional e diversificada, essencialmente familiar dentro da comunidade rural e com relações de reciprocidade com produção também para a família e ao

¹³ Conforme Ploeg (2008, p. 23) a “recampenização é uma expressão moderna para a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de privação e dependência”.

mercado (mas não dependente dele); 2) A agricultura empresarial baseada no capital financeiro e industrial (acesso a créditos, insumos e tecnologias), com produção especializada e orientada para o mercado com agricultores dependentes do mercado; e, 3) A agricultura corporativa ou capitalista de grande escala, produção voltada o lucro e ao capital financeiro e industrial, engloba empresas agrícolas e trabalhadores assalariados,.

As três categorias têm dimensões e escalas e tipos bem diferentes de agriculturas – “diferentes formas de estruturar o social e o material” (PLOEG, 2008, p.17). Existem modos de produção distintos entre uma ou outra das categorias e que afetam a natureza, a qualidade e a sustentabilidade dos processos de produções e os alimentos que deles resultam. Existem também diferenciações quanto a estrutura, a agricultura camponesa centra-se na construção e reprodução de circuitos curtos e descentralizados (produção e consumo de alimentos mais regionais). A agricultura empresarial, centralizada e constituída por empresas de processamento e comercialização de alimentos em escala maior vinculada a escala mundial (dos Impérios), cadeias longas. Ploeg (2008), define que a categoria corporativa, dos Impérios, esta vinculadas a um modo de ordenamento de escala mundial e de operacionalização dominante (agronegócio, grandes varejistas, mecanismos estatais, leis, modelos científicos, tecnologias...). Os Império Alimentares, que segundo Ploeg (2008), agem como um regime, um conjunto de regras e práticas interligadas em instituições e infraestruturas – é um *modus operandi* que coloca em risco e destrói o capital ecológico, social e cultural, tal como ressaltado abaixo:

Nessa arena, núcleos autoritários de controle competem mutuamente pela hegemonia, enquanto determinados representantes do Império podem emergir, tornar-se aparentemente poderosos, e depois se desgastar ou atingir o colapso. 'Por conseguinte, o Império não é apenas um fenômeno emergente e internamente diferenciado; ele consiste, acima de tudo, no fortalecimento mútuo e intrincado de uma grande variedade de elementos, relações interesses e modelos diferentes. Esse intrincamento relaciona-se com a sociedade de forma coercitiva: todos os projetos (com atores individuais e coletivos), em qualquer nível, devem ser alinhados conforme as regras que a gramática do Império estabelece. Até certo ponto, o Império é, de fato, um modo de ordenamento desmembrado: ele ultrapassa as próprias fontes das quais emerge e ultrapassa os vários representantes e expressões em que se materializa atualmente [...]. (PLOEG, 2008, p. 19).

Os Impérios e o Campesinato, se entrelaçam e se envolvem em contradições e conflitos. Apesar das transações de produtos existirem durante séculos em escala global, esses mesmos “mercados globais agrícolas e alimentares de hoje representam um novo fenômeno que tem fortes impactos na agricultura, onde quer que ela seja desenvolvida” (PLOEG, 2008, p.6). E daí que se colocam discussões de controle, poder, apropriação massiva que estão na “gramática do Império”, como pretendemos desenvolver em relação as práticas agrícolas envolvendo as sementes crioulas. Como também se colocam discussões sobre qualidade e segurança na distribuição dos alimentos e sustentabilidade da produção agrícola.

Gasparini (2014), apresenta a relação entre empresas transacionais e os impérios alimentares quanto a utilização da biopolítica em relação a definição das três trajetórias de desenvolvimento da agricultura mundial: a industrialização, a recampesinização e a desativação). Sendo o primeiro grupo aquelas que possuem direitos sobre as sementes crioulas, o segundo e o terceiro, em papel de subordinação aos olhos do contexto do império que permitem que empresas que possuem o monopólio técnico-científico (as sementeiras) de apropriação dos recursos genéticos, que segundo Ploeg (2008), contribui para a crise agrária e ambiental, conforme destacado abaixo:

Com o advento da Revolução Biotecnológica o conjunto de estratégias se tornou completo, pois o Direito Patentário possibilita a apropriação dos recursos genéticos relacionados à agrobiodiversidade, fato que reflete as formas de atuação dos Impérios Alimentares. As palavras de Ploeg (2008, p. 255) denunciam tais estratégias: “Os elementos centrais do Império como forma de governança são o controle e a apropriação” (GASPARINI, 2014, p. 81).

Moore (1987) apresentava as implicações negativas da lei de patenteamento de variedades, principalmente ao considerar a erosão genética, a Revolução Verde e os pacotes de insumos químicos. Em um cenário que diversas espécies foram cultivadas ao longo da história, contudo, atualmente cerca de 30 vegetais cultivados são responsáveis por 95% da dieta humana, sendo o trigo, arroz, milho e soja os mais representativos do consumo de grãos, cerca de 85%, que nem sempre estão destinados a alimentação humana (MAICA, 2012). A redução da diversidade genética (erosão genética) e a destruição das variedades genéticas locais por aquelas desenvolvidas e

modificadas, são muitas vezes motivadas pela crença de que o germoplasma está seguro em bancos de sementes é fantasiosa. Moore (1987) chama a atenção que apesar do aumento de produção de alimentos e do pacote de tecnologias provenientes da Revolução Verde, podem trazer problemas para a humanidade, a substituição dos cultivos tradicionais e ancestrais.

As consequências da Revolução Verde foram citadas por Moore (1987), principalmente para os países em desenvolvimento, que segundo o autor, são ricos em diversidade necessária para a sobrevivência humana e que beneficiou uma pequena parte : 1) importação de insumos e produtos agroquímicos, bem como as maquinarias ligadas a atividade, trazem consequências econômicas, sociais e ecológicas; 2) desaparecimento da pratica tradicional pela monoculturas, bem como incompatibilidades devido não considerar as peculiaridades; 3) perda do valor nutritivo dos alimentos pelos resíduos químicos; 4) substituição da fonte proteica (leguminosas com 20 a 30% de valor proteico); 5) êxodo rural com a aceleração urbana, na medida que os pobres foram expulsos do campo. A legislação de patentes e de direitos envolvidos sobre as variedades, pelo controle dos germoplasma e dos mercados, sob o vultoso cobertor de exigências de insumos obrigam os usos de agrotóxicos de comercialização das indústrias sementeiras, que montam centros de pesquisa genética para o melhoramento vegetal, ao mesmo tempo que são responsáveis por distribuição e comércio voltados para seus próprios interesses e "(...) nunca para o lucro do agricultores e a nutrição e saúde do povo" (MOORE, 1987, p. XXV).

A agricultura como indústria, por uniformidade das monoculturas provocam perda da agrobiodiversidade, sementes que foram cultivadas por séculos estão em risco pela mercantilização e pelo fornecimento de sementes modificadas. Segundo Shiva (2004), existem três tipos de produtores de sementes: 1) o agricultor que é o produtor de variedades que poderia reproduzir eternamente; 2) as instituições de pesquisa do setor público que criam variedades de alto rendimento que podem ser guardadas e usadas pelo agricultor e, 3) empresas transnacionais, que produzem sementes não renováveis e nem sustentáveis, neste caso, os agricultores são dependentes das sementes sempre que forem plantar. Sendo esse último apresentado, segundo Shiva (2004), são as provenientes do agronegócio, pela dependência das

empresas que detêm o patenteamento biológico de sementes dos agricultores, possuem o direito de multiplicar, guardar, desenvolver e vender sementes. Shiva (2004) afirma que a conservação da biodiversidade agrícola não é possível sem a participação das comunidades, que protegem as plantas e animais e que formam a agricultura sustentável. O Programa Navdanya procurou promover a agricultura ecológica baseada na biodiversidade, com o objetivo de mudar de monocultura para práticas de manutenção dos solos e águas, conservação de sementes, diversidade nos plantios, controle de pragas com base na diversidade.

Como implicações do patenteamento, abarcam também requerimentos legais dos direitos de plantas melhoradas ou leis de patenteamento com uniformidade genética dos cultivares, aumentando a vulnerabilidade das culturas e a eliminação das variedades locais, ao mesmo tempo que aumentam os lucros e, em paralelo, aumentando a erosão genética (MOORE, 1987). Desta forma, o processo de modernização da agricultura, sobretudo a partir da Revolução Verde, o conceito de Impérios Alimentares que funcionam como um sistema que regulamenta as formas de produção e consumo de alimentos. As discussões sobre a concepção de propriedade intelectual (à seguir) envolvem a apropriação da natureza e dos recursos naturais como mercadoria. Escobar (2010), afirma que a conservação da biodiversidade envolve emaranhados complexos entre a natureza e a sociedade, que em contextos globais correlaciona-se com uma retórica de economia/mercado. Assim, é possível refletir sobre a conservação da agrobiodiversidade, à exemplo de populações agricultoras locais que interagem com a natureza de forma diferente das praticadas pelo modelo de agricultura convencional, dos conhecimentos e das gramáticas locais.

2.1.2. Das Sementes como base da agricultura à uma concepção de propriedade intelectual

Nesta seção, iremos discorrer sobre os direitos e políticas relacionadas aos usos de sementes e propriedade intelectual a partir das análises de Souza (2021), Santilli (2009), Shiva (2003), Gasparini (2014) e Moore (1987).

Rafaela Souza (2021) aborda a relação da mercantilização das sementes no Brasil e na Argentina, a partir de um comparativo de legislações e políticas públicas sobre sementes e como estas beneficiam a transformação de sementes em insumos agrícolas, comprometendo e causando tensões entre o regime convencional e outras formas de agricultura, envolvendo a biodiversidade, direito à alimentação e soberania alimentar¹⁴. Uma das características da industrialização das sementes foi o discurso de propaganda de empresas com intenção de fazer com que os camponeses abandonassem suas práticas agrícolas, o que contribuiu para a padronização das sementes e adesão ao pacote tecnológico, propagando que as manejadas por eles eram “insalubres, pouco produtivas e levam atraso para o campo, e promessas de que as novas variedades produzidas em laboratório seriam mais eficientes, produtivas e resistentes” (SOUZA, 2021, p.34) e que estas mesmas instituições teriam a solução para a fome do mundo¹⁵.

Para Souza (2021) existem dois meios para as empresas manterem o controle do mercado de sementes e plantas, um deles seria por leis e outro por bloqueios biotecnológicos¹⁶. Os mecanismos de controle jurídico que seriam as “leis de patentes, leis de proteção de cultivares e outros sistemas de direitos de propriedade intelectual sobre plantas” (SOUZA, 2021, p.44), poderiam tornar ilegal para os agricultores a guarda e o cultivo, conforme elucidado abaixo:

Devido aos obstáculos ainda existentes, na maioria dos países, ao patenteamento de seres vivos – uma vez que os requisitos para obter uma patente estão definidos para invenções –, as empresas da agricultura industrial incentivaram o desenvolvimento de sistemas de propriedade intelectual similares às patentes, mas aplicáveis aos vegetais, os chamados “direitos dos melhoristas”, “direitos de obtentor” ou direitos de proteção de variedades vegetais (RIBEIRO, 2003 apud SOUZA, 2021, p. 44).

Diversos acordos surgiram sobre a apropriação de sementes, como por exemplo, com o objetivo de padronizar a propriedade intelectual, a Convenção Internacional para Proteção de Cultivares (1967), vinculada à Organização

¹⁴ Todos esses temas são de extrema relevância, contudo nem todos serão contemplados nas discussões deste trabalho.

¹⁵ Em muito remanescentes da Revolução Verde.

¹⁶ “Alguns exemplos do mecanismo de bloqueio biotecnológico são: a criação das sementes híbridas, cuja capacidade de reprodução e produção diminui a cada replantio, obrigando agricultores a comprarem sementes todos os anos” (SOUZA, 2021, p. 43).

Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI). A Convenção da UPOV de 1978 (International Union for the Protection of New Varieties of Plants), que pretendia assegurar a propriedade intelectual de quem produzia uma determinada variedade. A Convenção da UPOV foi aderida pelo Brasil através do Decreto 3.109/1999, ou ainda, a Lei de Cultivares (Lei 9.456/1997) e a Lei sobre Mudanças e Sementes (Lei 10.711/2003).

Conforme Souza (2021), as negociações sobre direitos de propriedade intelectual influenciaram as discussões sobre biodiversidade, na Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) e no Tratado sobre Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e a Agricultura (TIRFAA), da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) (TANSEY, 2011). A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), aprovada durante a Eco-92, foi o primeiro documento a falar sobre a diversidade biológica, com foco na conservação e uso sustentável da biodiversidade, dando autonomia aos Estados a regularem seus recursos genéticos ao mesmo tempo que reconhecem os conhecimentos tradicionais. Ou seja, segunda ela, é preciso o reconhecimento do país de origem dos recursos genéticos, locais que contém o material genético *in situ* em ecossistemas locais. Aponta-se a dificuldade de se determinar a origem natural de determinado material devido os diversos caminhos e intercâmbios ao longo da história por diversos povos, regiões e continentes e, conseqüentemente determinar quem seria o “beneficiário” (SOUZA, 2021; SANTILLI, 2009).

Foi em 1993 durante 22ª Reunião da Conferência da FAO (Compromisso Internacional sobre Recursos Fitogenéticos), que se estabeleceu benefícios para empresas privadas para o acesso aos germoplasmas de variedades agrícolas localizados em países tropicais “os recursos fitogenéticos sob domínio público, de livre acesso a todos; e os materiais genéticos sob controle privado, que não são afetados pelo princípio do livre acesso” (SANTILLI, 2009 *apud* SOUZA, 2021, p. 47).

Em Roma (2001) durante a 31ª Reunião da Conferência da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), foi promulgado o primeiro documento internacional que trata recursos fitogenéticos para a alimentação e agricultura - o Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e a Agricultura (TIRFA). Este tratado beneficiou empresas e instituições privadas a terem acesso gratuito ao material genético mantidos por

camponeses, povos indígenas e comunidades tradicionais, como também, a não divulgarem a pesquisa envolvendo suas práticas alegando confidencialidade, destaca-se o trecho seguinte:

Segundo Santilli (2009), em relação à repartição de benefícios, há dois modelos previstos pelo sistema multilateral. O primeiro corresponde a troca de informações, acesso e transferência de tecnologia e capacitação; o segundo está vinculado à comercialização e transações específicas de materiais genéticos e funciona da seguinte maneira: aqueles que acessarem aos recursos fitogenéticos por meio do sistema multilateral e impedirem terceiros de usar os produtos resultantes para fins de pesquisa ou melhoramento, são obrigados a repassar parte dos valores obtidos com a comercialização de tais produtos para o fundo de repartição de benefícios. Porém, se o produto decorrente do uso dos materiais genéticos acessados for disponibilizado para a utilização de terceiros, com fins de pesquisa e melhoramento, o pagamento de parte dos benefícios recebidos se torna voluntário. Contudo, o fundo de repartição de benefícios, destinado à implementação do Tratado, deve ser revertido prioritariamente a agricultores, principalmente dos países do Sul Global. Para Santilli (2009), além disso, devem ser adotadas pelos países signatários outras estratégias de financiamento, que promovam a integralidade dos objetivos do Tratado e priorizem a execução de planos e programas destinados a camponeses, comunidades tradicionais e povos indígenas e à conservação da agrobiodiversidade (SOUZA, 2021).

Para Souza (2021), a CDB e o TIRFA abrem precedentes economicistas sobre a agrobiodiversidade no aspecto dos direitos de propriedade intelectual e utilização de materiais genéticos. Este aspecto faz parte da lógica do mercado e dos sistemas agroalimentares corporativos que visam lucro e alinha-se ao *modus operandis* do agronegócio. Shiva (2003) no livro *Monocultura da Mente*, alerta sobre os programas e métodos que orientam políticas antidesenvolvimentistas agrícolas, principalmente em países do Hemisfério Sul, criando um “meio do controle ideológico, sociocultural e econômico” (SHIVA, 2003, p. 11), reforçando cotidianamente para a direção da biotecnologia e da monocultura intensiva. Para a autora, esses elementos de controle tenderam a colocar a natureza sob comando como estratégia central da Revolução Verde, no pressuposto de que a tecnologia está a cima da natureza e aos conhecimentos de outros povos e saberes agrícolas, introduzindo uma forma única de cultivo (monocultura) e uma forma de produzir-plantar industrializado, conforme mencionado abaixo:

[...] as monoculturas disseminam-se não por aumentarem a produção, mas por aumentarem o controle. A expansão das monoculturas tem mais a ver com a política e poder do que com sistemas de enriquecimento e melhoria da produção biológica. Isso se aplica tanto à Revolução Verde quanto à revolução genética ou às novas biotecnologias (SHIVA, 2003, p. 18).

Na agricultura e na produção de alimentos, argumenta Shiva (2003), as patentes criam relações de propriedade sobre os seres vivos e processos vitais, considerando-os como mercadoria - os governos estão cada vez mais interessados na propriedade intelectual e exigem a proteção de patentes, “os sistemas alimentares deve passar para as mãos das multinacionais como direito” (p.147), monopolizando o controle da agricultura e do comércio de sementes como poder global. Sendo que, segundo a autora, a proteção às patentes desconsidera o (a) agricultor (a), torna-o (a) dependente para conseguir insumos, tal como as sementes.

As empresas que criam novas sementes, possuem o direito para venda de uma variedade específica, no entanto não possuem posse sobre o genoma-plasma da semente (processos biológicos naturais). A proteção das sementes exclui os direitos do agricultor (a) sobre os recursos naturais, ou seja, “o agricultor que guarda e replanta sementes de uma variedade patenteada estará transgredindo a lei” (SHIVA, 2003, p. 150). Contudo, a “semente nativa se torna um sistema de resistência contra as monoculturas e os direitos de monopólio” (SHIVA, 2003, p. 19), um sistema que considera a diversidade respeita as espécies e é mais sustentável (descentralizado). Shiva incorpora o termo Bioimperialismo que impõe as monoculturas e procura buscar reflexões que sustentem políticas e estratégias para sair deste processo e caminhar para um desenvolvimento ecológico e reconhecimento da agricultura diversificada, como é possível perceber no trecho abaixo:

A agricultura moderna gira exclusivamente em torno da produção de mercadores agrícolas, toma o lugar dos sistemas de saber locais que veem a agricultura como a produção de diversas sagras com insumos internos, substituindo essa diversidade por monoculturas de variedades estrangeiras que precisa de insumos industriais externos. O foco exclusivo nos insumos externos e na produção comercial destrói as sagras diversificadas de legumes, sementes oleaginosas e painços e rompe os ciclos ecológicos locais; na tentativa de aumentar a produção de uma única safra, cria monoculturas de certas vaidades (SHIVA, 2003, p.79).

Shiva (2003, p. 85) afirma que a diversidade faz parte tanto da estabilidade ecológica como é uma característica da natureza, tanto a “diversidade cultural e a diversidade biológica andam de mãos dadas”. Contudo, considerando o paradigma da Revolução Verde e a agricultura moderna, “a floresta natural, com toda sua diversidade, é vista como ‘caos’” (SHIVA, 2003, p.37), não é à toa que essa forma de conceber a agricultura de “monoculturas da mente”, da mente para os solos, do pensar para o agir na terra.

Gasparini (2014) apresentou as conexões e inter-relações entre Impérios Alimentares, Biopolítica e Revolução Biotecnológica aprofundados separadamente por Ploeg (2008), além disto, ressaltou como são utilizados os instrumentos biopolíticos para apropriação genética da agrobiodiversidade. Dentre muitos aspectos, esse estudo se faz importante também na demonstração das estratégias biopolíticas utilizadas pelos Impérios Alimentares, nos riscos socioambientais e nos aspectos jurídicos relacionados as sementes e agricultores e agricultoras.

Com a Revolução Biotecnológica, tal processo de apropriação se intensificou, sendo que, atualmente, um grande número de trabalhos e pesquisas sobre biotecnologia é conduzido sob o esquema das patentes protegidas pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) e pela Organização Mundial do Comércio (OMC). Dessa forma, a vida, os genes, estão atualmente inseridos em uma das espécies da propriedade industrial, a propriedade intelectual (GASPARINI, 2014, p. 230).

Em face a concepção da racionalidade econômica eurocêntrica, segundo Gasparini (2014, p. 158), os Impérios Alimentares se estabeleceram com atividades, com investimentos em pesquisas (agroquímicos, sementes, fertilizantes, maquinário, nutrição animal, entre outros) especialmente nos países em desenvolvimento, sendo que usufruem de sua biodiversidade, de sua água e solos sem se preocupar ou dispender planos ou ações direcionadas a esses locais, suas pesquisas “não estão voltados aos problemas, particularidades e realidades desses países, o que redundando em uma inovação “transplantada”, caracterizada pela homogeneização e imposição”. Os Impérios Alimentares se apropriaram do conhecimento sobre a formas de vida, levando a uniformidade genética e a perda de variedades e mais suscetível a pragas e doenças. Essa monopolização pode gerar consequências de insegurança alimentar, poucas

variedades voltadas a exportação, controle de preços no mercado global¹⁷ e de dependência tecnologia e econômica, “que certamente irá agravar as desigualdades sociais e os problemas ambientais da sociedade como um todo, mas também, aniquilar os traços culturais de identidade grupal das comunidades afetadas” (GASPARINI, 2014, p. 233).

[...] o que pode levar a uma situação que representa um grande risco para a agrobiodiversidade: a monopolização das patentes, das sementes e da alimentação humana. Num prognóstico sombrio, de um futuro próximo, todos os recursos alimentares consumidos pela humanidade, serão, direta ou indiretamente, provenientes das sequências genéticas de animais e vegetais que foram patenteadas pelos Impérios Alimentares que atuam no agronegócio mundial, que controlarão a pesquisa, a produção, a industrialização e o consumo dos gêneros alimentícios básicos. (GASPARINI, 2014, p. 232-233).

Ainda segundo Gasparini (2014, p. 234), os usos desses produtos patenteados implicariam na aquisição de um pacote tecnológico e na dependência, levando as comunidades tradicionais e camponesas a romper com suas tradições culturais, inclusive o de reservar sementes, trocas de sementes e geração de conhecimento ligados a estas práticas.

O referido “pacote tecnológico” pode ser assim exemplificado: juntamente com a venda das sementes, são vendidos ao agricultor os agrotóxicos e os adubos químicos que os próprios Impérios Alimentares industrializam. Além disso, atualmente, os conglomerados também agem enquanto agentes financeiros, vinculando os empréstimos à entrega de determinada quantia dos produtos agrícolas cultivados. A semente, hoje industrializada pelos grandes monopólios, é um produto dependente de um pacote agrônômico para que se reproduza satisfatoriamente, é um produto propício aos interesses dos Impérios Alimentares. O mecanismo funciona da seguinte forma: as transnacionais controlam a produção e o comércio de sementes que são geneticamente “melhoradas”, eliminando as resistências naturais e aumentando a vulnerabilidade das culturas. Cria-se assim, a dependência dos agrotóxicos. As empresas que fabricam agrotóxicos são as mesmas que controlam o “melhoramento”, a produção e a comercialização das sementes. Essa apropriação privada da geração, reprodução e distribuição de novas variedades de sementes pelos Impérios Alimentares, assim como o controle da oferta dos insumos que elas requerem, vêm submetendo os povos de todo o mundo a uma tirania de um novo tipo: “a tirania do conhecimento biotecnológico” (GASPARINI, 2014, p.234-235).

¹⁷ Segundo Moore (1987, p. 51), o “controle da indústria mundial de sementes seria a segunda fase da Revolução Verde”, porque controlando as sementes é possível controlar o sistema alimentar, desde o que vai ser plantado e os insumos que serão usados.

Desde os anos de 1960, enquanto ocorriam um elevado aporte de subsídios para a agricultura de larga escala, intensa utilização do solo, aplicação de fertilizantes, plantações de monoculturas e alteração da biodiversidade, ocorriam os beneficiamentos e lucros desta evolução tecnológica em detrimento do meio ambiente. Carson (1969), no livro *Primavera Silenciosa*, alertou sobre a forma como o homem age na natureza e como pode influenciá-la de forma significativa e drástica. Segundo a autora, a interação negativa entre seres humanos e a natureza, atinge e danifica significativamente a estrutura ambiental: os males da poluição, da contaminação do ar, da terra, dos rios e dos mares por meio de materiais extremamente tóxicos e substâncias químicas (explosões nucleares, agrotóxicos, radiações), sendo por vezes irremediáveis e com consequências para as futuras gerações. Rachel Carson, foi bióloga marinha, escritora e cientista, escreveu este livro em 1962, alertando para os efeitos dos pesticidas ao meio ambiente e afirmou que nos últimos anos daquele período surgiram mais de 200 substâncias químicas para “combater” os insetos e plantas daninhas. A pergunta que a autora pretendia responder é: quais seriam os efeitos dessas substâncias e de seus usos descontrolados para a saúde humana e ambiental? Ou quais seriam as consequências do uso indiscriminado de substâncias químicas na agricultura? O risco no uso dessas substâncias é incerto no genoma humano, destacando também a necessidade de realização de investigações e pesquisas sobre os efeitos destas substâncias sobre o solo, a água e a vida dos animais para as gerações futuras. Agora no século XXI, mais tarde, percebe-se como a apropriação genética e a utilização das sementes se tornaram mercadoria de exploração pelos Impérios Alimentares.

Ao se tratar de leis de sementes “não apenas produzem seus efeitos sobre os sistemas agrícolas como também têm interfaces com as políticas de desenvolvimento rural sustentável, segurança alimentar e nutricional, inclusão social, agrobiodiversidade e sobrevivência cultural dos povos tradicionais” (SANTILLI, 2009, p. 98). Contudo, as leis e políticas de sementes favorecem mais o sistema agrícola moderno vinculados as empresas privadas – são os sistemas de sementes que procuram segundo a autora, homogeneizar todos os tipos de agriculturas e de agricultores (as), sementes produzidas em grande escala extrapolando a venda local e com “melhoramentos” genéticos.

No Brasil, a primeira Lei de Sementes foi em 1965 e foi substituída pela Lei de Sementes e Mudanças em 2003. Vale citar a Lei de Proteção aos Cultivares (Lei 9.456/1997), da Lei de Agrotóxicos (Lei 7.802/1989), Lei sobre Mudanças e Sementes (Lei 10.711/2003), Lei de Biossegurança Nacional (Lei 11.105/2005), Marco Legal da Biodiversidade (Lei 13.123/2015), merecem serem analisadas sob a ótica dos povos e comunidades tradicionais e de floresta. Além disto, soma-se a Constituição Federal de 1988, a Lei da Agricultura Orgânica (Lei 10.831/2003), a Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais (Lei 11.326/2006), a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Lei 11.346/2006) e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Decreto 7.794/2012). No Apêndice 1 é possível verificar quadros resumos com as principais leis e decretos que envolvem as sementes, dispositivos legais criados sob a influência do modelo de agricultura movido pelo capital.

2.2. Agrobiodiversidade: sementes e a agroecologia

A análise que se propõe neste item é de pensar de que forma a agroecologia aborda a questão das sementes. A diversidade biológica (biodiversidade) tem referência com variedades formas de vida, podendo ser de distintos sistemas biológicos (tais como, florestas, savanas, campos, etc.), que segundo Boef *et al.* (2007, p. 36), são a soma e produto de diversos níveis da natureza distinguindo-se em três níveis: diversidade genética, diversidade de espécies e diversidade de ecossistemas. A primeira refere-se a herança contida nos cromossomos e controla a identidade genética dos seres vivos (DNA). A segunda, com a unidade morfológica e, a terceira, se relaciona com a diversidade de espécies e populações dentro de uma comunidade natural (sistemas). Na agricultura, diversidade pode ser entendida com diferentes espécies sendo produzidas, diversas cultivares em uma unidade de produção para alimentar os seres humanos. Boef *et al.* (2007) compreender a agricultura como um modo humano de usar os recursos físicos, biológicos e naturais para se alimentar, curar, produzir renda, etc. E, para que a agricultura se desenvolva é preciso considerar as condições naturais, conhecimentos e práticas e a biodiversidade.

O termo agrobiodiversidade surgiu após a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), como contraponto aos sistemas agrícolas convencionais (BOEF *at al.*, 2007). O manejo com base agroecológica como prática da agrobiodiversidade contribuem para a resistência e resiliência das diversidades das espécies, variedades de vidas e dos ecossistemas do planeta, como fortalece a agricultura familiar, nos “locais onde se iniciou a domesticação das plantas cultivadas (BOEF *at al.*, 2007, p. 41), que segundo os autores, valorizam o saber local e são enfoques para soluções estratégicas que visam uma agricultura sustentável. Assim, os sistemas agroecológicos promovem a agrobiodiversidade considerando aspectos socioculturais, ecológicos e integrado aos ecossistemas. Portanto, agrobiodiversidade “é um termo amplo que inclui todos os componentes da biodiversidade que têm relevância para a agricultura e a alimentação, e todos os componentes da biodiversidade que constituem os agroecossistemas” (SANTILLI, 2009, p. 68), ou seja, envolvem processos culturais e sociais, conhecimentos e práticas compartilhados pelos seres humanos, destaca-se o trecho abaixo:

A agrobiodiversidade é essencialmente um produto da intervenção do homem sobre os ecossistemas: de sua inventividade e criatividade na interação com o ambiente natural. Os processos culturais, os conhecimentos, práticas e inovações agrícolas, desenvolvidos e compartilhados pelos agricultores, são um componente-chave da agrobiodiversidade. As práticas de manejo, cultivo e seleção de espécies, desenvolvidas pelos agricultores ao longo dos últimos 10.000 a 12.000 anos, foram responsáveis, em grande parte, pela enorme diversidade de plantas cultivadas e de agroecossistemas e, portanto, não se pode tratar a agrobiodiversidade dissociada dos contextos, processos e práticas culturais e socioeconômicas que a determinam e condicionam. Por isso, além da diversidade biológica, genética e ecológica, há autores que agregam um quarto nível de variabilidade: o dos sistemas socioeconômicos e culturais que geram e constroem a diversidade agrícola (SANTILLI, 2009, p. 69).

As sementes incluem o material genético e são a base da agrobiodiversidade, que autoriza em seu conceito, ser essencial a vida e ao equilíbrio dos ecossistemas, importante para segurança e soberania alimentar. E, desta forma, as sementes crioulas fazem parte das configurações abordadas pela agroecologia, são sementes que foram manejadas e passaram pelos melhoramentos tradicionais considerando os saberes e adaptabilidades das condições locais (GLIESSMAN, 2005). A agroecologia tem como premissa a orientação de estratégias para o desenvolvimento rural mais sustentável e

transição para estilos de agricultura também sustentáveis, contribuindo para a vida atual e futuras do planeta que possui recursos naturais limitados (CAPORAL, 2009).

Caporal (2009) destaca a confusão que o termo agroecologia carrega consigo, com interpretações equivocadas e reducionistas, como confundir que a Agroecologia seja um estilo de agricultura ou adoção de práticas ou tecnologias agrícolas mais adequadas ou com um tipo de agricultura que não usa agrotóxicos ou que substitua insumos; ou ainda, a afirmação que a agroecologia não é rentável ou que é um movimento social, conforme abaixo:

Agroecologia, mais do que simplesmente tratar sobre o manejo ecologicamente responsável dos recursos naturais, constitui-se em um campo do conhecimento científico que, partindo de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica, pretende contribuir para que as sociedades possam redirecionar o curso alterado da coevolução social e ecológica, nas suas mais diferentes inter-relações e mútua influência (CAPORAL, 2009, p. 4).

Outras agriculturas menos agressivas ao meio ambiente e que não se baseiem no estilo de agricultura convencional, surgiram tais como: orgânica, biológica, ecológica, biodinâmica, regenerativa, permacultura, entre outras. O saber agroecológico incorpora diversas dimensões sociais e culturais, como também a conservação das sementes locais e crioulas, a segurança e a soberania alimentar, a diversificação das produções de alimentos, o respeito ao meio ambiente e as culturas alimentares locais, a produções e o consumo de alimentos locais, de forma a contribuir para novas formas de agir e pensar.

As sementes crioulas são abordadas pela agroecologia, como elemento constitutivo do manejo da agrobiodiversidade. As sementes crioulas são aquelas que acompanham os agricultores e agricultoras, que foram adaptadas e passaram por processos de melhoramento nas condições ambientais da localidade (GLIESSMAN, 2005), como destacado abaixo:

O debate sobre a construção de um modelo de desenvolvimento rural pautado na sustentabilidade e no respeito aos conhecimentos tradicionais, passa centralmente pela valorização das sementes crioulas, pois estas se constituem como um elemento essencial para uma agricultura resiliente e adaptada a cada realidade, além de nos auxiliar na compreensão da racionalidade camponesa, uma vez que aglutina outros aspectos importantes dos sistemas camponeses de produção (AMORIM, 2016, p.20).

A semente crioula é a denominação dada a semente cultivadas e plantadas localmente (geração após geração), semente que foi guardada e adaptada diante das condições climáticas e ambientais pelos agricultores ou pelos povos que dela se beneficiam (MAICA, 2012; GLIESSMAN, 2002). Segundo a ReSA (2021) as sementes crioulas são:

Variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultoras/es familiares, assentadas/ os da reforma agrária, indígenas e comunidades tradicionais, com características que os/as agricultores/as e comunidades selecionaram por várias gerações, e adaptadas aos seus sistemas de produção. Já a maioria das variedades comerciais têm suas características selecionadas somente para alcançarem altas produtividades, e não para serem resistentes, por isso precisam de ambientes modificados pelo uso excessivo de fertilizantes químicos e agrotóxicos para produzirem. Portanto, o uso das variedades crioulas é compatível com as dimensões sociocultural e ambiental das comunidades, ou seja, respeitam o jeito tradicional de fazer agricultura das comunidades e preservam a cultura, o ser humano, a terra, a água, os animais e a vegetação natural (RESA, 2021).

Para Gliessman (2000), na perspectiva do tempo geológico, a flora e a fauna passaram por constantes modificações (físicas e comportamentais), novas espécies apareceram e outras desapareceram, seja pela seleção naturais ou pela transformação, o ambiente atua sobre os genomas das espécies, modificando-as de geração em geração. O conceito de adaptabilidade das espécies se relaciona com seleção natural e ambiente¹⁸, o que permite resistência para a sobrevivência. O ambiente em mudança e os organismos em adaptação, uma adaptação pode: “capacitar um organismo a usar melhor os recursos; proporcionar proteção contra estresses e pressões ambientais; modificar ambientes locais para benefício do organismo; ou facilitar a reprodução” (GLIESSMAN, 2000, p. 376).

As comunidades tradicionais ou povos originários já praticavam produção de alimentos baseados nos agrossistemas e com aproveitamento de recursos naturais locais, as sementes estavam dentro deste contexto, vinculadas as

¹⁸ “O processo pelo qual as condições ambientais determinam que características conferem vantagem, as quais, conseqüentemente, aumenta, em frequência na população. Se o ambiente no qual uma população vivesse fosse ótima e nunca mudasse, a transformação genética ocorreria, mas não haveria seleção natural para direcioná-la. Contudo, uma vez que a condições ambientais estão sempre mudando e nunca são ótimas por muito tempo, a seleção natural sempre está ocorrendo em algum nível” (GLIESSMAN, 2000, p.378).

condições climáticas e recursos naturais (água, solos, etc.). Ou seja, as sementes crioulas contribuem para a efetivação da agroecologia, por envolver um conjunto de práticas agrícolas e relações sociais diante ao modelo do agronegócio, como um conhecimento válido proveniente do saber popular (CAPORAL, 2009). Elas são reconhecidas pelos agricultores e agricultoras que as cultivam e as armazenam, que segundo Harlan (1971), são conferidas a elas base genética e características próprias que as diferem em relação a adaptabilidade a diferentes solos, período de cultivo entre outros diferenciais ligadas aos seus usos e conservação. Para Gliessman (2005), corrobora na ligação entre agroecologia e conhecimento local, como ciência e prática dos saberes tradicionais, conforme destaque:

A agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura, em parte porque corta pela raiz a distinção entre produção de conhecimento e sua aplicação. Valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade (GLIESSMAN, 2005, p.54).

Essas adaptabilidades socioculturais são ligadas ao saber popular tradicional, de seleção, de guarda e de difundir sementes através das trocas ou vendas das sementes, assim, pode-se afirmar que, a agroecologia se apresenta também ligada a esses saberes e de relações e interações com os recursos naturais e integração como o manejo (ALTIERI, 2004). As sementes fazem parte dos sistemas agroecológicos de produção, tanto por serem bens culturais que integram o patrimônio dos povos que delas utilizam, como também para produção de alimentos.

2.3. Construção de sistemas de produção agroecológicos

Um agroecossistema é formado pelas modificações realizadas pelos seres humanos em um ecossistema natural, desta interferência humana, os controles artificiais são considerados em substituição ou em razão dos controles

naturais por um dado grupo ligado a um determinado sistema de produção ou unidade de produção (AQUINO, ASSIS, 2005).

Desta ação humana no ecossistema natural, que podem representar menor ou maior grau de artificialização, podem ocasionar na redução da biodiversidade e a diminuição da capacidade de auto-regulação por controles artificiais, levando a perdas das capacidades naturais de estímulos ambientais: o fluxo de energia em um ecossistema natural tem como fonte o sol, os agroecossistemas podem utilizar outros tipos, tais como tração animal ou combustíveis fósseis; a entrada de nutrientes pode ser intensificada pela adição de fertilizantes orgânicos ou naturais e pela exploração de nutrientes colhidos dos produtos gerados e, a diversidade em detrimento a pequenas quantidades de espécies cultivadas (AQUINO, ASSIS, 2005).

Os agroecossistemas modernos ou tecnificados acabam por depender de insumos produzidos e comercializados (pouca dependência do ecossistema original), que geralmente são baseados em recursos não renováveis e com alto grau de gasto de energia. Como localizam Aquino e Assis (2005), essas ações causam problemas e degradação do solo e redução da matéria orgânica e de retenção de água. Esse sistema de cultivo, geralmente ligado aos monocultivos, voltados para produção de maior escala, afastam e desconsideram os conhecimentos provenientes do saber agrícola que consideram as condições ambientais locais, ficando dependentes dos fertilizantes sintéticos e do controle químico de pragas e doenças.

Os agroecossistemas tradicionais procuram não depender de insumos comerciais, se adaptam as condições locais e “usam recursos renováveis e disponíveis no local dão importância à reciclagem de nutrientes”, a produção procura atender as necessidades locais, “dependem da diversidade genética, dos conhecimentos e da cultura locais e por isso a preservam” (AQUINO, ASSIS, 2005, p. 65). Sendo assim, pensando em um modelo de agricultura agroecológico, quanto mais um agroecossistema se parecer com um ecossistema natural, mais sustentável será, conforme destaque abaixo:

Ao construir um novo sistema de produção, devemos nos basear num princípio geral: quanto mais um agroecossistema se parecer com o ecossistema da região biogeográfica em que se encontra, em relação à sua estrutura e função, maior será a probabilidade desse agroecossistema ser sustentável (AQUINO, ASSIS, 2005, p.65-66).

Aquino e Assis (2005, p. 67-68) afirmam, que para a construção de um sistema de produção agroecológico é preciso se basear em alguns princípios: reduzir a dependência de insumos comerciais; utilizar recursos renováveis e disponíveis no local; enfatizar a reciclagem de nutrientes; introduzir espécies que criem diversidade funcional no sistema, desenhar sistemas que sejam adaptados às condições locais e aproveitem ao máximo os microambientes; manter a diversidade, a continuidade espacial e temporal da produção; otimizar os rendimentos, sem ultrapassar a capacidade produtiva do ecossistema natural; resgatar a diversidade genética local; e, resgatar e conservar os conhecimentos locais e culturais locais. Dentre os citados por Aquino e Assis (2005, p. 67), chamo a atenção para os dois últimos itens, resgatar e conservar a diversidade genética local e resgatar e conservar os conhecimentos e a cultura local, as sementes podem se situar especialmente neste destaque.

Sob a ótica da transição agroecológica, todo processo pressupõe uma mudança de paradigma e aplicação de conceitos e princípios de manejo de agroecossistemas sustentáveis, demanda uma movimentação educacional e de mudança de postura cultural e filosófica (GLISSMAN, 2002), requer “um novo paradigma de geração e difusão do conhecimento e de elaboração de políticas públicas, com maior participação dos agricultores e valorização do conhecimento tradicional e da diversidade ambiental, cultural e biológica” (IPEA, 2017). Para induzir a transição agroecológica e fomentar a produção orgânica de base agroecológica, em 2012, foi instituída a Política Nacional de Agroecologia de Produção Orgânica¹⁹ (Pnapo) para articular ações e programas para produção sustentável de alimentos com valorização do conhecimento dos povos e comunidades no âmbito federal (IPEA, 2017). Foram elaborados também publicações e informativos técnicos a fim de disponibilizar conhecimentos sobre agricultura orgânica, destacando, por exemplo, a *Coleção Transição Agroecológica* pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), *Guia alimentar para a população brasileira, Alimentos Regionais Brasileiros, Caderno boas práticas de Ater; Caderno Pronaf Agroecologia e Mulheres e*

¹⁹ “Quase uma década após a promulgação da Lei no 10.831 de 2003, que dispôs sobre a agricultura orgânica, o Brasil instituiu uma política mais ampla, visando à promoção dos sistemas de produção abarcados por essa lei e oficializando assim o fomento à transição agroecológica e à produção orgânica e de base ecológica como uma estratégia voltada ao desenvolvimento rural sustentável (IPEA, 2017, p.15-16).

agroecologia – Coletânea sobre estudos rurais e gênero, entre outros (IPEA, 2017).

De modo que, para a transição agroecológica o acesso a sementes crioulas, orgânicas e agroecológicas é uma condição. A Pnapo foi um passo importante para o reconhecimento das sementes e dos “atores sociais que há décadas constroem a agroecologia como prática, como ciência bandeira política” (IPEA, 2017, p. 328), destaca-se:

Conforme o diagnóstico apresentado no texto do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo I), as sementes crioulas e variedades locais são aquelas produzidas e conservadas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária e povos e comunidades tradicionais, destacando-se o trabalho das mulheres nesse processo. “A importância da conservação da agrobiodiversidade *in situ/on farm* foi reconhecida pela Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) por meio do Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para Alimentação e Agricultura (TIRFAA)” (Brasil, 2013, p. 32-33). As variedades melhoradas, por sua vez, são no geral desenvolvidas por entidades governamentais e, sendo de polinização aberta, são feitas para livre uso por agricultores (as) e produtores(as). Verifica-se grande acúmulo de material genético de sementes e mudas por parte das instituições públicas de pesquisa com possibilidade de disponibilização aos agricultores. As sementes orgânicas são aquelas que se enquadram no marco regulatório da produção orgânica no Brasil (Lei no 10.831/2013 e normas afins), podendo ser sementes crioulas, variedades melhoradas ou sementes comerciais adaptadas ao plantio orgânico. (IPEA, 2017, p. 328-329).

Destaca-se também, o papel e a capacidade de gestão das comunidades e dos produtores e produtoras no processo de preservação e dos usos das sementes crioulas, tanto na estocagem como no movimento de substituição de variedades, nos melhoramentos, multiplicação e intercâmbio de sementes. Além disto, o “estigma de que essas eram sementes antigas e ultrapassadas, muitos mantiveram esses materiais de forma quase que escondida” (IPEA, 2017, p. 328), o papel das trocas de sementes, das festas e celebrações, como espaços de intercâmbio dos recursos genéticos e dos conhecimentos populares locais para além da qualificação de simples insumos produtivos. As redes e as organizações sociais ampliam as experiências locais, as identidades, as resistências, os cuidados e a autonomia camponesa e dos guardiões e guardiãs de sementes.

2.3.1. Conservação de Sementes *in situ* e *ex situ*

Como esforço para se manter a diversidade, muitas são as estratégias de conservação biológica de sementes. Boef *at al.* (2007) apresenta dois tipos: a conservação genética *in situ* e a *ex situ*. A conservação genética *ex situ* é a conservação de componentes da diversidade biológica fora do seu habitat natural, que segundo os autores, tem como objetivo conservar para disponibilidade de gerações futuras. Os bancos genéticos que as sementes são armazenadas possuem controle de temperatura e de umidade, dados de passaporte com especificações informacionais e com acesso limitado, envolvendo direito de propriedade. A conservação *in situ*, é uma conservação considerando o ecossistema e habitat natural, mantendo populações de espécies nos seus próprios ambientes e pelos próprios agricultores locais, onde a genética se originou.

A conservação *ex situ* podem apresentar vulnerabilidades quanto aos financiamentos das fontes provedoras, como também, ficam expostos a acontecimentos políticos ou desinteresses. Outro ponto, nem sempre os dados do passaporte constam informações de conhecimento dos agricultores quanto aquele material genético, aqueles saberes vinculados do saber-fazer que são passados de geração em geração. Para Boef *at al.* (2007) ao congelarem os genes, congelam a possibilidade de adaptabilidade futuras as condições climáticas e ambientais locais. Neste sentido, o papel dos agricultores e agricultoras na conservação *in situ* é fundamental na conservação do ecossistema e mantida dentro do ambiente de produção específico dela, possibilitando adaptabilidades. Segundo Boef *at al.* (2007, p. 49-50), as estratégias que combinam *in situ* e *ex situ* promovem e beneficiam a conservação de sementes, a integração permite que “as sementes de variedades desenvolvidas pelos agricultores fornecem, continuamente, oportunidades para adaptação e seleção de cultivos”.

Pensando em casas de sementes, elas se apresentam como estratégias para difundir, preservar, socializar e mobilizar para aqueles que lutam pela terra, pela vida e pelos direitos dos agricultores e agricultoras. Em apoio as sementes crioulas, muitas ações realizadas por protetores (as) de sementes ou famílias guardiãs envolvem Banco de Sementes. O Banco de Sementes não se trata

unicamente a criação por pessoas ativistas que querem garantir a sua perpetuação, mas também pode ser criado por políticas públicas ou por lei estadual. De forma a garantir a coleta para o armazenamento, o cuidado e a distribuição de sementes crioulas, ela pode ser uma forma de auxiliar momentos de estiagem ou períodos de enfretamentos outros. Exemplo, de um banco de sementes é o localizado em Mandirituba/PR que foi criado por lei municipal e conta com um orçamento anual.

As casas de sementes contribuem para a agrobiodiversidade contra a erosão genética e também para o melhoramento participativo das famílias, comunidade e agricultores e agricultoras vinculadas as casas. As iniciativas deste gênero, valorizam a memória, a ancestralidade e os conhecimentos que são passados de uma geração para outra e fortalece a produção de alimentos sem insumos ou transgênicos. As sementes crioulas são importantes para a preservação das agrobiodiversidade, ao mesmo tempo que, permitem resistência e tolerância a variações climáticas (LIMA, 2020). Geralmente, as sementes que são estocadas além de ajudarem a proporcionar autonomia dos (as) agricultores (as), são também fonte de renda e garantia da soberania alimentar, não dependem constantes das sementes e insumos do pacote tecnológico, dispendo assim, de seu material de sementeira.

A administração das casas de sementes é realizada geralmente por comunidades agrícolas que são consideradas guardiãs deste material genético, com o papel de “cultivo, conservação e seleção de diversas espécies, trabalhando de maneira equilibrada com o meio ambiente e com toda a comunidade rural” (LIMA, 2020, p. 3). Os bancos comunitários de sementes como são chamadas também as casas de sementes, são geridos por esses guardiões ou guardiãs de sementes para serem futuramente distribuídas, trocadas ou vendidas aos interessados da região.

A Comissão Pastoral da Terra (2021) em atividade relacionadas a Casas de Sementes e as sementes crioulas, enumera três tipos de estratégia para a conservação, multiplicação e melhoramento genético, considerando a partilha e a troca genética realizada pelas feiras de sementes e projetos para a conservação e segurança dos bancos de germoplasma (estacionadas geneticamente) e protegidas de contaminação, são eles: banco familiar (pequena variedade que famílias guardiãs detém em sua própria comunidade e

para uma produção da próxima safra); casas de sementes (espaço comunitário com estrutura de conservação de espécies dentro da propriedade de famílias para atender a comunidade local ou coletivos regionais) e, banco comunitário de sementes (local para armazenamento de cópias com segurança de diversas variedades com garantia de pureza das sementes e espécies de hortaliças, frutas e flores, para garantia contra contaminação ou perda de sementes, atendem comunidades locais ou regionais).

Lima (2020), apresenta a importância da representação dos povos e das pessoas que participam do armazenamento e acesso coletivo das sementes (comunidades tradicionais, agricultores familiares e povos indígenas): preservação da agrobiodiversidade, adaptação as condições de cultivo, diversificação dos sistemas agrícolas, autonomia aos agricultores, fortalecimento de práticas coletivas, soberania alimentar, identidade cultural (produtiva e alimentar) e redução dos custos de produção.

Além do Banco de Sementes, são comuns as Festas e Feiras de Sementes Crioulas serem espaços para a valorização e preservação das sementes. Elas são espaços festivos e de reunião de produtores (as), apoiadores e coletivos que tem como objetivo, além de proporcionar a diversidade alimentar, alimentos de qualidade, mas também garantir os ritos que envolvem as sementes. São muitos os ritos e comidas que são preparadas por povos originários e tradicionais. As festas são iniciativas importantes para o fortalecimento dos laços e redes. Alguns exemplos: Feiras organizadas pelo Coletivo Triunfo no centro-sul do estado norte do Santa Catarina, que mais tarde realizou juntamente com outras entidades a Primeira Feira Municipal de Sementes Crioulas realizada no ano de 1999, em União da Vitória no Paraná.

Soma-se aos pontos mencionados, a preservação da memória e dos saberes e fazeres que fazem parte da vida das pessoas que preservam e cuidam das sementes crioulas, para além dos conceitos de qualidade da semente (atributos genéticos e fisiológicos), que contribuem para a autonomia e gestão dos povos e comunidades. As sementes ancestrais e sementes nativas estabelecem uma conexão entre os saberes que são perpassados de geração em geração, pela oralidade e a sabedoria acumuladas ao longo dos anos. Preservam a identidade cultural de um povo ou de uma comunidade, um saber-fazer que fortalece os laços de pertencimento, de conexão com a terra, com os

ciclos naturais de manejo de como plantar, o que plantar e quando plantar. Assim, ao guardar e preservar as sementes ao longo do tempo, dentro das próprias comunidades ou famílias, pela transmissão oral de conhecimento, estabelecem também, relações de identidade construída com símbolo dos costumes ancestrais, de místicas e de entendimentos que acompanham a história alimentar dos povos pelas sementes crioulas, ancestrais e nativas.

3. NAVEGANDO PELAS ABORDAGENS EM ESTUDOS DE FEIRAS DE SEMENTES ATRAVÉS DE ALGUMAS BASES DE DADOS CIENTÍFICAS: IDENTIFICANDO PONTOS DE DISCUSSÃO SOBRE TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA.

No âmbito dos espaços que ocorrem as Feiras de Sementes, o debate sobre sementes crioulas, conservação e multiplicação de sementes, agroecologia e agrobiodiversidade criam processos de construção coletiva de conhecimentos e saberes que reforçam um caminho sustentável e coerente para uma agricultura menos evasiva e mais fortalecedora de novas práticas agroecológicas (práxis e transformações). Um cenário de valorização da soberania e segurança alimentar, para uma agricultura contra hegemônica, as Feiras de Sementes formam uma estrutura construída por pessoas, por guardiões e guardiãs de sementes, simpatizantes, entidades e organizações, por múltiplas presenças – partes que se conectam, componentes que se juntam e formam um território, um ambiente de alcance transformador, que ao mesmo tempo é fluído e cambiante, por perpassar em diversos espaços, lugares e municípios.

No contexto da agroecologia, que enfatiza a diversidade e sustentabilidade nos sistemas alimentares, as sementes desempenham um papel fundamental no fortalecimento da agricultura com soberania e segurança alimentar. São elas, segundo Pessôal, Brandenburg e Pivato (2022), que emergem como essenciais para um novo paradigma agroecológico. As Feiras que envolvem sementes e agroecologia reúnem sujeitos sociais, saberes e conhecimentos, manifestam-se como espaço de resistência frente as persistências do modo de produção convencional, buscando a independência das sementes comerciais; carregando consigo, conforme Pessôal *et al* (2002), identidades e expressões camponesas e cuidados com a natureza. São espaços heterogêneos em que ocorrem trocas e vendas de sementes crioulas, oficinas, palestras, intercâmbio de experiências, venda de alimentos, arte de populações rurais, ribeirinhas, faxinais, indígenas e quilombolas.

Conforme Saquet (2018), a partir da relação natureza-sociedade, manifesta-se um universo de complexidades de heterogeneidades nos/dos territórios, “num amplo movimento de desterritorialização e reterritorialização: na

desterritorialização”, pois, nos territórios os sujeitos exercem papel fundamental dentro do lugar e na ativação de territorialidades “voltadas para a cooperação, a solidariedade, a luta e a resistência política diante das forças hegemônicas do capital e do Estado burguês” (2018, p.479). Para Saquet (2019), no território existem relações de poder, constituições históricas e relacionais, movimentos de TDR (territorialização, desterritorialização e reterritorialização). E, neste conjunto de territorialidades, os indivíduos podem, inclusive por sua coletividade, influenciar relações em um território ou área delimitada. Para Saquet (2009), o território é um ambiente produzido pelos e a partir dos atores e sujeitos, do agir dos seres humanos no espaço “construção coletiva e multidimensional”. Ou seja, as práxis dos sujeitos são possibilidades mobilizadoras de ações, luta e resistência nas suas diversas relações no território, sendo elas materiais e imateriais nas suas diversas complexidades. A territorialidade se dá pelo agir, conexões e redes tempo/espaço (indivíduos que interagem entre si no/pelo território)

Buscou-se realizar uma pesquisa qualitativa e navegar pelas abordagens em estudos de Feira de Sementes através de algumas bases de dados científicas, identificando os pontos de discussão sobre território e resistência, com a intenção de não se prender aos arcabouços coloniais.

Além dessa introdução, o capítulo está dividido em quatro partes. Na metodologia, foi delimitado as estratégias de investigação, enfatizando a escolha das palavras-chaves, período e bases de dados para coleta das informações e mapeamento relacionado com o tema e a pergunta de pesquisa. Em seguida, a apresentação dos primeiros resultados das buscas nas bases de dados e a caracterização e métodos de pesquisa dos artigos selecionados por base de dados. E, por fim as considerações preliminares e referências bibliográficas.

3.1. Métodos utilizados de busca nas bases de dados

Conforme Minayo (2009), toda a investigação se inicia com a formulação de uma pergunta e na busca de informações sobre o tema tratado. Quando em uma pesquisa exploratória em banco de dados acadêmicos, a recuperação da informação está relacionada com as definições dos buscadores. Desta forma, a recuperação consiste justamente na identificação, dentre um universo de

possibilidades, quais seriam as informações que atenderiam as necessidades de buscas, uma vez que as combinações são inúmeras (por preconizar uma resposta que se diferencia a cada apontamento de descritores de busca). As estratégias de busca compreendem na combinação de comandos e conceitos de forma a permitir a localização de informações relevantes (exclusão de informações irrelevantes), regras para tornar “possível o encontro entre uma pergunta formulada e a informação armazenada em uma base de dados” (LOPES, 2002, p. 61). A eficiência está em descrever seu problema de pesquisa, de maneira que restrinja a um conjunto de respostas pertinentes à questão estudada.

Neste caso, entre os modelos de recuperação da informação conhecidos na literatura, consideramos o modelo *booleano*, no qual os documentos recuperados satisfazem a uma expressão lógica de consulta (CARDOSO, 2004), construídos por operadores AND, OR e NOT (E, OU e NÃO, respectivamente). O AND com a função de recuperar as referências que contemplam ambos os termos pesquisados; o OR, recupera as referências de quaisquer um dos termos separados ou ambos e, o NOT, recupera as referências com o primeiro termo excluindo o segundo termo (CARDOSO, 2004).

Ferneda (2003), chama atenção para o fato que, apesar da facilidade de se utilizar buscas simples, o seu refinamento já exigiria conhecimentos mais aprofundados da lógica *booleana*, por relacionar expressões de busca a conhecimentos mais específicos. Outro ponto, é a não hierarquia de relevância na apresentação de resultados, podendo apresentar resultados numerosos, precisando assim, da capacidade do conhecimento do pesquisador (a) de forma a restringir o volume de resultados. Assim, Ferneda (2003) enfatiza, que não existe a possibilidade de atribuição de importância dos documentos recuperados (maior ou menor peso) ou se atendem ou não à expressão anteriormente formulada antes da busca. A relevância está vinculada justamente com a contribuição dos dados recuperados com os que contribuem para a satisfação da pesquisa²⁰.

²⁰ Outras discussões derivam deste tema, a precisão e a revocação, como formas de medir e avaliar a recuperação das informações nas bases de dados baseadas nos resultados obtidos em uma busca (FUGITA, 2009).

Assim, a estratégia de pesquisa adotada foi de procurar definir as palavras-chaves (descritores) para buscas nas bases. Contudo, partindo do descritor “feira de sementes”, percebeu-se que considerando as variações de idioma e possibilidades de escrita, várias formas se apresentavam como resultados possíveis. Montou-se o quadro abaixo para melhor visualizar as possibilidades de busca/resultados de pesquisa. Essa atividade foi realizada considerando também, outras palavras-chaves: “território”, “resistência” e “semente crioula”.

Tabela 1 - Palavras-chaves e suas variações de idioma e escrita

Palavras-Chaves	Variações de idioma e de escrita
Feira de Sementes	“Feria de semillas”; “Seed fair”; “exchange fair of seeds” Se a busca considerasse Feira de Sementes Criola, teriam ainda: “Feria de semillas criollas”, “Creole seed fair”, “Creole Seed Exchange Fair”, “Fair of seed creole”.
Semente Crioula	“Semillas Criollas”, “Native Seed”, “Heirloom Seed”
Território	“Territor**” - Por englobar as variações de escrita e de idioma: Territor–io; Territor–ialização; Re-Territor–ialização; Des-Territor–ialização; Des-Territor–ializando; Territor-y
Resistência	Resist* (Por englobar as variações de escrita e de idioma: Resist–ência; Resist-ence)

Fonte: A Autora (2023).

De fato, para a tratativa e percebendo a complexidade de termos de busca e suas variações²¹, optou-se por realizar a pesquisa exploratória usando apenas o descritor “feira de semente”, em todos os campos que permitiam essa seleção nas bases de dados. Além disto, quando possível o aprofundamento, considerando os idiomas, utilizou-se “feira de semente” OR “feria de semilla” OR “seed fair” OR “fair seed” OR “fair of seed”. Buscou-se um levantamento nas bases de dados da Redalyc (Red de Revistas Científicas de América Latina y el

²¹ Quando realizada a busca com os descritores acima e considerando suas variações nas bases de dados a quantidade recuperada não era relevante para desenvolver um trabalho tal como se propunha este artigo, desta forma, optou-se por usar apenas o descritor “feira de semente” e suas variações de idioma.

Caribe, España y Portugal), e, em seguida, no banco de dados de acesso CAFE²² dos Periódicos Capes (Web of Science e Scopus) e no Google Acadêmico.

Todos os resultados de pesquisa foram realizados no dia 31/05/2023 e 20/06/2023. Os critérios de inclusão e seleção de documentos contemplaram recorte temporal de 10 anos (2013-2023), de publicações acadêmicas (dissertação, tese, artigo de periódico, capítulo de livro, etc.), aceitando-se resultados em espanhol, português ou inglês. Nesta busca, foram selecionados os documentos (não as referências e citações) e armazenados e organizados em pastas: documentos levantados; documentos excluídos (não considerados na revisão sistemáticas por não ter relação com o tema); documentos inclusos (considerados como relevante ao tema). Além disto, foi criada uma planilha com os seguintes campos para melhor visualização: ano, autores (as), título, método de pesquisa, objeto da pesquisa e relação com tema desta pesquisa. E, em seguida, foram descritos o que cada artigo abordou por base de dados, com o objetivo de verificar como os temas território e resistência aparecem em cada um deles.

3.2. Primeiros resultados das buscas nas bases de dados

Após a definição dos métodos deste levantamento, os resultados foram tabulados para melhor visualização, conforme Quadro 2.

Tabela 2 - Base de dados e palavras-chaves

Redaly - Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal		
Palavras-chaves		
Feira de Semente	Feria de Semilla	"seed fair" OR "fair seed" OR "fair of seed"
5 resultados de 2013 a 2023, nos idiomas Português (4) e Español (1). Nas áreas: Estudios	18 resultados de 2013 a 2023, nos idiomas espanhol (17) e inglês (1).	0 resultados considerando o

²² Acesso a Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) trata-se de um serviço com acesso mediante identificação de usuário ligada a instituições de ensino e pesquisa brasileiras, vinculadas pela integração e disponibilização de suas bases de dados.

Territoriales (2), Economía y Finanzas (1), Agrociencias (1), Historia (1). Nos países: Brasil (3), República Bolivariana de Venezuela (2) (três com relação com o tema)	Nas áreas: Agrociencias (5), Multidisciplinarias (Ciencias Sociales) (4), Antropología (4), Estudios Agrarios (3), Sociología (2). Nos países: México (6), Colombia (6), Argentina (5), Brasil (1). (seis com relação com o tema)	recorte temporal de 10 anos ²³ .	
CAPES – Periódicos da Capes			
Bases de dados	Palavras-chaves		
	Feira de Semente	Feria de Semilla	"seed fair" OR "fair seed" OR "fair of seed"
Web of Science	1 Área: Ecologia (1) País: Zimbabwe (1) (Sem relação com o tema)	3 País: México (1), Zimbabwe (1) e Argentina (1)	08 resultados Área: Historia (1), Multidisciplinaridade (1), literatura (1), Ciências Vegetais (3), Agronomia (1) e Biodiversidade e conservação (1) País: EUA (2), Canada (2), Bangladesh (2), Egipto (1), Australia (1) (nenhum com relação com o tema)
Scopus	0	0	19 resultados Área: Agricultural and Biological sciences(3), Social Sciences(3), Environmental science(7), Earth and Planetary Science(4), Computer Science(2), Países: Canada(4), China (3), Kenya(4), India (3), South Africa (5). Todos sem relação com o tema.

Fonte: A Autora (2023).

Além desses resultados, optou-se também por realizar uma busca no Google Acadêmico com os descritores definidos, que em um primeiro momento, apresentou para “feira de semente”, trezentos e cinco artigos (305); para “feria de semilla”, apresentou cento e vinte e cinco artigos e em seguida para "seed fair" OR "fair seed" OR "fair of seed", apareceram quarenta e um mil e novecentos artigos (40.900). Fazendo esta mesma busca, considerando além do marco temporal, apenas os artigos revisados por pares, assim, foram localizados cinco, dois e treze resultados respectivamente, conforme o Quadro 3.

²³ Retirando o recorte temporal de 10 anos, apareceram cinco resultados, sendo dois repetidos.

Tabela 3 - Google Acadêmico e palavras-chaves

Google Acadêmico – artigos de revisão		
Palavras-chaves		
Feira de Semente	Feria de Semilla	"seed fair" OR "fair seed" OR "fair of seed"
5	2	13 resultados

Fonte: A Autora (2023).

Depois de uma leitura crítica dos todos os textos selecionados, para análise dos resultados finais deste levantamento, foram escolhidos 14 artigos. Ou seja, considerando os critérios de inclusão dos artigos que trazem aproximação com a temática, como síntese dos resultados analisados, de um total de 74 artigos examinados, 60 não tinham relação com o tema (Quadro 4).

Tabela 4 - Quadro resumo das Bases de Dados Acadêmicas

Base de Dados	Documentos levantados	Documentos excluídos	Documentos Inclusos
Redalyc	23	14	9
Web of Science	12	10	2
Scopus	19	19	0
Google Acadêmico	20	17	3
TOTAL	74	60	14

Fonte: A Autora (2023)

3.3. Discussões: caracterização e os métodos de pesquisas dos artigos selecionados por base de dados científicos

Partindo da problemática, entende-se que a pergunta desta pesquisa se entrelaça com os alicerces no qual a agroecologia se baseia. Segundo Calle *et al.* (2012), a agroecologia se apresenta como possibilidade participativa e coletiva de proposta contrária ao modelo globalizado agroalimentar, como resistência, ação e reflexão ecológica, socioeconômica e sociopolítica. Envolve também uma abordagem ecológica, pela gestão sustentável dos recursos de forma menos artificializada; uma abordagem socioeconômica por envolver gestão participativa, autonomia e solidária de saberes e usos de recursos naturais e, a sociopolítica, por fazer oposição à lógica de mercado.

Calle *et al.* (2012, p. 464), ressalta também que “a resistência agroalimentar pertencerá à categoria de respostas coletivas e críticas que estão sendo dadas” frente aos modelos convencionais de agricultura. As resistências que se colocam, além da produção de alimentos agroecológicos, a convivialidade, a reciprocidade, os saberes e os fazeres populares e ancestrais, memória oral, intercâmbios e trocas fazem parte deste contexto. O papel dos agricultores e agricultoras nas práticas baseadas nos saberes e nos conhecimentos locais e tradicionais perpassam na valorização das sementes crioulas e nos processos produtivos relacionados às sementes. A semente crioula é a denominação dada a semente cultivadas e plantadas localmente (geração após geração), semente que foi guardada e adaptada diante das condições climáticas e ambientais pelos agricultores ou pelos povos que dela se beneficiam (MAICA, 2012; GLIESSMAN, 2002).

Abaixo no Quadro 5, é possível verificar a sistematização dos resultados obtidos nas buscas nas bases de dados que tiveram relevância ao tema proposto. E, em seguida, serão descritos o que cada artigo aborda por base de dados, com o objetivo de verificar como os temas território e resistência aparecem em cada um deles.

Tabela 5 - Quadro resumo dos resultados obtidos

Base de Dados e Descritor	Ano de Publicação	Revista	Autores (as)	Título	Método de Pesquisa	País que ocorreu a pesquisa
REDALYC “Feira de Sementes”	2019	Redes. Revista do Desenvolvimento Regional, vol.24, n.3, 2019, p.295-312	José Carlos Gomes dos Anjos; Cristiane Tavares Feijó, Irajá Ferreira Antunes Anjos <i>et al.</i> (2019)	A biopolítica e seus instrumentos de regulamentação: instituições regionais e suas estratégias de planejamento científico-político	Análise de informações empíricas sob a ótica teórico-metodologia de autores cuja abordagem investigativa esta pautada nas relações de poder e conhecimento.	Brasil

REDALYC	2020	Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. Vol. 28, 2020. Museu Paulista, Univesidade de São Paulo	Joseane Paiva Macedo Brandão Brandão (2020)	Quilombos, política federal de patrimônio e reparação	A partir do aporte teórico de Saillant que trabalha com a perspectiva de que pedidos de reparação são solicitações de reconhecimento, a autora analisa e debate as reparações concedias pelo Estado, políticas públicas de reconhecimento, de patrimônio cumpriram a importante tarefa de incorporar a dimensão cultural e jurídica política de reconhecimento.	Brasil
REDALYC	2014	Rede de Revistas Cientificas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal. Agroalimentaria , vol.20, número 38, jan-jun, 2014, p 71-86	Valdete Boni Valdete (2014)	Movimento de mulheres camponesas, campesinato e soberania alimentar	Este estudo descritivo das fontes citadas e exploratório que faz parte de um estudo mais amplo desenvolvido durante o doutorado em sociologia política na UFSC - tema movimento de mulheres camponesas. Foram utilizadas entrevistas com mulheres que fazem parte do MMC.	Brasil
REDALYC	2020	Sociedade y Ambiente, n22	Veronica Soledad Estrada Aguay; David Suarez-Duque Aguayo <i>et al.</i> (2020)	Factores sociambientales que favorecen lá concervaión in situ de tubérculos alto andinos nativos en los cantones de Colta y Guamote ee Chimbarazo, Ecuador	Estudo se realizou em Chimborazo, em 2017. A situação socioeconômica de Chimborazo teve pressões da colonização e da privatização e uma reforma agrária fragmentada em grande quantidade de minifúndios. Dados que levam ao uso intensivo de recursos anuais e	Equador

					consequentemente a perda diversidade genética do local. De 117 produtores apenas 36 aceitaram colaborar do projeto. A língua materna é o kichwa, os produtores locais apoiaram para que a pesquisa acontecesse.	
REDALYC "Feria de Semillas"	2019	Intersticios Sociales, número 17, 2019, 175-202	Rocio Garcia Bustamante; Maria Amalia Gracia Bustamante et al. (2019)	Nodos, actores y discursos en lá generación de alternativas alimentarias locales em Quintana Roo y, México, Yucatán 2000-2016	Metodologia exploratória e qualitativa de forma a identificar e caracterizar duas iniciativas de Quintana Roo e Yucatan, reconhecendo seus atores, discursos e processos, ressaltando o intercâmbio materiais (alimentos e sementes) e simbólicos (discursos e conhecimentos). Foram 25 entrevistas e um grupo focal de fevereiro a setembro de 2016.	México
REDALYC "Feria de Semillas"	2016	Tropical and Subtropical Agroecosystems, v.19, n1, 2016, p51-59	Luis A. Dzib-Aguilar; Rafael Ortega-Paczaka; Jose C Segura-Correa Dzib-Aguilar et al. (2016)	Conservación in situ y mejoramiento participativo de maíces criollos em lá peninsula de Yucatán	Foram realizadas explorações etnobotânicas de um determinado período, sobre a diversidade de milho nas áreas de Campeche, Quintana Roo y Yucatán. Além disto, ressaltam as Ferias de Sementes na Península de Yucatán, realizadas entre 1999 e 2010.	México
REDALYC	2021	Mundo Agrário, volume 22 número 50	Jorge Daniel Ivars; Oscar Alberto	Resistencias sociales y ecosstémicas:	Estudo de caso, interpretativo de a investigação, com	Argentina

"Feria de Semillas"			Carballo Hiramatsu; Juann Pablo Fili Ivars et al. (2021)	trayectorias agroecológicas en lá horticultura de Mendoza, Argentina.	entrevistas em profundidade. Foram 50 entrevistas com produtores hoticultura. Dois momentos diferentes: buscar a transformação social ocorridas nos últimas décadas na horticultura de Mendoza. E um segundo momento, o objeto seria indagar os saberes e práticas com eficácia para a transição agroecológica.	
REDALYC "Feria de Semillas"	2018	Revista Colombiana de Sociologia, volume 41, número 2 p 21-40	Daina Perez; Julieta Seplovich, Natalia Gusma, Violeta Vidal Perez et al. (2018)	Construcción de alternativas alimentarias en cuatro provincia de Argentina	Trata-se de uma revisão bibliográfica e a observação participante nos distintos projetos de investigação e militância.	Argentina
REDALYC "Feria de Semillas"	2019	Revista Colombiana de Antrologia, volume 55, número 2, p 39-63	Nathalia Hernandez Vital; Laura Gutierrez Escobar Hernandez Vital et al. (2019)	Resistências epistêmico-políticas frente à lá privatización de las semillas y los saberes colectivos	Pesquisa de conhecimento Etnografico tendo com tema central as sementes. Este artigo faz parte dos estudos de uma doutora que fez pesquisa sobre os conflitos sobre as sementes na Colombia, na perspectiva da ecologia e da ontologia política. E a outra autora, escreve sua dissertação sobre processos de resistências a agrotecnologia e dos regimes de propriedade intelectual levado a cabo	Colombia

					pela Red de Semillas Libres da Colombia.	
Web of Science "Feria de Semillas"	2015	Revista Fac. Agron. La Plata (2015), volume 114, Agricultura Familiar, Agroecologia y Territorio: p.122-128	Javier Cababié; Margarita Bonicatto; Estevan Abbona Javier et al. (2015)	Semillas y saberes de los agricultores familiares. Cuál es el rol de las ferias de intercambio en su reproducción y conservación?	Foram realizadas entrevistas durante a realização da I Feria Nacional y IV Feria Provincial de Semillas Nativas Y Criollas "Sembrando Esperanza", que se realizou nos dias 17 e 18 de setembro de 2010, no Parque Pereyra Iraida, Provincia de Buenos Aires. Foram realizadas entrevistas com abordagem em 5 campos temáticos: saberes, destino das sementes, conservação, intercâmbio, soberania alimentar.	Argentina
Web of Science "Feria de Semillas"	2015	Alternautas (Re)Searching Developmente: The Abya Yala Chapter. P. 10-20 Dez. 2015	Genner Llanes Ortiz Ortiz (2015)	Seeds of Maya Development: The "Fiestas y Férias de Semillas" Movement in Yucatan	Trata-se de um artigo que descreve as festas e feiras de sementes destacando a sua importância e resistência indígena, como também estratégia para construção de alternativas de desenvolvimento.	México
Google Acadêmico "Feira de Sementes"	2022	Research, Society and Development, v.11 n 7.	Joao Vinicius Nogueira Barros; Monalisa alves diniz da Silva; Agda Rainy Mota dos Santos Barros et al. (2022)	Bancos De Sementes Comunitárias: Uma Ferramenta De Valorização Do Patrimônio Vegetal - Uma Revisão	Uma revisão de literatura avaliando as publicações na forma de artigos científicos, resumos e dissertações, com o tema Banco de Sementes Comunitários às condições de semiárido.	Brasil

					Foram as seguintes bases: Google Scholar, Periódicos Capes, Scielo e Web of Science). Depois coleta, leitura dos artigos, verificação da relevância entre 2011 a 2021.	
Google Acadêmico "Feria de Semillas"	2020	Revista de Geografia Agrícola. Número 66, P. 199-2016	Laura Escarraga Torres; Jesus Axayacatl Cuevas; Julio Baca Del Moral; Teodoro Gómez Torres et al. (2020)	Contrast Between The Formal And Informal Seed System In Mexico: A Critical Review	Trata-se de uma revisão e análise documental com o software Atlas.ti, considerando: marcos jurídicos, autores, ações e estratégias dos dois sistemas (formal e informal).	México
Google Acadêmico "seed fair" OR "fair seed" OR "fair of seed"	2023	Alliance Biodiversitu & CIAT, CGSpaceA Repository of Agricultural Research Outputs https://cgspace.cgiar.org/handle/10568/128580	Vernooy, R.; Adokorach, J.; Kimani, D.; Marwa, A.; Mayoyo, A.; Nyadanu, D. Vernooy et al. (2023)	On The Margins: A Review Of Policies And Laws In Support Of Farmer-Managed Seed Systems In Africa	Resultado de um relatório, realizado no âmbito do projeto Integrated Seed Sector Development Africa (2019-2022)	Africa

Fonte: A Autora (2023)

3.3.1. Redalyc

Foram nove artigos selecionados da base de dados de pesquisa Redalyc de um total de vinte e três artigos analisados, sendo 3 pesquisas no Brasil, 2 no México, uma no Equador, 2 na Argentina e 1 na Colômbia.

O objetivo do artigo de Anjos *et al.* (2019) foi de investigar as atuações da Embrapa (estratégicas), frente a disponibilização dos germoplasma, em parceria com povos agricultores. A relevância deste estudo se deu pela reflexão sobre diferentes impactos das redes técnicas e sociais praticada pela Embrapa. Conforme os autores, a Embrapa se coloca envolvida em uma trama global da biopolítica que pode alcançar controle de plantas e conseqüentemente dos agricultores. E, por outro lado, pesquisadores em parceria com agricultores, desenvolvem relações que se configuram em alternativas e alternativas para o desenvolvimento rural (redes regionais). Anjos *et al.*(2019), apresentaram dois casos de duas Embrapas: 1) Embrapa Cenargen (agricultores indígenas Krahô, em parceria a partir de 1997 com os pesquisadores), que a cada dois anos organizavam a feira de troca de semente Krahô. Neste espaço das feiras participam diferentes povos indígenas e comunidades tradicionais, foram criadas alianças entre os povos e pesquisadores, permitindo a construção de redes regionais, para o acesso e troca de saberes e materiais genéticos. 2) Embrapa Clima Temperado: acesso aos germoplasmas pelos povos agricultores de diferentes formatos, sendo uma delas pela transferência de tecnologias para os agricultores por meios de Sistemas de Unidades Demonstrativas de Feijão (SUDF), compostos de cultivares de feijão que foram desenvolvidas em programas institucionais públicos de melhoramento genético do Brasil.

O artigo de Anjos *et al.* (2019) chama a atenção para discussões no contexto do PNAPO (Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica) e PLANAPO (Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica), frente as relações de poder. Os autores trazem uma concepção de relações de poder e conhecimento com autores Latinos, no sentido de demonstrar como a biopolítica ecoa sobre a banalização das vidas envolvidas, sejam elas pessoas ou sementes. Apresentam reflexões sobre os dispositivos científico-político hegemônicos (relações de poder), que permeiam as estruturas e projetos da principal instituição de pesquisa agropecuária do Brasil, "o que faz dos materiais genéticos serem dos principais instrumentos de controle e proteção da instituição", acrescentam ainda, que "é por meio do conjunto de práticas, da subjetivação, que se formam os espaços de liberdade", estes espaços, por sua vez, dão origem "as redes regionais, compostas tanto pelo aparato globalizante, quanto pelas organizações e projetos locais" (ANJOS *et al.* 2019, p.308-309). O

que se apresentou foram diálogos agroecológicos, tanto dentro da esfera das comunidades tradicionais e indígenas, quanto dentro das Embrapas, possibilidades de construção de arranjos de projetos regionais, pela Embrapa “pesquisadores buscaram dialogar e construir distintas estratégias para disponibilização do germoplasma, preservando as particularidades de cada região” (ANJOS *et al.* 2019, p.309).

Anjos *et al.*(2019) apresentaram debate sobre as redes que se constróem frente as condições impostas pelo capital (ANJOS *et al.*, 2019, *apud* Quijano 2009), ao afirmar “que a América Latina está presa historicamente e estruturalmente à constituição da Europa Ocidental, como centro mundial de controle do poder”. A colonialidade não esta apenas nas relações de poder entre o domínio econômico estabelecido pela hegemonia da colonialidade sob os países periféricos, mas também “com os dispositivos de regulação e normas em âmbito governamental (denominadas de “heranças coloniais”) (ANJOS *et al.*, 2019, *apud* CASTRO-GÓMES, 2007). Os autores demonstram que as redes e os diálogos formam resistências com ações e práxis construtores e transformadoras para outros pensares.

No texto de Brandão (2020) aparecem os debates sobre patrimônio, reconhecimento social e reparação. A autora partindo de pedidos de reparação, como solitações de reconhecimento e geração de políticas governamentais de patrimônio, por meio do tombamento da Serra da Barriga, nos anos de 1980 (local do Quilombo dos Palmares) e da ampliação dos instrumentos para identificação e reconhecimento de patrimônios culturais, considerando a categoria jurídico “comunidade remanescente de quilombo”. O texto não fala especificamente das Feiras de Sementes, contudo, as cita quando menciona que o Registro do Sistema Tradicional das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira (SATQ, Vale do Ribeira), que tinha como objetivo registrar, como parte de uma estratégia de ação em defesa dos territórios ocupados pelas comunidades quilombolas e de seus modos de vida tradiconais. O INRC (Inventários Nacionais de Referências Culturais) e os registros aparecem junto com outras ações organizadas pelas comunidades nas décadas de 2000, que entre tantas, uma delas foi a ciação do PAIOL de Sementes Quilombolas, em 2015, com o objetivo de fortalecer as trocas e a diversidade das sementes

quilombolas.

Valdete (2014) em seu artigo, menciona o MMC (Movimento de Mulheres Camponesas) de Santa Catarina, em seus mais de 30 anos de história, que aliado ao movimento social rural e da efervescência política da época, levou para um caminhar até a implementação de políticas públicas. Para essas mulheres, não se trata apenas da segurança alimentar, mas também a preocupação com a propriedade das sementes nativas. Para elas, o controle das sementes significa não depender das empresas multinacionais que dominam na produção e comercialização das sementes. Uma vez que as sementes híbridas garantem plantio apenas na primeira geração e seus frutos perdem características naturais. As mulheres do MMC se reconhecem como movimento social, contudo essa organização foi além, muitas delas saíram da invisibilidade de trabalhadoras rurais e passaram a lutar pelos seus direitos trabalhistas. Com os depoimentos, a autodefinição das mulheres que participaram das entrevistas compõe a seguinte definição: “assim, é camponesa a mulher que cultiva sem agrotóxico, porque o modelo de agricultura camponesa idealizado por elas é agroecológico”, somando-se a isso, se colocam questões de propriedade, resgate das sementes crioulas.

O artigo de Aguayo *et al.* (2020), se realizou em Chimborazo, aplicando critérios teóricos que se propõe “acudir a lugares personas o acontecimientos que maximicen las oportunidades de descubrir variaciones entre conceptos y que hagan más densas las categorías en términos de sus propiedades y dimensiones” (AGUAYO, 2020, *apud* STRAUS; CORBIN, 2008, p.219). Sendo assim foram realizadas entrevistas com agricultores e agricultoras locais, com o objetivo de estabelecer quais são os fatores socioambientais que favorecem a conservação *in situ*²⁴ na zona pesquisada. O interessante que o texto começa apresentando alguns dados da FAO (base da alimentação atualmente esta somente em 14 cultivos) e se baseando em Altieri (1997, 2009), para afirmar que a atividade humana pode perturbar ou manter a biodiversidade, depende da interação do homem com a natureza, em particular por meio de práticas

²⁴ A conservação *in situ*, é uma conservação considerando o ecossistema e habitat natural, mantendo populações de espécies nos seus próprios ambientes e pelos próprios agricultores locais, onde a genética se originou, conforme Boef *et al.* (2007).

agrícolas. Como resultados, Aguayo *et al.* (2020), a conservação *in situ* das variedades nativas estudadas depende de quatro fatores. 1) a disponibilidade da semente; 2) manejo dado ao longo do ciclo de cultivo; 3) os usos dentro das finanças, e 4) demanda de mercado. Além disto, as mulheres são as que mais se envolvem no processo de conservação. Ressaltam ainda, que os indígenas e camponeses tem uma cosmovisão provenientes de muitas gerações e de conservação *in situ* da agrobiodiversidade.

Já no artigo de Bustamante *et al.* (2019), primeiramente ressaltam algumas iniciativas da sociedade mexicana (após os anos 2000), em prover processos de produção, distribuição e troca de alimentos e sementes frente a agroindústria alimentar. Essas iniciativas se deram em contexto de vulnerabilidade e dependência alimentar, com proliferação de sistemas de produção agrícola convencional, com usos excessivos de energia fóssil e insumos químicos, proliferação de monocultivos com grande impacto ecológico. Na busca de indentificar novas iniciativas de produção e troca local de alimentos em ambientes urbanos e rurais (nesses dois territórios).

Para Bustamante *et al.*(2019), afirmam que são estratégias de diversos atores em diversos contextos, seja rural ou urbano e modos de alimentação; os resultado foram divididos em 4 partes: 1) caracterização e tipos de modos alimentários encontrados e listagem dos mesmos; 2) o sujeitos e atores identificados; 3) suas motivações e posturas frente aos processos, e em seguida, 4) processos de vinculação dos modos de análises sobre suas ações. Salientam os modos de intercâmbio de alimentos (mercados alternativos), e, em seguida, os modos de produção e trocas de sementes (trocam sementes, plantas e animais, tanto para o autoconsumo como também para vendas de excedentes). Assim, uma das principais características são as trocas de saberes, as sementes representam histórias, continuidade e futuro.

Os saberes transmitidos para persistir na vida camponesa, reconhecendo a linguagem, diversidade cultural, a memória, a identidades, crenças espirituais, cultura e alimentação (BUSTAMANTE *et al.*, 2019). Estes modos tem seus antecedentes em feiras de sementes realizadas depois “del huracan Indisora”, no ano 2002. As feiras tem carater festivo, também chamadas de *Fiestas de Semillas*, que celebram a vida camponesa, a biodiversidade, a alimentação e os

saberes. Apontam ainda, o valor simbólico e da identidade cultural. As festas de sementes distinguem a relação sementes-comidas (semillas-comida), pois seu intercâmbio muitas vezes é acompanhado por plantios de mulheres guardiãs de sementes. As mulheres cuidam, selecionam as sementes para a cozinha e aquelas que precisam ser guardadas (preservando). Outro ponto interessante, o resgate da memória biocultural, na qual se reflete na consciência genética, linguística e cognitiva, aspectos fundamentais que permeia o ser humano²⁵.

Além disso, Bustamante *et al.* (2019), sinaliza para a importância dos circuitos de comercialização, como sistema de apoio de venda direta, venda de parte da produção e ponto de venda e troca. Desta forma, demonstra os discursos identificados e problema compartilhados. Outro ponto interessante, quando compara que os processos de vinculação são como processo estruturantes rizomáticos, processos de vinculação social e as relações que se geram, a partir de seus modos e dinâmicas, produzem laços fortes e contínuos - ao mesmo tempo que são eles independentes, ao romper-se formam-se outros (como rizomas) ²⁶. Como resultados, Bustamante *et al.*(2019), apresentam alguns pontos: os modos como estrutura rizomáticas e as relacionais articuladas de determinados discursos, processos de socialização que facilitam e permeiam a vinculação entre diversos e distintos atores. De modo que, o reconhecimento do autogestão, como sentido de vida, os projetos alimentares e familiares e práticas produtivas dentro destes espaços são constitutivos desses viveres. Por fim, como problemas, os principais são: a falta de apoio (recursos) e ameaça ao patrimônio biocultural.

No artigo de Dzib-Aguilar *et al.* (2016), o objetivo foi o de estimar a diversidade do milho que são cultivados na Península de Yucatan, bem como revisar seu estado de conservação de 1948 a 2010. Foram analisados dados de amostras em 1948, 1974 e 1977, até 1999 e 2010. Apesar de se tratar de um estudo de exploratório etnobotânico das diversidades de milhos nas áreas de Campeche, Quintana Roo e Yucatán (Dzib-Aguilar *et al.*, 2016), este artigo foi

²⁵ Citam Victor Manuel Toleso y Nasciso, contudo não foi localizada a referência bibliográfica no artigo de Bustamante *et al* (2019).

²⁶ Elaboração a partir de propostas de Deleuze e Guattari (1976), contudo não foi localizada a referência bibliográfica no artigo de Bustamante *et al* (2019).

selecionado, por ressaltar que as feiras, propiciaram tanto o diálogo entre produtores agrícolas, como entre educandos e educadores, como difusão de conhecimentos para a sociedade civil. Cada feira possui uma característica particular, tem um comitê local para sua organização e realização, possuem personalidade própria local. Foram realizadas cerca de 44 feiras ao longo da península, entre 2002 e 2015. As *Ferías de Sementes na Península de Yucatan*, ocorriam tanto em localidades rurais, como também em centros de educação formal e não formal. As de educação formal superior contou com a participação do *Campus de Ciências Biológicas e Agropecuarias da Universidad Autónoma de Yucatan*, em Camtkuil, Merida. As feiras contavam com cerimônias na língua maya, intercâmbio de sementes, música local e comidas. Alguns problemas encontrados nestas feiras: algumas sementes de milho estavam contaminadas, lotes de sementes não tinha indentificação, dificuldade para obtenção de recursos econômicos para as feiras e falta de traslado dos produtores e suas sementes.

O objetivo do artigo de Ivars *et al.*(2021), foi o de descrever os saberes agricultores que são aplicados nas horticulturas campenasinhas no centro de Mendoza e analisar processos de ruptura agroecológicas. Os conhecimentos agrônomos estão ligados aos saberes cotidianos. A prática da agricultura ao longo dos seus 10 mil anos envolveram o conhecimento tradicional vinculado ao saber ecológico local (coletivo ligado a uma visão holística). Por um outro lado, segundo os autores, a ciência moderna cuja aparição se remete apenas 300 anos, conhecimento resultante da inseparabilidade do desenvolvimento capitalistas e a subordinação do solo a sua inerente lógica de produção ao interesse da classe dominante.

Ivars *et al.*(2021), utiliza Ploeg (2010) para falar das ciências agrônomicas e das necessidades empresariais o capital necessita da ciência, por apresentarem inovações que geram novas promessas de riquezas. Ploeg chama de cientificação - reconstrução sistêmica das atuais práticas agrícolas segundo as pautas marcadas de caráter científico. Mencina Foucault (2007) para falar do "regime da verdade". Quanto os aspectos que tem relevância e entrelaçamento com o tema deste trabalho, os autores Ivars *et al.* (2021), ressaltam a sinergia das ações entre organizações e as práticas agroecológicas (o que denominou

intercâmbios materiais e simbólicos, material genético, sementes, ou experiências e conhecimentos). Uma das entrevistadas "Dina" afirmou que gosta das feiras, "essas semillas las traje el año pasado de Chile (...) he ido a Uruguay a feria de semillas (...) seguimos juntando semillas de tomate y así sucesivamente (...) vamos haciendo un reservatoria de semillas que en el mercado no hay" (IVARS *et al.*, 2021, p.16). Outro entrevistado menciona que busca sementes não híbridas e que as guarda e realiza trocas de sementes. Esses relatos são relevantes, apesar de não tratar especificamente das feiras de sementes, afirmam que nas feiras era possível achar as sementes e realizar trocas. Outro ponto interessante no texto, é a ênfase na transição agroecológica, pois são processos não fáceis para os produtores. Os agricultores reconhecem o que implica quando utilizam sementes híbridas, herbicidas e fertilizantes químicos; a transição agroecológica revela que devem se desprender de práticas anteriores e começar outras.

Perez *et al.*(2018) realizam reflexões sobre distintos processos que buscam alternativas ao sistema alimentar atual na Argentina: feira de intercâmbio de sementes nas Misiones, a experiência de formação em agroecologia desde a *Union de Trabajadores Rurales Sin Tierra* (UST), em Mendoza. Assim, para compreender o sistema alimentar da Argentina, precisaram compreender o contexto Latinoamericano e a estratégia geopolítica do mundo. Perpassam por investigações e citações bibliográficas de forma a afirmar que o desenvolvimento rural da América Latina está dominado pelo paradigma da modernização. Neste contexto de visão decolonial, a redução da heterogeneidade dos produtores e dos que optaram pelo pacote tecnológico convencional estão presentes nas discussões e do debate do avanço da fronteira agrícola do monocultivo de soja, como "subordinação excludente da agricultura" (PEREZ *et al.*, 2018, p. 26).

Neste contexto, grandes transformações na estrutura social agrária na Argentina aparecem, tais como: surgimento de novas formas de controle e gestão da produção; profundas modificações, que se constituem como marco do surgimento alternativas e de resistência das famílias produtoras e de organizações frente ao modelo agroalimentar industrial; a agroecologia, o agronegócio entre outras transformações (PEREZ *et al.*, 2018). Percebe-se o

esforço de diversos grupos de articulações: consumidores urbanos, universidades, organismos estatais e organizações nacionais e internacionais. Redes e ações coletivas que integram e privilegiam a reciprocidade, cooperação e a horizontalidade. Segundo os autores, paradigma diferente da modernidade agrícola, a partir de diálogo de saberes que rompe a fronte entre conhecimentos tradicionais e técnico, empíricos e teóricos.

Como exemplo, Perez *et al.*(2018), trazem o exemplo da *A Feira de Agroecologia*, na cidade de Cordoba, local que segundo os autores, sofreu com a expansão da fronteira agrícola (soja) com perdas direta da biodiversidade nativa. A primeira feira que aconteceu, os participantes criaram seis comissões de frente de trabalho (PEREZ *et al.*, 2018). A ação coletiva se constitui como resultado de intenções, recursos e limites com orientação construída por meio de relações sociais dentro de um sistemas de oportunidades, ou seja, "los actors involucrados construyen una identidad propia, um "nosotros" colectivo y se organizan alrededor de: a) el sentido que tien la acción para los actores; b) las posibilidades y límites de la acción, y c) el campo en el que tien lugar la acción (Melucci, 1999). (PEREZ *et al.*, 2018, p.26-27). Sendo assim, as feiras de intercambio de sementes na provincia de Misiones, na *Feria Agroecológica en cidade de Cordoba*, a experiência de formação e agroecologia, da *Unión de Trabajadores Rurales Sin Tierra* (UST), na província de Medoza e Comercio Justo Piri-Hué en Entre Rios, são exemplos de ações coletivas em prol da construção de um sistema alimentar alternativo. São experiências que se apresentam como distintas realidades produtivas, demográficas e culturas com um contexto comum que as engloba no horizonte para a soberania alimentar.

O título do artigo de Hernandez Vital *et al.* (2019) é provocativo "*Resistencias epistémico-políticas frente a la privatización de las semillas y los saberes colectivos*" tendo como um dos subtítulos "*Desafíos de la defensa de las semillas como bien común y la descolonización de los saberes y prácticas sobre agrobiodiversidad*". Os autores realizam uma análise sobre a produção e conhecimento sobre sementes crioulas e nativas na *Red de Semillas Libres da Colombia* (RSLC), em duas dimensões: 1) outras formas de saber e de relacionar-se com as sementes, e 2) mecanismos pelas quais estas formas de saber tem sido ou não incluídas em política públicas. Estas considerações são

feitas dentro do contexto de comércio e privatização de bens comuns que envolvem as sementes. No debate apresenta-se um contexto decolonial para as discussões que se colocam, dos conflitos que estão postos de concepções e práticas e discursos entre sementes e capital da indústria agrobiotecnológica, dos saberes associados com o cultivo e preservação que são privatizados. Essa Rede mencionada está localizada em um dos territórios livres de transgênicos do país, no resguardo indígena Embera-Chamí de Cañomomo-Lomaprieta, em Caldas. O resguardo está reconhecido e garantido pela Constituição Colombiana de 1991.

A Red de Semillas Libres da Colombia (RSLC), enfrenta desafios na defesa das sementes e dos bens comuns, perpassando pela descolonização dos saberes e práticas sobre agrobiodiversidade. As autoras enlencam diversas dificuldades e finalmente, colocam que a Casa de Sementes e os guardiões, como resistência as formas de saber tecnocientíficas e das estrutura jurídico-política que regula a indústria biotecnológica baseadas nas premissas da colonialidade do saber (HERNANDEZ VITAL *et al.*, 2019 *apud* MIGNOLO, 2002; QUIJANO, 2007). Conforme as autoras, a estrutura de dominação característica pela colonialidade cultural e do saber, mas, em resposta está o giro colonial, nos processos decoloniais nas formas de produzir e gerar outros saberes que nascem das diferenças coloniais.

Hernandez Vital *et al.* (2019), exemplificam a Casa de Sementes, informando que se situa em um lugar pequeno para armazenamento de sementes em *contêiner* selecionados. Os guardiões se unem para trocas e para discutirem suas dificuldades. Neste momento, apresenta uma diferenciação entre sementes crioulas e sementes nativas, colocando que as nativas são aquelas originais que pertencem a mesma região que são cultivadas. Já as crioulas, não são necessariamente originárias de uma região, mas os agricultores podem ter adaptado as sementes ao clima e as condições ambientais. São chamadas também de “semillas creolizadas” ou “semillas certificadas/mejoradas científicamente”, que foram adaptadas por agricultores nas condições ecossistêmicas de suas hortas e territórios. Dentro deste contexto, os autores deste artigo argumentam que são muito distintas as formas de conceber as sementes, a Revolução Verde demonstra muito bem isso. As sementes que

envolvem o capital da indústria agrobiotecnológica e as sementes que envolvem os saberes associados com seu cultivo e preservação.

Hernandez Vital *et al.* (2019), também ressaltam, que as sementes envolvem território e saberes, pertencente a um universo na qual a semente é concebida como bem comum. Os guardiões de sementes são os principais atores que atuam nos bastidores das resistências. As resistências epistêmico-políticas da RSLC incluem a construção de materialidades e infraestruturas que abrem espaços para a criação e intercâmbio de saberes e de sementes, como as canas comunitárias de sementes. Os guardiões e guardiãs de sementes aprendem e ensinam a cuidar, reproduzir e distribuir as sementes crioulas e nativas. Por fim, afirma que a RSLC promove a agroecologia nos territórios para produzir sementes orgânicas e todos os processos são motivados pelos encontros nacionais de sementes. Está ocorrendo um trabalho de registro documental da história das sementes baseadas no testemunho oral dos mais velhos. E, na feira de sementes realizada em setembro de 2014, um guardião de semente explicou que o registro tem a intenção de "reconstruir essa história de como se prepararon los alimentos y se sembraron semillas; es como una arqueología del conocimiento" (HERNANDEZ VITAL *et al.*, 2019, p.50).

3.3.2. Web of Science

Na base de dados de pesquisa científica Web of Science foram analisados 12 artigos, sendo considerados como relevantes e em consonância com o tema apenas dois artigos (Argentina e México).

Javier *et al.* (2015) afirmam em seu artigo, que uma das vias para o ingresso das sementes nos agrossistemas familiares são provenientes das feiras de trocas. O estudo se baseou no interesse em documentar as sementes como saberes que circulam nas feiras. Os produtores rurais incorporam em suas produções as sementes que foram trocadas. O estudo se passou durante a *Feria Nacional de Semillas Nativas y Criollas, "Sembrando Esperanza"*. Conforme Javier *et al.* (2015), o acesso às sementes e os saberes envolvidos incorporaram a diversidade e alimentos destinados à alimentação familiar e a reprodução das sementes. Os encontros de trocas fortalecem a independência e soberania

alimentar dos autores familiares. A agricultura familiar é um aporte importante na produção de alimentos na Latinoamerica e no mundo, com predominância na diversidade de cultivos. O estudo se baseou nas seguintes perguntas: como as sementes intercambiadas se incorporam nos sistemas alimentares? Quais são os usos e destinos das sementes? Que conhecimentos estão associados as sementes? Neste encontro foram mais de 1700 amostra de sementes intercambiadas, sendo realizadas 9 entrevistas pertencentes ao *Cinturón Verde Bonaerense*. Para esta pesquisa foram considerados 5 eixos tematicos: 1) saberes: o reconhecimento das espécies e variedades intercambiadas e os trabalhos que envolvem seu aproveitamento; 2) o destino do intercâmbio: comercialização, autoconsumo, orçamentos, inovações; 3) conservação: meios de conservação e reprodução de sementes; 4) intercâmbio de sementes: participação e atividade e qualidade de vida, e por fim, 5) soberania alimentar: relação do conceito com a prática de intercâmbio de sementes.

Segundo Javier *et al.* (2015), existe uma pressão das empresas multinacionais ligadas a agricultura sobre a autonomia das sementes e isso é um risco para a agricultura familiar. E, nas feiras existem o encontro entre sementes nativas e crioulas, diversidade biocultural e agricultura familiar. Desta forma, ocorreu uma sistematização dos dados organizados em categorias: 1) cultivo no campo e trabalho: conhecimentos referidos do ciclo de cultivo; 2) usos: descrição dos usos culinários, medicinais; 3) conservação e reprodução: conhecimentos necessários para manter as sementes pura, quais foram os critérios de seleção para a autoprodução de sementes, condicionamento e elementos que são utilizados para a horta; 4) características organolépticas: propriedades percebidas pelos sentidos (olfato, visão, gosto e tato), por exemplo, “el sabor de una variedad de chaucha que motivó su búsqueda durante el intercambio (JAVIER *et al.* , 2015, p.124). Além disto, apresentou número de amostras coletadas por entrevistados, e, em seguida apresentou-as nas categoria de conhecimento e menções dos agricultores.

Já no artigo de Ortiz (2015), se propôs a verificar pelo seu 13º ano consecutivo o encontro de trocas de sementes nativas, na região de Yucatán (México). Os encontros reúnem camponeses de língua maia, ativistas anti-transgênicos ligados aos produtos orgânicos da região de Campeche, Quintana

Roo. As feiras de sementes "fiestas y férias de semillas" são "alternativas de autonomia e segurança alimentar" (ORTIZ, 2015, *apud* ACOSTA *et al.*, 2010), são festas de celebração do milho.

As trocas de sementes na região de Yucatán costumavam ocorrer informalmente por meio de redes de apoio e reciprocidades entre famílias em diferentes regiões, sendo as feiras de sementes seu principal componente (nelas acontecem encontros, teatro, debates, trocas de conhecimentos orais) (ORTIZ, 2015). No texto são destacados os diversos participantes (heterogêneos) que atuam nas dinâmicas e nos movimentos das festas-feiras de sementes. São diversas formas de ativismo de resgate da cultura e língua maya, promovendo projetos de agricultura orgânica entre outros. As feiras e festas de sementes foram um apoio para as pessoas desenvolverem o ativismo e a recuperação da tradição cultural. Incluem rituais, teatro, danças músicas e outras formas de recreação. As *fiestas y férias de semillas* são uma resposta ao governo neoliberal, segundo o autor, que nos anos de 1980 incentivaram a adoção de cultivos híbridos, provocando a diminuição da circulação e diversidade do biomaterial nativo entre as comunidades camponesas. O Movimento Pan-Maia é um movimento etnopolítico entre os povos maias, se apresentam como um campo político e cultural que se firmou na região (ORTIZ, 2015). Em 2014, venceram uma batalha judicial (nível estadual e depois nacional), que suspenderam as permissões concedidas pelo Ministério da Agricultura à Monsanto, para o cultivo de soja transgênica na península, sob o argumento que as autoridades mexicanas reconheciam o direito do povo maia e que eles deveriam ser consultados sobre as decisões políticas que afetam seus territórios. E, as organizações que participavam e faziam as festas das sementes estavam diretamente envolvidas neste processo, pois daí se criaram redes de ativistas e redes comunitárias para aumentar a conscientização dos plantios duvidosos (ORTIZ, 2015).

3.3.3. Google Acadêmico

Foram localizados 20 artigos, sendo apenas 3 considerados para este Trabalho, sendo do Brasil, México e África.

Barros *et al.* (2022) realizaram uma análise quantitativa de publicações em plataformas de pesquisa científica (Googl Scholar, Periódicos Capes, Scielo e Web of Science), considerando o tema Banco de Sementes Comunitários, com as seguintes palavras-chaves: sementes crioulas; banco de sementes comunitários; adaptação e resistência das sementes crioulas às condições do Semiárido; produção, multiplicação e armazenamento das sementes crioulas; qualidade física e ou fisiológica das sementes crioulas. O artigo apontou diversas informações dos resultados, apresentando-as em forma de gráficos, tais como: ano de publicação, número de publicações por artigo por palavra-chave; idiomas, entre outros. Os Bancos de Sementes Comunitários desempenham papel primordial na preservação de sementes crioulas e segurança alimentar, "a relevância das sementes crioulas não se limitam a questão de preservação de espécies vegetais, por reverberar sobre as condições sociais, culturais, ecológicas e econômicas" (BARROS *et al.*, 2022, p.1).

Torres *et al.* (2020) tiveram como objetivo analisar as características do sistema formal e informal das sementes no México. Parte da consideração "los sistemas de semilla son un pilar fundamental para la agricultura, la seguridad alimentaria y los medios de vida de millones de personas" (TORRES *et al.*, 2020, s.p; apud FAO, 2015). A revisão e análise documental utilizou o software *Atlas.ti*²⁷, considerando: marcos jurídicos, autores, ações e estratégias dos dois sistemas. Foram 3 fases consideradas, a primeira levando em consideração a seleção dos documentos baseados com a relevância ao tema; a segunda fase e a terceira, na desenvolvimento com o Software *Atlas.ti*.

O Sistema Formal de Sementes (SFS) tem como base métodos científicos de liberação considerando padrões comprovados de liberação e comercialização, protegidos por regulamento, por marcos legais de nível nacional e internacional. Já o Sistema Informal de Sementes (SIS), é baseado em práticas locais camponesas, estratégias dos agricultores para conservação, produção, seleção e trocas. Tem relação com o conhecimento local e é principalmente regido por mulheres (TORRES *et al.*, 2020). Neste cenário, os

²⁷ ATLAS.ti é um software usado para análise qualitativa de dados textuais, gráficos, áudio e vídeo, com o objetivo de organizar e gerir o material de forma sistemática. Mais informações, ver: <https://software.com.br/p/atlas-ti>

autores enfatizam que o México, desde a década de 1990 era liberado uso de sementes melhoradas; sendo que, 77,5% das unidades de produção do país usam sementes nativas, se baseando nas trocas nas feiras de sementes e nos bancos comunitários de sementes – portanto, o mais difundido no país. Os agricultores preferem as sementes provenientes do sistema informal devido a sua capacidade de adaptação as condições locais (milho, feijão, abóbora, frutas, espécies medicinais, etc). Os autores chamam a atenção também que utilizam as sementes nativas por não terem condições financeiras de usar as melhoradas, o que contribui para os sistemas sustentáveis. Os principais autores dos SIS são: indígenas, camponeses, produtores, agrodscendentes são personagens comprometidas com a agricultura e sua sustentabilidade. Da necessidade de conservar o patrimônio biocultural criaram associações e coletivos de nível regional e nacional que buscam proteger e salvaguardar, conservar, intercambiar e multiplicar as sementes nativas.

No texto de Vermooy *et al.* (2023), os autores retratam o resultado de um relatório, realizado no âmbito do projeto Integrated Seed Sector Development Africa (2019-2022):

As políticas e leis (relacionadas) com sementes em 14 países africanos reconhecem até certo ponto que existem sistemas de sementes geridos pelos agricultores, mas a maioria deles não fornecem apoio concreto para os sistemas de sementes geridos pelos agricultores. Ainda há muito a ser feito para promover e apoiar o uso de diversos recursos genéticos para a adaptação às mudanças climáticas, por exemplo, por meio do fortalecimento da colaboração nacional e (sub)regional no desenvolvimento integrado do setor de sementes e mais apoio às atividades do sistema de sementes gerenciadas pelos agricultores, como como bancos comunitários de sementes e desenvolvimento de negócios locais de sementes. Este resumo apresenta as principais conclusões da revisão (VERMOOY *et al.*, 2023, s/p.).

Nos resultados do relatório acrescentam que cerca de 60 a 80% das sementes dependem dos pequenos agricultores e são obtidas por canais informações de distribuição (trocas, feiras, mercados locais e banco comunitários de sementes). As mulheres tem um papel essencial nos sistemas

que envolvem as sementes, ressaltam que muitas vezes esse papel são negligenciados pelos pesquisadores, como também para o desenvolvimento de políticas públicas, sendo importante reconhecer o papel das mulheres agricultoras como guardiãs de sementes. Dentre os problemas que apresentam, ressaltam a migração rural e a “feminização” da agricultura (aumento da carga de trabalho e das responsabilidades das mulheres), ressalta também as mudanças climáticas e a substituição de sementes pelas sementes híbridas. Apontam necessidades de políticas de apoio a nível local, distrital e nacional. Algumas práticas resilientes geridas pelos próprios agricultores, baseadas na capacidade dos atores sociais em se organizarem, reagruparem e se adaptarem as mudanças: guardiãs e guardiões de sementes, guarda de sementes, banco de dados comunitários, escolas de campo, feiras de sementes entre outras.

3.4. Considerações sobre a pesquisa em algumas bases acadêmicas

Buscou-se navegar pelas abordagens em estudos de Feira de Sementes através de algumas bases de dados científicas, identificando os pontos de discussão sobre território e resistência, com a intenção de não se prender aos arcabouços coloniais. Sendo elas: a Redalyc (Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal), e, em seguida, no banco de dados de acesso CAFe dos Periódicos Capes (Web of Science e Scopus) e no Google Acadêmico.

Após a sistematização e a descrição dos resultados obtidos nestas bases de dados, percebeu-se que os artigos selecionados ressaltam diversos conjuntos de ações, dentro de suas redes de articulações e objetivos próprios. Na Base de dados da Redalyc, os debates sobre território e resistência apareceram, contudo, sem aprofundar os conceitos e os debates a partir das feiras de sementes. Alguns artigos enfatizaram discussões com a ênfase do pensamento latinoamericano de colonialidade/decolonialidade, como por exemplo, Anjos *et al.* (2019) e Brandão (2020) demonstram que as rede e ações organizadas pelas comunidades formam resistências construtoras e transformadoras para outros pensares, contribuindo para fortalecimento das trocas de sementes e da preservação da diversidade de sementes. Sendo que,

para Brandão (2020), foram realizados debates de patrimônio e reconhecimento social a partir da solicitação de reparação colonial, com o objetivo de fortalecimento do território quilombola, e, as feiras de sementes são também fortalecedoras do seu reconhecimento e da identidade. Por sua vez, Hernandez Vital *et al.* (2019) aprofundaram em reflexões que envolvem o pensamento decolonial latinoamericano na perspectiva da colonialidade cultural e dos saberes, nos processos de inclusão e exclusão do conhecimento - processos de resistência aos desafios na defesa das sementes. As escolas agroecológicas, redes regionais de guardiões de sementes, feiras de sementes, as casas comunitárias de sementes e outras iniciativas permitiram que as comunidades e organizações, conservarem e trocaram sementes nativas e crioulas e seus saberes vinculados em seus territórios.

Ainda na base de dados Redalyc, Valdete (2014) pontua o projeto de resgate de sementes crioulas em diversas esferas, tanto proveniente pela própria agroecologia como para a segurança e soberania alimentar, como também, nas relações que se formam pelos movimentos sociais e ativismos como resistência. Enfatiza as ações derivadas dos movimento das mulheres que refletem em críticas ao modelo de desenvolvimento hegemônico. Neste sentido, Aguayo *et al.* (2020), afirmaram que as trocas e a disseminação das sementes e suas variedades nativas locais são como mecanismos sociais e recaem sobre os setor público e governos locais, como maior responsabilidade de manter a agrobiodiversidade em seus territórios. E, Perez *et al.* (2018) ao ressaltarem que as feiras de sementes são espaços para sua conservação porque envolvem o guardar, o trocar, o dar e o cozinhar, reforçam que as feiras de sementes levantam bandeiras em prol da soberania alimentar, que segundo eles, é uma prioridade das feiras de sementes. As feiras buscam resgatar tanto seu valor próprio (dela mesma), como também o valor da diversidade, dos vínculos sociais que geram a circulação das sementes, para uma alimentação mais variada. Muitos participantes das feiras de sementes são vendedores ou membros de organizações produtivas. Já Ivars *et al.* (2021), investiga a relação entre conversão agroecológica e as feiras de sementes, com relatos dos entrevistados para a importância desses lugares como um local de trocas e preservação de sementes. Menciona os processos de ruptura agroecológica em Mendoza (território) e sobre a subordinação do solo a lógica de produção dominante.

Na Web of Science, os dois artigos enfatizam a importância das feiras de sementes como facilitadores do ingresso das sementes nos sistemas produtivos. No artigo de Ortiz (2015) realça que os movimentos sociais devem participar das decisões que envolvem o campo e os cultivos nos territórios que são prejudicados com a agricultura convencional. As feiras e festas das sementes são possibilidades de conscientização e de fazer a participação da sociedade. Os espaços das feiras reúnem um conjunto de práticas, saberes, fazeres e cultura de diferentes formas, possibilitando uma arena de debate de novas alternativas para o desenvolvimento local, dentro das perspectivas deste mesmo local. Em Javier *et al.* (2015), corrobora com as alternativas ao ressaltar os encontros de trocas de sementes nativas e crioulas mantém a diversidade biocultural (saberes de sementes), que é vital para a agricultura familiar e a sociedade. Sem deixar de enfatizar os movimentos das empresas multinacionais ligadas a agricultura que podem colocar em risco a agricultura familiar.

No Google Acadêmico os três artigos ressaltam os sistemas de produção, comercialização e acesso a semente, sendo um utilizando um sistema de software, o outro uma pesquisa em base de dados acadêmica e o outro se trata de um relatório de um projeto realizado na África. Torres *et al.* (2020), através de uma análise documental utilizando um software, analisam as características do sistema formal e informal das sementes no México, que se estabeleceram sob lógicas antagônicas de produção, comercialização e acesso. O formal com um arcabouço de marcos e acordos internacionais e o informal como estratégia de sobrevivência frente as transformações no setor agrícola. Barros *et al.* (2022), a partir de análise de plataformas científicas, evidenciaram a necessidade da preservação das sementes crioulas através dos Bancos de Sementes Comunitárias, com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de alternativas que auxiliem na multiplicação e armazenamento. O relatório retratado por Vermooy *et al.* (2023), revelam na perspectiva dos bancos de sementes, que eles e as próprias feiras, fazem parte das diferentes formas de se guardar as sementes, apresentam condições de resiliência ao sistema de produção (envolvem diversidade de sementes, distribuição e colaboração). E, as mulheres tem um papel essencial nos sistemas que envolvem as sementes, é preciso reconhecer o papel das mulheres agricultoras como guardiãs de sementes.

Nesta pesquisa realizada nas bases de dados acadêmicas, observa-se uma forte ênfase na organização coletiva conduzida e protagonizada por sujeitos sociais, o que se direcionarem para resistências pelas redes formadas e estabelecidas. Embora os debates reconheçam as feiras de sementes como elemento fortalecedor em diversos contextos e diversas ações, as discussões sobre território e os movimentos de/do/no/pelo território não foram amplamente e abordadas a partir das feiras de sementes crioulas. Alguns dos artigos, no entanto, estabelecem conexões ou relacionam sementes e os saberes ancestrais de um determinado território, destacando as resistências/lutas para valorizá-las. Sendo assim, apesar da lateralidade, nos contextos das práticas agroecológicas e soberania e segurança alimentar, as iniciativas e ações com as sementes permitiram condições para mobilização de resistência frente as dificuldades e adversidades enfrentadas em cada uma das especificidades abordadas.

4. TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E RESISTÊNCIA

O objetivo principal deste capítulo é a partir do conceito de território, territorialidade, desterritorialização e reterritorialização (SAQUET, 2007, 2018, 2017a, 2017b, 2017c, 2018, 2019 a, 2019b, 2022; ESCOBAR, 2005, 2010), à luz do pensamento decolonial e da capacidade dos sujeitos de construir práxis de resistência (WALSH, 2009, 2013, 2017; ACHINTE, 2013; PORTO-GONÇALVES, 2021, 2012; ESCOBAR, 2005, 2010; BOEF *et al.*, 2007), possibilitar pensar que novas compreensões e significados as práticas com as sementes crioulas podem manifestar frente ao modelo hegemônico de agricultura (ESCOBAR, 2010, 2011; GUDYNAS, 2019; PEREIRA, 201).

4.1. Território e territorialidades

Partindo da condição que o “território tem distintos significados” (SAQUET, 2019b, p. 27) uma gama de completudes e complexidades, práxis dialógicas de cooperação, de participação e de influências. O território é formado “histórica, social e naturalmente; contém redes de distintas escalas, identidades e diferenças, relações de poder (dominação, hegemonia, resistência, luta e contra hegemonia), territorialidades e temporalidades” (SAQUET, 2019b, p. 28). Para Dematteis (1985, *apud* SAQUET, 2017c, p.38) o território gerado como espaço geográfico é resultado da correspondência do ambiente construído pelas forças políticas e de mercado, resultante do “processo de construção histórica do e no espaço”, da relação espaço-tempo que acompanha os fenômenos territoriais. O espaço e o tempo se relacionam com o território, como movimento e duração, como mudanças e permanências, construções e desconstruções.

Se há relações de poder no território, há símbolos e signos, como também territorialidades e temporalidades entre pessoas e natureza, a que chama de singularidades territoriais nas práticas de organização, mobilização, luta e resistência (SAQUET, 2019c). As territorialidades retratam relações sociais, das famílias, entre indivíduos, entre redes, lugares e grupos sociais (SAQUET, 2019b). Segundo Raffestin (1993) em *Por uma geografia do poder* o território se constrói por e pelas relações de poder em diversas dimensões e as territorialidades são onde essas relações de poder se operaram. Exemplifica que

em uma relação de contrato de trabalho, mesmo que não escancarada diretamente, estão o poder, as regras estabelecidas, as trocas de trabalho e de dominação econômica, influenciando na organização do espaço e nos territórios e também nos seus ocupantes e nas relações sociais, caracterizando-os e constituindo territorialidades conforme os territórios que estão inseridos.

Em *Capitalismo e Esquizofrenia de Mil Platôs* de Gilles Deleuze Félix Guattari (1997), é que o conceito de território ganha uma dimensão espacial não limitada, “muitos componentes bem diversos intervêm, referências e marcas de toda espécie (...) mas agora são componentes para a organização de um espaço, e não mais para a determinação momentânea de um centro” (DELEUZE, GUATTARI, p. 101), ao fornecerem exemplo dos componentes sonoros ou vocais, são como muros sonoros que demarcam território²⁸.

Desta forma, o território está em movimento constante, o “território é fluxos, movimento, mudanças e permanências, desterritorialização e reterritorialização” (SAQUET, 2007, p. 83), como produto de fatores endógenos e exógenos. Por não ser estático, na dinâmica territorial estão e lementos materiais e imateriais, relações sociais e de controle, de componentes culturais, econômicos, exterior aos seres humanos e que dizem a respeito à natureza e ao ecossistema local. O território “é fruto de relações produtivas, de articulações, integrações verticais e horizontais, flexibilidade, desagregação e concentração de espaços produtivos” (SAQUET, 2007, p.101).

O território é produto histórico e condição de processos sociais, com formas e territorialidades, interações entre a sociedade e a natureza; tem um caráter político muito forte, em direção a constituição da sociedade local, articulada, mas com capacidade de autogestão, valorizando a natureza, a ajuda mútua, o pequeno comércio, a autonomia, o trabalho manual do agricultura, os saberes populares, a cooperação, os marginalizados, o patrimônio cultural-indentitário, a biodiversidade, as microempresas, enfim, a vida (...) (SAQUET, 2007, p. 117).

²⁸ Em Haesbert (sd, p.8) “Com esse movimento mútuo de agenciamentos, um território se constitui. Uma aula é um território porque para construí-la é necessário um agenciamento coletivo de enunciação e agenciamento maquínico de corpos; a mão cria um território na ferramenta; a boca cria um território no seio. O conceito de território de Deleuze e Guattari ganha essa amplitude porque ele diz respeito ao pensamento e ao desejo - desejo entendido aqui como uma força criadora, produtiva. Deleuze e Guattari vão, assim, articular desejo e pensamento”.

Já para Escobar (2005, p. 69) o conceito de lugar está associado a cultura como a “experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa”, o que remete ao conceito de pertencimento e a ideia de “regressar ao lugar”. Mas o que seria então esse regresso ao lugar ou a defesa do lugar? Escobar (2005) menciona que o enfraquecimento do lugar se dá pela ampliação dos discursos globalizantes virando o espaço do capital e do discurso eurocêntrico dentro da construção social. Assim, o lugar se enfraquece e com “consequências profundas em nossa compreensão da cultura, do conhecimento, da natureza, e da economia”, que para o autor está vinculado com “à invisibilidade dos modelos culturalmente específicos da natureza e da construção dos ecossistemas” (ESCOBAR, 2005, p.70). É no lugar que se conjugam as complexas relações entre domínios biofísicos e humanos, ou seja, físico-químico, orgânico e cultural, as construções de territorialidades vinculam corpos, ambiente, cultura e economia, é multi-escalar (Escobar, 2010).

A experiência com o desenvolvimento significou para algumas pessoas o rompimento com o lugar, contudo uma defesa do lugar envolveria práticas de ecologia e econômicas baseadas no lugar. A defesa do lugar estaria relacionada com “uma reafirmação do lugar” (ESCOBAR, 2005, p.69), de práticas provenientes das relações entre as pessoas e os não humanos, baseadas na associação entre cultura e local. Destaca-se o trecho abaixo:

Em que medida podemos reinventar tanto o pensamento como o mundo, de acordo com a lógica de culturas baseadas no lugar? É possível lançar uma defesa do lugar com o lugar como um ponto de construção da teoria e da ação política? Quem fala em nome do lugar? Quem o defende? É possível encontrar nas práticas baseadas no lugar uma crítica do poder e da hegemonia sem ignorar seu arraigamento nos circuitos do capital e da modernidade? (ESCOBAR, 2005, p.70-71).

Pensar o lugar também considerando as realidades submetidas historicamente ao colonialismo ocidental, que foi realizado pela leitura epistêmica eurocêntrica na construção social, tanto pela formação do capital que tornou invisível e na tentativa aniquilar outras formas de pensamentos e de agir – visões estas que abrangem a ecologia, a concepção da natureza e da construção dos ecossistemas (ESCOBAR, 2005, 2010). Em Escobar (2010), debate o território da diferença, de forma a desconstruir o projeto moderno de

colônização da natureza para as novas compreensões múltiplas, um debate epistemológico do desenvolvimento/modernidade.

Para Souza (1995, p. 81) no texto *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*, os “territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas”, desde do mais simples ao mais complexo e em escalas temporais diferentes (séculos, dias, anos, enfim em um período de existência. Os territórios podem ser tratados de diferentes escalas e temporalidades, na perspectiva de territórios móveis (SACK, 1985), Souza aprofunda este conceito na reflexão sobre territórios de prostituição, como flutuantes ou móveis e cíclicos, com limites instáveis, com áreas de influência. Os territórios de prostituição feminina e masculina, envolvem campos de forças (teia ou relações sociais), onde outros e nós, se apresentam entre os que fazem a prostituição e o mundo externo, com os quais podem ou não entrar em conflito, ou delimitar um espaço, “(...) um limite ou alteridade: a diferença entre o nós (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders).

Já em Fernandes (2005, p. 28-29), os movimentos nos territórios seguem deslocamentos de mobilidades diversas, conforme trecho abaixo:

Os movimentos das propriedades dos espaços e territórios são: expansão, fluxo, refluxo, multidimensionamento, criação e destruição. A expansão e ou a criação de territórios são ações concretas representadas pela territorialização. O refluxo e a destruição são ações concretas representadas pela desterritorialização. Esse movimento explicita a conflitualidade e as contradições das relações socioespaciais e socioterritoriais. Por causa dessas características, acontece ao mesmo tempo a expansão e a destruição; a criação e o refluxo. Esse é o movimento do processo geográfico conhecido como TDR, ou territorialização – desterritorialização – reterritorialização (FERNANDES, 2005, p.28-29).

Em Saquet (2007, p.129), em paralelo e corroborando com Fernandes (2005), afirma que pode-se considerar um campo de forças e de relações socioespaciais territoriais cotidianas, “essas forças econômicas, políticas e culturais também determinam a desterritorialização, a reterritorialização e a constituição de novas territorialidades, ao mesmo tempo e em diferentes lugares, no mesmo ou em diferentes períodos históricos”, como em um “jogo contínuo de dominação e submissão, de controle do e no espaço geográfico”, ou seja,

tanto no estar estável como no estar em deslocamento/movimento. Desta forma, o processo territorialização-desterritorialização-reterritorialização pode ser pensando a partir da perspectiva do território como “manifestação espacial do poder fundamentada em relações sociais”, de diversas formas, símbolos e significados, sendo materiais alguns e imateriais outros, pode “fazer surgir novos territórios (territorialização), destruí-los (desterritorialização) ou reconstruí-los (reterritorialização)” (RAFFESTIN, 1993 *apud* SAQUET, SANTOS, 2010, p.36). Segundo Deleuze e Guattari (1997) a desterritorialização e a reterritorialização andam juntas, não se desassocia - ao mesmo tempo que desterritorializa (abandona o território) reterritorializa (construção do território). Desta forma, segundo Fernandes (2015) as relações sociais não são alheias ao território, elas o produzem e são produzidas por ele.

4.2. Sementes crioulas na perspectiva decolonial

Nesta seção serão, a partir do aporte decolonial que será apresentado, pretende-se propiciar uma visão de um conjunto de práticas e discursos que constituíram o pensamento hegemônico, não se pretendendo dar conta de todas, mas os mais necessários para as discussões aqui propostas. Serão abordados alguns autores, com o objetivo de realizar reflexões de cunho decolonial, para que mais para a frente seja possível relacionar o movimento de resistência com as práxis territoriais. Por fim, evidenciar que o modelo de produção agrícola fundado em pacotes tecnológicos (insumos, agrotóxicos), são baseados em sementes modificadas e na dependência dos agricultores (as). As ações e práticas com sementes crioulas, sua conservação e guarda, representam importância no debate por apresentar perspectivas diferentes das oferecidas pela agricultura moderna. Reinvidicar um pluriverso, ou seja, “capaz de desafiar a ontologia moderna do universalismo em prol da multiplicidade de universos possíveis” (KOTHARI *et al.*, 2021, p. 30).

As críticas as concepções hegemônicas da modernidade perpassam no reconhecimento da diversidade e de outras formas de viver, ser e estar – diversas representações discursivas e de alternativas, sem negar a pluralidade das formas de vida. Conforme Quijano (1992), o marco temporal

moderno do projeto capitalista se inicia com a colonização nas Américas²⁹, sob o carimbo dos que conquistam e os foram conquistados (dos que se consideravam “superiores” a outras formas de viver, ser, fazer e estar), de relações sociais fundadas no produtivismo eurocentrado para a expansão das coroas portuguesas e espanholas, impulsionadas pela exploração e busca de riqueza, de trabalho escravo e usurpação de terras produtivas. Como expoente, a colonialidade é constitutiva da modernidade e não oriunda dela, incorporada do processo histórico desde o final do século XV por Portugal e Espanha, e posteriormente, por diversos países na mesma lógica da colonialidade (MIGNOLO, 2005; GROSGUÉL, MIGNOLO, 2008).

Segundo Césaire (1978), não é inocente a ideia de colonização visto que recorreu fortemente as forças e as ações de opressão e submissão do outro³⁰. Para Quijano (2007), a colonialidade é um elemento constitutivo do padrão mundial capitalista, a partir da conquista da América, fundada em um sistema de classificação racial e étnico de dominação e de exploração social, cultural e econômica.

Na mesma medida, a reprodução de subjetividades da modernidade de produzir conhecimento dentro desta racionalidade (colonialidade do poder) determinou seu fundamento capitalista constitutivo como padrão, estruturando o pensamento moderno hegemônico. O ano de 1492, segundo Dussel (1993, p.8), para além dos “descobrimientos” (como chamaram), passou a ser um período de encobrimento dos povos e civilizações existentes ancestralmente: “momento do ‘nascimento’ da modernidade como conceito, o momento concreto da ‘origem’ de um ‘mito’ de violência sacrificial muito particular, e, ao mesmo tempo, um processo de ‘en-cobrimento’ do não-europeu”. Dussel (1993) reforça a concepção da separação e da dicotomia e da “construção do ego moderno” (DUSSEL, 1993, p.23). A Europa é apresentada como centro do mundo, como exemplo de desenvolvimento e de superioridade a ser seguida (inclusive como justificativa a toda e qualquer violência praticada). Além disto, os reflexos da relação entre os seres humanos e a natureza que permearam o mundo moderno

²⁹ Como primeiro ponto para os pensadores e pensadoras decoloniais, está o fato que a colonialidade possui uma saliência histórica, também decisiva para a formação da modernidade e da Europa Eurocentrada.

³⁰ Destaca-se em Césaire a abordagem do termo negritude e como um dos percursos da abordagem decolonial em relação a superioridade ocidental que muito foi questionada pelo autor.

foram sendo desenhados no decorrer do tempo. O paradigma científico moderno e suas relações com a realidade de crenças no qual se baseavam, implicavam definições epistemológicas e validações de métodos e sistemas de conhecimento nos quais as atividades científicas se cercavam e se baseavam, principalmente a partir do século XV e XVI.

A palavra paradigma vem do grego, *parádeigma* como modelo, padrão. A reflexões sobre o paradigma científico foram debatidas nos anos de 1960, a partir de Thomas Kuhn (2009, p.13), que definia paradigma como intervenções ou realizações científicas universalmente conhecidas, podem com o tempo fornecer “problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. Os paradigmas atraem as comunidades científicas que compartilham e/ou afastam as que discordam. Assim, conforme Kuhn (1978 *apud* ALVARENGA et al., 2011, p.12-14), um paradigma é uma “cosmovisão” que se apossa de hegemonia por algum tempo, mas com o passar de um período podem aparecer outras considerações ou explicações da realidade que estão vigentes, dando lugar a outro. O paradigma não é inabalável por mais que duradouro que possa demonstrar ser, pressupõe transformações e as evoluções orientadas por determinado contexto histórico, social e cultural - por ser um apanhado de saberes, conhecimentos, experiências e práticas característicos de um período.

Corrabora Porto-Gonçalves (2012) ao afirmar que a constituição do sistema capitalista colonial iniciada em 1492, com as descobertas de novos mundos formaram novas territorialidades e redefinições sociais de poder. Mignolo (2004) considera que o modelo global que foi se constituindo na modernidade e na nova racionalidade científica, negam formas outras de conhecimento que não se pautem em seus princípios epistemológicos e no domínio das ciências naturais (MIGNOLO, 2004). A despeito disso, Porto-Gonçalves (2012, p.6) indica que “o discurso eurocêntrico da modernidade fez com que a diferença específica do novo continente, sua colonialidade, se diluísse”, propondo assim, análises e apontamentos assertivos que a colonização foi devastadora e opressora.

Se olharmos como propõe Mignolo (2004, p.668), a ciência foi constituída de uma racionalidade que se propunha ao apagamento e cegamento de outras formas de conhecimento, na “cumplicidade entre a modernidade e o

conhecimento, autodefendia como um ponto de chegada planetário, foi ao mesmo tempo colonialidade enquanto negação epistêmica planetária”. Foi Quijano (2020) que criou o termo colonialidade do poder, um padrão de dominação e autoritarismo ao considerar que a modernidade, o capitalismo e a América Latina nasceram no mesmo dia, pois nela, estavam contidas a classificação de trabalho racial e étnica nos planos materiais e imateriais, sobre a dominação da natureza perpetuando ainda mais a separação entre natureza e sociedade. Para Lugones (2008), a negação de outras epistemologias que não as racionalidades idealizadas dentro da concepção de progresso e no modelo de acumulação de riquezas e de capital que surgiam, foram responsáveis por genocídios, racismos e desigualdades de gênero nas nossas sociedades. Presencia-se na cartografia global (LUGONES, 2008), uma indiferença no sistema moderno colonial ligada a colonialidade do poder com conexões diretas e interligadas entre questões de raça, de gênero, de classe e de sexualidade. Daí os movimentos dialéticos contra hegemônicos que se constroem as insurgências de resistências com uma subjetivação ativa, na capacidade ativa do sujeito de não se subjetivar às lógicas de poder e de exclusão na construção de novos significados. Ou seja, a ação do sujeito ante às lógicas desiguais e dominantes se moldam e de direcionam para práticas contra hegemônica.

Neste contexto e a partir destas configurações que se constituíram o pensamento hegemônico, o sistema moderno de agricultura também foi conjecturado em estruturas históricas, sociológicas e filosóficas. O sistema agrícola de produção foi marcado por uma mudança de organização da cadeia agroalimentar e por uma “agricultura empreendedora” (PLOEG, 2016, p.65). A exploração de recursos para uma produção de larga escala voltada para o mercado fragiliza e destrói a natureza. A modernização da agricultura, segundo Ploeg (2016), afasta e representa uma ruptura na relação ser humano e natureza, os fertilizantes no lugar da biologia dos solos e o adubo no lugar dos conhecimentos dos camponeses, no lugar da luz solar a luz elétrica na horticultura e nos celeiros acelerando os processos naturais, o acasalamento natural deu espaço para transferências de embrião e tecnologia de identificação do macho reprodutor e fertilização das fêmeas, demonstrando uma queda da participação da natureza.

Considerando o sistema mundo moderno/colonial/capitalista, para Rodrigues *et al.* (2019, p.34), a agricultura baseada em pacotes tecnológicos (insumos químicos) e as sementes modificadas, apontam para um modelo que degrada a biodiversidade local, provocam erosão genética e insegurança alimentar; demarcam, assim, duas posições antagônicas:

A agricultura, desde os seus primórdios até os dias atuais, passou por diversas transformações, acompanhando a evolução das sociedades. Atualmente, dois modelos de agricultura são discutidos mundialmente, uma oriunda da Revolução Verde (denominada de Agricultura Industrial ou Convencional), baseada no pacote tecnológico (fundamentada em três pilares, a saber: agroquímicos, motomecanização e manipulação genética), e outro Camponês, baseado no conhecimento empírico (agricultura de base ecológica).

Diante do exposto, de um lado, a perpetuação de práticas para subalternização dos seres humanos, não humanos e da natureza, a hierarquização de separação e a universalização praticadas a partir desta visão de domínio colonial moderno de agricultura. E, de outro, práticas de fazeres baseados no saber agrícola empírico próprios da agricultura familiar. A apropriação das sementes está inserida em diversas racionalidades que envolvem modelos de produção e consumo aplicados às atividades agrícolas industriais e de exploração da natureza, concebendo os recursos naturais como matérias-primas a serviço do modelo de produção e consumo vigentes. Lucas Gama Lima (2021) no artigo *A Monopolização das Sementes pelo Capital e a Contaminação por Transgênicos no Semiárido de Alagoas*, realizou uma análise da monopolização das sementes diante da mundialização do capital e do monopólio genético, de bens da natureza indispensável a re-produção da vida. O processo de apropriação das sementes pelos sistemas modernos de agricultura, a mercantilização das sementes e o cerco da dependência, dispostas não unicamente no controle genético, mas também no monopólio de bens da natureza e apropriação da agrobiodiversidade, vinculados a alimentação e a sobrevivência dos seres humanos e não humanos.

Para além das perspectivas, opondo-se ao agronegócio, emerge novas práxis de construção e de resistência: a agroecologia. Aqui não se pretende aprofundar nos conceitos que envolvem a agroecologia, mas de se ater em alguns aspectos dela. A agroecologia tem como propósito a integração dos saberes e do manejo dos agricultores com os conhecimentos provenientes

também da ciência, numa abordagem transdisciplinar e holística (CAPORAL, 2009). Caporal ao citar Sevilla Guzmán e Ottmann (2004), apresenta três dimensões centrais da agroecologia que se entrecruzam e são de abordagem inter, multi e transdisciplinar: a) ecológica e técnico-agronômica; b) socioeconômica e cultural; etc. c) sócio-política. Desta forma, se nas bases epistemológicas da agroecologia, tal como apresentado por Caporal (2009), está não apenas presentes nos sistemas biológicos e sociais, mas também nos saberes dos agricultores através dos seus conhecimentos adquiridos no tempo e no espaço, por tentativa e erro, seletivo e cultural, juntamente com o conhecimento formal desenvolvidos pelas ciências agrárias convencionais; então, neste sentido, mostra-se importante a soma dos conhecimentos que muito foi negligenciado, trata-se de um campo de diversas reflexões e possibilidades.

Para mais uma indicação de resposta decolonial ao agronegócio, recupera-se a concepção de Aquino e Assis (2005), que quanto mais próximo o agrossistema se parecer com um ecossistema natural, maior a probabilidade desse agroecossistema ser sustentável (a concepção de vida biológica). Alimonda (2011, p. 21), no livro *La colonialidad de la naturaliza: Una aproximación a la Ecología Política Latino-americana*, afirma que a colonialidade persistente em afetar a natureza latino-americana, na sua “realidade biofísica (sua flora, sua fauna, seus habitantes humanos, a biodiversidade de seus ecossistemas)”, como na configuração territorial como espaço subalternizado. Ressalta-se que ecossistemas foram devastados pelas monoculturas, invasões biológicas e de doenças, de um modo significativo - a colonização da natureza.

O saber agroecológico pode incorporar diversas dimensões sociais e culturais, como também a conservação das sementes locais e crioulas, a segurança e a soberania alimentar, a diversificação das produções de alimentos, o respeito ao meio ambiente e as culturas alimentares locais, a produções e o consumo de alimentos locais, de forma a contribuir para novas formas de agir e pensar. Fazem parte deste pensar as sementes crioulas. As sementes crioulas são abordadas pela agroecologia, como elemento constitutivo do manejo da agrobiodiversidade. As sementes crioulas são aquelas que acompanham os agricultores e agricultoras, que foram adaptadas e passaram por processos de melhoramento nas condições ambientais da localidade (GLIESSMAN, 2005), as

sementes crioulas são elementos centrais para uma agricultura resiliente (AMORIN, 2016, p.20).

Conforme Romel *et al.* (2016), as sementes são o principal insumo de uma produção agrícola e responsável pela alimentação mundial, os agricultores e agricultoras familiares se apresentam com importante papel na conservação da diversidade genética. Diversos movimentos, ações e práticas se contrapõem num exercício diário estratégico de luta pela vida e pela terra, luta pela alimentação e soberania alimentar. Opondo-se ao modelo de agricultura moderno e ao agronegócio, práticas agroecológicas integram diversos princípios ecológicos, socioeconômicos e agrônômicos (ALTIERI, 2004). As sementes crioulas são partes desse cenário, como componente fundamental, como afirmam Pessoa e Branderburg (2022), do paradigma agroecológico, da valorização das práticas e saberes dos camponeses e pessoas agricultoras, do conhecimento local e ambiental, da resistência e persistência nos modos de produção e do manejo, na busca da independência das sementes comerciais.

Então, problematizando, pergunta-se: que novas compreensões e significados as práticas agroecológicas e as ações com as sementes crioulas podem manifestar frente ao modelo hegemônico de agricultura? Escobar (2010) argumenta que o “desenvolvimento” se apropriou de discursos de modernização se apropriando da natureza, indicando para uma separação entre sociedade e natureza, com verdades absolutas e subordinação de culturas outras, utilização de recursos naturais e estivos de vida consumistas. Assim, conforme Gudynas (2011, 2019), alternativas ao desenvolvimento aponta para rupturas dentro das opções no desenvolvimento (processo e modernização), pois rompe que com dualidade sociedade e natureza (visão biocêntrica).

Se a modernidade e o consumismo ressaltam uma visão antropocêntrica, a abordagem biocêntrica rompe esse reducionismo do antropocentrismo que explica a prevalência do valor econômico. Souza-Lima (2021, p.26) ressalta que, a “integração entre corpo/mente e ambiente rompe com um dos mais sólidos fundamentos das ciências modernas, a separação radical que institui os dualismos: corpo/mente, indivíduo/sociedade etc”. Corroborando Cullian (2021, p. 263), ao evidenciar aspectos do cosmos e suas interligações na natureza sem a centralidade nos seres humanos, como nas cosmologias dos povos indígenas que enxergam a Natureza como sagrada e em harmonia entre os outros seres:

O reconhecimento que a Natureza tem direitos, por sua vez, fundamenta-se em uma visão de mundo ecocêntrica, na qual os seres humanos são vistos como uma forma de vida ou aspecto específico da Terra que desempenha um papel único, mas não preemilente.

Nas feiras de sementes crioulas os Direitos da Natureza são reivindicados, nos discursos dos movimentos sociais e nas místicas com as sementes crioulas. As Feiras de sementes incorporam manifestos alternativos das variantes do modelo capitalista, com novas abordagens que envolvem gênero, classe e raça. Propõem alicerces baseados em saberes e fazeres populares sobretudo, como a guarda e a conservação, a troca e a venda de sementes crioulas.

A agricultura moderna como aplicação de um modelo ou padrão de poder com base na naturalização de determinadas formas de ser, agir e de hierarquias dentro de um movimento colonizador que produz subalternizações de experiências e vidas de reprodução das relações de dominação em diversas dimensões sociais (de monoculturas e do agronegócio). A construção de um outro imaginário, de organização de outros modos de vida e de saberes, de diversos pensares e de práticas agroecológicas pelas sementes crioulas se apresentam nas práxis dos sujeitos sociais como um símbolo de fortalecimento e de re-existência.

Vale ressaltar que foi de Adolfo Alban Achinte, pensador, ativista e artista colombiano que primeiro apresentou a resistência como “re-existência”. Walsh (2013, 2017) e demais pensadores decoloniais se basearam nesse termo em produções e diálogos para a construção contra hegemônica de resistências, insurgências e re-existências. Os autores Ramón Grosfoguel e Walter D. Mignolo (2008), por exemplo, recorrem a esse autor para afirmar que a re-existência um significado descolonial de atividade, de ação, de opção, de pensamento que se posiciona contra a “retórica da modernidade e a lógica da colonialidade” (GROSFOGUEL, MIGNOLO, 2008, p.33). A re-existência é caracterizada como representações de ações de enfrentamento para uma insurgência como forma de sobrevivência física e cultural de resignificação, não somente de resistência, mas re-existência de virada em confronto com a lógica da modernidade (ACHINTE, 2008, 2013; WALSH, 2017; GROSFOGUEL, MIGNOLO, 2008).

Dentro destas reflexões, a resistência ganha significação e ressignificação. Segundo Calle *et al.* (2012), a agroecologia se apresenta como possibilidade participativa e coletiva de proposta contrária ao modelo globalizado agroalimentar, como resistência, ação e reflexão ecológica, socioeconômica e sociopolítica. Envolve também uma abordagem ecológica, pela gestão sustentável dos recursos de forma menos artificializada; uma abordagem socioeconômica por envolver gestão participativa, autonomia e solidária de saberes e usos de recursos naturais e, a sociopolítica, por fazer oposição à lógica de mercado. Para Calle *et al.* (2012), “a resistência agroalimentar pertencerá à categoria de respostas coletivas e críticas que estão sendo dadas” (2012, p. 464). Festas Feiras de Sementes Crioulas, as sementes crioulas guardadas em propriedades rurais, organizações sociais ou em casas de sementes pelos guardiões e pelas guardiãs de sementes atravessam gerações com o objetivo de possibilitar e garantir uma alimentação saudável e de qualidade. Para Jack Kloppenburg (2008, p.10), a semente “está situada em um nexo crítico, onde as batalhas contemporâneas sobre as condições tecnológicas, sociais e ambientais da produção e consumo convergem e tornam-se manifestas”, ou seja, o controle das sementes envolve o controle de grande parte do sistema agroalimentar.

Assim, as feiras de sementes crioulas e a conservação, armazenamento, troca, plantio das sementes crioulas representam um passo importante na luta e na resistência, numa persistência tática e decolonial agroecológica para garantia da segurança e soberania alimentar, ao mesmo tempo que se constituem como papel importante para a materialização da reterritorialização dos territórios e de valorização das sementes crioulas.

4.3. Resistência e Re-existência

A proposta deste item é analisar os tipos de resistências a partir dos modos de ser e estar; e, conseqüentemente de fazer - de formas a realçar as práxis que lidam com questões e desafios postos frente a agricultura moderna e globalizante. Para tanto, parte-se das etimologias das palavras “resistência”, “resistir”, “existência” e “existir”, conforme o quadro abaixo:

Tabela 6 - Etimologias das palavras resistência, resistir, existência e existir

Palavra	Etimologia Latim	Definições
Resistência	resistentĭa	Como ato ou efeito de resistir; qualidade do que é resistente, força que um corpo reage contra a ação do outro. O prefixo “re” como “repetição” e “sistere” como continuar existindo.
Resistir	resistĕre	Opor resistência (a); não ceder (a); suportar sem alterações ou danos, face à ação de agentes agressores; ser resistente; durar; suportar; aguentar (situação exigente ou extrema); sobreviver (a); conservar-se; subsistir; defender-se; lutar
Existência	existentĭa	Como estado do que existe, do que tem realidade, do que é verdadeiro; aquilo ou aquele que existe; ente; condição do que tem vida; a vida; modo como se vive; condição do que está em algum lugar; presença; período de tempo que algo dura; duração.
Existir	existĕre	Ter existência; fazer parte da realidade material ou imaterial; viver; ser; estar; haver; ter importância; subsistir; durar.

Fonte: A Autora (2023) tendo como base o Dicionário do Porto Editora (2023)

Conforme o quadro acima, a resistência como ato ou efeito de resistir e de se opor a algo, ou seja, de não ceder e de suportar uma situação externa. A existência como estado do que existe, do modo como se vive, subsistir e ter existência fazendo parte da realidade material ou imaterial de ser, estar, ter e haver. A relação entre existência e resistência pode ser vista de diversas maneiras, como resistência à ameaça à existência (defesa da existência); na busca de uma vida digna e contra desigualdades, como expressão de identidade (culturais, étnicos, raciais, de gênero) entre demais outros.

Para Pereira (2017) no seu artigo *Resistencia descolonial: estratégicas e táticas territoriais*, afirma que “no mundo atual, para muitos, não resta alternativa senão resistir”, produto dessas lutas, fornecendo tangibilidade aos embates de resistência³¹. Pereira apresenta resistência como desviar (se), como dobrar (se), curvar (se), deslocar (se) como ato ativo a desafios ou injustiças percebidas por grupos subalternizados e de relações de poder. São várias as compreensões,

³¹ Pereira (2017) parte do diálogo entre resistência adotadas por autores como Foucault, Arendt, Scott, bem como de re-existência de Porto-Gonçalves e a noção de giro descolonial e descolonialidade de Maldonado-Torres; Castro-Gomez e Grosoguel; Mignolo.

significados, formas que a resistência se apresenta, sendo algumas conforme abaixo:

Tabela 7 - Resumo dos modos de resistência

Resistir, reagir	<ul style="list-style-type: none"> • Scott (2002): Vontade individual e coletiva (resistência cotidiana), a resistência em resistir situada entre o poder e a violência; • Roque (2002), resistência como primeira reação ao poder. • Foucault (1995): reação dentro de um campo de forças, resistindo contra algo ou alguém. • Mignolo: resistência de grupos sociais subalternizados constitutivos da colonialidade do poder. • Arendt: reação como ação na direção de romper os limites e transpor fronteiras. É uma resposta a ação do outro. Uma nova ação em relação a ação do outro, de modo a afetar a ação do outro. • Arendt (2005) perda da capacidade de resistir é uma perda de poder • Walsh: resistir para existir-pensar-ser-saber.
Desviar, Curvar e Dobrar	<ul style="list-style-type: none"> • Roque (2002), apresenta a resistência numa perspectiva matemática para pensar o estatuto da resistência, considerando a diferença entre reação e resistência em relação ao poder, forçando a dobrar e a curvar em direções não previstas. • Grosfoguel, Mignolo, Maldonado-Torres, Castro-Gomes: deslocar, dobrar, curvar, desviar, virada, giro decolonial
Devir, Deserção	<ul style="list-style-type: none"> • Roque: experiências de resistências diante uma situação, abandono do que era para uma nova situação (a deserção, o êxodo) – “resistência nasce da deserção”, ou seja, “recusa a uma forma de vida, no caso, ao modelo de vida gerado pelo capital”. • Scott: resistência popular
Luta contra	<ul style="list-style-type: none"> • Foucault (1995) luta contra formas de poder, contra dominação, exploração e sujeição.
Deturpação Insubmissão	<ul style="list-style-type: none"> • Foucault (1995) Não há relação de poder sem resistência, tentativas ou não de fuga e de novas alternativas de vida
Re-existência – resistir e existir	<ul style="list-style-type: none"> • Resistencia descolonial como r-existencia – Grosfoguel e Mignolo • Porto-Gonçalves: Existo, logo resisto – algo que pre-existe e é a partir dessa existência que se R-existe.

Fonte: A Autora (2023), tendo como base Pereira (2017), Porto-Gonçalves (2018, 2021)

Para Acosta (2016), a questão do desenvolvimento e seus desdobramentos é abordada ao destacar o “desenvolvimento e seus sobrenomes”, ressaltando que a abordagem global do desenvolvimento desconsidera e não reconhece as lutas dos povos subalternizados e marginalizados. Dentre os diversos desdobramentos e sobrenomes mencionados, encontra-se: “desenvolvimento econômico, desenvolvimento social, desenvolvimento local, desenvolvimento global, desenvolvimento rural, desenvolvimento sustentável ou sustentado, ecodesenvolvimento,

etnodesenvolvimento (...)” (ACOSTA, 2016, p. 60). Por conseguinte, quando considerados estudos baseados nas Epistemologias do Sul, como aquelas que envolvem produção de saberes e conhecimentos por grupos sociais que se posicionam e enfrentam diversas injustiças e opressões do capitalismo e colonialismos, bem como do patriarcado, percebemos respostas de resistências e de práticas de lutas.

As resistências são diversas, assim como também as muitas formas de resistir: resistir é dobrar-se, ou seja, incidir sobre si mesmo (a); resistir é desviar, para não chocar diretamente contra um poder; resistir é curvar-se, ainda que em mínimas curvaturas; resistir é deslocar, criando novas linhas de fuga; resistir também é silenciar, uma silenciosa e teimosa resistência; resistir é devir, como fluxo permanente que transforma realidades; resistir é deserção, abandono do lugar/ser que antes se frequentava ou deserção ao modo gerado pelo capital; resistir é reagir, como ação na direção ao rompimento de fronteiras, uma ação em relação a ação do outro de modo a afetar a ação do outro. E, por fim, resistir é r-existência e re-existência para novos horizontes de sentidos, resistência decolonial.

Grosfoguel e Mignolo (2008) trabalham os conceitos de Modernidade, colonialidade e decolonialidade incorporando-os num processo histórico desde o final no século 15, iniciado por Portugal e Espanha e praticado no decorrer dos séculos por diversos países na lógica destruidora da colonialidade, explorando e desapropriando terras, escravizando negros e indígenas nas Américas, Ásia e África. Os autores atribuem o surgimento do conceito de re-existência a Adolfo Albán Achinte, sendo assim, ao se tratar de decolonialidade é trazer um significado de que “estamos nos referindo a um tipo de atividade (pensamento, virada, opção), de confronto com a retórica da modernidade e a lógica do colonialidade” (GROSFOGUEL; MIGNOLO, 2008, p. 33), não se trata apenas de resistência, mas de re-existência. Para Achinte, esse conceito representa um diálogo crucial na construção de uma perspectiva contra hegemônica e no enfrentamento das opressões que historicamente afetaram povos e indivíduos subalternizados.

Como ilustra Escobar (2011, p.73) ao se referir ao Pacífico da Colômbia, recupera que os grupos subalternizados estão nos limites epistêmicos do colonialismo moderno (pensamento fronteiro) e os ativistas dos movimentos

locais emergem deste limite e produzem conhecimento, conforme destaque abaixo:

(...) el hecho de que el Pacífico de Colombia siempre ha estado conectado con una modernidad euro-andina nacional dominante, ha implicado la persistente supresión (casi siempre exclusión violenta) de las culturas y conocimientos de los indígenas y negros. No obstante, esta situación peculiar ha sido acompañada por una producción continua, por parte de estos grupos, de diferentes conocimientos sobre la naturaleza, la economía, la persona, y el mundo en general. Estos conocimientos son generados en los procesos incesantes de estar viviendo en los límites epistémicos del sistema mundial del colonialismo moderno, como también muchas instancias del pensamiento límite de los habitantes indígenas y negros. Hablando literalmente, los grupos indígenas y negros del Pacífico de Colombia – como seguramente muchos otros grupos en el mundo– han vivido siempre en un conocimiento y una cultura pluriversa; pero lo han hecho, como grupos dominados, lo cual hace toda la diferencia. Los activistas de los movimientos locales emergen desde este límite y producen conocimiento, que transborda de atrás hacia adelante, a lo largo de la interconexión entre la modernidad/colonialidad, la universalidad/pluriversalidad. Aún más, este límite constituye un cierto tipo de exterioridad (no fuera de la ontología) hacia la modernidad. Podríamos decir, que estos activistas conducen su lucha desde la diferencia colonial, en este caso, una diferencia colonial que tiene que ver con negritudes o indigeneidad, y con estar viviendo en unos paisajes y ecosistemas particulares.

No texto *Pedagogías de lá re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos* (ALBÁN ACHINTE, 2013), explora amplamente as pedagogias da (re)existência por meio de artistas indígenas e colombianos, apresentando três exemplos que ilustram "um horizonte de possibilidades para que os artistas étnicos continuem suas jornadas e para que nossas sociedades valorizem suas propostas tanto em seus locais de origem quanto nos circuitos institucionalizados da arte" (ALBAN ACHINTE, 2013, p.459). Esses exemplos incluem os pintores guambianos em busca de expressar sua cosmovisão, os afrocolombianos que rastreiam memórias para ganhar visibilidade, e a música patiana, que fortalece identidades em prol da (re)existência. À medida que o autor contextualiza a arte

como um meio de autorrepresentação e ressignificação, tornam-se evidentes novas facetas de pluralidade. A diversidade de cores da modernidade permite que indígenas e afrodescendentes abordem questões de exclusão social e violência inerentes à matriz colonial que normaliza a discriminação racial, ética e cultural. Alban destaca que as práticas de (re)existência identitária, política e cultural desafiam lógicas que não se limitam apenas às heranças das práticas coloniais. Destaca-se o trecho abaixo:

Reexistência como os dispositivos que as comunidades criam e desenvolvem para inventar cotidianamente a vida e o poder, dessa forma confrontando a realidade estabelecida pelo projeto hegemônico que da colônia à nossos dias inferiorizaram, silenciaram e tornaram visível de forma negativa a existência de comunidades afrodescendentes. A reexistência visa descentralizar lógicas estabelecidas para pesquisar as profundezas das culturas - neste caso indígenas e afrodescendentes - as chaves para as formas organizacionais, produção, alimentos, rituais e estéticas que permitem dignificar a vida e reinventá-la para continuar se transformando. A reexistência aponta para o que o dirigente comunitário, cooperativo e sindical Héctor Daniel Useche Berón "Pájaro", assassinado em 1986 no Município de Bugalagrande no centro de Valle del Cauca, Colômbia, certa vez perguntou: "O que vamos inventar hoje para continuar vivendo? (ALBAN ACHINTE, 2013, P. 455).

Para Walsh (2009, 2017), as manifestações de (re)existência são observadas de várias formas: através do grito, que representa resistência, desobediência, insurgência, ruptura e transgressão em face do silenciamento imposto, como uma reação do colonizado diante das transformações em seu modo de vida. Outra manifestação é o ato de semear dentro das fissuras ou brechas do sistema capitalista-moderno-colonial-antropocêntrico-racista-heteropatriarcal. Além disso, a construção da interculturalidade e da decolonialidade começa com a disposição de desaprender para, posteriormente, reaprender, buscando outras formas de "estar, fazer, ser, sentir, pensar, saber e viver" (WALSH, 2017, p.25).

Raúl Zibechi (2015) trabalha o conceito de "território em resistência", nas resistências que se baseiam articulações em relações de solidariedade e no estabelecimento de economias alternativas, partindo de reflexões das lutas dos

movimentos populares rurais e das experiências periféricas urbanas, Daí, aborda e discute os movimentos sociais na perspectiva latino-americana elaborados em suas próprias bases, suas características de mobilização e de pertencimento, com intencionalidades de modificar os sistemas sociais estabelecidos e defender suas metas e reivindicações. As novas territorialidades criadas pelos movimentos sociais, segundo o autor (p.162), “são espaços nos quais os excluídos asseguram sua sobrevivência diária”.

Como síntese do capítulo, concentramo-nos nos pontos discutidos em relação ao conceito de território e resistência, destacando suas diversas abordagens e como podem se relacionar com as Festas Feiras de Sementes Crioulas. As feiras emergem como espaços de cooperação e promoção do bem comum, inseridas em uma abordagem político-social dos movimentos sociais. A semente crioula desempenha um papel central e unificador neste contexto, contextualizando-se em debates diversos que abrangem reivindicações relacionadas aos direitos da natureza, dos povos originários, das comunidades quilombolas, das famílias agriculturas, ribeirinhas, faxinalenses e da agroecologia. Nos resultados desta tese, essa inserção de temas reflete uma visão integrada e holística da relação entre sementes, território e resistência, evidenciando a importância desses elementos para a sobrevivência alimentar.

5. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO

A proposta metodológica da pesquisa buscou no levantamento de informações junto aos feirantes, participantes e organizadores das feiras de sementes crioulas, tendo na pesquisa de observação participativa seus propósitos de investigação, baseando-se em Catharine Walsh (2009, 2013, 2017), Carlos Rodrigues Brandão (1981), Paulo Freire (1996) e Orlando Fals Borba (1996).

Considera-se que a constituição de uma metodologia vai além das definições de métodos, instrumentos de pesquisa e de categorias de análise, organiza-se também, em reflexões como participante e observadora nas feiras de sementes crioulas. Conforme Walsh (2013, p.13), “descentralizar a pedagogia da educação, ir além da pedagogia crítica” é para uma conduta que convoca uma “postura muito mais política, enraizada nas lutas de existência e vida”, trata-se de um desafio para uma pedagogia crítica transformada como prática insurgente. Práticas que emergem de um contexto de denúncia e de trajetória dos próprios autores sociais, que abrem fendas, caminhos dentro das fissuras no sistema de relação de poder de epistemes coloniais que afastam, oprimem e rejeitam todas culturas que estão fora do padrão capitalista-moderno-antropoceno-racista-patriarcal (WALSH, 2009, 2013, 2017). O caráter pedagógico deve caminhar para resistências e insurgências para romper com a modernidade/colonialidade e possibilitar outras alternativas (WALSH, 2009), destaque ao trecho abaixo:

Pedagogías entendidas como las metodologías producidas en los contextos de lucha, marginalización, resistencia y lo que Adolfo Albán ha llamado “re-existencia”; pedagogías como prácticas insurgentes que agrietan lá modernidad/colonialidad y hacen posible maneras muy otras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir y vivir-com” (WALSH, 2019, p19).

Na perspectiva de Walsh (2009, 2013, 2017) de interculturalidade crítica e da constituição de uma metodologia baseada no educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (2000, 2002), uma visão crítica transformadora de mundo - “projetos de interculturalidade, pedagogia e práxis que assumem a perspectiva da decolonialidade” (WALSH, 2009, p.14). A interculturalidade crítica se propõe a

questionar as estruturas e as lógicas neoliberais existentes, não se tornando funcional, multicultural ou discursiva unicamente para atender aos seus propósitos, como uma “estratégia política funcional ao sistema/mundo moderno e ainda colonial; pretende “incluir” os anteriormente excluídos dentro de um modelo globalizado de sociedade, regido não pelas pessoas, mas pelos interesses do mercado” (WALSH, 2009, p.20). E para isso, a autora cita como exemplos as constituições e projetos políticos da Bolívia e do Equador do “bem viver” ou “viver bem” que se aproximam da “sociedade euro-usa-cêntricos” (WALSH, 2009, p.20). Walsh propõe uma interculturalidade crítica que parte do problema em si, da sua lógica de racionalização, a sua construção e sua constituição é a partir das pessoas e da construção coletiva - projeto que “aponta à re-existência e à própria vida para um imaginário “outro” e uma agência “outra” de com-vivência – de viver “com” – e de sociedade” (WALSH, 2009, p.22). Ferreira e Silvério (2021), acrescentam que é necessário um processo de reconhecimento do ser humano pela vivência em sua multidimensionalidade, fora do pensamento único e eurocêntrico.

Walsh conecta a interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica decolonial, se a interculturalidade funcional promove o diálogo e a tolerância, no interculturalismo crítico se faz necessário a exposição dos motivos que não ocorrem os diálogos. Ela desafia o pensamento único, “revitalizando” e “revalorizando” os saberes ancestrais e a história, juntamente com as pessoas, com os movimentos sociais e grupos subalternizados para a “construção de modos “outros” do poder, saber, ser e viver - permite ir muito além dos pressupostos e manifestações atuais da educação intercultural bilíngue ou da filosofia intercultural” (WALSH, 2009, 24-25). Segundo a autora:

Recordar que a interculturalidade crítica tem suas raízes e antecedentes não no Estado (nem na academia), mas nas discussões políticas postas em cena pelos movimentos sociais, faz ressaltar seu sentido contra-hegemônico, sua orientação com relação ao problema estrutural-colonial-capitalista e sua ação de transformação e criação. [...] a interculturalidade crítica – como prática política – desenha outro caminho muito distinto do que traça a interculturalidade funcional. Mas tal caminho não se limita às esferas políticas, sociais e culturais; também se cruza com as do saber e do ser. Ou seja, se preocupa também com a exclusão, negação e subalternização ontológica e epistêmico-cognitiva dos grupos e sujeitos racializados; com as práticas – de desumanização e de subordinação de conhecimentos – que privilegiam alguns sobre outros, “naturalizando” a diferença e ocultando as desigualdades que se estruturam e se mantêm em seu

interior. Mas, e adicionalmente, se preocupa com os seres de resistência, insurgência e oposição, os que persistem, apesar da desumanização e subordinação (WALSH, 2009, p.22-23).

Assim, praticar a interculturalidade crítica é colocar em ênfase o aspecto relacional, a partir e como os grupos sociais e comunidades. Conforme Ferreira (2019; 2020), a interculturalidade questiona as disciplinas e as estruturas dominantes, é uma possibilidade de se pensar numa política social do conhecimento efetiva, buscando desenvolver um referencial teórico além do europeu ou norte-americano, mas a partir dos conhecimentos que partem dos grupos sociais, que valoriza a diversidade.

Segundo Brandão (1981, p. 12) sobre a pesquisa participante, “a participação não envolve uma atitude do cientista para conhecer melhor a cultura que pesquisa”, se dá por uma relação dialética entre objetividade e subjetividade. Fals Borba (1996, p. 179) ressalta, deriva da concepção de uma abordagem diferente para gerar conhecimento pela investigação social, mas também com o diálogo e no encontro entre pesquisadores (as), pesquisa e participantes, organizando quatro diretrizes: i) sobre a distância entre o sujeito e o objeto, deve ser preenchida com respeito aos conhecimentos dos pesquisados (as) e das comunidades pesquisadas como parceiros e co-pesquisadores; ii) seja receptivo a narrativas e não confie em visões da história elitistas “e da ciência que respondem aos interesses dominantes”; iii) perceba valores e práticas locais sem depender unicamente de sua cultura em relação aos fatos; iv) partilhe e divida o que aprendeu sem impor o “seu próprio estilo científico” (não deve ser monopólio de especialistas). Em busca de uma ciência sentipensante, com outro perfil como “aquella persona que trata de combinar la mente con el corazón, para guiar la vida por el buen sendero y aguantar sus muchos tropiezos” (FALS BORBA, 2009, p. 9-10). De um unir experiência e linguagem, segundo Gomez (2021, p. 510) “criam uma promessa revolucionária, uma gramática para o futuro”, ao mesmo tempo que questiona a separação provocada pela modernidade capitalista (mente/corpo, razão/emoção, humanos/natureza...), assim:

Fals Borba relata o termo era originalmente usado por pessoas dos rios e pântanos da região da costa do Caribe; depois, foi popularizado por Eduardo Galeano e utilizado mais recentemente por Escobar (2014).

Portanto, o propósito de se fazer uma pesquisa participativa vem da preocupação de se fazer pesquisa com os atores/sujeitos sociais e não somente sobre eles. Na *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (1996, p.13), cita a formação do educador envolve uma “curiosidade epistemológica” por meio do ensino-aprendizagem “quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (1996, p.13), conforme elucidado abaixo:

A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na História. É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe (FREIRE, 1996, p.12-13).

A propositura dos diferentes autores permite refletir sobre a pesquisa participativa aos contextos vividos, contudo, não é objeto deste trabalho aprofundar todos esses conceitos e pressupostos metodológicos, mas em torno deles, foram fundamentais para a elaboração desta tese. Conforme Macedo (2016, p. 53), no seu livro *A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais*, ter a sagacidade da “escuta sensível” como uma abordagem qualitativa necessária para uma pesquisa aberta às itinerâncias ao acontecimento e no âmago das experiências acontecimentais em que a “teoria deixe de lado a força explicativa da sua tradição e se abra para a compreensão labiríntica e, muitas vezes, opaca da experiência formativa”.

5.1. Instrumentos e categorias de análises

A pesquisa científica se desenvolve com um conjunto de métodos e procedimentos, tanto intelectuais e técnicos para se conhecer o que se propõe pesquisar (GIL, 1999). Desta forma, entende-se por metodologia, conforme Minayo (2009), o caminho que o pensamento percorre e a abordagem exercida da realidade, ou seja, o método em si e os instrumentos de operacionalização do conhecimento e do pesquisador; considerando, sua experiência, suas

capacidades pessoais juntamente com sua sensibilidade. Sendo assim, a tese será fundamentada em uma pesquisa observante participativa e qualitativa considerando a História Oral como instrumento, conforme abaixo:

Tabela 8 - Instrumentos Metodológicos

Instrumentos metodológicos	Objetivos
Pesquisa bibliográfica e revisão de literatura	Aproximação do tema-problema
Snowball	Identificação de atores chaves (organizadores, feirantes e participantes).
Equipamentos	Sonoro e fotográfico
Caderno de campo	Pesquisa observação participativa, para registro de detalhes, percepções, observações, comportamentos e dúvidas
Entrevistas	Considerando os objetivos específicos e geral
História oral	Processo de construção narrativa considerando a memória oral.
Análise e interpretação	Considerando as categorias de análises

Fonte: Autora (2021)

5.1.1. História Oral

Nesta pesquisa utilizou-se a História Oral como instrumento de pesquisa, considerando os processos narrativos orais de experiências envolvendo pessoas e suas memórias. As memórias como instrumento de constituição de aspectos do cotidiano presente e passado, de informações, de situações, de fatos e de manifestações. Para Delgado (2006, p.23) a história oral é um instrumento importante voltado “[...] à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”, de forma a compartilhar considerando diversas dimensões: a narrativa, a lembrança e a escuta.

No Brasil, segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), este instrumento de pesquisa foi introduzido na década de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do CPDOC - contudo, já em 1950, com a criação do gravador, a movimentação e o debate da história oral começaram nos EUA, na Europa e no México. Muitos membros e

adeptos começaram a utilizá-la ampliando sua aceitação na academia pelos historiadores, antropólogos, cientistas, sociólogos e outros membros que a consideravam importante para a pesquisa (MEIHY; RIBEIRO, 2011), que, segundo Paul Thompson (2000), corrobora em afirmar que se trata de um instrumento interdisciplinar que cruza caminhos por diversas áreas acadêmicas.

A história oral, conforme Meihy e Ribeiro (2011, p.12), é um “conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas”, utilizando entrevistas com pessoas que vivenciaram acontecimentos, que testemunharam fatos, passaram por experiências ou os modos de vida de um determinado contexto social e cultural. Esta consideração da história oral (MEIHY; RIBEIRO, 2011), é importante para sua definição, entretanto, vale ressaltar que ela é muito mais que simplesmente gravar ou fazer entrevistas, é preciso sistematizar o projeto e definir critérios. A história oral exige levantamentos de dados, leituras e estudos históricos, pesquisa bibliográfica ou biográfica para a elaboração de roteiro das entrevistas. Segundo Meihy e Ribeiro (2011), há pelo menos quatro gêneros de história oral: a história oral temática, a história oral de vida, a história oral testemunhal e tradição oral. Alguns destes gêneros se entrelaçam, se combinam por não ter uma separação taxativa.

A história oral considera como “objeto” a memória oral para condução do percurso de pesquisa; já enquanto instrumento, a HO se apresenta como recurso para este caminhar no percurso de ingresso a memória. “De que há lembrança?”, “De quem é a memória?” São duas perguntas que Paul Ricoeur (2007, p.23-24) aponta em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*. A memória é uma maneira de manter vivo um evento, cada pessoa lembra e a conserva de forma única. O autor insiste ainda em acrescentar uma terceira pergunta: “Como é lembrada?”. A memória não é neutra, é construída por fatores emocionais. Algumas delas, conforme Ricoeur, passam pelo esquecimento ou são selecionadas ao serem lembradas ou não por quem as visita.

Na filosofia grega fizeram da memória uma deusa, Mnemosine. A deusa da memória como mãe de nove musas, em decorrência de nove noites com Zeus: Poesia Épica, História, Poesia Romântica, Música, Tragédia, Hinos, Dança, Comédia e Astronomia. Segundo Leonardelli (2008), gradativamente “o culto à arte da memória ultrapassa a devoção à deusa e adquire um status mais

amplo na sociedade na medida em que a cultura grega encaminha sua evolução não só voltada para as artes em geral, mas para as ciências humanas, naturais, jurídicas e políticas” (LEONARDELLI, p. 15, 2008). De acordo com Le Goff (1999, p.438), a Mnemosine revela ao poeta os segredos do passado e introduz os segredos do além, a memória como antídoto do esquecimento: “no inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas, pelo contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de Imortalidade”. A memória “como propriedade de conservar certas informações”, que podem “atualizar impressões ou informações passadas” apenas acessando-as pela recordação (LE GOFF, 1999, p. 423).

Ademais, a memória como reconstrução do passado é descrita por Peter Burker (2000, p. 247), para moldar a recordação, ou seja, para o autor não se pode abstrair a memória individual do contexto social, sendo elas diferentes devido às pluralidades sociais, conforme destaque:

Dada a multiplicidade de identidades sociais e a coexistência de memórias sociais, de memórias alternativas (memórias de família, memórias locais, memórias de classe, memórias nacionais, etc.), é certamente mais produtivo pensar em termos pluralísticos sobre os usos que a recordação pode ter para diferentes grupos sociais que podem ter diferentes pontos de vista quanto ao que é significativo ou “digno de memória”.

A memória tem relação com a identidade, podendo ser seleção do que é relevante para o sentimento, de encadeamento e de experiência (ALBERTI, 2005). A construção da identidade e a construção da história são ligadas a memória. Segundo Ricouer (2007), é através da memória que se mantém um evento vivo, está ligada a relações afetivas de amor e ódio. A memória não é neutra, é construída de tensões que podem influenciar o que será lembrado e o que será esquecido. A história oral centra-se na “memória humana e na sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunho vivido”, considerando que, conforme Matos e Senna (2011, p.96), destaca:

Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. Para Maurice Halbwachs (2004: 85), toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. Vale dizer que, de certa forma, filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que

queremos, que nos é significativo. Talvez não possamos impedir que certas lembranças aflorem, mas podemos controlar a forma como essas lembranças sairão da esfera do íntimo, do privado, e ganharão vida própria no público.

O conceito de memória coletiva é descrito por Bosi (1987, p. 332-333), sendo a transmissão dos saberes para a posterioridade, ou seja, “se desenvolve a partir de laços de convivência familiar, escolar, profissional”, se enredam juntamente com a interação de seus membros do grupo, como uma força unificadora. Neste sentido a memória coletiva se relacionada com os saberes fazeres, o aprendizado de um ofício, por exemplo, se dá pela aprendizagem que é passada de geração em geração, que conforme Oliveira (2015, p.1,2), uma “memória técnica”, da “estruturação dos ofícios, assim como a conservação dos segredos dos ofícios” e suas multiplicidades que envolvem a memória coletiva.

Nesta dinâmica, chama-se a atenção ao ato de pesquisar em que a história oral ganha caráter científico pelo atributo que o pesquisador fornece a ela na construção da pesquisa científica, que tem como o objeto a memória. O trabalho em campo exige que o pesquisador se debruce sobre os “eventos investigados, a partir sempre de seus contextos, sendo necessário, assim, uma descrição detalhada das condições de produção” (ALVES, 2016, p. 2). Esta atribuição é orientada por um conhecimento prévio (não definitivo) e também teórico anteriormente considerado. Desta forma, a pergunta de pesquisa (problema e hipótese) devem estar definidos no projeto juntamente com os objetivos especificados para enfim, ir para campo de pesquisa considerando as fontes diversas “para uma melhor contextualização do recorte feito” (ALVES, 2016, p. 2).

Conforme Alberti (2007), as informações sobre o campo e as coletas com o uso de técnicas e métodos estabelecem uma conexão entre o pesquisador e o pesquisado, não sendo concreta ou estabelecida aos olhos, são empíricas e abstratas. A história oral possibilita o acesso as informações à proporção que as falas são recebidas pelo pesquisador, sendo analisadas e contrabalanceadas pelos referenciais teóricos, que conduzem e fornecem aporte a pesquisa investigativa. Corroborando ainda, Alberti (2007), ao afirmar que o pesquisador e o pesquisado trabalham conjuntamente na perspectiva da resignificação e na construção do passado – vivência, expressão e compreensão. A história oral

propõe uma conexão com a sociedade, nas relações e estruturas de um determinado grupo ou indivíduo através de suas falas, vozes e relatos.

Alberti (2007) ao apresentar dois paradigmas para explicar o fascínio que a história oral fornece: a hermenêutica e a ideia do indivíduo como importância que exerce para a compreensão. Para a hermenêutica, a autora resgata Wilhelm Dilthey, que considerava a compreensão dos seres humanos pela sua historicidade (fundamento das ciências humanas), do movimento de se colocar no lugar do outro para se compreender e experimentar outras vivências. Para isso é necessário um trabalho prévio de nos colocar e ter a capacidade de compreender as falas e os relatos para interpretação – condições *sine qua non* (ou seja, uma condição essencial ou indispensável). O segundo paradigma, a ideia do indivíduo como valor está na compreensão que para se vivenciar algo é preciso considerar o indivíduo que é o “locus” da vivência, da origem. Ele dá sentido, por exemplo, quando os mais velhos transmitem narrativas orais para os mais novos “de modo a conservar a ‘identidade’ e a construir os significados da sociedade” (ALBERTI, 2007, pg.3).

Contudo, é válido resgatar Viveiros de Castro (2002), no texto *O Nativo Relativo*, no qual inicia sua narrativa com a frase de Nelson Rodrigues: “o ser humano, tal como imaginamos, não existe”. Nos leva a pensar sobre os pontos de vistas, sobre a coisa que não se conhece, sobre o outro além do eu. O texto apresenta toda uma discussão sobre a relação entre o antropólogo e o nativo, sobre a “coisa” pesquisada. Essa narrativa que se coloca entre os interlocutores e o antropólogo é o ponto central do seu debate. Para o autor, o antropólogo e o nativo são entidades de uma mesma espécie (humana) e com condições e modos de vida inseridos em suas próprias culturas. O nativo tem uma visão natural e com uma visão instaurada de sua cultura que já lhe é intrínseca, espontânea e inconsciente. O antropólogo tem uma visão não espontânea, uma visão consciente e reflexiva. Estas concepções são próprias de quem acha que sabe do outro mais que ele mesmo. O cuidado de não ter uma perspectiva hierarquizada perante o outro, assim como Viveiros propõe, uma reflexão que é a base de um pensamento epistemológico entre o antropólogo e o nativo: o objeto exótico. Mas, o que seria o exótico? Seria a diminuição e a negação do direito humano de ser interlocutor? O nativo como sujeito com expressão de um mundo possível, considerando-o com legitimidade e seriedade.

O encontro entre o pesquisador e o pesquisado deve ser planejado com cautela, com respeito sem indução da visão do pesquisador, este cuidado é fundamental. Por isso, é importante o planejamento do roteiro de entrevistas, dos recursos e materiais que serão utilizados (tais como gravador, máquina fotográfica), bem como a organização do cronograma de atividades. Entendem-se por entrevistas, um roteiro com perguntas de forma a permitir dados informativos, a caracterização ou a ilustração de um cenário, o entendimento de situações ou novas considerações de mundo do ponto de vista do sujeito que as vivenciou. Durante as entrevistas (MEIHY; RIBEIRO, 2011), algumas situações devem ser consideradas, tais como silêncios durante a entrevistas, lágrimas, risadas ou quaisquer outras possibilidades, como gestos, sinais, movimentos corporais. O caderno de campo também é uma ferramenta relevante para o registro de situações e impressões com a finalidade de auxiliar as observações, análises e descrição do objeto de estudo.

As entrevistas são gravadas, para que possam ser transcritas e ouvidas quantas vezes forem necessárias. A passagem do oral para o escrito deve ter todo o cuidado e ser legítima, as entrevistas devem ter o consentimento e a autorização do entrevistado.

Juntamente com as entrevistas, para a compreensão do passado, considerou-se fotos ou imagens. A história oral temática, como advoga Meihy (2011), é um dos gêneros mais receptivo à iniciativa de projetos desenvolvidos no meio acadêmico, bem como também em instituições, empresas e comunidades; por partir “de um assunto específico e previamente estabelecido, a história oral se compromete com o esclarecimento”, ela busca a “versão de quem presenciou um acontecimento”. A história oral temática ressalta “detalhes da história pessoal do narrador que interessam e revelam aspectos úteis a instrução dos assuntos centrais” (MEIHY, RIBEIRO, 2011, p. 88-89). Sendo também um dos métodos mais indicados para se trabalhar com comunidades tradicionais, por se sentirem mais acolhidas para manifestar informações por meio da oralidade e não pela escrita (FERREIRA, 2010).

5.1.2. Categorias de Análise

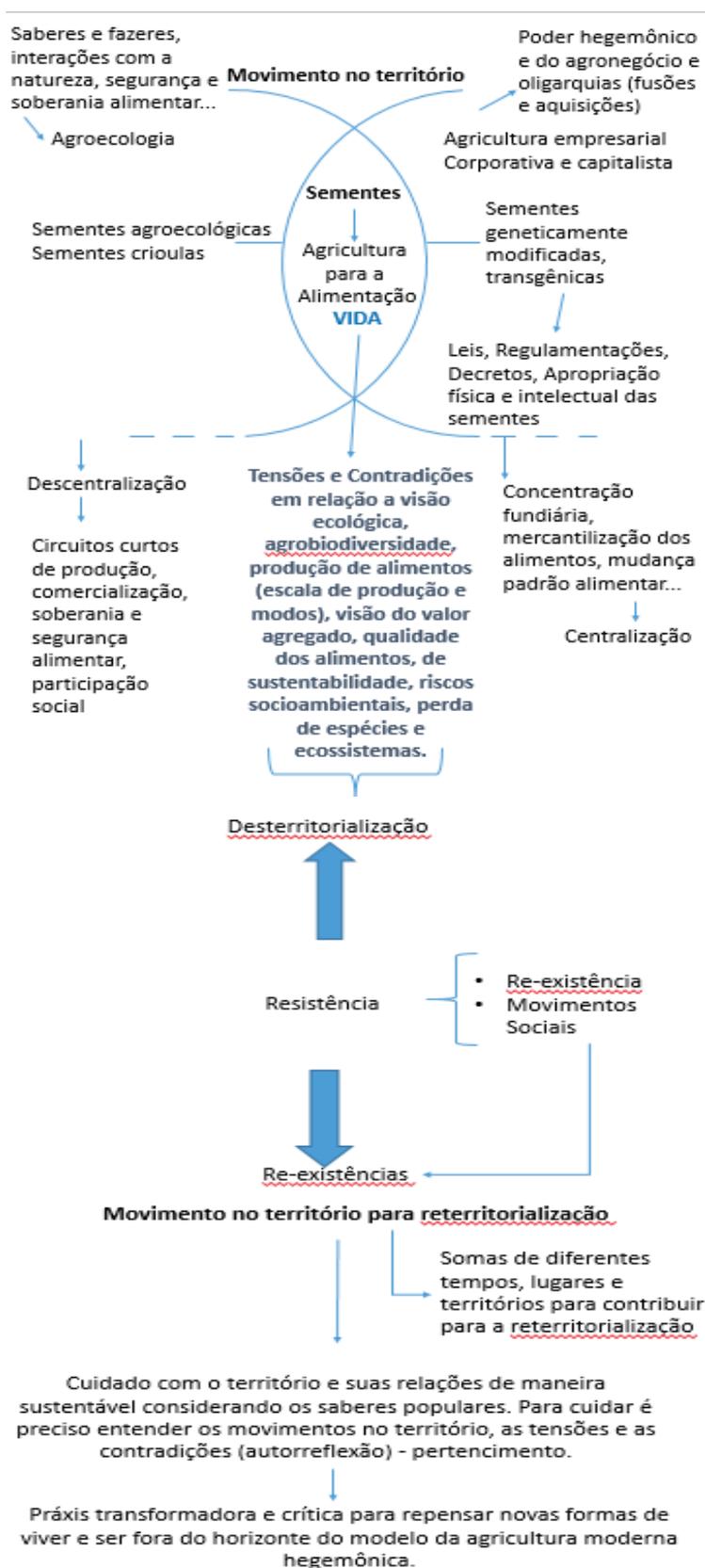
Neste item serão apresentadas as categorias de análise. Em um primeiro momento, foram realizadas leituras considerando um conjunto de autores que refletiram e debateram (diretamente ou não) sobre a apropriação das sementes nos sistemas modernos de agricultura dos impérios alimentares, momento este, refletido na análise após a introdução desta tese, foram eles: Santilli (2009); Kloppenburg (2008); Lima (2021); Calle (2012); Ploeg (2008, 2016); Altieri (2004); Mazoyer, Roudart (2010); Silva (2014); Gasparini (2014); Souza (2021), Shiva (2003). Posteriormente, para o debate das sementes crioulas na agroecologia, foram utilizados: Maica (2012); Gliessman (2002), Santilli (2009), Caporal (2009), Aquino (2005), Lima (2005).

Foi realizada uma pesquisa nas bases de dados da Redalyc (Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal), e, em seguida, no banco de dados de acesso CAFe dos Periódicos Capes (Web of Science e Scopus) e no Google Acadêmico, entre os anos de 2013-2023. O objetivo foi de sistematizar os resultados obtidos nas bases de dados, ressaltando a metodologia e descrever como são abordados os temas território e resistência (em cada artigo e por base), contudo, mas com a intenção de não se prender aos arcabouços coloniais. Percebeu-se que os artigos selecionados ressaltam diversos conjuntos de ações, de organização coletiva, protagonizada pelos autores sociais de diversas localidades, direcionam para autonomia de reprodução social, de resistência e redes de conexões formadas, numa postura contra hegemônica decorrente de esforços comunitários. A construção de práxis reterritorializadoras de resistência contra a persistência da agricultura convencional, que apesar que o conceito de território e as discussões de desterritorialização ou reterritorialização não serem debatidas, percebe-se que mesmo na transversalidade, estavam presentes nos resultados obtidos nos textos trabalhados em alguma medida.

A partir daí, foi montado um esquema de reflexão das forças e dos movimentos do e no território (SAQUET, 2019, 2019a, 2018, 2018, 2007, 2017a), conforme abaixo (Figura 4), para figuração e ilustração do que foi percebido até então (sendo mais fácil a visualização). Contudo, seguiu-se a premissa conforme

Porto-Gonçalves (2021, p.19) destaca “ninguém produz conhecimento com certeza”:

Figura 4 - Esquema inicial - Reflexão das forças e Movimentos do/no território



Fonte: Autora (2023) baseado em Saquet (2019, 2019a, 2018, 2018, 2007, 2017a) e Ploeg (2016, 2008).

Na tabela quadro abaixo, apresento os objetivos da pesquisa e como serão organizadas as informações:

Tabela 9 - Objetivos da pesquisa e a organização das informações

Objetivo Específicos	Busca de dados
Discorrer sobre o processo de apropriação e usos das sementes pelos sistemas modernos de agricultura, a fim de proporcionar reflexões sobre a mercantilização das sementes, o monopólio de bens da natureza e apropriação da agrobiodiversidade;	Revisão de Literatura: Apresentar os modos de apropriação da semente pelos impérios alimentares. Proporcionar uma contextualização de como as sementes crioulas contribuem para a construção da agroecologia, que através de práticas tradicionais vinculadas a saberes e fazeres, relações sociais e culturais fazem frente ao modelo hegemônico de produção agrícola e do agronegócio. Navegar pelas abordagens em estudos de Feira de Sementes através de algumas bases de dados científicas, identificando os pontos de discussão sobre território e resistência.
Compreender como os espaços das feiras de sementes crioulas se constituem pela capacidade dos sujeitos de construir práxis de resistência nesses espaços;	Observação participante Entrevista semiestruturada com participantes, organizadores e feirantes das feiras de sementes crioulas.
Analisar as práxis reterritorializadoras de resistência nos espaços das feiras de sementes crioulas nos territórios que transitam;	Observação participante Entrevista semiestruturada com participantes, organizadores e feirantes das feiras de sementes crioulas.

Fonte: Autora (2023)

Na tabela abaixo faz referência a revisão de literatura considerando as categorias “semente crioula”, “Território-Desterritorialização-Reterritorialização (TDR)” e “Resistência”, tendo como território de análise as Feiras de Sementes Crioulas.

Tabela 10 - Categorias de análise: Sementes, Território-Desterritorialização-Reterritorialização (TDR) e Resistência

Categoria	Campo teórico	Objetivo	Instrumentos	Referências	Procedimento metodológico
Sementes Crioulas	Sementes para a sobrevivência dos seres humanos e não humanos às práticas agrícolas modernas praticadas pelos impérios alimentares	Discorrer sobre o processo de apropriação e usos das sementes pelos sistemas modernos de agricultura, a fim de proporcionar reflexões sobre a mercantilização das sementes, o monopólio de bens da natureza e apropriação da agrobiodiversidade;	Revisão de Literatura	Santilli (2009); Kloppenburg (2008); Lima (2021); Calle (2012); Ploeg (2008, 2016); Altieri (2004); Mazoyer, Roudart (2010); Silva (2014); Gasparini (2014); Souza (2021), Shiva (2003), Escobar (2014) Posteriormente, para o debate das semente crioulas na agroecologia, foram utilizados: Maica (2012); Gliessman (2002), Santilli (2009), Caporal (2009), Aquimo (2005), Lima (2005).	Descritivo e reflexivo como referencial teórico
Território-Desterritorialização-Reterritorialização (TDR) e Resistência	Compreender como os espaços das feiras de sementes crioulas se constituem pela capacidade dos sujeitos de construir práxis reterritorializadoras e de	Compreender como os espaços das feiras de sementes crioulas se constituem pela capacidade dos sujeitos de construir práxis de resistência nesses espaços; Analisar as práxis reterritorializadoras	Revisão de Literatura Entrevista semiestruturada com os guardiões e guardiãs de sementes crioulas que participam das feiras;	SAQUET, 2007, 2018, 2017a, 2017b, 2017c, 2018, 2019 a, 2019b, 2022; ESCOBAR, 2005, 2010, 2014a), Gudynas (2011, 2019); Mignolo (2002, 2004, 2005)	Campo: observação-participante e Entrevistas

	resistência nesses espaços;	de resis/persistência nos espaços das feiras de sementes crioulas nos territórios que transitam;	Entrevista semiestrutur ada com representant es e organizadore s das feiras de sementes crioulas	(WALSH, 2009, 2013, 2017; ACHINTE, 2013 (PORTO- GONÇALVES, 2021, 2012; ESCOBAR, 2005, 2010).	
--	--------------------------------	--	--	---	--

Fonte: Autora (2023)

Foram realizadas diversas conversas informais, abaixo apresento a agenda de atividades formais de campo em Feiras de Sementes:

Tabela 11 - Atividades de campo e entrevistas

Feira	Data e Local	Atividade
Feira de Produção Local	29/10 a 02/11/2021, em Morretes (PR)	Observação e os primeiros contatos com agricultores e agricultores (guardiães da ReSA).
Um dia de Campo Feliz na ABAI (Associação Brasileira de Amparo A Infância)	15/11/2021, em Mandirituba (PR).	Observação e os primeiros contatos com agricultores e agricultores (guardiães da ReSA).
Feira das Sementes Agroecológicas, dentro da 19ª Jornada de Agroecologia (Curitiba)	22 a 26/06/2022, em Curitiba (PR)	Observação e aproximação agricultores (as), guardiões (ãs); expositores (as) e organizadores (as)
18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade	16 e 17/09/2022, em Irati (PR)	Observação e aproximação agricultores (as), guardiões (ãs); expositores (as) e organizadores (as)
Feira de Sementes e Mudanças e Feira de Sementes e Mudanças	12 e 13/01/2022, em Morretes (PR)	Observação e aproximação agricultores (as), guardiões (ãs); expositores (as) e organizadores (as)

		Duas entrevistas realizadas: agricultura e guardiã de sementes urbana,
19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade	25 a 26/08/2023, em Palmeiras (PR)	Entrevistas
Festa Feira de Sementes Crioula no Quilombo da Restinga	16/09/2023, na Lapa (PR)	Observação
Encontro com os povos originários	07/10/2023, em Mandirituba (PR)	Relatora do Liis (Laboratório interdisciplinar, intercultural de inovações sociais)
Festa das Sementes e dos Guardiões e Guardiãs da Biodiversidade	08/10/2023, em Mandirituba (PR)	Observação-participativa
Reunião UFPR Rebouças com povos indígenas e quilombolas	07/02/2024, em Curitiba	Observação-participativa e relatoria

Fonte: A Autora (2023)

As entrevistas ocorreram entre os anos de 2022-2024, mantendo suas identidades no anonimato. No quadro abaixo é possível verificar a data da entrevista referenciando o movimento social que faz parte (consulte o Apêndice 3 para ver o questionário de entrevista):

Tabela 12 - Entrevistas realizadas entre 2022 a 2024

Entrevistado (a)	Movimentos Sociais	Data Entrevista
Participante 01 (Guardião, Expositor e agricultor)	ReSA, Coletivo Triunfo, MST, Guardiã	13/11/2022 e 25/08/2023
Participante 02 (Expositora e agricultora)	ReSA, Guardiã	13/11/2022
Participante 03 (Expositora e guardiã urbana)	Guardiã urbana	13/11/2022
Participante 04 (Organizador)	Coletivo Triunfo (Teste Transgenia) de sementes de milho), AS-PTA, ReSA	03/10/2023
Participante 05 (Organizador)	Coletivo Triunfo, AS-PTA, ReSA	09/10/2023

Participante 06 (Organizadora, Guardiã e agricultora)	ReSA, CPT	16/01/2024
Participante 07 (Casa da Semente)	Casa da Semente, ABAI	17/01/2024
Participante 08 (Casa da Semente)	Casa da Semente, ABAI, CoperVida	17/01/2024
Participante 09 (expositora, agricultora, aprendiz e organizadora)	ReSA, AMAI, CAPA	23/01/2024
Participante 10 (estudante e expositor)	Estudante, expositor	26/08/2023
Participante 11 (professor UFPR e Liis)	Professor Universitário, Liis	18/01/2024

Fonte: A Autora (2022, 2023 e 2024)

5.2. Festas Feiras de Sementes Crioulas entre Caminhos: Metodologias, Ontologias e Epistemologias

Convém esclarecer a perspectiva deste estudo.

Este estudo foi de encontro com o posicionamento das Feiras de Sementes, que além de Feiras são Festas, de encontros e reencontros. As feiras/festas expressam, como verificadas nas visitas, entrevistas e conversas informais, valores simbólicos que compõem movimentos de resistência, tanto contra a forma de fazer agricultura convencional e hegemônica como na defesa das sementes crioulas e da agroecologia.

Nos espaços que as feiras/festas de sementes crioulas se constituem como práxis territoriais, ocorrem movimentações políticas, discursivas e contestatórias de uma visão de agricultura sem o agronegócio. As sementes crioulas expressam além da materialidade genética e orgânica vegetal, subjetivações simbólicas de espiritualidade, ancestralidade, místicas e celebrações de vida (imaterial).

O campo de disputa que as sementes estão situadas e as respectivas questões relacionadas a produção de sementes estão presentes nas festas/feiras de sementes, apesar de não ser obrigação deste trabalho dar conta

de todas. As Festas, as Festas Feiras e as Feiras de Sementes Crioulas têm em si simbologias e ressignificações representadas pelas ações e práxis de quem as fazem, organizam e participam. Esta legitimação direciona para a busca de uma autonomia, de reprodução social, de resistência e redes de conexão formadas, numa postura de resistência e de esforços comunitários antissistema mercantilista. Nelas lutam-se pela defesa e direitos dos povos indígenas, quilombolas, faxinalenses, ribeirinhas, famílias guardiãs e agricultoras rurais e de urbanas. Se de um lado as forças de dispuestas no rural levam para um processo de desterritorialização, em outro percebe-se movimentos para outras territorialidades.

Nesta direção, a relação entre as sementes crioulas e a decolonialidade ganha sentido, quando em análise a própria concepção de território, do espaço que as feiras ocupam das feiras de sementes como lugar. Nas feiras, as sementes estão em outra perspectiva das geneticamente modificadas e transgênicas utilizadas na agricultura moderna. Há um interior neste território, movimentos de resistência de práxis territoriais de proposições de alternativas outras, contra a naturalização dominante para a valorização das sementes crioulas (reterritorialização). Revelam-se pluralidades de resistências e insurgências de novos saberes (saberes populares e práticas) em defesa das sementes crioulas.

Conforme Saquet (2009, p. 90), de maneira geral é fundamental considerar a processualidade relacional espaço-tempo-território; desta forma, "território como produto social e condição", efetivando-se nas relações humanas. Destaca-se o trecho abaixo:

A territorialidade também significa condição e resultado da territorialização. O território é o conteúdo das formas e relações materiais e imateriais, do movimento, e significa apropriação e dominação, também material e imaterial, em manchas e redes. A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que seja temporário, *do* e *no* espaço geográfico com suas edificações e relações

Nas Feiras de Sementes Crioulas, tanto os movimentos sociais, as entidades envolvidas, organizadores, participantes procuram legitimar suas práxis e ações com as sementes crioulas, numa perspectiva de cooperação e de

bem comum (semente unificadora). Portanto, partiu-se da ideia que dentro das feiras de sementes crioulas existem a construção de resistência contra o agronegócio numa postura de subversão persistente aos modos de fazer agricultura convencional e das calcificações das estruturas de dominação, às sementes transgênicas e insumos químicos, destruição da natureza, erosão do solo e contaminação das águas (colonização da natureza e das sementes). Considerando a perspectiva de territórios móveis de Sack (1985), nas feiras de sementes, independente dos municípios, se entrelaçam diversas redes de conexão, numa dimensão multi-escalar, transitante, fluída e volátil, uma vez que as feiras de sementes mudam e transitam de um lugar para outro, de tempos em tempos (de um município para outro).

Dito isso e demonstrados os métodos e as metodologias utilizadas na pesquisa de observação participativa, em paralelo, devenda-se também as existências de naturezas e realidades diversas antes mesmos das nomenclaturas convencionais adotadas, dos diversos saberes e formas de agir. Em alguns momentos se separam e em outros momentos se inter-relacionam, das formas de entendimento da natureza, do ser e da existência mundo apartados de determinismos (ontologia) e abordagens de conhecimentos, estudos postulados e crenças (epistemologia) e, nos métodos investigativos escolhidos para se compreender (metodologia).

Em contestação, Escobar (2010), diante da perspectiva das predominâncias de um único sentido ou “voz” (universo monológico) aponta que a resposta é o pluriverso. Assim, convida para os estudos do pluriverso para compreensão de iniciativas fundamentadas em outras ontologias, para a diversidade de modos de visões e cosmologias de mundo. Se a modernidade e o consumismo enfatizam a perspectiva antropocêntrica, a abordagem biocêntrica quebra com essa simplificação do antropocentrismo (ESCOBAR, 2005, 2010). Em outras palavras, a “perseverança das comunidades e movimentos de base étnico-territorial levam a resistência, oposição, defesa e afirmação dos territórios” (ESCOBAR, 2015, p. 92), salienta-se:

Ainda que estas ontologias caracterizam muitos povos étnico-territoriais, não são limitadas a estes (de fato, dentro da mesma experiência de modernidade ocidental existem expressões de mundos relacionais não dominantes). O importante apontar desde a nossa perspectiva é que a pressão sobre os territórios que vem se

evidenciando hoje em dia a nível mundial – especialmente pela mineração e os agro-combustíveis – pode ser vista como uma verdadeira guerra contra os mundos relacionais e uma tentativa a mais de dismantlar todo o coletivo. Dentro desta complexa situação, as lutas pelos territórios se convertem em luta pela defesa de muitos mundos que habitam o planeta. Nas palavras do pensamento zapatista, se trata de lutas por um mundo em que caibam muitos mundos, é dizer lutas pelo pluriverso. (ESCOBAR, 2015, p. 93).

Tendo como base essas compreensões e concordando com o caminho do pluriverso, é que este estudo acerca das Festas Feiras de Sementes Crioulas se baseiou, pela resistência cotidiana como na organização de eventos como esse, que se apresentam como estratégias para a vida, de reconhecimento de outros mundos situando-se na compreensão que existe outros mundos, valorização dos saberes locais na busca da re-existência através das sementes crioulas pela sobrevivência alimentar.

6. RAÍZES E REFLEXÕES: APROXIMAÇÃO DAS FESTAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS NO ESTADO DO PARANÁ ATRAVÉS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Neste capítulo, embarcaremos em uma jornada pelas origens das Festas Feiras de Sementes Crioulas no Estado do Paraná, combinando com a observação participante em algumas delas. Ao adentrar neste universo multifacetado, busca-se não apenas compreender suas raízes, mas também nas interações e significados que estão presentes nestas práticas. Assim, por meio desta aproximação pretende-se relatar e descrever a diversidade destes espaços para o fortalecimento das sementes crioulas, da agroecologia e dos povos pela sobrevivência alimentar.

6.1. Origens Das Festas Feiras de Sementes Crioulas no Estado do Paraná

No Brasil, muitos movimentos populares do campo começaram a aparecer, fruto de discussões, lutas e contradições políticas e agrícolas no final da década de 70. As experiências agroecológicas foram mais difundidas a partir anos de 1980-90 com a ideia de produção de alimentos sem insumos químicos e sem degradar o ambiente pelos movimentos sociais (SAQUET, 2017c)³². No Paraná, as primeiras iniciativas foram da ASSESOAR (Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural), que foi criada em 1966 por trinta e três jovens e com apoio de padres belgas e profissionais liberais e na década de 1980, a ACARPA/EMATER com um trabalho de ênfase em adubação verde e orgânica. Em relação a ASSESOAR, destaca-se três fases distintas:

a)1966-1978: centrada na pastoral, formando uma rede das famílias camponesas; b) 1979-1990: a aproximação com os movimentos sociais e sindicatos; c)a partir de 1990: há uma reorganização política tentando derar referencias (como as Escolas Comunitárias de Agricultores-desde 1991 – e o Projeto Vida na Roça) e contribuir na

³² Foram muitas as iniciativas, em São Paulo (1989) foi criada por um grupo de pessoas que praticavam a agricultura organica, sendo composta por engenheiros, agrônômos, produtores, jornalistas e pesquisadores, a Associação de Agricultura Orgânica (AAO, 2023). Em 2001, o Encontro Nacional de Agroecologia; a Associação Nacional da Agroecologia (ANA em 2002); a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA, em 2004).

elaboração de políticas públicas, destacando-se a orientação técnica para agricultores e na educação do campo (SAQUET, 2017c, p.83).

A ASSESOAR teve participação efetiva na Articulação Paranaense por uma Educação no Campo (APEC), defendendo cursos para quem trabalha no campo sem precisar se distanciar das atividades rurais. Em 1985, colaborou com a criação do Banco de Sementes Nativas, com o objetivo de conservação e preservação das variedades principalmente as que poderiam ser perdidas; contudo, não durou por muito tempo devido as dificuldades administrativas. Em 1987, na Revista Cambota da ASSESOAR, alguns relatos foram divulgados contando experiências realizadas por famílias agricultoras comparando sementes crioulas com as híbridas. A partir de 1990, quando os transgênicos começaram a ficar mais em evidência, a entidade voltou a atuar com as sementes, tendo pressupostos as sementes crioulas como parte essencial para a manutenção da agricultura e existência humana (SILVA, 2018).

Vale ressaltar que foi em 1984 que surgiu o 1º Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na cidade de Cascavel (PR) – “Ali, decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país” (MST, 2023). Foi a partir desta data, com a criação do MST, organizou-se 1º Congresso do MST, durante os dias 29 a 31 de janeiro de 1985 (o lema “Terra para quem nela trabalha” e “Ocupação é a Única Solução”).

No ano de 1999, segundo a Agricultura Familiar e Agroecologia (ASPTA, 2015), associação de direito civil sem fins lucrativos (desde 1983) com atuação no Centro Sul do Paraná e Planalto Norte Catarinense, foi na Comunidade de Pinhalão, no município de União da Vitória, que nove mulheres tiveram a ideia de criar uma ocasião para a Troca de Sementes Crioulas. Essa ideia, foi em muito inspirada pela vontade de trocas de sementes e das variedades entre as famílias agricultoras. Foi assim, com incentivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de União da Vitória, da Prefeitura Municipal e da AS-PTA que foi realizada a primeira Feira Municipal de Sementes e variedades crioulas. Deste encontro foram readquiridas e resgatadas mais de 100 variedades de sementes: “diversas de espécies de milho, feijão, centeio, trigo, arroz, batata, batata doce, amendoim, sementes de hortaliças, sementes de árvores nativas e também raças de animais

de pequeno porte como porcos, galinhas, cabritos entre outros” (ASPTA, 2015). Daí, pensou-se em fazer um encontro mais abrangente e com mais municípios participando. E, em 2000, foi realizada a 1ª Feira Municipal de Sementes Crioulas, no município de União da Vitória, no Paraná³³.

Após a realização da primeira feira, também com enorme sucesso, todos os municípios da região como Palmeira, São João do Triunfo, São Mateus do Sul, Irati, Rebouças, Rio Azul, Fernandes Pinheiro, Porto Vitória, Bituruna, Cruz Machado, entre outros sentiram-se motivados a realizarem feiras municipais de sementes. Por sua vez, o sucesso das feiras municipais se expandiu passou-se a organizar também Feiras Regionais, que foram se configurando numa forma de confraternização com participação de todos os municípios do Centro Sul do Paraná e depois para o Planalto Norte Catarinense, com os municípios de Porto União e Irineópolis (ASPTA, 2015).

Em 2004, foi realizada a Romaria da Terra, em Cruz Machado/PR, com o tema “*Creio na Semente: promessa de Deus, patrimônio da gente*”, uma carroça representando a arca da biodiversidade com apresentação das sementes crioulas, e, posteriormente, queima simbólica das marcas de 10 empresas que dominavam o mercado de sementes.

Algumas ações também incentivaram e abriram caminhos para que ocorresse Festas e Feiras com Sementes Crioulas, tais como os Encontros Regionais de Agroecologia. Já no ano de 2003, segundo Passos *et. al* (2017), as feiras de sementes crioulas estavam acontecendo com uma certa frequência e, durante a realização do Fórum Social Mundial (Porto Alegre), pela Via Campesina, ocorreu o lançamento da campanha intitulada Semente: *Patrimônio dos Povos a serviço da Humanidade*, conforme trecho abaixo:

Motivados pela Campanha em defesa da semente crioula, “patrimônio dos povos a serviço da humanidade”, lançada no Fórum Social Mundial de 2003 pela Via Campesina, dezenas de organizações e movimentos do Estado do Paraná começam a desenvolver ações conjuntas de fortalecimento das sementes agroecológicas, como feiras, festas, resgate de variedades e identificação e reconhecimento de guardiães e guardiões de sementes. As organizações são: ABAI (Associação Brasileira de Amparo à Infância), Assesoar, AOPA, AS-PTA, Rede Ecovida de Agroecologia, CPT (Comissão Pastoral da Terra), CAPA (Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia), MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), Terra de Direitos – Organização de Direitos Humanos, Instituto Contestado de Agroecologia, Coletivo

³³ No material de divulgação intitulado Rio das Feiras: sementes crioulas, memórias e lutas no Centro-sul do Paraná e Planalto norte catarinense, é possível verificar uma linha do tempo com os acontecimentos envolvendo as Feiras de sementes crioulas no Paraná (ver https://aspta.org.br/files/2021/12/riodememorias_web.pdf)

Triunfo, Centro Ecológico Terra Viva, Coletivo de Jovens de São João do Triunfo, Grupo Terra Jovem, Comunidades Indígenas de Pinhalzinho e Tamarana (PASSOS et.al, 2017, p.1).

Conforme Packer (s.d.), em 2008, surgiu um movimento chamado *O Milho é Nosso!*³⁴ por um grupo formado “por cerca de 24 organizações da sociedade civil de apoio à agricultura familiar, povos e comunidades tradicionais”, com o objetivo de fazer resistência quanto à aprovação do primeiro milho transgênico do Brasil e pela “iminência de contaminação das sementes crioulas e agroecológicas conservadas pelos agricultores(as), povos e comunidades do Paraná”.

A partir de 2009, durante as Feiras de Sementes Regionais os testes de transgenia se tornaram uma prática, a AS-PTA realiza monitoramento de milhos para garantir a pureza. Este teste é conhecido também como o teste da fitinha, possibilitando a leitura de nove proteínas transgênicas. Além disto, esta atividade ajuda na conscientização tanto dos feirantes, como dos agricultores e do público em geral. Para não ocorrer a contaminação, segundo o Coletivo Triunfo, a roça deve estar pelo menos uma distância de 500 metros de distância de uma lavoura transgênica ou espaçar o tempo de plantação e esperar até 40 dias entre uma lavoura e outra.

Com assessoria da AS-PTA, foi formado o Coletivo Triunfo (2010) com membros pertencentes dos movimentos sociais, escolas e universidades, cooperativas de agricultura, sindicatos, ONGs e grupos informais de agricultores e gestores públicos municipais. Atualmente conta com mais de 50 integrantes em 10 municípios do Paraná e Santa Catarina, com o objetivo de atuar na busca de soluções das demandas dos agricultores familiares com base agroecológica e ações com as sementes crioulas (AS-PTA).

A Cartilha *Semente Crioula: cuidar, multiplicar e partilhar* (2009), produzida pela AS-PTA considerando as experiências com as sementes crioulas do Centro-Sul do Paraná e Planalto Norte Catarinense, com o objetivo que as “comunidades da região possam aprofundar e ampliar o trabalho de conservação

³⁴ Ver mais no caderno Biodiversidade como bem comum: direito dos agricultores e agricultoras, Povos e comunidades tradicionais, disponível em: <https://terradereitos.org.br/uploads/arquivos/Biodiversidade-como-bem-comum-min.pdf>

e uso da agrobiodiversidade, contribuindo para o desenvolvimento da agroecologia, para a autonomia dos agricultores e agricultoras e para a segurança e soberania alimentar das famílias”³⁵. Esta cartilha ressalta a importância da semente crioula para a agroecologia como porta de entrada, englobando informações para o resgate, armazenamento, multiplicação, conservação e preservação das sementes crioulas.

Segundo a Articulação Nacional de Agroecologia, durante a V Feira Municipal de Sementes Crioulas e da Biodiversidade do Município de São João do Triunfo (Paraná, em 2012), foram distribuídas sementes crioulas produzidas para o Projeto de Compra de Sementes para Doação Simultânea (PAA/Conab), em que cada família recebeu 20 quilos de sementes das variedades por eles mesmos escolhidas, com o comprometimento de multiplicar e possibilitar novos plantios com mais autonomia. Em 2013, uma operação da polícia federal chamada Agrofantasma foi deflagrada com a pretensão de investigar fraudes no PAA, sendo decretada dez prisões preventivas de agricultores do Paraná (alguns deles ficaram presos por até 90 dias). Entre 2013 até 2020, foram acusadas cerca de 40 pessoas que posteriormente foram absolvidas³⁶. De acordo com estudo da Conab (2022), “o programa atendia 524 municípios em diferentes regiões do Brasil. Em 2018, foram 382 municípios atendidos. No Paraná, em 2013 eram 399 municípios atendidos pelo programa. Já em 2018, o número caiu para 13 municípios (BRASIL DE FATO PARANÁ, 2020)”³⁷

Durante a realização da 12ª Feira Regional de Sementes e da Biodiversidade (2014), com o tema “*Sementes crioulas: construindo nossa autonomia*”, contou com o Encontro Estadual da Juventude Rural, Encontro Municipal de Mulheres (ASSESOAR) e oficinas sobre Sementes Crioulas, foi escrita a Declaração Pública apresentada e aprovada durante a Feira (ANEXO 1)³⁸. Essa declaração representou, conforme afirma Rego (2016, p. 175):

³⁵Ver mais em: <https://aspta.org.br/files/2011/05/Semente-crioula-cuidar-multiplicar-e-partilhar.pdf>

³⁶ Esse período se concilia com um cenário político de diversas tentativas de destabilização do Governo Dilma, o desmonte do PAA e crescimento de discursos de combate a corrupção que um ano depois se materializou com a Lava-Jato.

³⁷ Ver mais em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/20/agricultores-do-parana-sao-absolvidos-pela-justica-e-acusam-perseguido-de-moro>

³⁸ Ver mais em: <https://ifpr.edu.br/irati/feira-de-sementes-crioulas-reune-mais-de-dois-mil-participantes-em-rio-azul/>

A reafirmação da luta travada há mais de 20 anos no território do CentroSul do Paraná e Planalto Norte Catarinense contra uma agricultura, especificada como a do agronegócio, destruidora da agrobiodiversidade e do patrimônio genético, uma vez que “as sementes e as raças animais crioulos são um patrimônio da Humanidade.

Em 2015, surgiu a Rede de Sementes da Agroecologia (ReSA) no Estado do Paraná, a partir da organização coletiva de diversas entidades, guardiões e guardiãs de sementes crioulas, tendo em vista uma articulação política melhor para os enfrentamentos e os desafios relacionados com a produção de alimento com qualidade e agroecológicos, conforme ressaltado abaixo:

A ReSA germina em 2015, com o solo adubado por campanhas como “O Milho é Nosso” e as Jornadas de Agroecologia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). E vem crescendo desde então. A agrônoma lembra que “em 2017 tivemos em torno de 15 espaços de comercialização e trocas de sementes, as conhecidas festas e feiras, com uma circulação de 25 mil pessoas”. No ano seguinte foram 23 festas e feiras, com mais de 40 mil visitantes e a presença de 700 famílias guardiãs (RESA, 2019).³⁹

A Rede Sementes da Agroecologia é composta por diversas organizações e movimentos sociais que atuam pela preservação da agrobiodiversidade, tanto no campo quanto na cidade, no estado do Paraná. Conforme o site da ReSA, algumas organizações fazem parte da ReSA: Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI) – Fundação Vida para Todos; Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR); Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia (AOPA); AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia; Rede Ecovida; Comissão Pastoral da Terra (CPT); Fundação Luterana de Diaconia/Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (FLD/CAPA) Núcleo Verê; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); Terra de Direitos; Instituto Contestado de Agroecologia; Coletivo Triunfo; Centro Ecológico Terra Viva; Grupo Terra Jovem; Terra Indígena Pinhalzinho; Terra Indígena Laranjinha; Terra Indígena Ywy Porã; Laboratório de Mecanização Agrícola da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Lama/UEPG). Soma-se a eles, guardiãs e guardiões de sementes crioulas, camponeses e camponesas, povos da floresta e das águas, indígenas e quilombolas, pessoas do meio urbano

³⁹ Ver mais em: <https://aspta.org.br/2019/03/09/a-rede-que-movimenta-sementes-no-parana/>.

e rural, movimentos populares, assessoria técnica e jurídica, docentes e discentes acadêmicos que se dedicam as práticas agroecológicas e a conservação de sementes crioulas.

A ReSA (2021) tem como objetivo fortalecer a agroecologia: de guardar, resguardar, resgatar, produzir, colher, armazenar, trocar, vender sementes crioulas para produção de alimentos agroecológicos; fortalecer a Agroecologia como base de produção de alimentos saudáveis; garantir a autonomia às famílias produtoras e consumidoras; promover o conhecimento e a multiplicação de variedades; proteção ao patenteamento e a privatização; conservar a agrobiodiversidade e, fortalecer a realização de feiras e festas das sementes (ver apêndice 3). A ReSA se propõe a ser um espaço articulador para fortalecimento das sementes crioulas ao passo que se coloca como fonte de informação ampliando a compreensão de sementes para uma concepção de mesclar várias formas de vida, tais como “grãos, tubérculos, ovos e animais, são considerados sementes e fundamentais para a manutenção da biodiversidade e a produção de alimentos” (PASSOS *et al.*, 2017, p.2). Segundo a ReSA (2021) as sementes são patrimônio da humanidade e que deve estar a serviço dos povos para produção e reprodução da vida, são a base para a manutenção da agricultura e consequentemente a produção de alimentos. Por este motivo, quanto mais sua diversidade genética maior será seu valor nutricional gerando autonomia local e soberania alimentar. Deve-se ressaltar, que as trocas de sementes são práticas comuns de povos e comunidades ao longo dos séculos, resultando na diversificação de plantas e cultivos alimentares, forma de garantir a segurança e soberania alimentar.

A partir de 2016, vários ministérios foram transformados em secretarias e outros foram extintos, como o Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, que na época passou suas competências ao Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário – MDS (BRASIL, 2016), posteriormente sob a tutela do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (TOMASSEVSKI *et al.*, 2017, p.6). Em paralelo, vale observar que vários movimentos contrários também surgiram, como a campanha *Agro é tech, agro é pop, agro é tudo*, criada em junho de 2016 e muito vinculada em 2017, ficou presente em toda a programação da Rede Globo em diversos momentos em tempo que variava entre 50 segundos a 1 minuto, segundo Melo (2020), contribuiu para a

construção da “boa imagem” do agronegócio como responsável pela economia do país.

Em 2019, em São João do Triunfo (PR), segundo a AS-PTA foi inaugurada a Unidade de Agroindústria de Beneficiamento do Milho Crioulo Ecológico, com o objetivo de beneficiar alimentos provenientes do milho produzidos pelas famílias, tais como canjica, fubá e quirera sendo testados antes de serem processados assegurando que não estejam contaminados por insumos químicos⁴⁰.

Durante a Pandemia de Covid-19, a ReSA buscou concretizar um plano Emergencial de Conservação e Multiplicação da Agrobiodiversidade no Paraná para os mais de 100 agricultores e agricultoras que participariam de mais de 30 feiras de sementes crioulas neste período. O Ministério Público do Trabalho (MTP-PR) destinou R\$ 564.716,62 (provenientes de multas aplicadas em acordo trabalhista) sob a gestão administrativa e de valores da AS-PTA, com o objetivo de adquirir sementes diretamente das famílias guardiãs ligadas à ReSA e distribuí-las para famílias agricultoras.

Ao concluirmos essa seção sobre as origens das Festas Feiras de Sementes Crioulas no Estado do Paraná, percebe-se a importância que desempenham essas ações impulsionadas por pessoas e redes de movimentos sociais que lutam para a valorização das sementes, da agroecologia e da agrobiodiversidade, na promoção da segurança e soberania alimentar. São momentos de festividades e celebrações, mas acima de tudo de reivindicações de mudanças e criações de políticas públicas.

6.2. Aproximação das Festas Feiras de Sementes Crioulas pela observação participante

Este estudo tomou como análise de observação participante as seguintes feiras no Paraná: Feira de Produção Local (Morretes); Feira das Sementes Agroecológicas, dentro da 19ª Jornada de Agroecologia (Curitiba); 18ª Feira de

⁴⁰Ver mais em: <https://aspta.org.br/2019/12/03/trajetorias-da-conservacao-da-agrobiodiversidade-no-centro-sul-do-parana-das-sementes-crioulas-aos-derivados-de-milho-ecologico/>

Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade (Irati); Feira de Sementes e Mudanças e Feira de Sementes e Mudanças (Morretes); 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade (Palmeiras); Festa Feira de Sementes Crioula no Quilombo da Restinga (Lapa); Festa das Sementes e dos Guardiões e Guardiãs da Biodiversidade e Encontro com os povos originários (Mandirituba). Em paralelo, recorreu-se as entrevistas, conversas informais e registros fotográficos e sonoros. Buscou-se investigar e caracterizar as Feiras de Sementes Crioula em diversos municípios e territórios, incluiu-se aspectos relacionados a organização e envolvimento dos movimentos sociais e comunidades locais para a realização das feiras.

6.2.1. Feira de Produção Local (Morretes) e Um dia de Campo Feliz na ABAI (Associação Brasileira de Amparo à Infância, Mandirituba) - 2021

Na ocasião do aniversário de 288 anos do município de Morretes, foi realizada a Feira de Produção Local, contando com a participação de agricultores e agricultoras da região, venda de produtos alimentares e de artesanato e produtores de plantas ornamentais. A feira ocorreu entre os dias 29 de outubro ao dia 02 de novembro de 2021, no pátio da Prefeitura ao lado da estação rodoviária.

Figura 5 - Feira de Produção Local (2021)



Fonte: Banner do encontro disponibilizado nas redes sociais (2021)

A feira foi organizada pela Prefeitura de Morretes, IDR (Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná) e o Governo do Estado, durante o período que ocorria vacinação contra o Covid-19 no município e no país. Devido fortes chuvas e aos grandes estragos na região no dia 31/10/2021, foi suspensa e transferida para os dias 5, 6 e 7 de novembro de 2021. Nesta feira, foram realizadas conversas de aproximação informais sobre sementes e feiras de sementes crioulas com os (as) participantes, agricultores (as) e observação com anotações no caderno de campo.

Dos primeiros contatos, principalmente com uma agricultora e guardiã de sementes crioulas que faz parte da ReSA (Rede de Sementes da Agroecologia), foi sabido da realização de um encontro intitulado *Um dia de Campo Feliz na ABAI* (Associação Brasileira de Amparo a Infância e da Fundação Vida para Todos) no dia 15/11/2021, em Mandirituba (PR).

Figura 6 - Um dia de Campo Feliz na ABAI (2021)



Fonte: Banner do encontro disponibilizado nas redes sociais (2021)

Para a participação deste encontro, tivemos que realizar alguns protocolos de segurança⁴¹ especialmente cuidados durante o almoço com produtos provenientes da agricultura familiar agroecológicos e produzidos dentro da ABAI. Contou com a apresentação da Banda Filhos da Mãe Terra, partilha de alimentos, mística (mandala), caminhada com visita a uma nascente e a Casa de Sementes.

Neste dia de campo na ABAI, não foi necessariamente uma feira de sementes crioulas, contudo foram realizadas discussões para um calendário de Festas Feiras de Sementes para se iniciarem em 2022. Além disto, em frente a mandala elaborada com alimentos trazidos pelos (as) participantes, abriu-se uma roda de conversa e escuta de povos originários indígenas Kaiowa e Kaingang, Quilombolas (Vale do Ribeira), famílias agricultoras e Freis que atuavam também em comunidades.

Figura 7 - Foto da Partilha de alimento e da manda mística na ABAI (2021)



Fonte: A Autora (2021)

A ABAI é uma ONG sem fins lucrativos que foi fundada em 1979 por um grupo de amigos suíços e brasileiros, iniciando suas atividades com pessoas que viviam da agricultura, crianças e adolescentes em condições vulneráveis. Na Suíça em 1980, foi criada uma associação de apoio a ABAI fundada pelo pedagogo Urs Buehler e no Brasil a suíça Marianne Spiller tomou frente da trajetória até hoje. Em 1988, foi criado um projeto de conscientização e recuperação para dependentes de drogas e álcool. A origem da Fundação Vida para Todos (ABAI) em 1979 foi resultado da mudança de associação para fundação. Atualmente situada a 40km de Curitiba em um espaço de 27 alqueires atua na modalidade contraturno escolar atendendo mais de 120 crianças,

⁴¹ Os protocolos de segurança foram necessários devido ao Covid-19.

projetos de educação, agroecologia, preservação da natureza e das sementes crioulas, bem como projeto com imigrantes e refugiados de alguns países da África.

A Banda Filhos da Mãe Terra nasceu na ABAI e com as Feiras de Sementes, a banda conta com músicas em homenagem às sementes crioulas, famílias guardiãs, homenagens a Mãe Terra e a Natureza, consumo consciente, agricultura sem veneno e a defesa da agroecologia. Abaixo a letra de uma das músicas cantadas neste dia:

Consumidor consciente
 Sabe o que põe no prato
 Sabe o que tem no mato
 É o milagre da vida
 Consumidor consciente sabe o que é sustentável
 Tem que ser mais responsável
 Isso é agroecologia

Eu plantar uma horta na cidade
 Compartilhar com a comunidade
 Eu vou mostrar pra a multinacional
 Como se faz sustentabilidade
 Não tem veneno e transgenia
 Não tem ninguém com barriga vazia
 Só se consome o que é necessário
 Isso é agroecologia

Consumidor consciente
 Sabe o que põe no prato
 Sabe o que tem no mato
 É o milagre da vida
 Consumidor consciente sabe o que é sustentável
 Tem que ser mais responsável
 Isso é agroecologia

Eu vou falar pro o dono do mercado
 Orgânico e sem veneno
 Eu vou comprar do agricultor pequeno
 Da agricultura familiar

A mesma empresa que produz veneno
Vende o remédio proa o mau que criou
É monopólio da nossa semente
Explora o campo e o agricultor

Consumidor consciente
Sabe o que põe no prato
Sabe o que tem no mato
É o milagre da vida
Consumidor consciente sabe o que é sustentável
Tem que ser mais responsável
Isso é agroecologia

(MÚSICA CONSUMIDOR CONSCIENTE, FILHOS DA MÃE TERRA)

Figura 8 - Banda Filhos da Mãe da Terra ABAI



Fonte: A Autora (2021)

Esses dois eventos foram desempenharam papéis fundamentais no contexto da pesquisa. A Feira do Produtor em Morretes, proporcionou troca de conhecimentos com os expositores e participantes. E, no Um dia de Campo Feliz na ABAI, representou uma oportunidade para se estabelecer contatos com diversos atores que contribuem para a promoção da agroecologia através das sementes crioulas e organizadores de Feiras de Sementes Crioulas.

6.2.2. Feira das Sementes Agroecológicas na 19ª Jornada de Agroecologia em Curitiba

Entre os dias 22 e 26 de junho de 2022, em Curitiba/PR, ocorreu a 19ª Jornada de Agroecologia. Estimou-se que mais de 20 mil pessoas passaram por lá, a Jornada apoia à produção agroecológica em diversos aspectos, perspectivas e reflexões para afirmar, difundir e repensar a construção da soberania alimentar e segurança alimentar sob a ótica aos alertas e consequências de uma má alimentação à saúde; da importância das instituições e de políticas públicas para enfrentamento a fome e a miséria; o fortalecimento da agroecologia diante do modelo de agricultura convencional; da crítica a aplicação dos agrotóxicos; da importância dos movimentos sociais e coletivos e ações de solidariedade e distribuição de alimentos (dentre outros).

Foram promovidas oficinas, palestras, apresentações culturais e musicais; apresentação de vídeos; lançamentos de livros; participação dos povos indígenas, quilombolas e de comunidades tradicionais e ribeirinhas; participação dos agricultores e agricultoras; estudantes e professores (as); detentores e detentoras de conhecimento de cunho agroecológico⁴². Segundo Branenburg (2022, p. 20), as Jornadas são espaços de construção de um projeto ecológico para a agricultura:

[...] é um espaço de construção de uma proposta de resgate de experiências ocultas do modo de vida camponês, que produzirão um discurso que integra as experiências individuais à ação coletiva. O espaço da Jornada não é um movimento do sistema que coloniza as experiências dos indivíduos. É o inverso: são as experiências individuais que, mediante um conjunto de vozes, vão reformular os pressupostos do sistema (BRANENBURG, 2022, p. 20).

Destaca-se a Feira das Sementes Agroecológicas, dentro da 19ª Jornada de Agroecologia, contando com uma parte dedicada a exposição, troca, partilha e comercialização de sementes crioulas. A organização dos atores sociais para armazenar e guardar as sementes crioulas (guardiões e guardiãs de sementes), se constituem pela experiência que estão na base do movimento contra

⁴² Ver site da 19ª Jornada de Agroecologia <https://jornadadeagroecologia.org.br/>.

hegemônico, na persistência da construção coletiva do saber-fazer. E as sementes crioulas são as sementes cultivadas e plantadas localmente, adaptadas as condições climáticas dos agricultores ou povos que se beneficiam dela (MAICA, 2012; GLIESSMAN, 2002). Uma Feira de Sementes Crioulas dentro de uma Jornada Agroecológica ganha destaque no reconhecimento da importância da agroecológica, “[...] as trocas dessas sementes, estimuladas pelo projeto agroecológico, têm ido além dos eventos promovidos” (PESSOA, BANDENBURG, PIVATO, 2022, p. 55). Pessoa *et al.* (2022, p. 55) destaca que as trocas de sementes estabelecem dinâmicas constantes envolvendo memória e cuidado, possuem um caráter simbólico e político. As guardas de sementes familiares dentro das propriedades das pessoas agricultoras muitas vezes são guardadas por iniciativa própria ou de maneira autônoma.

Quando em organizações maiores, pensando em bancos e casas de sementes, se apresentam como estratégias para difundir, preservar, socializar e mobilizar para aqueles que lutam pela terra, pela vida e pelos direitos dos agricultores e agricultoras, conforme Pessoa *et al.* (2022). Em apoio as sementes crioulas, muitas ações realizadas por protetores (as) de sementes ou famílias guardiãs envolvem Banco de Sementes ou Casa de Sementes. Podendo garantir a coleta para o armazenamento, o cuidado e a distribuição de sementes crioulas, como de auxiliar momentos de estiagem ou períodos de enfrentamentos outros. Como por exemplo, a Casa da Semente de Mandirituba/PR, promovida pela Fundação Vida Para Todos ABAI (Associação Brasileira de Amparo a Infância).

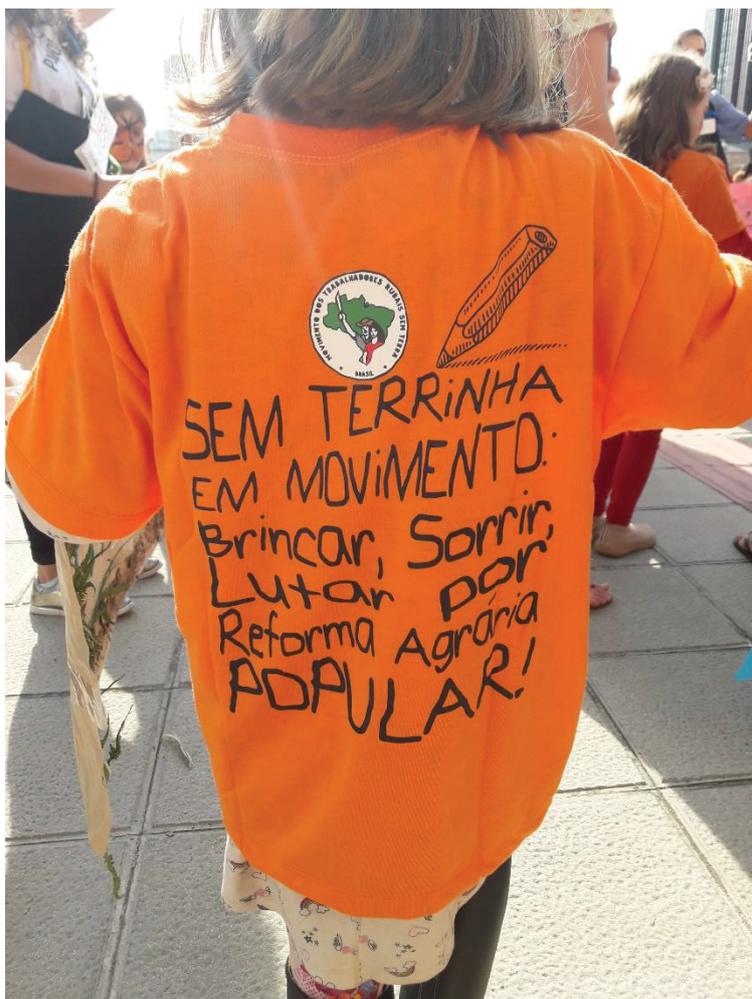
Figura 9 - Sementes Crioulas Feira das Sementes Agroecológicas, dentro da 19ª Jornada de Agroecologia (Curitiba/PR)



Fonte: A Autora (2022)

Na semana da Jornada foram vários os momentos que as crianças estavam presentes cantando músicas contendo narrativas agroecológicas, em ciranda inserindo uma pedagogia viva e de pertencimento.

Figura 10 - Criança na 19ª Jornada Agroecológica na Feira das Sementes Agroecológicas (2022)



Fonte: Autora (2022)

Ao término dos cinco dias de jornada, foi realizada uma mística de partilha das sementes. A mística foi conduzida por mulheres (em especial indígenas que “abençoaram” as sementes), refugiados (as) da proveniente de alguns países da África, jovens e crianças e representantes de organizações ligadas a agroecologia e atividades com sementes crioulas. Com os rostos marcados por terra molhada os participantes eram conduzidos a caminharem pela feira em direção ao palco maior segurando plantas, sementes, legumes, frutos e frutas.

Durante esse percurso, uma das organizadoras destacava a importância da agroecologia e das sementes crioulas. As músicas, a ritualização e trocas simbólicas unificavam as diversidades ali presentes no ato vivenciado, elas foram pensadas previamente e são fundamentais e de grande valor. Não se trata de um simples caminhar e não se trata de uma condução sem propósito, mas do objetivo de consolidar identidades e pensares. Ao término deste ato ocorreu a leitura da Carta da 19ª Jornada de Agroecologia⁴³.

Figura 11 - Fotos da Feira de Sementes na Jornada Agroecológica (Curitiba)



Fonte: A Autora (2022)

⁴³Ver a Carta da 19ª Jornada de Agroecologia na íntegra em: <https://jornadadeagroecologia.org.br/2022/06/26/carta-da-19a-jornada-de-agroecologia/>

Esta edição da 19ª Jornada Agroecológica dispôs como uma das atrações, o Túnel do Tempo, intitulado *Jornada Agroecológica: Uma trajetória de luta* (o mesmo tema da Jornada), espaço que resgata e registra a história de lutas pela terra do MST e as Jornadas Agroecológicas anteriores, com fotos, vídeos, experiência sensorial. Conforme o setor da comunicação da Jornada Agroecológica “a tarefa de confecção do Túnel do Tempo ficou a cargo do Setor de Educação do MST-PR, a Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) e a Escola Municipal e Estadual do Assentamento Contestado”⁴⁴.

6.2.3. 18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade em Irati (2022)

Nos dias 16 e 17 de setembro de 2022 aconteceu a 18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade⁴⁵, no Centro de Tradições Willy Laars de Irati/PR. Esta feira teve uma estimativa de mais de 4 mil pessoas presentes, vindas de várias cidades e estados. Foram em torno de 120 expositores, sendo que mais de 70% eram mulheres. Organizada pelo Coletivo Triunfo (formado por várias instituições e participantes), apoio da AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, Sindicato Municipal dos Trabalhadores Rurais (STRI), Rede Sementes da Agroecologia (ReSA) e Prefeitura de Irati. O objetivo da feira foi fortalecer as famílias chamadas "Guardiãs de Sementes", que conservam e multiplicam sementes e mudas livres de transgênicos. Diversas mudas e sementes crioulas, que passaram por processos naturais de seleção e adaptação foram compartilhadas.

Para Hernandez Vital *et al.* (2019), os saberes estão ligados ao território e aos saberes, fazendo parte de um contexto no qual são consideradas como um bem comum. Os guardiões (ãs) de sementes são os principais atores, ou seja, protagonistas fundamentais que operam nos bastidores das lutas de preservação e resistência pelas sementes crioulas.

⁴⁴ Ver mais em: <https://jornadadeagroecologia.org.br/2022/06/24/viver-a-agroecologia-tunel-do-tempo-relembra-todas-as-edicoes-da-jornada/>.

⁴⁵A escolha destas datas de realização da feira foi proposita para contemplar visitas de estudantes adolescentes e crianças da rede pública, com o objetivo de contribuir na experiência educacional com as sementes e com a agroecologia.

Figura 12 - Banner da 18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade (Irati/PR)



Fonte: A Autora (2021)

“Aqui, nesta garrafinha tem diversas sementes que representam mais de 100 anos de história”, parafraseou o dirigente da AS-PTA/ReSA durante a abertura formal da feira. São sementes produzidas e guardadas por famílias guardiãs presentes na feira e nelas estavam os aprendizados passados de geração em geração. Assim, as sementes não são apenas sementes, são portadoras de valores próprios. Dessas palavras, percebe-se a simbologia que resiste dentro da reprodução familiar, de modo que relembrar é como viver novamente o saber-viver-fazer dos entes queridos. As sementes crioulas levadas para a feira pelas familiar guardiãs e o movimento da narrativa dos interlocutores que organizam a feira direcionam um “*sentipensar*” integrado com a natureza e a sua defesa (só é possível a semente crioula germinar alimento de qualidade se o solo e a água não estejam contaminados). Como analisado por Escobar (2005, p. 69) a associação da experiência enraizada com a vida diária conecta a cultura e a identidade, se amplia e não se fixa, ou seja, a noção de semente crioula associa-se a soberania e segurança alimentar, a luta e defesa pela terra. As práticas com as sementes crioulas promovem a defesa do lugar, a materialidade da semente tende a não enfraquecer o discurso agroecológico.

Reafirma-o, está ali presente na garrafinha visivelmente para todos e todas as verem.

Na 18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade, em Irati, não pode ser negado a existências de outros saberes, subjetividades e cosmovisões que coexistem com o modelo vigente de agricultura nestes dias de feira, são diversas simbologias expostos através da música, da decoração, das falas e discursos. Lugones (2014) ressalta que movimentos contra hegemônicos não se deixam tencionar às lógicas vigentes justamente pela capacidade dos sujeitos de não se “dobrarem” resistindo e existindo.

Figura 13 - Fotos da Mandala e das Barracas da 18ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade Irati/PR



Fonte: Autora (2022)

Por ser um ano eleitoral, foi solicitado que não colocassem bandeiras de movimentos sociais e políticos nas bancas, o que foi respeitado, contudo as pessoas que circulavam na feira visivelmente se manifestavam por suas vestimentas, por bonés e bandeiras nos ombros. No último dia, algumas caravanas que participavam da feira foram para Curitiba, no comício aberto com o então candidato a presidência Luiz Inácio Lula da Silva, atualmente Presidente da República (2022-2026).

6.2.4. Feira de Sementes e Mudanças em Morretes/PR

Na Praça Rocha Pombo, em Morretes/PR, nos dias 12 e 13 de novembro de 2022 ocorreu a Feira de Sementes e Mudanças. A feira iniciou com uma mística de abertura e o seminário “*Direito dos Povos e as sementes crioulas*”, com o objetivo de trazer informações sobre os movimentos sociais, trocar experiências e debater os direitos das comunidades tradicionais do campo, do urbano, das florestas e das águas, de incentivar a prática agroecológica dos agricultores e agricultoras que buscam diversificar seus cultivos, conhecer as sementes crioulas. Conforme a Rede de Sementes Agroecológicas (ReSA, 2022):

Há décadas a agricultura familiar e as comunidades tradicionais, são empurradas a gerar um tipo de agricultura que não condiz com seu meio natural e com a construção da cultura através das tradições locais, gerando desequilíbrios ambientais, culturais, éticos e econômicos nos territórios. Porém, num vigor que deixa de ser cúmplice do modelo dominante da agricultura, muitas famílias e comunidades enxergam como horizonte a Agrobiodiversidade, a circulação livre das sementes e a Soberania dos Povos.

O planejamento desta feira começou no início de janeiro, mais especificamente em maio de 2022 que as atividades começaram a acontecer. Foi organizada e coordenada por uma integrante da ReSA, além de participações da Associação Morretes Agroflorestal e Ecológica (AMAE)⁴⁶, Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA) com a Prefeitura de Morretes. Ressalta-se que muitas destas entidades estão vinculadas a outras organizações e movimentos sociais engajados para esta finalidade. A escolha de Morretes foi proposital, se firma com a importância de manter e fazer feiras de sementes no litoral do Paraná.

Anjos *et al.* (2019), ressaltam que as redes que se formam ao redor de determinados propósitos e os diálogos entre instituições promovem resistências com ações transformadoras e constroem frente as condições impostas pelo capital e pelo poder. Ou seja, apesar das ações totalizantes impostas ainda sim

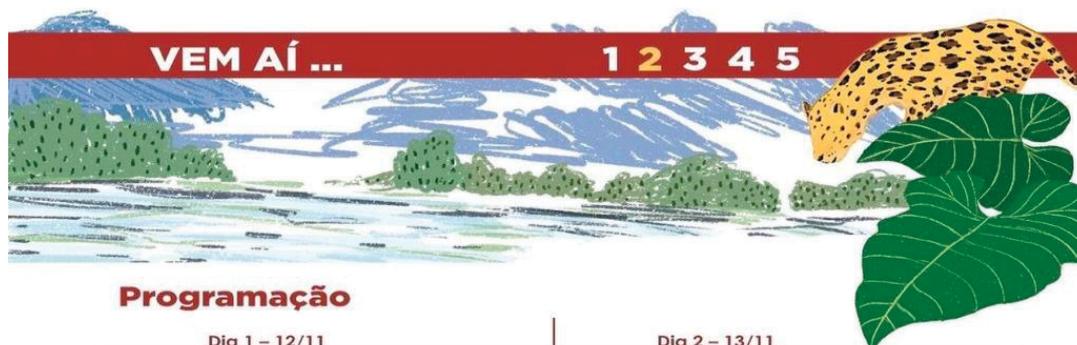
⁴⁶A AMAE nasceu em 2015, com o objetivo de aumentar o fomento de ações na agricultura no município na busca de cooperação e na valorização da cultura e da autonomia das famílias agricultoras. Segundo a AMAE, são famílias agricultoras de cinco bairros do município praticam a agroecologia e realizando cultivos nos sistemas agroflorestais.

é possível um conjunto de práticas que se originam de reflexões locais, conforme destaque abaixo:

No entanto, o controle ou mesmo a racionalização do Estado, não são em si ações totalizantes, o que possibilita a reversão por meio dos atores sociais daquilo que é imposto pelo mesmo. É por meio do conjunto de práticas, da subjetivação, que se formam os espaços de liberdade. Estes espaços, por sua vez, dão origem às redes regionais, compostas tanto pelo aparato globalizante, quanto pelas organizações e projetos locais (ANJOSs *et al.*, 2019, P.309).

Figura 14 - Banners da Feira de Sementes e Mudanças em Morretes/PR (2022)





Programação

Dia 1 – 12/11		Dia 2 – 13/11	
8h	Café da partilha	8h	Café da partilha
9h30	Abertura (fala de representantes) e Mística (apresentação cultural – pianista clássico)	9h00	Feira (até 15h)
10h	Feira (até 18h)	9h30	Oficinas (até 12h)
10h30	Seminário "Direito dos povos e sementes crioulas"	10h	Apresentação cultural (Banda Filhos da Mãe Terra)
12h	Almoço	12h	Almoço
14h	Oficinas (até 18h)	13h30	Apresentação cultural (Roda das Manas)
16h	Seminário "Direitos da Natureza"	15h	Encerramento e partilha de sementes e mudas
18h	Apresentação cultural		

**Direito dos povos
e das sementes crioulas**

Mais informações:
@amaeagroflorestal



INSCRIÇÕES

PREENCHA A FICHA DE INSCRIÇÃO DAS OFICINAS, O LINK ESTÁ NA DESCRIÇÃO. Logo divulgaremos o cronograma geral das oficinas, fique atento!

TERÁ TRANSPORTE
ATÉ OS LOCAIS

Oficinas - 12 de novembro

	OFICINA	LOCAL	OFICINEIRO
14h	Meliponicultura em Sistema Agroflorestal	Bairro São João (17km)	Mariana e Bruno
14h	Camponesas Sábias das Sementes	Instituto Mirtillo Trombini	Luzinete e Andrea
14h30	As Plantas e a Medicina dos Aromas	Sítio Infi - Bairro Cruz Alta (5km)	Tania e Neltume
14h30	Passeio em Sistemas Agroflorestais	Sítio Seis Vizinhos - Pantanal (9km)	Claudenir
14h30	Armazenamento de sementes	Auditório Miguel Schleder	AS-PTA e Coletivo Triunfo
15h	Campanha permanente contra os Agrotóxicos	Casa Rocha Pombo	Terra de Direitos
15h30	Despolpa de frutas	Cozinha Igreja Matriz	
16h	Poesia	Instituto Mirtillo Trombini	Grilo Borges

**Direito dos povos
e das sementes crioulas**

Mais informações:
@amaeagroflorestal



Oficinas - 13 de novembro

TERÁ TRANSPORTE ATÉ OS LOCAIS

	OFICINA	LOCAL	OFICINEIRO
9h	Casa da Semente	Auditório Miguel Schleder	Casa da Semente AOPA
9h	Sistema Agroflorestal	Sítio Araribá - Bairro Marumbi (9km)	AMAE
9h30	Quintais Produtivos	Instituto Mirillo Trombini	AS-PTA e Coletivo Triunfo
9h30	Produção de Macarrão Vegano e de Fubá com Ovos	Cozinha Igreja Matriz	Nicolau
9h30	Produção de Mudas	Estação Experimental IDR	IDR
9h45	Circuitos de Comercialização	Casa Rocha Pombo	LAMA
10h	Cogumelos Comestíveis e Medicinais	Bairro Cruz Alta	Amuscaria Fungi
10h30	Guardiões Mirins	Pátio Prefeitura	ABAI
10h30	Banana e seus usos	Auditório Miguel Schleder	Sr. Joel

Direito dos povos e das sementes crioulas

Mais informações: @amaeagroflorestal

Fonte: A Autora (2022)

No litoral do Paraná, está a maior faixa contínua de Mata Atlântica, sendo 80% de sua área formada por áreas de conservação, formado por três grupos de municípios: “Os praianos turísticos (Pontal do Paraná, Matinhos e Guaratuba), Portuários (Antonina e Paranaguá), e rurais (Antonina, Morretes e Guaraqueçaba), estes dois últimos grupos, influenciados diretamente pela dinâmica econômica do agronegócio” (SILVA et al., 2017, p. 42). Além disto, o litoral do Paraná concentra comunidades tradicionais e indígenas e a diversidade de produção de alimentos e cultivos sem a utilização de insumos ou agrotóxicos. Diante de um quadro nada homogêneo, conforme trecho abaixo percebe-se diferentes tipos de agricultura:

A produção rural do litoral paranaense se dá a partir das culturas de banana, arroz e mandioca, com produção no ano de 2012 de 137, 10 e 16 toneladas respectivamente (IPARDES, 2013b). Também exalta-se a importância do palmito pupunha para a região (EMBRAPA, 2007). Outras culturas, como gengibre estão presentes em menor quantidade. A utilização de agroquímicos em tais culturas representa potencial risco para a conservação da floresta atlântica, havendo diversos casos de proximidade entre unidades de conservação e produções na região (SILVA et al., 2017, p. 43).

A primeira Feira de Sementes Crioulas em Morretes e no Litoral do Paraná, buscou dar visibilidade para outras formas de fazer agricultura, integrando também experiências através das oficinas. Em uma das reuniões de organização, em outubro de 2022, surgiu a pergunta: Se não se tem política de segurança da semente e nem do guardião e da guardiã das sementes crioulas, como fazer a semente crioula circular? Pergunta que indica uma articulação entre os movimentos sociais em relação as políticas públicas, uma guinada na própria identificação para uma postura de guardião (ã) de sementes crioulas, a circulação das sementes e a territorialização como aspecto crítico ao modelo de agricultura convencional. Hernandez Vital *et al.* (2019), realizada uma análise sobre produção e conhecimento que envolvem as sementes crioulas, no sentido de refletir sobre as resistências epistêmico-políticas frente as privatizações das sementes e dos saberes coletivos, bem como o desafio da defesa das práticas com as sementes como bem comum e a descolonização dos saberes. Neste debate, as discussões sobre sementes e capital da indústria biotecnológica estão presentes e como uma das alternativas apontas são as Casas de Sementes e a importância dos guardiões como resistência as formas de opressão. Assim, soma-se que as feiras de sementes devem envolver também debates sobre políticas públicas em defesa da semente crioula.

Foram realizadas diversas reuniões, sendo algumas online e outras dentro do espaço da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento em Morretes; contando com a presença da Prefeitura na representação do Secretário de Agricultura, assessores do Mandato do Deputado Estadual Goura do Paraná, de agricultores (as), ReSA, Coletivo Triunfo, IDR (Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IAPAR-EMATER) e estudantes, professores e professoras da UFPR do Litoral. Perto da realização da feira, foi informado pela Prefeitura que seria necessário conseguir um alvará e protocolos de saúde e de segurança junto aos Bombeiros, não contemplados durante os encontros anteriores. Além disto, a organização envolveu o levantamento e contemplação de barracas de exposição e de alimentação; como seriam a realização e distribuição das marmitas para os feirantes (salão da Igreja); recepção das caravanas; colchões para pernoite dos feirantes; segurança da noite das barracas; atração artística musical e cultural; temas das oficinas e visitas de

campo; orçamento e levantamento de custos. Foram poucas as verbas adicionais por conta do período de realização da feira (considera período eleitoral de impedimento de doações). Após a revisão de todos os gastos da Feira de Sementes em Morretes, faltou um valor considerável sendo coberto pelas próprias pessoas que faziam parte da organização e apoiadores.

6.2.5. 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade 25 a 26/08/2023 em Palmeiras (PR)

A 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade foi realizada entre os dias 25 e 26/08/2023, em Palmeiras (PR), no espaço do Parque de Exposições Francisco Rutcoski. Por ser uma feira regional reuniu cerca de 27 municípios tanto do Paraná como de outros estados (Rio de Janeiro e Santa Catarina), contou com mais de 90 expositores.

Figura 15 - Banners da 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade em Palmeiras/PR

19ª FEIRA REGIONAL DE SEMENTES CRIOULAS E DA AGROBIODIVERSIDADE

"Cuidando dos Bens Comuns: alimentos saudáveis, saúde popular e resgate de tradições"

25 E 26 DE AGOSTO DE 2023

Parque de Exposições Francisco Rutcoski
Palmeiras - PR

PROGRAMAÇÃO

SEXTA (25/08)	SÁBADO (26/08)
<ul style="list-style-type: none"> 08:00H- CAFÉ DA PARTILHA E RECEPÇÃO DAS CARAVANAS 09:00H- VISITAÇÃO DAS ESCOLAS 11:30H- ALMOÇO 14:30H- OFICINAS TEMÁTICAS 16:30H – ENCERRAMENTO DAS OFICINAS E CAFÉ 19:30H JANTAR 20:00H- BAILE COM A BANDA MÃE TERRA 	<ul style="list-style-type: none"> 08:00H- CAFÉ DA PARTILHA E RECEPÇÃO DAS CARAVANAS 09:30H- ABERTURA OFICIAL DA FEIRA 10:30H- BENÇÃO ECUMÊNICA DAS SEMENTES 11:30H- ALMOÇO 13:30H- APRESENTAÇÕES CULTURAIS 15:30H – PARTILHA DA MANDALA

LEVE PRATOS, TALHERES E COPO **TRAGA UM PRATO PARA O CAFÉ DA PARTILHA** **MUDAS E SEMENTES PARA PARTILHAR**

FEIRA LIVRE DE TRANSGÊNICOS PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR SEMINÁRIO ESTANDES INSTITUCIONAIS OFICINAS DE SABERES

NOITE CULTURAL TROCA DE MUDAS E SEMENTES ALIMENTAÇÃO AGROECOLÓGICA CIRANDA

REALIZAÇÃO APOIO

PARQUE DE EXPOSIÇÕES FRANCISCO RUTCOSKI
PALMEIRA - PR
25 E 26 DE AGOSTO DE 2023

Fonte: Autora (2022)

Nesta feira foi realizado teste de transgenia com as sementes de milho, constatada a verificação positiva sem insumos a AS-PTA proferia a emissão de

certificado com a informação que a família guardiã cultiva a variedade de milho crioulo.

Figura 16 - Teste de trangenia na 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade em Palmeiras/PR



Fonte: Autora (2023)

No artigo de Dzib-Aguilar *et al.* (2016), foi realizado um estudo exploratório etnobotânico das diversidades de milho nas áreas de Campeche, Quintana Roo e Yucatán. Nele, alguns problemas foram identificados nas 44 feiras realizadas entre o período de 2002 e 2015, na Península de Yucatán, alguns lotes de sementes de milho estavam contaminados e não tinham identificação. Como sugestão, a importância de se coletar de forma periódica para identificar e diminuir a probabilidade de contaminações, como também a investigação dos fatores causais.

Nos dias da feira, diversos produtos e artesanatos foram comercializados, contudo somente permitidos os provenientes da agricultura familiar, das comunidades indígenas e quilombolas, salvo os das agroindústrias ligadas a agroecologia. Contou também com apresentação de crianças cantarolando cântigos com temática da natureza; realização de oficinas e apresentação cultural com a Banda Filhos da Mãe Terra de Mandirituba.

A importância dos circuitos de comercialização é sinalizada por Bustamante *et al.* (2019), ter a possibilidade de pontos de vendas direta da produção e a possibilidade de trocas de sementes incentivam ao mesmo tempo que geram renda. Assim, ainda que as feiras de sementes tenham uma periodicidade maior que um circuito curto, as feiras não são apenas pontos de troca de sementes, mas de vendas de produtos provenientes da agricultura familiar.

Em todos os dois dias, a feira iniciou com o café da partilha, com produtos trazidos dos territórios dos próprios agricultores (as) e das comunidades, no qual foi solicitado levarem seu próprio prato, talheres e copo para a feira. Como em todas as feiras visitadas e estudadas, a mandala estava em frente ao palco da atração musical, para que ao término da feira, pudessem ser compartilhados e levados os alimentos, sementes, plantas e mudas.

Figura 17 - Foto da Mandala de Alimentos da 19ª Feira de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade (Palmeiras/PR)



Fonte: A Autora (2023)

O tema desta Feira de Sementes, "*Cuidando dos bens comuns: alimentos saudáveis, saúde popular e resgate das tradições*", concilia algumas relações, tais como natureza e sementes, alimentação saudável e saúde e memória imaterial e ancestral. Bustamante *et al.* (2019), nas suas análises nos discursos

e geração de alternativas alimentares locais em Quintana Roo e Yucatán, no México, menciona modos alimentares locais proveniente dos atores sociais que compartilham e constróem projetos sobre/de alimentação, como também, as suas relações de caráter material (tais como, sementes, plantas) e simbólicos (conhecimentos, informações, problemas e motivações), que vinculam saúde, alimentação saudável e resgate de tradições.

6.2.6. Festa Feira de Sementes Crioula no Quilombo da Restinga na Lapa (PR)

Realizada no dia 16 de setembro de 2023 no Quilombo da Restinga, na Lapa. Com uma representatividade muito forte, além de ser a primeira feira realizada no território quilombola, tinha como o objetivo o fortalecimento entre demais comunidades quilombolas (Feixo e Vila Esperança), visitantes e moradores ao redor.

Figura 18 - Banners da Festa Feira de Sementes Crioulas no Quilombo da Restinga Lapa/PR

VAMOS PARTILHAR O QUE TEMOS PARA MULTIPLICAR O QUE SABEMOS
16 de setembro de 2023
Vem aí
1ª Festa e Feira de Sementes Crioulas da Comunidade Quilombola da Restinga
8:30 ÀS 17:00
SALÃO DA IGREJA DE PORTEIRAS
LAPA - PB
CONTATO: (41) 98806-3391
CLAUDIA

1ª Festa de Sementes crioulas
16/09/2023
COMUNIDADE QUILOMBOLA
AFRODESCENDENTE DA RESTINGA
LAPA-PR

Realização
COMUNIDADE QUILOMBOLA AFRODESCENDENTE DA RESTINGA LAPA-PR

Apoios
blocoafropretinhosidade
SINDIJUSPR
CPT
FAMÍLIA XAVIER
DANIELA
DONIZELA

Programação:
8:30 hs : Apresentações
8:45 hs : convidados
9:00: apresentação cultural do grupo Capoeira
10:00hs : Apresentação cultural do grupo Afro Pretinhosidade
11:15 :convidados
13:00 : livro sangue sobre tela com Adriana Alexandre
13:30 convidados
14:00 bênção das sementes
14:15 Fala violência contra mulher com Silmara Xavier
14:30: apresentação cultural Guerreiras do Quilombo, de Arapoti -Pr
15:15 oficina com as crianças (Pinturas com tinta natural)
16:00 Agradecimentos
16:15 Partilha das mudas e sementes

Fonte: Autora (2022)

Contou com a apresentação do Grupo Pretosidade de Curitiba, capoeira; exposição fotográfica intitulada “Primeiros Olhares da Restiga” de Isabelle Neri, teste de transgenia; lançamento do livro “Sangue sobre (t)ela” produzido pelo Coletivo Vozes Escarlates; exibição de alguns instrumentos agrícolas que fazem parte do acervo da comunidade e de sua memória ancestral.

Figura 19 - Fotos da Festa Feira de Sementes Crioulas no Quilombo da Restinga Lapa (2023)





Fonte: A Autora (2023)

Em paralelo, em diversos momentos foi reivindicada a isenção de pedágio aos moradores das comunidades no entorno da BR-476 (na Lapa) e a continuidade da obra de duplicação que atingiria parte de alguns terrenos do território quilombola. Fato que levou no dia 24/09/2023 um bloqueio de aproximadamente 40 quilombolas neste trecho. Seriam mais de 600 famílias afetadas nas

comunidades da Restinga, Feixo e Vila Esperança, reconhecidas como tradicionais pela Fundação Palmares.

Brandão (2020) direciona as discussões na perspectiva de reparação de solicitações de reconhecimento das comunidades quilombolas e articulações de políticas de preservação do patrimônio cultural. O registro do Sistema Agrícola Tradicional da Comunidade Quilombola do Vale do Ribeira no Estado de São Paulo⁴⁷, com designação “quilomba”, foi realizado como estratégia de ação em defesa dos territórios ocupados pelas comunidades quilombolas, que segundo a autora “o registro é pensado articuladamente com demandas de reparação” (BRANDÃO, 2020, p. 21). Inclusive, as solicitações de registro de Sistema Agrícola Tradicional (SAT) recebido pelo IPHAN nesta situação, foram precedidas da realização do Inventário Cultural das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira (entre 2009 e 2012), com cerca de 180 bens culturais identificados, propõe a patrimonialização imaterial e reconhecimento da luta pelos territórios e modos de vida. Sendo assim, políticas de patrimônio contribuem para a produção do reconhecimento. Segundo Brandão (2020), o reconhecimento da organização social e cultural está vinculado com as discussões de território e também de acesso à terra, de grupos que demandam visibilidade dos multiculturalismos articulados com a memória na sociedade brasileira e acesso a direitos que são descolados na ideia de uma nacionalidade homogênea, conforme o trecho abaixo:

Em relação as comunidades quilombolas, as políticas patrimoniais, para além de reconhecerem o desrespeito histórico da escravidão e a posição subalterna dos afrodescendentes na sociedade brasileira, também reconhecem formas de organização social e cultural específica que, nesse caso, geram a designação particular de “quilombola (BRANDÃO, 2020, p. 24).

Ao término deste dia de Festa Feira de Sementes no Quilombo da Restinga (Lapa/PR), foi realizada uma cerimônia de benzimento das sementes crioulas por uma benzedeira e um indígena e a reza de um Pai-Nosso. Neste ato

⁴⁷ Nos municípios de Iguape (Comunidade Morro Seco), Cananeia (Comunidade Mandira), Jurupiranga (Comunidade Poça), Eldorado (Comunidade de Pedro Cubas, Pedro Cubas de Cima, Sapatu, André Lopes, Ivaporunduva, Galvão Abobral e São Pedro), Iporanga (Comunidades Piririca, Nhunguara, Porto Velho, Bombas, Pilões, Maria Rosa e Praia Grande) e Itaóca (Comunidade Cangume) (BRANDÃO, 2020 apud Andrade et al, 2019, p.55).

estava a presença do milho indígena que é associado a diversos ritos e cerimônias sagradas. Em seguida, ocorreu a partilha da mística da mandala, a facilitadora pegou o microfone relacionou as sementes com o racismo estrutural muito presente no cotidiano da sociedade e na experiência vivida pelos quilombolas, demonstrando que esses espaços que ocorrem as Feiras e Festas das Sementes também são espaços para resolução de controvérsias presentes no cotidiano e de revelação de visões de mundo plurais, conforme abaixo:

Se um dia presenciarmos um quilombola sendo ofendido, nós também o seremos, e não só se sentir ofendido porque isso dói para nós também, mas faz com que a gente assuma o compromisso de lutar contra o racismo, contra a violência, contra o preconceito. E que essa semente da vida, da liberdade, da justiça possa germinar na gente e para aonde a gente levar esse alimento (PARTICIPANTE 06, 2024)

Figura 20 - Benzimento das sementes crioulas na Festa Feira de Sementes no Quilombo da Restinga (Lapa/PR)



Fonte: A Autora (2023)

Esta Festa Feira de Sementes Crioulas foi realizada dentro do Quilombo da Restinga, percebe-se que quando realizadas dentro dos territórios de comunidades, além das pautas relacionadas com agroecologia e sementes, as articulações são mais direcionadas as dificuldades ou adversidades que essas comunidades enfrentam no seu cotidiano.

6.2.7. Encontro com os povos originários e a Festa das Sementes e dos Guardiões e Guardiãs da Biodiversidade em Mandirituba (PR) – 07 e 08 de outubro de 2023

No primeiro dia do evento foi realizado o Encontro com os Povos Originários com mais de 250 indígenas de diversas comunidades do Paraná. Foi organizado uma prática pedagógica de escuta com o compromisso de gerar um documento com o registro das atividades e das falas dos representantes dos vários povos, que mais tarde seria redigido e entregue para esses povos indígenas e quilombolas validarem a relatoria para ser entregue ao poder público estadual.

O objetivo da escuta foi (ver a íntegra do documento gerado no anexo 2): fortalecer a luta dos povos pelos seus territórios e manter viva as suas tradições; possibilitar a troca de experiências e vivências entre os representantes dos povos tradicionais e originários; possibilitar a estes povos de se fazer ouvir pela sociedade civil em geral; aproximar a comunidade não indígena dos povos indígenas e quilombolas; registrar e encaminhar as reivindicações dos povos tradicionais e originários para atores da política estadual e federal responsáveis pelo bem estar dos povos.

Foram divididos em três grupos, sendo dois deles para comunidades indígenas e um para a escuta dos povos quilombolas. Foi preparado três questões para motivar o início das conversas: o que alimenta a vida no território e alimenta o meu território (inclusive englobando ações); quais as ameaças ao lugar que vivo e quais ações são necessárias diante dessas ameaças?; e, que conquistas tivemos em nosso território e quais são os nossos sonhos coletivos?

A equipe de reladoras do LIIS (Laboratório Interdisciplinar e intercultural de Inovações Sociais do Curso de Gestão Pública da UFPR) estava dividida nesses grupos para realização da relatoria, acompanhadas de integrantes da Pastoral da Terra, Terra de Direito, ReSA, Coletivo Triungo, ASSESOAR e AS-PTA.

Figura 21 - Fotos do Encontro Escuta dos Povos em Mandirituba/PR (2023)



Fonte: A Autora (2023)

Após finalizadas as conversas em cada grupo, os indígenas se reuniram em volta de uma fogueira e cantaram cânticos espirituais com diversos instrumentos musicais (inclusive violino). Uma das lideranças filmava cada etapa e cada fala e cântico sagrado. Em paralelo, era possível escutar os cânticos das comunidades quilombolas que aguardava em outro local para recepcionar os indígenas.

Desta escuta cuidadosa e sensível emergiu um documento de denúncias e de lutas que foi direcionado às autoridades, no dia 13/12/2023 na Alep (Assembleia Legislativa do Estado do Paraná), em Curitiba para mais de 10 deputados⁴⁸. As sementes crioulas (semente ancestral) estavam no centro das discussões, as preocupações da narrativa se misturavam com a própria história viva, espiritual, ancestral e cultural dos povos, visando principalmente a segurança do seu território. Destaca-se o trecho da escuta dos povos indígenas:

⁴⁸ O documento foi redigido no mesmo dia do encontro, sendo repassado para as lideranças indígenas e quilombolas para leitura e validação antes da entrega na Alep.

Para nós indígenas, não há separação entre nós e o território. Cada Tekoa, cada povo, ao cantar, em cada música estamos falando de nossa ancestralidade, nossos direitos e nossas lutas. Não há como falar de minha vida no território sem considerar o corpo - território, esse corpo-semente. Somos corpo-espírito e manifestamos o que somos, na luta pelo território. Para nós sem Tekoa não há Teko. A nossa cultura, a nossa língua, a tradição de nossos pais são a nossa força viva, é o que nos alimenta no dia a dia. Não separamos o território (Terra) de nós (corpo), o território tanto espiritual, como a terra é um só. O que alimenta é a comunidade e o coletivo, no capitalismo é o individual, mas para o indígena é o coletivo, nunca estamos isolados. O nosso alimento é mostrar os nossos conhecimentos e aprendizados. O alimento é passar isso aos nossos filhos e netos. A preservação de nossa cultura é o nosso alimento, é o que nos dá vida. A vida espiritual alimenta o meu território. O alimento industrializado entra em nossa vida, mas queremos preservar a prática do cultivo dos alimentos, para termos essa soberania sobre o que comemos. O alimento precisa ser nosso, não podemos depender de alimentos industrializados e processados. É preciso refletir sobre a forma que nós nos alimentamos, mas compreendemos que essa mudança precisa ser ampla, por meio de uma nova consciência sobre a vida na Terra. Na ancestralidade há uma história sobre o pedido de Nhanderu sobre a seca e a importância de se cuidarem e se organizarem. Hoje, sabemos que o nosso alimento é espiritual, o que alimenta a vida no meu território é vivo, não industrializado, é vivo como a semente. O cuidado é para termos essa atenção para esses saberes das mulheres indígenas que detêm o conhecimento do corpo-território e a importância do cultivo (ESCUTA DOS POVOS, 2023).

Não existe separação entre corpo-território e o território é vivo para os indígenas. Ele pulsa no entendimento que os mais velhos são importantes, assim como as crianças e adolescentes, “*nosso futuro está nas crianças, jovens e velhos*”. Os ensinamentos dos mais velhos se constituem como condutas no agir e no ser, são naturais e intrínsecas aos que receberam no passado e repassadas de geração em geração. Quando são ameaçados, encadeiam reflexos no seu modo de ver o mundo, de fazer agricultura e na conexão com a terra dos seus antepassados. Se o corpo que sente e pensa na relação com o seu entorno, para Souza-Lima (2005, p.28), a negação do “*sentipensar*” significa a negação de um “momento mágico”, ou seja, no “*sentipensar*” é o momento que “mente, corpo e ambiente biofísico integram-se não necessariamente de maneira plena e singular, mas de formas variadas: tensas, contraditórias, amorosas, conflitivas etc., pois assim acontece qualquer processo vivo de integração envolvendo seres humanos e não humanos”.

Aguayo *et al.* (2020) corrobora ao ressaltar que os indígenas têm uma cosmovisão provenientes de muitas gerações que tem desempenhado uma conservação *in situ* da agrobiodiversidade, ou seja, mantendo-se conectada com

o ecossistema dos seus territórios. A institucionalização do fomento de espaços para as feiras de sementes é uma forma de retomar o costume de trocas e aumento da autonomia no manejo de sementes.

No dia seguinte, foi a vez da Festa das Sementes e dos Guardiões e Guardiãs da Biodiversidade. A maioria dos expositores estavam presentes no dia anterior por conta da escuta dos povos originários, com barracas de alimentos com diversos sabores, saberes e cores, músicas, apresentação da Banda Filhos da Mãe Terra e artesanato principalmente indígena.

Figura 22 - Foto da Festa das Sementes e dos Guardiões e Guardiãs da Biodiversidade na ABAI (2024)



Fonte: Facebook da ReSA (2023)

https://www.facebook.com/Resagroecologia/videos/885739695876967?locale=pt_BR

Percebeu-se a participação de vários estudantes de Ciências Ambientais da UFPR Litoral, do Módulo Organizações e Tecnologias Sociais, com o objetivo de conhecer a Casa de Sementes. O Professor (PARTICIPANTE 11, 2024) mencionou que os estudantes vinculavam muito a tecnologia social com empreendedorismo, o fato de participarem da visita e da feira de sementes, ampliou as “possibilidades da atuação para formação e atuação do cientista ambiental”.

Grupos ou organizações que confirmaram presença foram: As Arteiras/Feira Permanente; Rede Mandala; Coordenação de Igreja Católica Indígena; Articulação Indígenas do Paraná Kaingang; Grupo de Artesãs Kaingang; Grupo Multirão Permanente; Grupo Associação de Mulheres do Sol

Nascente; Quilombola Família Xavier; AOPA; Coletivo Artesãs Indígenas Jamamadi em Contexto Urbano; Coletivo Triunfo; AS-PTA; FLD-Cap; Associação Ecoaraucária; Observatório da Erva-mate, Fetraf-PR; Guardiões de Pien e Espaço Florescer; Quilombo Porto velho; Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha; ABAI; ReSA; Associação Feira Permanente; UFPR Litoral; Artesãs indígenas KAG; Invernada Paiol de Telha Fundação Reserva do Iguaçu; Cacique da Terra Indígena Pinhalzinho; Comunidade Indígena e Associação Amafarva. Nos dois dias de feira foram marcados com chuva forte no Paraná, algumas atividades tiveram que ser adaptadas e reorganizadas por conta da chuva e da lama entre trajetos, além disto, muitas organizações e participantes não conseguiram chegar na festa feira.

Ortiz (2015), destaca a importância da participação de diversos grupos heterogêneos nas dinâmicas das feiras de sementes na região de Yucatan (México), desses encontros estão presentes várias formas de ativismos, desde o resgate da língua maya e recuperação cultural das festas e rituais, incluindo danças e músicas, valorização das sementes nativas. Para Ortiz (2015), as festas e feiras de sementes são respostas ao governo neoliberal que incentiva a utilização de sementes com insumos e híbridas.

Ao finalizarmos este capítulo sobre as origens das Festas Feiras de Sementes no Estado do Paraná e a aproximação pela pesquisa participante, foi possível perceber a importância dos movimentos sociais para a valorização das sementes crioulas e da agroecologia, bem como os direitos dos povos originários, comunidades quilombolas e tradicionais, caiçaras e faxinalenses.

Os participantes, organizadores e feirantes entrevistados destacaram a importância desses eventos como espaços de resistência e valorização das sementes crioulas. A presença marcante de representatividades de diferentes movimentos sociais e posicionamentos políticos de gênero e raça reforçam essa conexão intrínseca.

Da observação participante e da História Oral como instrumento metodológico, destaca-se também a diversidade de dinâmicas presentes nas Festas Feiras, tendo como centralidade a semente crioula pela agroecologia. Enquanto que as feiras realizadas fora dos territórios das comunidades ou nas áreas urbanas, têm com objetivo promover o diálogo, a partilha, a comercialização e a troca das sementes. No entanto, esses eventos não se

limitam a essas discussões, abordam também questões de interesses comuns e são espaços de fortalecimento das comunidades para promover a autonomia e visibilidade dos povos. Já as Festa Feiras de Sementes realizadas dentro das comunidades tradicionais, abordam principalmente as dificuldades e desafios enfrentados por elas dentro dos seus territórios.

Percebeu-se também, quando em análise do território, uma fluidez, uma mobilidade no tempo e no espaço em diferentes territórios onde acontecem distintas territorialidades. As feiras estão em movimentos constantes (não são estáticas), de situações vivenciadas no cotidiano dos povos e seus territórios, como por exemplo, as provenientes do cenário político, social e econômico. Assim, as Festas Feiras de Sementes Crioulas celebram a vida e reivindicam os direitos da natureza, da agricultura livre de insumos e agrotóxico e pela sobrevivência alimentar.

7. DO LUGAR AO TERRITÓRIO: FESTAS FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS

“Semente tem que ir para terra, tem que multiplicar, tem que partilhar e tem que ter casa de semente familiar também, para que a gente possa garantir a continuidade da vida a partir das sementes” (PARTICIPANTE 06, 2024).

7.1. Guardas de sementes crioulas pelas as famílias agricultoras e guardiãs, a Casa da Semente e a Casa da Partilha na ABAI

Escobar (2014a, p.75) faz um questionamento bem pertinente para reflexão no início desta seção: “¿Cómo pensamos esta defensa de la vida?”, na parte intitulada “*Territorialidad, ancestralidad y mundos*”, do livro *Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Em resposta, afirma que os movimentos sociais contemporâneos se direcionam para enfrentar essa questão, aposta na diferença, investindo na identidade e no exercício da autonomia em diversas expressões.

O participante 01 (2022), se identificou como agricultor, fazendo parte da ReSA, Coletivo Triunfo, coordenador do Grupo de Agroecologia Che Chevara, membro do Núcleo de Agroecologia Maria Rosa de Anunciação no Assentamento do Contestado (MST), é membro da Rede Ecovida de certificação, é sócio e fundador da Cooperativa da Indústria e Comércio Terra Livre. Como participante e expositor de muitas das feiras supracitadas (Irati, Palmeiras, Morretes, Lapa e Curitiba), em sua casa guarda as suas sementes em pequenos recipientes e as mantém utilizando um controle escrito e numerado para catalogação. Antes de tudo, planta, reproduz e depois colhe e guarda:

Plantar, reproduzir para depois ir para o catálogo. No campo a gente usa uma plaquetinha com a numeração, para estocar eu uso as garrafas pet, que é o melhor do refrigerante, né. O melhor do refrigerante é a embalagem (PARTICIPANTE 01, 2022)

Por ser um guardião, guarda as sementes. Atualmente possuí mais de 710 variedades de fava e feijão (de feijão carioca são mais de vinte), de hortaliças são mais de cem variedades, flores, frutas, mais de quarenta

variedades de tomates, quinze de ervilha, trinta de alface, seis de soja não transgênica, pepino, abóbora entre outras variedades. Em destaque um trecho da entrevista, ressaltando a possibilidade de se plantar e colher sementes sem insumos químicos com semente crioula de soja:

Tem bastante gente que fala que só tem soja transgênica, eu digo não! Eu lancei uma variedade na IV Feira da Reforma Agrária em maio de 2023, lancei a variedade de Soja Esperança. **E por que esperança? Porque existe uma esperança.** Tem soja preta, tem uma serie outras variedades de soja (PARTICIPANTE 01, 2022)

Para ele (PARTICIPANTE 01, 2022), as sementes fazem parte do seu cotidiano e experiência vivida na agricultura, a “*semente me salvou*”, ou ainda quando destaca “*existe presente maior que a semente?*”. As sementes são registradas em seu caderno com o objetivo, segundo ele, de não cair no seu esquecimento, manter a memória e a ancestralidade das famílias que, com isso, na sua estratégica própria e por ele criada, expressa a preocupação constante do registrar e de manter o seu próprio “*banco de sementes*”. Além de guardar as suas sementes, armazena as sementes crioulas de algumas famílias agricultoras, uma memória oral que passa a ser escrita, foi contada e registrada em seu caderno, como por exemplo, os registros de sementes: 327 fogo na serra ou 335 goiano precoce ou ainda 344 preto 55 dias.

Figura 23 - Guardas de Sementes Crioulas, Produtor do Sítio Joaninhas (PARTICIPANTE 01, 2022)



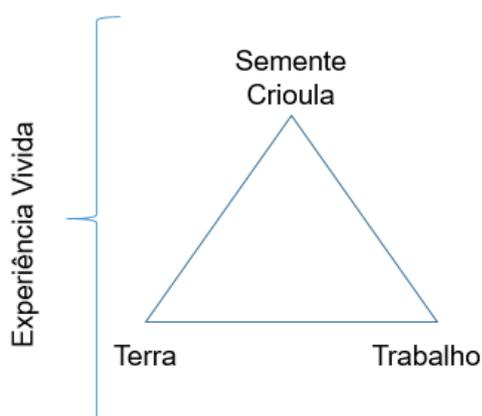
confiança e autonomia (tanto com a terra e sementes, como também nas formas de contato e ações) no decorrer deste processo. Desta maneira, em caso de alguma eventual perda ou contaminação de sementes que estão na terra, como já aconteceu com participante 01 (2022), também foi possível resgatar sua semente com outras famílias agricultoras que também guardam, armazenam e cuidam das sementes em suas propriedades, “*Se um acaso de acontecer de eu perder, como aconteceu. Eu tenho! Teve uma variedade, meu xodó que contaminou na porta da minha casa, água e vento*”. Sua propriedade é o último lote que faz parte do Assentamento do Contestado, na propriedade vizinha, já aconteceu de haver contaminação cruzada por vento, “*a gente convive com o transgênicos*” e “*agora o vizinho, eu sou o último lote divisa com fazenda e coisa e tal. Vizinho ao norte, resolveu voltar para a semente crioula*”. Participante 01 (2022) acredita, em suas palavras, na “*pedagogia do exemplo*”, uma pedagogia do exemplo e do saber, como nas palavras de Paulo Freire (1987) no livro *Pedagogia do Oprimido*, no qual o autor dedica seu estudo da consciência libertadora, “se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica (FREIRE, 1987, p.33). São palavras que remetem a um despertar de consciência crítica e existencial, de percepção da realidade que se vive e vivendo são sujeitos de si mesmos e de sua própria liberdade, “se a tomada de consciência abre o caminho à expressão das insatisfações sociais, se deve a que estas são componentes reais de uma situação de opressão” (p.16). Justifica que a pedagogia do oprimido é a pedagogia dos seres humanos pela sua libertação e sua transformação, “[...] em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (p.27). A opressão pode aparecer de várias maneiras, mesmos as descritas pelo participante 01 (2022), pelo vento veio o sopro da contaminação e pelo seu exemplo, seu conhecimento e dos movimentos sociais que está inserido e que participa, foi possível ensinar, formar e transformar.

Já durante a Feira de Morretes, uma participante da feira e agricultora do Acampamento Agroflorestal José Lutzenberger (Antonina/PR), vinculado ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) anunciou “*Desde muito cedo o meu caderno foi a terra e a semente minha caneta*”. Nesta fala, considerando a força destes elementos, a oralidade ganha materialidade na

construção subjetiva de pertencimento e de vínculo com a terra, que é desenhada na relação terra-semente. Textualiza a sua realidade sociocultural, da firmeza de sua voz e das palavras, a capacidade de criação e autonomia descreve a sua própria história de luta, sobrevivência e de produção material com a imaterialidade do saber-fazer (“desde muito cedo”). A semente como caneta, ao tocar a terra, escreve e enraíza “algo” para ser lido por alguém (deixou de ser uma representação oral) estabelecendo assim a concretude do tocar a terra com a semente, do semear e do crescer. A semente se materializa num escrever-fazer-simbólico (caneta) demarcando o território (ação) seu lugar na terra (caderno). Um saber-fazer fazendo e do fazendo se faz saber, que se forma e molda a sua identidade de ser.

Nos três depoimentos, tanto do participante 01 (2022), como da participante 02 (2022) e o da agricultora do Assentamento, estão envolvidas as experiências vividas, geracional e de memória, um lugar de se reconhecer pela semente em práxis constantes (envolvendo o trabalho-ação, a terra e as sementes).

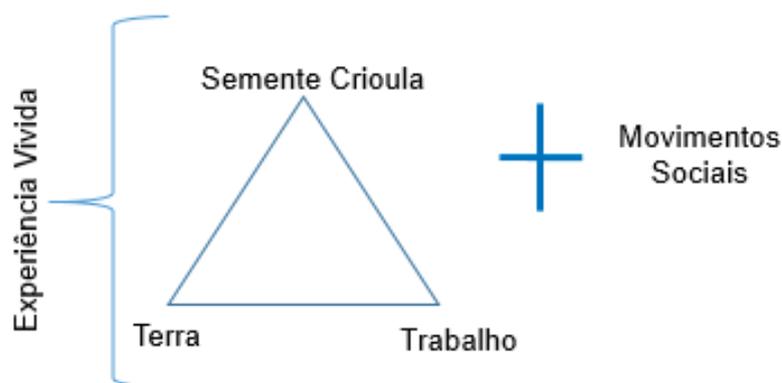
Figura 24 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 1)



Fonte: A Autora (2024)

Somando-se as essas práxis estão as atuações em movimentos sociais (os três agricultores fazem parte de alguns deles), percebeu-se que as condições e possibilidades de ação, configuradas pelo conhecimento, contudo, essas mesmas ações também exercem influência das condições e possibilidades de conhecimento (ACOSTA, 2008).

Figura 25 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 2)



Fonte: A Autora (2024)

Além do mais, muitas famílias em suas propriedades ou em suas casas mantêm a tradição de guardar as sementes, sementes que foram passadas pelos seus pais e avós. Como por exemplo, participante 03 (2022) é guardiã e faz parte da ReSA, Coletivo Triunfo e Coletivo de Mulheres, é uma guardiã de sementes na área urbana (Palmeiras/PR), sementes crioulas de hortaliças, verduras, alface, vagem, pimentões, flores, repolho, tomate e plantas medicinais. Sua filha, também se considera guardiã de sementes (mirim), durante a Feira Regional de Sementes em Palmeiras, gravou um vídeo convidando a comunidade para participar da feira segurando seu coelhinho. Desde 2003 como guardiã, participante 03 (2022) afirma que aprendeu a guardar as sementes conversando com os agricultores (as) e com a assessoria da AS-PTA, com o tempo foi entendendo a importância da semente crioula, “*guardando para a vida, para as próximas gerações*”. Segundo ela, o ideal é que todo o ano a semente seja plantada, colhida e armazenada para não perder a sua força de germinação, contudo sabe que algumas sementes podem ficar armazenadas para além deste tempo.

Valdete (2014) afirma que o MMC (Movimento de Mulheres Camponesas) de Santa Catarina, nos seus 30 anos de história, proporcionou o protagonismo das mulheres do campo com ações de resgate de sementes para a garantia de soberania alimentar ao mesmo tempo, que tratam de debates sobre controle de sementes por grandes empresas. Atividades de um (a) guardião (ã) de sementes urbanas, pode ser realizada por um indivíduo ou por comunidades e

organizações fomentando o plantio de plantas e mudas de forma a preservar a diversidade que podem fortalecer os laços comunitários, promover educação ambiental, uso de plantas medicinais de quintais e consciência para a preservação das sementes - como ressalta a guardiã urbana (PARTICIPANTE 03, 2022), a importância da conservação da agrobiodiversidade e sobrevivência alimentar.

Atualmente o Paraná possui as seguintes casas de sementes: Casa de Semente de Dona Teresinha e Seu Silvestre de Oliveira Santos, na Comunidade de Santo Antônio, em Fernandes Pinheiro (2001); Casa da Semente de Seu Isaac e Dona Vilma Miola, em Dois Vizinhos (2004); Casa da Semente de Mandirituba, promovida pela Fundação Vida Para Todos – ABAI (2016); Casa de Sementes da Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), no Assentamento Contestado, no município de Lapa (2023). Além delas, há de se considerar também as propriedades de famílias agricultoras que preservam suas sementes e as guardam as sementes nas suas próprias casas, que muitas vezes são ainda desconhecidas.

Em relação a Casa de Sementes e a Casa da Partilha localizada na ABAI, foram fundadas em 2016, juntamente com a Associação Paranaense de Agroecologia (AOPA) e a própria ABAI. De acordo com a AS-PTA (2021), a Casa da Semente tem como “objetivo principal de conservar as sementes crioulas, em especial, de hortaliças, além do beneficiamento e comercialização das mesmas aos grupos que produzem alimentos agroecológicos comercializados”.

Figura 26 - Casa de Sementes ABAI (2021)



Fonte: A Autora (2021)

Na ABAI, a Casa da Semente é custeada pelo grupo apoiador *Saatgut für Alle* (Semente para Todos) com sede na Alemanha. São mais de 15 famílias associadas com mais de 40 variedades, incluindo as do Quilombo de Adrianópolis⁴⁹. São quatro pessoas que trabalham, um coordenador técnico que faz a intermediação com a Alemanha, um técnico que realiza visitas e apoia as famílias agricultoras, duas pessoas que estão na sede da Casa da Semente que recepciona as sementes, realizam a limpeza, testes de germinação e umidade, criam lotes, armazenam na câmara fria, embalam e comercializam em nome das famílias agricultoras (sendo uma delas, trabalho voluntário).

Conforme AOAP, a Casa de Semente é um local de beneficiamento e conservação de sementes orgânicas, principalmente hortaliças, para que sejam resgatadas para manter a agrobiodiversidade e defender direitos das famílias agricultoras. O foco em adubação verde (feijão de porco e mucunas, por exemplo) está retornando devido a grande demanda de solicitações por agricultores que reconhecem os benefícios deste tipo de adubação, com isso, será necessário um novo dimensionamento da câmara fria. Além disto, a Casa da Semente é um “*espaço de resistência*”, que conforme o participante 08 (2024), desde estudantes e professores, políticos, padres e pastores, curso de formação, gente da cidade e do campo, passaram na Casa de Sementes para conhece-la. O grande propósito é dar segurança para as famílias, preservar as sementes, a comercialização e venda das sementes que são realizadas, os valores envolvidos são repassados para as famílias guardiãs de sementes. Destaca-se a fala:

Aqui é um espaço que a família armazena a semente dela, tem esse serviço de controle de qualidade, ao invés de ficar na propriedade, está aqui, para a gente ter uma garantia que essa semente vai estar com a germinação boa com a umidade ideal, para não se perder. As vezes se perde na propriedade, essa semente. Então, não é nossa, não é da Casa da Semente, é da família guardiã e a gente presta este serviço para ela, digamos assim. Esse dinheiro a gente retorna, a venda é para isso, para pagar ela (família guardiã). Ao invés de cada família guardiã ir para as festas, a gente concentra tudo aqui e a gente vai para as festas das sementes, o projeto custeia a nossa ida para as festas (PARTICIPANTE 07, 2024).

⁴⁹ Segundo a participante 07 (2024), muitos indígenas perderam suas sementes com o passar do tempo, envolvem outras complexidades, contudo é foco também essa guarda de sementes indígenas na Casa das Sementes.

Além disto, na Casa de Sementes são realizados teste de transgenia com os milhos e futuramente pretendem com feijão, também foram realizados testes comparativos entre sementes crioulas e sementes híbridas, como o destaque:

A gente fez isso com a abobrinha italiana, que é uma coisa que não existe marketing em cima disso, existem mais nos grãos, como o milho e soja de alta produtividade aquela coisa da monocultura. Mas a abobrinha italiana eu falei aquele dia, germinou antes. A começar que nosso pacotinho vem mais e mais barato, começa por aí. Depois foi para a estufa e germinou antes, germinou mais e germinou antes, foi para o solo antes, produzi mais, ou seja, ocupou menos tempo e menos mão de obra na estufa, menos tempo no solo. Foi para o solo e sai do solo mais rapidamente, porque ela produziu super bem, produziu mais e em tempo menos. A nossa abobrinha italiana crioula é assim infinitamente superior da ISLA que a gente fez o comparativo. Fora que a crioula é infinitamente mais resistente, essa abobrinha que eles vendem é uma no Brasil todo, a nossa esta adaptada na nossa região, no nosso clima mais ameno (PARTICIPANTE 07, 2024).

Segundo Santilli (2009), as leis que envolvem a semente favorecem o sistema moderno de agricultora que procuram homogeneizar todos os tipos de agricultura e sementes produzidas em grande escala. Reflete uma outra forma de visualização do rural e da modernidade, como por exemplo, de precisar ser de grande escala as produções (WANDRELEY, 2009). Já a Casa da Partilha, apesar de dividir a mesma estrutura da Casa da Semente, possui propostas diferentes. Enquanto que a Casa da Semente fornece todo o suporte, bem como acompanhamento e certificação fornecida por técnicos, como afirma a participante 07 (2024), a *“Casa da Partilha é para partilhar mesmo”*, a ideia é fazer circular. A participante 06 (2024) não gosta de usar a nomenclatura Banco de Sementes, por soar com uma conotação negativa de visar lucro e por conhecer histórias de muitos agricultores se endividaram por utilizarem bancos para empréstimos que os levaram a perder suas terras e sua forma de viver, prefere a palavra casa, para Casa da Partilha ou Casa da Semente.

Sobre o tempo de armazenamento da câmara fria, este tempo depende de cada diversidade, por exemplo, *“na literatura diz que a semente de feijão, pode ficar até quase 50 anos, o nosso está desde 2017 e está germinando perfeitamente”*, mas a participante 07 (2024) enfatiza, *“na verdade, a gente não quer que elas fiquem guardadas aqui, a gente quer elas na terra, porque semente guardada é semente plantada”*, na terra germinando.

A intenção da Casa de Semente na ABAI é de estender a sua cobertura até Santa Catarina, as visitas técnicas já englobam encontros em Florianópolis e Palhoça, por exemplo. Recentemente, o Centro do Trabalho Indigenista de Mato Grosso (MT), entrou em contato perguntando se a Casa das Sementes teria o feijão bolinha, uma semente importante para a cultura indígena local em MT e que eles tinham perdido e não estavam localizando essa semente. A Casa da Semente não tinha essa guarda, contudo a Casa da Partilha estava com essa variedade que foi encaminhada. A participante 07 (2024) recebeu o retorno informando que ficaram muito felizes e afirmou que recuperar a semente “*é autonomia, se alimentar bem, é história, espiritualidade*”. O reencontro com essas sementes, pode ser pensado, em alguma medida, como encontro entre o orgânico e o não orgânico, como parte integral de seus mundos em sua multiplicidade de relações (ESCOBAR, 2014a).

Quando perguntado aos entrevistados o que acreditam que iremos comer daqui 30 ou 50 anos, percebeu-se que em todas as respostas estavam a afirmação que no futuro provavelmente não existirá tanta diversidade de alimentos, concentrando-se em algumas variedades. No depoimento abaixo, o participante 04 (2023) ressalta que acredita que a alimentação poderá ficar restrita a poucas variedades de cereais, frutas e legumes.

Não vai ser tanto tempo assim não, mas é o básico né, mas o que já a gente já consome 3 cereais milho, soja e trigo e quem sabe feijão acho que é base cultural do Brasil. Basicamente isso. E umas três ou quatro frutas maçã, pera e uva. E as básicas ali as couves, brócolis e alface. Acho que só isso né. Aquela diversidade que a gente tinha de comida né. Igual, só pra você ter umas ideias, esse tempo aí, falei até para o Andre, eu fui na casa da mãe lá e fiquei impressionado um monte, num dia normal assim né tinha 9 variedades de alimentos diferentes em cima da mesa, envolvendo batata doce, tinha mandioca, cara, salada com um monte de coisa, três, quatro, cinco de frutas. Essa diversidade acho que não vai ter mais a gente vai ficar comento isso e a base de agrotóxico (PARTICIPANTE 04, 2023)

Foi publicada uma matéria pela Folha de São Paulo, em 18 de fevereiro de 2024, em que o presidente do IFood, uma das maiores empresas de delivery, afirmou que “em dez anos, ninguém vai mais cozinhar”. Essa reportagem, trouxe uma série de discussões sobre regulamentação do profissional da cozinha, sobre cozinhar como aspecto meditativo, da romantização do ato de se alimentar, sobre questões de raça e gênero e muitos outros debates. Dentre

esses, me atento ao fato da resposta do presidente da iFood (disponível no site <https://institucional.ifood.com.br/>), ressaltando que existe uma tendência de as pessoas fazerem menos comida em casa e aumentarem o consumo de delivery, justificando que no Brasil “a penetração do delivery aumentou de 80% em 2020 para 89% em 2022, segundo a consultoria Kantar”, sendo aparente a progressão já nos números de 2023. Esse relato pode indicar uma mudança de hábito de consumo de alimentos e por consequência também uma predeterminação do que vai ser consumido, conforme a disponibilidade do que é ofertado.

No testemunho abaixo é possível verificar uma ênfase no papel das Casas de Sementes, pois contribuem para a diversidade do alimento e sua circulação pelas sementes guardadas:

Estamos guardando sementes crioula para ter alimento daqui a 50 anos. Isso eu disse na Alemanha, que a intenção da casa de semente é levar a falência as grandes empresas de sementes. Então vamos lutar para isso, se a gente vai conseguir não sei, a gente vai tentando. Mas eu acho que vamos ter alimento, as crianças estão sendo alfabetizadas neste sentido, elas estão vindo muito aqui e tenho falado para elas quando posso dizer. Tenho alimentado a esperança delas haverá comida se elas guardarem as sementes, quem domina a semente é agro. Então não podemos deixar essas duas coisas serem dominadas (PARTICIPANTE 08, 2024).

Já no relato a seguir é demonstrado um certo pessimismo em relação ao futuro ao mesmo tempo em que é celebrado a possibilidade de acesso a diversidade, uma vez que na sua propriedade vai continuar produzindo alimentos saudáveis. Além disto, indica que se as pessoas tivessem conhecimento das variedades de determinados tipos de alimentos, poderiam se interessar pela diversidade. A Casa de Sementes tem esta função de manter conservado e guardado sementes para as futuras gerações, esse é seu objetivo.

Eu não sei, do jeito que caminha hoje, acho que vamos estar se alimentando por sache, de alguma coisa injetável na veia. O povo não vai estar se alimentando e não vai ter dente mais. Elas compram coisas tão fácil ne. É tudo super industrializado, não sei. Eu vou estar comendo bem e os meus também! A gente está aqui para isso, para ter todas as variedades e não estar preso ao mercado que diz o que a gente vai comer, que é feijão preto e carioca. Olha a variedade de feijão que a gente tem, é enorme. De arroz que existe, o povo nem sabe. (PARTICIPANTE 07, 2024).

A preocupação com a escassez de variedades de alimentos, no depoimento abaixo da participante 09, se relaciona com a crise climática. A crise climática pode afetar diretamente a produção de alimentos, com aumento de períodos de seca e de chuva, aumento de temperaturas, eventos climáticos extremos. A preocupação com a crise climática está ligada com a compreensão da ameaça à segurança alimentar. Outro ponto interessante, é o fato das adaptações das plantas às condições climáticas locais, podem levar a novas descobertas. Para Gliessman (2000), na perspectiva do tempo geológico, a flora e a fauna podem experimentar mudanças constantes, resultando no surgimento de novas espécies e extinção de outras, devido a seleção natural e interações com o ambiente. Concilia ao fato também de que as ações realizadas no presente podem ter como consequências a não interrupção das variedades alimentares locais. Para Barros *et al.* (2022), os Bancos de Sementes desempenham uma importância na preservação das sementes e segurança alimentar, as sementes crioulas podem reverberar sobre diversas condições sociais, culturais e ecológicas.

A gente vive a crise climática desde sempre, a gente está caminhando para ela cada vez mais acentuada. Esse é um caminho que não sei se a gente reverte 100%, talvez se a gente mudar a política e as formas de produção talvez a gente amenize. Mas a gente está num nível de esgotamento a nível de planeta muito grande. Então eu acho que a gente vai ter uma perda de variedade de alimentos muito grande talvez a gente consiga aí as plantas estão sempre se inovando se adaptando, pode ser que a gente tenha novas espécies aí. Novas espécies foram descobertas, mas saber que a longo desses anos, elas não foram se mudando pra serem da forma que são ne. Então assim eu espero, não sou presa a comer o que a gente já come, mas que a gente tenha uma variedade grande e que a gente não se limite ao que é comercialmente, que é artificialmente produzido. Que a gente consiga manter uma variedade alimentar que contemple as características de cada território e de cada local. O alimento é muito isso muito adaptado ao clima e a questão dos nutrientes que a gente precisa ter de acordo do local que a gente esta (PARTICIPANTE 09, 2024)

Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (2022), temperatura média da Terra esteve em torno de 14°C no século XIX, para os atuais 15,2 °C (70% deste crescimento foi após 1950). E, se as emissões de gases de efeito estufa não reduzirem até 2100, podemos ter um comprometimento da vida no planeta. A participante 06 (2024) ressalta essa preocupação, com as próximas décadas:

Arroz, inhame, abobora, mandioca, mas eu não sei. Porque fala que fala que a gente nem vai existir daqui a 50 anos. A minha geração não sei, eu estou dizendo o que estamos deixando, os nossos netos, se a humanidade não tiver uma atitude mundial em relação a natureza a gente não vai existir. Nossa espécie vai ser extinta tinha uma projeção de 30 anos, eu não sei, se não tiver cuidado vamos morrer todos juntos (PARTICIPANTE 06, 2024)

Começamos este item com a reflexão “¿Cómo pensamos esta defensa de la vida?”, de acordo com o que foi exposto nos depoimentos e relatos dos (as) entrevistados (as) através de suas falas, seus modos de viver e experiência vivida, nota-se a criação de condições e ações para continuidade e defesa de algumas práticas que podem transformar e criar outras e ao mesmo tempo para manter, preservar sustentar, assegurar e guardar ininterruptamente suas atividades. Escobar (2014a), afirma que os movimentos sociais contemporâneos estão focados em lidar com a defesa da vida, valorizando a diversidade e enfatizando a autonomia e identidade em suas mais diversas manifestações.

No artigo intitulado *Diversidade na Produção Agrícola para uma Alimentação Saudável e Sustentável*, de Abramovay *et al* (2023), publicado pelo Grupo de Trabalho do G20, na ocasião das discussões sobre sistemas alimentares pelos pesquisadores Cátedra Josué de Castro, da Faculdade de Saúde Pública da USP e do Instituto Comida do Amanhã. Nele, estão presentes algumas discussões que debatem o futuro alimentar da humanidade. A redução de uma diversidade alimentar pode contribuir cada vez mais para uma uniformização alimentar, ou seja, para uma monotonia alimentar. O termo monotonia, engloba características como padronização produtiva como base alimentar e a “dependência humana do comércio global para alimentação humana de poucos produtos distribuídos por algumas poucas empresas” (ABRAMOVAY, 2023, s.p.). A monotonia alimentar implica diretamente na segurança e soberania alimentar, na saúde e na agrobiodiversidade. Se a diversidade alimentar desempenha relações com a segurança nutricional, sua perda ou redução podem acarretar na não obtenção de nutrientes importantes e essas deficiências acabam por ocasionar doenças cardíacas e obesidades, sendo necessário reposição nutricional. O acesso a um número limitado de cultivos agrícolas para a alimentação, podem ter como consequências uma

aceleração de problemas climáticos e impacto ambiental, reforçando a urgência de priorizar a transformação dos métodos de produção de alimentos, inclusive “para incluir práticas que permitam que a agricultura e a pecuária respeitem os limites ecossistêmicos do planeta”. Abramovay *et al* (2023, s.p.) ressaltam que “90% do que os seres humanos comem de, no máximo, 15 culturas, com 66% delas concentradas em apenas nove produtos; trigo, milho e soja respondem por 50% do suprimento”. Afirmam ainda, que a perda da variedade é uma característica dos produtos provenientes das criações de animais e tem consequências para a biodiversidade.

Nesta seção, nos atemos aos aspectos que refletem as práticas e ações ocorridas fora do contexto das feiras, mas dentro das Feiras de Sementes será possível identificar interseções entre desses dois universos.

7.2. Mas, porque fazer uma Feira de Sementes Crioulas?

Ter comunidades, famílias agricultoras e famílias guardiãs que desejam fazer feiras de sementes, segundo o participante 04 (Coletivo Triunfo, ReSA e AS-PTA, 2023), é o primeiro passo para que ocorra uma organização de Feiras de Sementes. As feiras são oportunidades de troca, não apenas em torno da movimentação comercial com as vendas de sementes crioulas. Antigamente, de acordo com o participante 04 (2022), as trocas aconteciam apenas entre vizinhos, um ajudava o outro com sementes ou alimentos ou produtos excedentes ou em mutirões. Além disto, entre as famílias era comum perder uma certa variedade de sementes, seja por algum evento climático, ou durante o processo de conservação e guarda ou na colheita.

Participante 05 (AS-PTA, Coletivo Triunfo, ReSA) afirma que as feiras já viraram uma tradição na agricultura familiar no Paraná, para trocas de sementes e encontro de experiências. Também como geração de renda familiar com as vendas das sementes durante as feiras, produtos e alimentos, bem como artesanatos. Para ele, durante muito tempo as feiras ficavam restritas entre as famílias agricultoras e pessoas do movimento rural, contudo percebeu-se, que as feiras acontecendo mais próxima dos centros urbanos, a participação de quem mora na cidade aumentou.

As feiras regionais possuem um sentido mais político, buscam o aumento de circulação de pessoas, a participação de ativistas, políticos, sindicalistas, representantes municipais, apoiadores, famílias agricultoras e guardiãs de sementes, segundo o participante 04 e o participante 05 (2023). Geralmente das Feiras Regionais, saem cartas de manifesto e elas são encaminhadas para o poder público.

Na 19ª Feira de Sementes Crioulas da Agrobiodiversidade, realizada em Palmeiras, foi formado um grupo de *Whatsapp* onde os interessados em participar da feira como expositores podiam se inscrever, através de um link e acessar um formulário (Ver Anexo 3). Durante a inscrição, alguns pontos foram essenciais para os organizadores da feira conseguirem dimensionar a quantidade de bancas, espaço, alimentação, hospedagem (local para dormir) e colchões. Ao mesmo tempo, além da inscrição, era possível obter um cadastro dos feirantes, nomes da comunidade que faziam parte e o município.

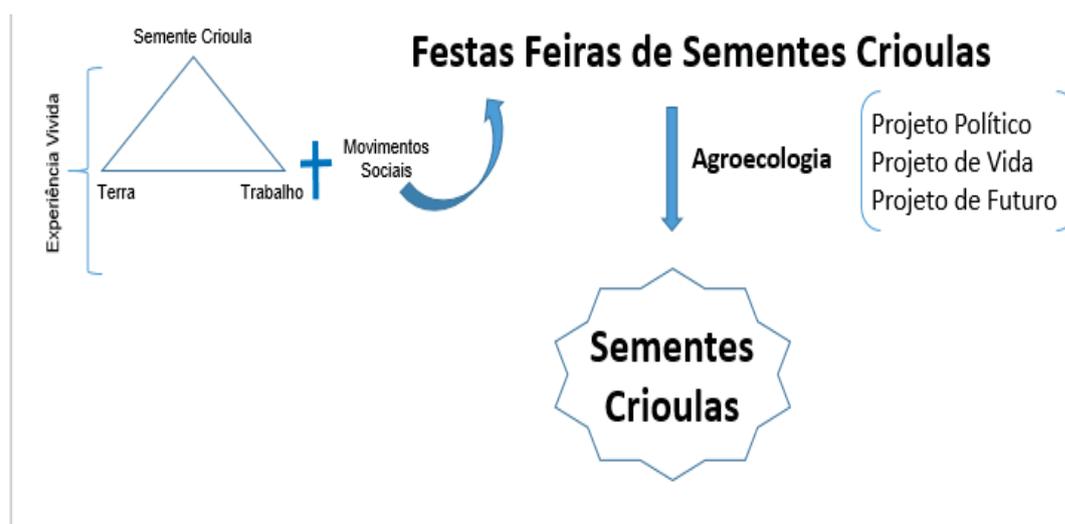
Neste formulário constavam os critérios para ser expositor, ter no mínimo cinco variedades de sementes crioulas ou mudas cultivadas na comunidade, enfatizando que todas as sementes de milho passarão por testes de transgenia⁵⁰ e que os produtos comercializados devem ser de origem de produção familiar, não sendo permitidos produtos industrializados, salvo de agroindústrias ligados à agricultura familiar.

As Feiras Regionais, segundo o formulário de inscrição *“partem do princípio de resgatar, conservar e multiplicar a Agrobiodiversidade, sendo assim, o evento está voltado para este processo vital para a agroecologia”*. Conforme Toledo (2021, p. 193), a agroecologia sendo utilizada como *“ferramenta para a reivindicação e a defesa de seus territórios e recursos naturais, seus estilos de vida e seu patrimônio biocultural”*. Toledo (2021) destaca que um dos pontos essenciais da agroecologia é a contestação da desigualdade social, apontando três características ou dimensões da agroecologia: a pesquisa científica ecológica e agrícolas, as práticas agrícolas empíricas (nos campos cognitivos e técnicos) e a necessidade de elaborar uma abordagem com e para os movimentos sociais rurais (ações políticas).

⁵⁰ Este teste nos milhos é realizado nas próprias Feiras de Sementes, sendo conhecido também como o teste da fitinha, possibilitando a leitura de nove proteínas transgênicas.

Para Toledo (2021, p. 194) a tendência na América Latina é a “*agroecologia política*”, ou seja, não pode ser alcançada “por inovação tecnológica ambientais ou agronômicas, mas que é necessária uma mudança institucional imprescindível nas relações de poder, ou seja, que leve em consideração fatores sociais, culturais e políticos”. E, para isso é necessário que se reconheça a diversidade, que se tenha o “*diálogo intercultural*”. Walsh (2017) destaca que a construção da interculturalidade perpassa na disposição de se aprender com o outro, em outras formas de ser, de estar, sentir e pensar. Nas premissas das organizações das feiras realizadas pela ABAI, Coletivo Triunfo, AS-PTA e ReSA, além do fortalecimento da agroecologia como projeto político, futuro e de vida e a valorização da semente, é encontro da diversidade, o encontro dos povos para fortalecimento entre eles, para diminuir o afastamento e gerar diálogo.

Figura 27 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 3)



Fonte: A Autora (2024)

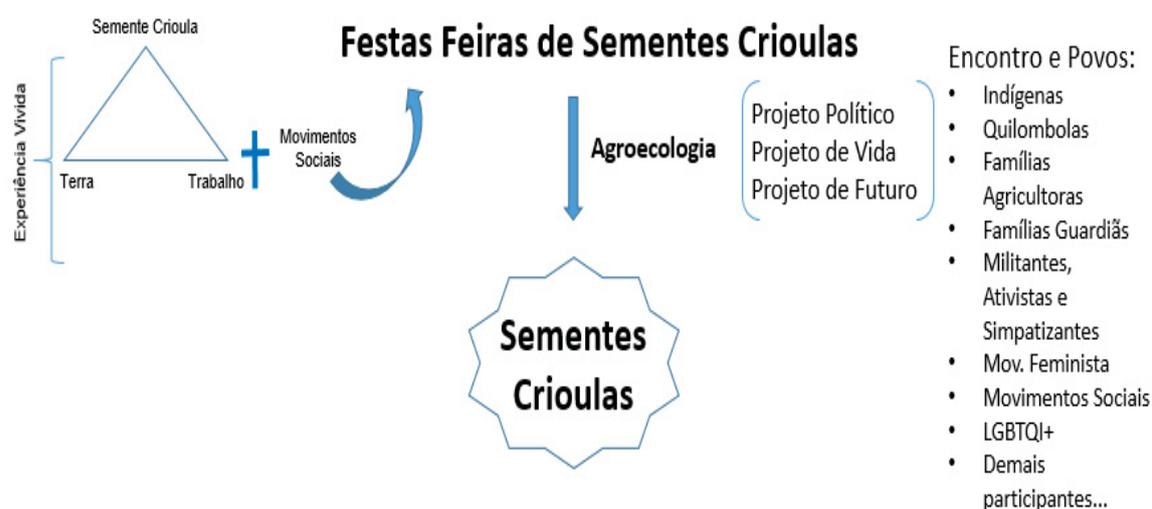
São comunidades quilombolas, povos indígenas originários, faxinalenses, ribeirinhas, caiçara, entre demais outras diversidades, tais como as próprias famílias agriculturas, famílias guardiãs, comunidade LGBTQI+ do Movimento dos Sem Terra, MST, movimentos feministas da agroecologia, entre outras comunidades e movimentos sociais presentes nas feiras. Conforme Toledo (2021, p. 194), os movimentos caminham para um fazer agroecologia como uma “*abordagem transcultural participativa e orientada para a ação*”. A guardiã e participante 06 (2024), agricultora e organizadora de festas feiras de sementes,

que faz parte da ReSA, enfatiza que o encontro e da partilha, ajuda no fortalecimento das comunidades e das práticas, nas buscas de soluções e no compartilhamento de dificuldades e lutas, conforme abaixo:

A primeira festa da ABAI, eu pensei numa grande barraca para os indígenas. Mas aí? Nós queremos lugar para nós, Kaingang. Nós temos outro de jeito! Então eu vi, era necessário que a gente rompesse um pouco isso, a gente não perde nosso individual quando tem encontro com o outro. Pelo contrário, então eu acho que é isso, isso houve motivo também se motivar cada dia mais, para feiras e festas de sementes (PARTICIPANTE 06, 2024).

Conforme Lugones (2008), os surgimentos de movimentos dialéticos contra hegemônicos se constroem pelas insurgências das resistências e lutas, sujeitos e suas capacidades organizativas na tentativa de não se submeterem a essas lógicas e pela busca de criação de novos significados. Os movimentos sociais quando em redes, as experiências locais e as identidades, se configuram em re-existências, neste caso, nas Festas Feiras de Sementes Crioulas, pela semente e pela agroecologia.

Figura 28 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 4)



Fonte: A Autora (2024)

A participante 09 (2024), agricultura e organizadora, levantou um ponto interessante, um agricultor ou agricultora não consegue vender sua semente em um estabelecimento comercial, nas feiras de sementes isso é possível. Segundo a participante 09 (2024), as feiras são:

Trocas de ideias de saberes dos cultivares, quanto a isso manter um momento muito mais ricos, quanto de variedade, quanto a troca de aprendizados. Onde cultiva, onde vai e não vai, como se guarda. Momento que a gente vê que se fortalece muito o aspecto social, além da comercialização em que os agricultores estão ali. Financeiramente para ter retorno do seu trabalho, momento cultural, celebração, as pessoas gostam de estar nas feiras. Tanto quem faz a feira quanto quem participa delas. É um momento cultural muito rico e que celebra, momento de celebração! A Feira de Morretes (**grifo nosso: novembro de 2022**), a gente lavou a alma naquela feira, mas foi um momento bonito. Todas as feiras são assim, uma celebração muito rica culturalmente pela diversidade que chega. As feiras são fundamentais, todas foram essa aproximação com a sociedade, com o meio urbano do que é a realidade. Como os produtos são produzidos, como alimentos são produzidos, traz um pouquinho do campo mais próximo do ambiente urbano né (PARTICIPANTE 09, 2024)

A adesão de se fazer feira passa a ser uma estratégia de encontros e reencontros, as redes e movimentos sociais envolvidos na organização de uma feira de semente, ou das feiras de sementes, partem do pressuposto que as pessoas querem realizar as festividades e, ao mesmo tempo, por meio de suas trocas e experiências afirmar seu saber-fazer agricultura. Em paralelo, as organizações envolvidas se posicionam a favor da agroecologia, numa postura contestatória e política contra o modelo do agronegócio. Conforme a tese de Grígolo (2016) sobre as estratégias de luta na agricultura, mais especificamente em Feiras de Sementes Crioulas no Sul do Brasil:

Desta forma, a realização das festas em múltiplos locais encontrou uma possibilidade de diferenciação de orientação segundo as condições objetivas dos agentes e iniciativas que concorrem para sua realização. Contudo, a luta contra liberação dos cultivos transgênicos poderia ser um fator a requerer a renovação das estratégias de contestação em favor das festas, dado que a época das primeiras festas e de liberação oficial dos transgênicos é coincidente, ou seja, corresponde ao início dos anos 2000. Nesta época é que o termo “sementes crioulas” emerge como categoria política ressignificada em oposição às sementes transgênicas (GRÍGOLO, 2016, p. 177)

As sementes crioulas são abordadas pela agroecologia como elemento constitutivo do manejo e na gestão da agrobiodiversidade e no respeito aos conhecimentos tradicionais (GLIESSMAN, 2005). Para quem organiza as feiras e quem delas participam, ações com a semente envolvem diversas complexidades, dentre elas, a busca de uma autonomia e alimentos saudáveis

em relação a agricultura convercional. Para a comunicação, são propagados vídeos de divulgação, banners, camisetas e livretos informativos.

Conforme o calendário abaixo das Festas e Feiras de Sementes 2023, da ReSA, foram mais de oito feiras organizadas nos territórios das comunidades, sejam elas quilombolas ou indígenas.

Figura 29 - Calendário das Festas Feiras de Sementes Crioulas no Paraná (ReSA, 2023)



Fonte: ReSA (2023)

Conforme os promotores das Feiras, elas devem ser um espaço que reúnam pessoas nas suas mais variadas formas e movimentos, pela semente e pela agroecologia. Neste contexto, como ocupação territorial (espaço da feira), centrada na produção, venda e troca de sementes, venda de alimentos, artesanatos e produtos provenientes da agricultura familiar, que se manifestam a partir de ações e relações dos sujeitos (práxis): de organização, de cooperação, na busca de autonomia, de resistência e luta política ao agronegócio, insumos químicos, monocultura, sementes transgênicas, destruição da natureza. Na perspectiva de Fernandes (2015, p. 203), não basta

falar de território: “é preciso definir: qual território? As relações sociais não estão alheias aos territórios porque elas o produzem e por estes são produzidas”; bem como a ideia de território material e território imaterial, territórios fixos e fluxos e territórios flutuantes.

7.3. “A gente existe e coexiste com a semente, fortalecer a luta”

Na fase pré-evento, a organização e os promotores do evento procuram levantar a quantidade de feirantes para a montagem das bancas e tendas, cadeiras, dimensionamento dos colchões e alimentos, deslocamento, e o local de acomodação (pouso) das famílias agricultores que são de outros municípios ou estados. Busca-se pensar em todas as etapas, desde o descarte de resíduos, limpeza de banheiros e manutenção, alimentação, eletricidade, internet. Além disto, na semana que antecede são reforçadas algumas informações bem como a solicitação para que todos levem seus próprios copos, pratos e talheres.

O café da partilha é um momento esperado também para reunião e confraternização, cada família partilha alimentos produzidos dentro de suas propriedades: o doce de leite, o leite, o café, o pão, as geleias e manteigas, os bolos, sucos e diversos outros sabores. Os momentos de conversa, aprendizados e intercâmbios de informações são constantes, a ideia é que “*que seja simples, troca de experiências*” (PARTICIPANTE 04, 2023). A agricultora e participante 02, durante a Feira de Morretes, dividiu um saber-fazer de uma receita para eliminar pragas:

Quando eu tenho praga eu tenho uma receita que meu marido inventou. Ele pega 5 litros de álcool no posto de gasolina, 3 cebolas, 3 cabeças de alho e tinha pimenta, daquelas mais forte que tem sabe. Aí coloca junto e mexe e deixa lá por cinco dias. Aí pega 5ml em cada regador de 10 litros. É bom para piolho, pulgão, pra tudo. Aqueles piolhos que dá nas folhas da cebolinha, aqueles pretos, mata tudo. Mata tudo, aquelas ruguinhas que tem na couve, mata tudo. Bom para por na batatinha, a batatinha eu planto e daí pego e ponho cinza, só cinza, aí pego cubro um pouco a batatinha, assim...

As feiras representam ocasiões de festividade, partilha, celebração e comunhão, visando a comercialização e intercâmbio de sementes crioulas e

mudas, com trocas de experiências em relação a conservação e a reprodução. Além disto, nesses lugares buscam diversidades de seus cultivos de quintal, de ervas medicinais, de plantio, de floresta e de frutas. As feiras procuram promover a semente crioula, a agroecologia e a diversidade contribuindo para agrobiodiversidade. Em algumas das feiras, destacam-se as atividades recreativas, apresentações artísticas, seminários diversos (alimentação saudável, receitas, debate sobre direitos das comunidades tradicionais, cultivares de sementes e de agrofloresta, oficinas e visitas técnicas).

As que ocorrem no seio das comunidades, como por exemplo, a Festa da Semente na Comunidade São Domingos, em Itapecuruçu (PR), ganham outra dimensão para quem as visitam, tanto para quem as organizam e para as comunidades que as recebem, afirma a participante 06 (2024). Segundo a interlocutora, elas possuem uma simbologia, tem um valor afetivo porque são as sementes do território, da comunidade. As sementes que são trazidas de outros lugares para este interior são recebidas com festa. A participante 06 (2024) se emociona ao falar do que encontrou na Comunidade de São Domingos:

Tem um lugar lá chamado ARCA DO FEIJAO, no ano passado a gente fez a festa da semente lá. E é a coisa mais rica mais linda que ninguém sabe que existe lá, uma família, com comunidade foi multiplicando os feijões e tem uma casinha lá do seu João das Garrafas. É a casa de sementes legítimas da comunidade. E tantas outras que existem, quando a gente vai para as comunidades, a gente encontra. Igual quando eu fui para Castro no Quilombo da Serra do Apon⁵¹, por conta da luta pelo território eu fui junto com a Terra por Direitos, chegamos na casa da Dona Ivani, tinha nada que a gente espera em uma casa, bancos, fogão, tinha um fogão de lenha e um armário na casa da Dona Ivani tinha sementes, ela tinha uma densidade de garrafas guardadas as sementes. Ué Dona Ivani, a Senhora tem sementes! Parecia que não tinha onde plantar, ela disse, eu cultivo, eu multiplico e quando eu conquistar terras eu quero plantar isso tudo. Então lá tem casa de semente. Então começamos a fazer um trabalho lá, um mutirão lá, para ter a casa de semente. Ainda não conseguimos porque recursos é difícil, um barracão, fazemos um espaço e é muito quente. Estamos tentando fazer esta inauguração da casa das sementes pouco a pouco, já são três anos que a gente faz festa lá, não conseguimos efetivar a casa, a casa já existe, a gente quer visibilidade porque é uma ferramenta concreta de luta (PARTICIPANTE 06, 2024)

No início das feiras em Morretes (municipal), Irati e Palmeiras (regionais), no rito de abertura estavam presentes representantes da Prefeitura,

⁵¹ Nesta comunidade são muitas as disputas e lutas, o quilombo é cercado por plantação de eucalipto, plantação de soja e extração de calcário.

representantes políticos, populares e locais, com uma formalidade de fala para cada um deles. Essas falas são importantes porque geram um certo comprometimento por parte de quem faz parte dessas mesas, porque ressaltam nos seus discursos a importância das sementes crioulas e da agricultura familiar. Já as feiras da Lapa (dentro Quilombo) e as organizadas na ABAI (ênfase no encontro com os povos), as homenagens são direcionadas as famílias agriculturas e guardiãs, as sementes e a agroecologia não havendo formalizações ou formação de mesa de autoridades. Neste dia, na Lapa, foram várias as apresentações de grupos musicais africanos, dança, capoeira, exposições. Dentre os vários objetos que estavam expostos com relação a história do Quilombo, alguns desses foi reconhecido por um dos participantes, refugiado da Nigéria, ao se recordar da sua infância, se emocionou com a memória de valor afetivo de seu país em outro continente.

Percebeu-se que a ausência de mesas de autoridades e das formalizações de abertura indicaram um direcionamento para as suas próprias demandas e, como atores de si mesmos, homenageiam e ressaltam suas pautas internas e as de relação com suas necessidades. Na Lapa⁵², dentro do território do Quilombo da Restinga, teve como objetivo exaltar a própria comunidade, sua história e acentralidade, sendo assim, todas as demandas e ações anunciadas são da própria comunidade, contudo, concedida ênfase na semente crioula e na agroecologia. Em destaque o problema do pedágio (que cortará a comunidade) e nas estratégias de luta contra a devastação ao meio ambiente e ao custo monetário que dificilmente será absorvido.

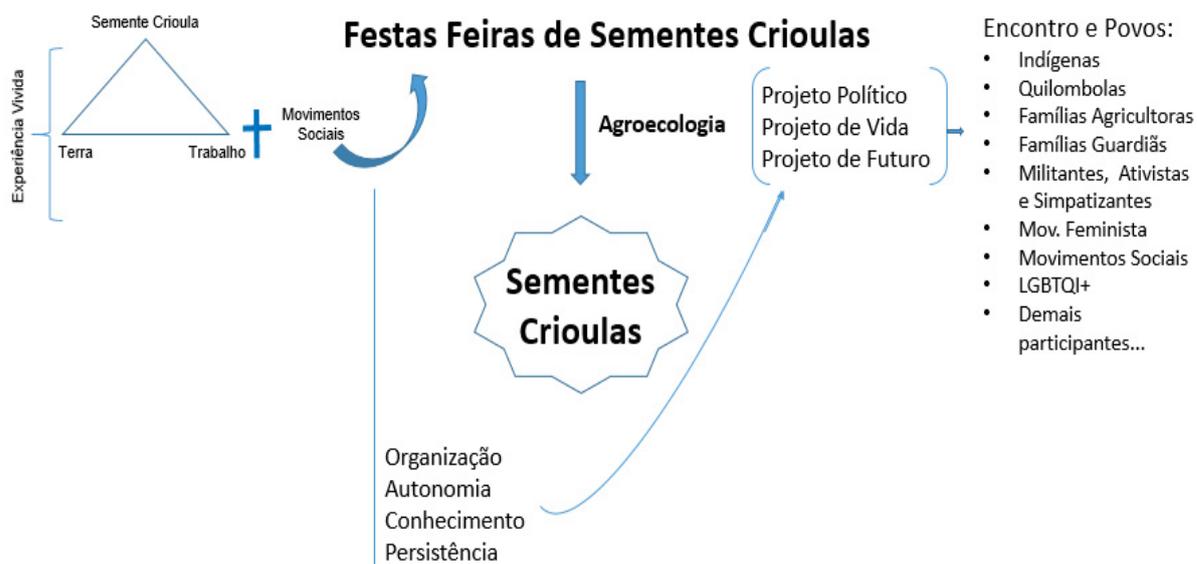
Conforme Escobar (2014a, p. 19), os direitos dos povos indígenas, camponeses e afrodescendentes a seus territórios podem ser vistos por duas formas interligadas: 1. “*la problematización de las identidades ‘nacionales’*”, emergência de saberes e identidades indígenas, afrodescendentes e camponesas; e 2. “*problematización de la vida*” que se relaciona às crises da biodiversidade, climática e devastação ambiental. Esses dois processos estão correlacionados às práticas dos territórios e suas próprias organizações étnico-

⁵² O Quilombo da Lapa (PR) conta com três comunidades, Feixo, Restinga e Vila Esperança, sendo certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, desde 18 de outubro de 2006. No município da Lapa, no último censo de 2022, 1381 pessoas se autodeclararam quilombolas e 47 indígenas.

territoriais (perspectiva de ontologia política do território). Para Escobar, envolvem lutas ontológicas (outros modelos de vida), como o exemplo citado por ele, da organização das comunidades afrodescendentes na luta pelo seu território, do Processo Das Comunidades Negras da Colômbia (PCN).

No caso das feiras que acontecem em territórios de comunidades indígenas ou quilombolas elas possuem a intenção de enaltecer um pensamento próprio de autonomia, resistência e de organização frente as dificuldades e lutas. A semente crioula tem a centralidade, no reconhecimento de sua ancestralidade e raízes étnicas culturais. No entanto, nas feiras de sementes que ocorrem em outros municípios também foi possível verificar a promoção de saberes e práticas tradicionais ou familiares. Muitas vezes partilhados pelas próprias comunidades que não estão nos seus territórios de origem, pelos encontros e reencontros e/ou com no debate que aconteceu na ABAI, no Encontro com os Povos.

Figura 30 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 5)

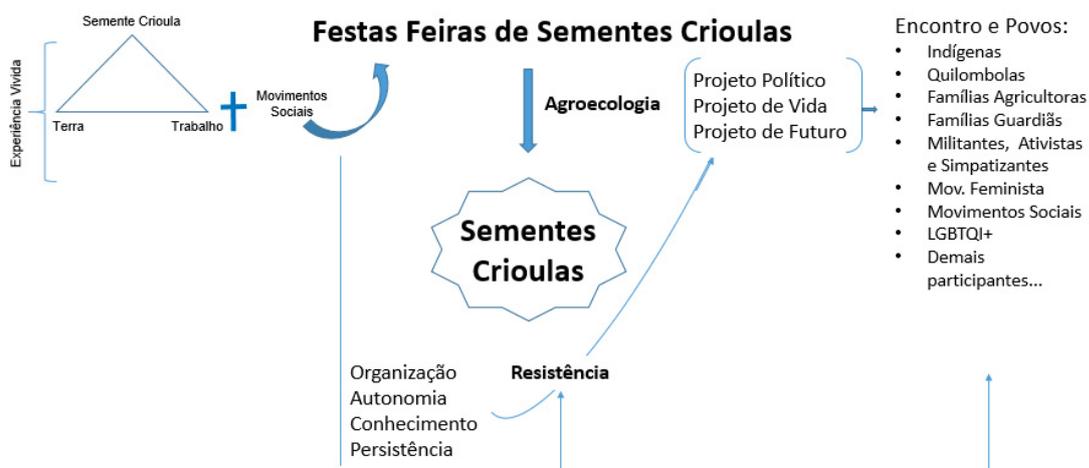


Fonte: A Autora (2024)

Para Escobar (2014a, p. 104) “*el territorio se concibe como algo más que una base material para la reproducción de la comunidad humana y sus prácticas*”. Saquet (2018. p. 479), ressalta que os sujeitos exercem papel fundamental dentro do lugar e na ativação de territorialidades “voltadas para a cooperação, a solidariedade, a luta e a resistência política diante das forças

hegemônicas do capital e do estado burguês”. A importância do encontro e da partilha e do diálogo, foram ressaltados pela participante 06 (2024), bem como a visibilidade política, a “*gente existe e coexiste com a semente, fortalecer a luta*”, configurando uma práxis política e de resistência que lidam com questões e desafios postos aos seus territórios e pelas adversidades da agricultura moderna.

Figura 31 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 6)



Fonte: A Autora (2024)

Nesta perspectiva, as lutas e resistências implicam em novas configurações e estratégias, como também na busca de aproximações no campo cultural, afetivo, ancestral e político de articulações de novas narrativas, pela semente crioula e com a agroecologia nas Festas Feiras de Sementes Crioulas.

7.4. Projeto de Vida Político Pedagógico Agroecológico pelas sementes crioulas nas Festas Feiras de Sementes Crioulas

As discussões sobre o processo de apropriação e usos das sementes pelos sistemas modernos de agricultura, demonstram um cenário de disputa e luta, são reflexões complexas envolvendo o monopólio da natureza e apropriação da agrobiodiversidade (colonização da natureza e dos corpos humanos e não humanos) e a mercantização das sementes. Na busca da compreensão dos espaços das Feiras de Sementes Crioulas e como os sujeitos

constroem práxis de resistência, percebeu-se que dinâmicas de luta e de reivindicações nos mais diversos movimentos sociais, giram em torno das sementes crioulas.

Shiva (2004) ressalta que empresas transnacionais produzem sementes que acabam por criar dependência dos agricultores, por deterem o patenteamento biológico e genético. Desta forma, essas empresas conferem sobre elas o direito de multiplicação e comercialização. A autora ressalta que a conservação da biodiversidade agrícola é inviável sem a participação das comunidades, que desempenham um papel fundamental na proteção de plantas e animais.

Percebeu-se que as novas narrativas e ações dentro das Feiras de Sementes Crioulas criam condições de partilha, união e rede nos mais variados níveis como estratégias dos movimentos sociais, dos povos originários, dos quilombolas, dos participantes, das famílias agricultoras e guardiãs, dos expositores e simpatizantes e aprendizes da luta a favor da agroecologia pela semente. Na pauta está um projeto político e pedagógico agroecológico pela semente crioula para a união e o fortalecimento dos movimentos sociais. Por mais que cada grupo ou movimento, cada família agricultura e guardiã, cada povo tradicional tenham suas demandas particulares próprias dos seus territórios, estão pela semente, pela representatividade e poder simbólico, cultural, histórica e ancestral. Escobar (2014a), afirma que as lutas ancestrais das comunidades negras, se construíu em mais de 500 anos de história, na tentativa de manter a memória trazida da África. As sementes crioulas, possuem na sua essência, a história e combinação de componentes físicos, genéticos e imateriais, que conforme Shiva et al. (2004, p. 137), “[...] a semente é a encarnação das ideias e do conhecimento, da cultura e do patrimônio de um povo”.

Nesta direção, Shiva e Mies (2014) apontam os efeitos das lógicas modernizantes na agricultura moderna, tais como concentração de terra e de produção de alimentos, do latifúndio e monoculturas que acabam por sustentar o sistema de commodities do sistema agroalimentar, com OGM (organismos geneticamente modificados), por consequência, vulnerabilizam a segurança e soberania alimentar dos povos (fome e deficiência alimentar e de saúde), com sequestro de diversidades agrícolas, biológicas e culturais.

Quanto as sementes utilizadas pelas grandes ofertantes nas entrevistas apareceram questões de dependência do agricultor quanto as sementes modificadas, com consequências na saúde. Em 2023, a química e farmacêutica alemã Bayer perdeu um processo relacionado a acusações de efeitos cancerígenos do Roundup (herbicida à base de glifosato), sendo condenada a pagar cerca de U\$\$ 1,56 bilhão a quatro pessoas que contraíram câncer durante o uso deste insumo, que foi vendido pela Monsanto pertencete à Bayer.

Eles tentam dominar, ofertar o que eles têm o poder. Modificam geneticamente, para que a gente fique dependente delas, como uma forma de dominar o que a gente vai comer. Que doença vai ter, que remédios vai comprar. A mesma empresa que é dona da semente e dona da indústria farmacêutica (PARTICIPANTE 07, 2024).

Pode falar com o guardião ele fala que é bom ter saúde. Agrotóxico trás doença (PARTICIPANTE 04, 2023)

Já o participante 04 (2023) ressaltava da importância de saber a proveniência do alimento, que segundo Dalrot (2012), a relação entre consumidor e produtor podem gerar vínculos de confiança na qualidade do produto, a busca de produtos locais e proximidade com o produtor. Segue o destaque mencionado no relato abaixo:

A gente só consegue fazer o consumidor ter noção do que é, quando ele coloca o "homem", uma pessoa, naqueles produtos, quando você vai no mercado você não sabe quem está produzindo e na feira você sabe, aquele feijão é do Jose aquela alface da Ana. Esse ponto falta ainda ter um link, a semente crioula entra nisso. Você está produzindo comida, enquanto você está produzindo comida você está sensibilizando as pessoas (PARTICIPANTE 04, 2023)

Em outro momento, em uma das entrevistas foi destacado a importância de uma alimentação agroecológica na merenda escolar. Foi realizada uma pesquisa pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e o Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN), entre 2019 e 2021, que analisou treze iniciativas em oito estados (em todas as regiões), sendo

demonstrado mudanças dos hábitos alimentares dos estudantes quando os alimentos locais estão presentes na merenda escolar⁵³.

O mais importante disso tudo é a merenda ser de origem agroecológica e familiar, e essa merenda escolar vim da semente ser crioula, se você consegue isso você consegue construir um contraponto (PARTICIPANTE 04, 2023)

Por conseguinte, no movimento de defesa da agroecologia pelas sementes crioulas nas feiras de sementes, emerge um projeto de vida e de reivindicação política de direitos sociais e econômicos, de acesso a terra, ao trabalho, a soberania e segurança alimentar. Nas feiras, quando perguntando aos entrevistados se existe diálogo entre a agroecologia e o agronegócio, foram muitos os posicionamentos e as preocupações.

No depoimento abaixo, percebe-se uma afirmação taxativa de ausência de relação entre o agronegócio de a agroecologia.

Não existe o agronegócio, é o lucro e unicamente o lucro. São antagônicos e totalmente diferentes (PARTICIPANTE 07, 2024).

No relato a seguir, observa-se que o interesse do agronegócio não se alinha com os da agroecologia, pois ele está pautado no lucro e no capital. A entrevistada (PARTICIPANTE 04, 2024) menciona, que embora as práticas alternativas existam a algum tempo, o termo agroecologia ganhou destaque mais recentemente.

Não tem como porque o interesse do agronegócio não é a vida, é o capital, é o dinheiro, então não tem como. (...) se eu penso lá 20 anos atrás que não existia essa palavra agroecologia, existia técnicas alternativas, seja na saúde da natureza, eram praticas alternativas na época a gente falava. Depois que surgiu essa palavra agroecologia, aí fomos e aí gente produziu de forma orgânica. Daí chegamos, eu também sou certificada orgânica também hoje. É importante isso, mas eu falo, meu Pai não fale orgânico pelo amor de Deus, que orgânico o capital já comprou e já pegou para ele. Mas a agroecologia eles não vão conseguir, se o agronegócio entender o que é a agroecologia, não exploraria o trabalho, respeitaria as relações de gênero. Então a relação com a natureza ela é completa, ela é vida na sua integralidade. Não tem como eles entenderem e dialogar, simplesmente produzir e

⁵³ Soma-se que a Lei 11.947/2009, que dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica, que rege o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), alinhado com os direcionantes e garantia Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) no mundo.

nem é para nós, para alimento, é para outro, para exportação e não é pra gente (PARTICIPANTE 06, 2024).

No artigo intitulado *Agronegócio, palavra política*, de Regina Bruno (2009), a autora reflete sobre a construção política da palavra agronegócio no Brasil. E, apresenta alguns pressupostos: 1) o agronegócio como sinônimo de união e geração de riqueza; 2) como expressão da modernidade e de um novo modelo de desenvolvimento que atende os interesses e necessidades; 3) a crença na ausência de alternativas históricas além do agronegócio (com a visão que somente o agronegócio pode alavancar o Brasil); 4) o princípio da valorização de si e desqualificação do outro buscando uma visão homogênea, e, 5) o imperativo de maior institucionalidade e da construção de novos espaços de representação. Destas concepções, apresentam-se divergências e tensões, como também construção de um imaginário, que por sua vez, “o processo de constituição do agronegócio como palavra política é indissociável da construção da imagem dos empresários do agronegócio” (BRUNO, 2009, s.p), que cada vez mais procura se associar a ideia de sustentabilidade social e ambiental.

O argumento apresentado por Caporal (2009), ressalta que a agroecologia não se limita às práticas sustentáveis, implica em novas transformações nas relações sociais e na forma como os seres humanos interagem com o meio ambiente. Podendo promover novas relações sociais baseadas na participação coletiva numa abordagem holística. Para tal, as estratégias deveriam procurar a valorização dos saberes para uma mudança social. Para Caporal, a agroecologia abraça uma variedade de facetas sociais e culturais, a segurança e soberania alimentar, consumo de alimentos locais, nas abordagens práticas e na mentalidade das pessoas.

O participante 04 (2023) ressalta abaixo que a agroecologia e o agronegócio têm princípios diferentes, nas feiras procuram evidenciar isso e apresentar oficinas sobre os cuidados com a saúde e alimentação saudável:

Como você vai comparar um agricultor que tenta sobreviver com um cara que manda no país por exemplo. A agroecologia não entra nisso, se a gente quer passar uma informação, como vai passar uma informação de morte, de desigualdade se o que a gente está pregando é diferente. Então tenho que deixar bem claro, o agronegócio é uma coisa e agroecologia é outra coisa. Não dá para bater em cima e dizer

que é tudo a mesma coisa. Quando eu falo de agricultura familiar, é agricultura familiar agroecológica (PARTICIPANTE 04, 2023)

Segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IPARDES, IBGE, 2024), o Paraná registrou um aumento proporcional de 7,8% em relação a 2022 de atividade econômica do Brasil no ano passado (2023); e no âmbito da agropecuária, houve um aumento de 36% na produção de cereais, leguminosas e oleaginosas em comparação a 2022 (um salto de 33,3 milhões para 45,4 milhões de toneladas colhidas)⁵⁴. Diante desses dados, o argumento apresentado durante a entrevista com o participante 05 (2023), demonstra que para além desses números e resultados econômicos, há de se considerar e refletir sobre o que é destinado para a alimentação humana e o que é para a alimentação não humana:

É possível? Agronegócio sempre vai dizer que estão com a razão e vão dizer que a gente está errada, né! Não sou contra o agronegócio, tem que existir. A pergunta que vem: vocês acham que este tipo de agricultura vai sustentar o mundo? A pergunta que eles fazem para a gente. Vocês acham que são tudo, tudo do pé e da esquerda, sempre... a pergunta que eu fiz? Você já comeu soja 15 dias direto? Só soja? (PARTICIPANTE 05, 2023)

Outro ponto interessante, segundo Leite e Wesz Junior (2014), para o agronegócio (produtores, empresas, entidades de representação, etc.), a política de financiamento rural do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) contou com incentivos de recursos públicos e empréstimos privados. No caso mais específico do Mato Grosso, como demonstrado pelos autores, o apoio e o fomento das atividades agrícolas foram para a produção de soja, bem como o algodão e milho. E, considerando os dados atuais, de acordo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o “Brasil responde, hoje, por 58% das exportações mundiais de soja e 27% das exportações de milho”⁵⁵. Conforme o

⁵⁴ Ver mais em: <https://www.ipardes.pr.gov.br/Noticia/Parana-teve-o-maior-crescimento-da-atividade-economica-do-Brasil-em-2023>

⁵⁵ Ver mais em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202402/setor-aquaviario-movimentamais-de-1-3-bi-de-toneladas-em-2023-e-registra-recorde-historico>

relatório intitulado *Projeções do Agronegócio, Brasil 2022/23 a 2032/33*⁵⁶, realizado pela Secretaria de Política Agrícola, do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa):

As projeções para 2032/2033 são de uma produção de grãos de 389,3 milhões de toneladas, e corresponde a um acréscimo de 24,1% sobre a atual safra que está estimada em 313,8 milhões de toneladas (CONAB,2023), esta é a maior safra já obtida no País. Esse acréscimo corresponde a uma taxa de crescimento de 2,4% ao ano. A área de grãos deve aumentar 19,1% entre 2022/23 e 2032/33, passando de 77,5 milhões de hectares em 2022/23 para 92,3 milhões em 2032/33, o que corresponde a um acréscimo anual de 1,7%. Esses resultados indicam uma tendência de crescimento com ganhos de produtividade (MAPA, 2023).

Se para as tendências de produtividades aumentam, neste mesmo estudo apresenta uma redução de produção de arroz e feijão, o que pode implicar uma vulnerabilidade na segurança e soberania alimentar. A entrevistada abaixo (PARTICIPANTE 09, 2024), demonstra preocupação com os impactos no meio ambiente:

A gente fala e a gente também faz o agronegócio, a gente negocia a nossa produção da agricultura. Os grandes produtores latifundiários e monocultores, criaram e dominaram essa definição do agronegócio, hoje que a gente, hoje em dia remete a algo ruim para nós, o agronegócio. Porém aí, financeiramente no Paraná, é o que mais movimenta nosso PIB então, grandes pesos aí. Olha...acho dá para ser grande produzindo razoavelmente decentemente sem impactar, acho que tem aí uma questão muito de informação, mas é também no lucro sempre muito rápido, a custo de depender da vida e de outras formas de vida. Não basta ter o lucro tem que ter o lucro rápido e volumoso (PARTICIPANTE 09, 2024)

Em destaque, um dos entrevistados (PARTICIPANTE 10, 2023) afirmou que as sementes crioulas deveriam estar dentro do agronegócio (englobadas por ele), contudo a apropriação da semente crioula não garante que ela seja usada sem agrotóxico ou insumos, ou que não tenha contaminação dos solos e águas, conforme a fala abaixo:

Eu acho que a semente crioula dentro do agronegócio, ela tinha que ser totalmente o agronegócio. Por que além dela fazer o bem para a

⁵⁶ Ver mais em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/producao-de-graos-brasileira-devera-chegar-a-390-milhoes-de-toneladas-nos-proximos-dez-anos/ProjeesdoAgronegocio20232033.pdf>

gente ela vai fazer o bem para a terra. 100% um diálogo e uma conexão entre a agricultura e a semente crioula tem um potencial enorme. O pessoal não consegue ver isso aqui (PARTICIPANTE 10, 2023).

Além disto, a tentativa de ampliar as discussões sobre a agroecologia e suas premissas ao mesmo tempo a reflexão de ampliar a produção agroecológica, são pontos levantados pelo participante 11 (2024):

Tem relação ne, porque hoje já tem produção de grande escala, em uma larga escala e não uma magnitude familiar. Eu acho que ela pode ajudar a potencializar a discussão da agricultura familiar de baixa escala, mais no movimento social, eu vejo que ela pode ter essa potencialidade. Mas nada garante que isso vai ser totalmente positivo, pode que isso passe por cima e se aproxime mais do agronegócio convencional com nesta perspectiva mais monocultura do que uma perspectiva mais agroecológica. Mas eu vejo que tem essa relação. E hoje eu estava até vendo um vídeo, de uma pessoa que não lembro quem era falando, que só uma fala pelo grupo inteiro, por exemplo, só o movimento mst fala de reforma agrária, a grande chance desse assunto ser esmagado, né porque ele está só naquele grupinho e nesta bolha. Eu vejo que estão criando um pouco essa discussão para um pouco mais escala maior, cuidando dos direitos trabalhista, não tendo trabalho escravo de uma produção agroecologia, seria uma incongruência absolutamente incompatível. Eu vejo pode contribuir, porque se a gente só restringir não só esse povo pode falar de agroecologia. Também é perigoso, tudo é perigoso, se ficar parado pode morrer atropelado e se andar pode morrer atropelado. Respondendo um pouco a isso, eu acho ajuda ampliar o escopo e esfera da discussão, que é agroecológico, da agroecologia, a importância, sem agrotóxico, pode ser, mas aí aproximar do agronegócio é monocultura, exploração, muito maquinário. Enfim é a coisa tênue. Mas acredito que ampliar a esfera da discussão da agroecologia é bem-vinda, porque senão fica de novo naqueles setores muitos específicos, na mão de setores bem específicos, bolhas muitos específicas, muito específico que pode ser que eles podem ser mais cortados pelo agronegócio do que uma discussão mais agroecológica. (PARTICIPANTE 11, 2024).

A apropriação da natureza se apresenta de diversas formas, contudo, em alguma medida, fazem parte do projeto modernizador e hegemônico de colonialidade enquanto negação epistêmica planetária e de dominação da natureza perpetuando ainda mais a separação entre natureza e humanos e não humanos (MIGNOLO, 2004; QUIJANO, 2020; ESCOBAR, 2005), destaca-se o trecho da entrevista abaixo:

Hoje em dia tem três chavões: um chavão é ser sustentável, o outro é sustentabilidade e o outro é meio ambiente. É chavão, está virando moda. Moda, estou convencido que o único modelo ecológico de produção capaz de garantir sustentabilidade do planeta de forma

sustentável é o sistema agroflorestal e agroecológico, com semente crioulas e milhos crioulos. E se tratando de meio ambiente, para mim não cola, sabe porquê? Ó, o Meio ambiente já diz, não é impressão. Meio! Então você cuida do teu meio e eu detono o meu meio e de olho no teu meio. E assim está acontecendo na prática, você faz o teu meio e eu o meu, mas estou de olho no de vocês. Quando falo essa condição, tem gente que fala, mas é o meio que a gente vive. Peralá, é o meio que eu vivo, eu não vivo só no meio eu vivo em tudo. Eu faço parte do todo. Seja o meio preservado ou o meio detonado. Eu digo não. Eu faço parte do todo, portanto, o que acontece de ruim no ambiente eu não sou meio responsável, eu todo responsável! (PARTICIPANTE 01, 2022)

Na fala do participante 01 (2022) o que está posto de fundo é uma visão de mundo que orienta para uma transformação social e ecológica, que muitas vezes pode ser vista como ideária ou ilusória ou romântica. Conforme Escobar (2014a, p. 14-16), *“para no ver esta lectura del lugar de los movimientos sociales en el espectro del pensamiento como utópica y romântica” e apresenta três dimensões: 1. “la dimensión de la tierra”, a crise ecológica que coloca em risco o planeta (“pueden fácilmente verse como futuristas, como sintonizadas con el sueño de la tierra”); 2. “una transición ecológica y cultural profunda” como “único camino para que los humanos y los no-humanos puedan finalmente co-existir” e, 3. “paradigma de la re-localización” que é uma realocação da alimentação, economia e muitos outros aspectos da vida social como “contra-propuesta a la globalización basada en los mercados dominados por grandes conglomerados corporativos”. E, propõe o “sentipensamiento” de Orlando Fals Borda, sentipensar com o território, implicando desde o coração e a mente (“co-razonar”):*

(...) sentiense con los territorios, culturas y conocimientos de sus pueblos —con sus ontologías—, más que con los conocimientos descontextualizados que subyacen a las nociones de “desarrollo”, “crecimiento” y, hasta, “economía (ESCOBAR, 2014a, p.16).

Em Gudynas e Acosta (2011), ao tratar o *BenVivir*, ao término de seu artigo afirma *“el Buen Vivir tiene su cuota de romanticismo, pero a la vez ofrece una vigorosa dosis de realismo”*, porque preconiza *“la relación armónica entre los seres humanos y de éstos con la naturaleza, con todas las limitaciones que se les pueda encontrar, fueron la base para que las culturas indígenas puedan resistir más 500 años de colonización y explotación”*, e, por fim *“El Buen Vivir,*

por último, ofrece una orientación para construir colectivamente estilos distintos y alternos al progreso material”.

Ao término das Feiras de Sementes Crioulas contempladas nesta pesquisa, exceto a Feira de Sementes e Mudanças em Morretes, as mandalas eram compostas de material orgânico, seja sementes, plantas, mudas, pães, frutas e flores trazidos pelos produtores e colocados no centro do evento. Mesmo em eventos com mais de um dia de feira, os produtos permaneciam ali. Ao término da Feira, era realizada uma mística envolta da mandala, relembrando o tempo, os motivos da feira, as pautas de lutas contra o agronegócio, sementes transgênicas, agrotóxicos, devastação da natureza, das águas e da terra. Esta mística poderia ser seguida de um benzimento, um ritual ou um cântico protagonizado desde de religiosos, ativistas, agricultores e indígenas. Após, os alimentos eram levados pelos participantes da festa.

(...) entender que a mandala, a diversidade, as igualdades de se colocar na mandala e de nós, ao redor da mandala que um cuida do outro, a gente se vê enquanto igual em direitos ne. A energia circula. A espiritualidade de você se encostar no outro em forma circular, de olhar nos olhos do outro. Então a mandala possibilita isso tudo, além da diversidade que ali está, que é maravilhosa. Da uma alegria para os olhos, é muito bom (PARTICIPANTE 06, 2024)

O benzimento das sementes é algo, que até para gente aqui foi muito interessante isso porque a gente não tem um movimento religioso mais expressivo, aqui no litoral. Por mais que a gente saiba do crescimento do movimento evangélico tudo, tem católicos, mas não tem uma coisa assim tão fervoroso como é por exemplo no interior do estado, em que as famílias ali são mais religiosas tem essas práticas ne. Mas o que ela mantém é uma questão, traz uma lembrança do que é sagrado ne do que é aquilo que deve ser guardado, que deve ser protegido, então eu acho que o benzimento vem muito mais desta questão simbólica ne De trazer a importância das sementes ali como algo sagrado, como algo básico de origem da vida. Então assim ao meu ver não é algo fundamental, mas que é uma prática para os guardiões tradicionais para as guardiãs faz diferença é importante ter esse momento. Aqui no litoral (**grifo nosso: se refere a Feira de Sementes e Mudanças em Morretes**) a gente não teve esse momento do benzimento, a gente fez a mandala ali tudo, teve umas falas no final, mas nada relacionado ao benzimento ne. Então mas entendo que é uma prática que traz isso, até porque o pessoal colhia coletivamente fazia festividades, tinha seus momentos de celebração de reza então eu acho que por isso traz a questão do benzimento né (PARTICIPANTE 09, 2024)

Nas feiras existe o reconhecimento da ancestralidade, das raízes culturais e étnicas, da diversidade, das histórias e memórias das famílias agricultores e

guardiãs e dos povos tradicionais em relação as suas sementes, dos mais diversos territórios. O projeto de vida, político, pedagógico agroecológico pelas sementes crioulas e pelos movimentos sociais, são de luta e de ligação com a terra, são promoções de saberes e práticas tradicionais. Sob essa ótica, os embates envolvem a criação de configurações estratégicas buscando aproximações nos âmbitos culturais, afetivos e políticos, tais como nas narrativas relacionadas às sementes e à agroecologia nas festas: pela música, pela dança, pela mandala, pelos seminários e oficinas, pelos sabores e cheiros, pelas sementes e mudas, pelas flores e frutos, pelo diálogo, pela partilha e pelos encontros e reencontros.

7.5. Resistência aos desafios à Re-existência a partir dos desafios

Por que continuo a lutar? Porque estou vivo!⁵⁷
(Kopenawa; Albert, 2015, p. 499)

Porto-Gonçalves (2018, p. 83-84) ao tratar da Amazônia e as tensões em curso, em especial, dos conflitos e de r-existências, afirma que “as tensões territoriais em curso são vividas/sentidas/pensadas por aqueles (as) que as protagonizam de modo diverso e contraditório” e que é preciso “um diálogo verdadeiro e intercultural com esses grupos/classes sociais”, indicando que este diálogo deva acontecer também entre eles. Ou seja, entre os que fazem parte dos grupos, porque “sentem na carne, no corpo, essas condições de pressão e opressão”. É nos conflitos, segundo o autor, processam uma possibilidade maior de ampliar o conhecimento da sociedade sobre os seus problemas⁵⁸. Porto-Gonçalves (2018) afirma que nos anos 1980, os movimentos indígenas e camponês no Brasil, o movimento camponês Colombiano, se aproximaram da agenda ambientalista:

⁵⁷ David Kopenawa, depoimento American Anthropological Association (Tuner & Kopenawa, 1991, p.63).

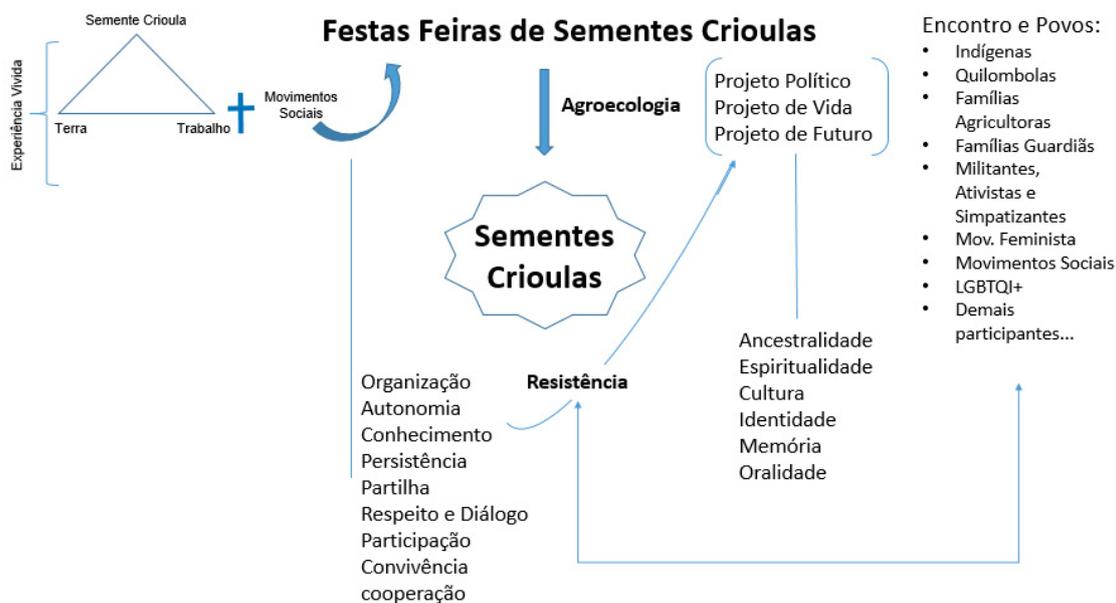
⁵⁸ Como a Primavera Indígena que reuniu mais de 10 mil indígenas, com mais de mais de 170 Povos, em Brasília, em 2021, divulgado em rede televisiva e impressa.

E, nos dois casos, a agenda ecológica, camponesa e indígena amazônica dialoga com a questão (da Reforma) agrária que, por sua centralidade na formação social de nossa região, há que ser retomada e ressignificada, assimilando a questão dos territórios/das territorialidades, o tema ambiental, o que de certa forma vem sendo feito com o debate técnico-político sobre os sistemas agroflorestais, já presentes nas pesquisas de D. Posey e W. Balee, e agora com a **agroecologia e as sementes criollas**. Enfim, a reforma agrária, não mais somente como luta pela terra, mas como luta por território, como luta pela terra com um sentido para a vida – territorialidade –, para além da dimensão meramente econômica, embora a inclua e também a ressignifico (**grifo nosso**, PORTO-GONÇALVES, 2018, p. 87-88).

As articulações de determinados movimentos sociais com outros movimentos não são novidades, inclusive nas suas pautas possuem suas reivindicações particulares, mas juntos soma-se outras para seu fortalecimento e articulações de resistência. Para Pereira (2017), a resistência pode dobrar-se, curva-se, deslocar-se ou desviar-se como ato ativo contínuo aos obstáculos. A resistência nas representações de ações de enfrentamento para uma insurgência, re-existência como forma de sobrevivência física, cultural, material e imaterial de ressignificação; não somente resistência de ação e de pensamento contra a retórica da modernidade, mas de re-existir, **de vida** (ACHINTE, 2008, 2013; WALSH, 2017; GROSGOUEL, MIGNOLO, 2008).

Para os promotores das feiras e para quem delas participam dos movimentos sociais, as feiras se tornam um lugar de reconhecimento e de pertencimento diante as lutas de seus próprios territórios e diante ao modelo capitalista e de agricultura convencional. Um pensar heterogêneo ao mesmo tempo que os sujeitos pensam “parecidos” apesar de toda a diversidade. Percebe-se o projeto de vida político pedagógico agroecológico pelas sementes contra o agronegócio e tudo que dele decorre.

Figura 32 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 7)



Fonte: A Autora (2024)

A partir de suas “utopias” que podem ser consideradas por alguns, mas para essa pesquisa, são táticas de resistências aos enfrentamentos apoiados nas participações, nos encontros, na organização, nos conhecimentos, nas partilhas, no respeito, nos diálogos, convívios e cooperações nos espaços das feiras. Entende-se o espaço das feiras, como na concepção e contribuição aos debates de território de Saquet (2022, p.88), “espaço de (in)formação, mobilização, enfrentamento, luta e resistência aos agentes do capital e ao Estado Burguês = práxis de libertação”. Práxis no campo da “imersão social, vivência étnico-política contra-hegemonica realizada com/desde/para o povo, num movimento continuado de resistência, insurgência, autogestão, desalienação e libertação” (SAQUET, 2022, p.16).

Resistência é acreditar, de acordo com a participante 03 (2022), que é guardiã de sementes na área urbana, “o plantar de sementes em diversos espaços e mostrar que é possível”, multiplicar em pequenos espaços, nos muros e prédios, multiplicar sementes.

Resistência também é ensinar e compartilhar, o participante 05 (2023) enfatiza “para dar visibilidade, eu acho que temos aproveitado muito este espaço de trocas de conhecimentos”, nos espaços da feira, entre famílias agricultoras e

guardiães e povos indígenas e quilombolas, como também com os participantes e consumidores dentro das feiras:

Nós temos feito muito o tema para o consumidor...o seminário da alimentação saudável dentro das feiras, nesse seminário cada vez 80/100 consumidores direto ali. Dai você trás os depoimentos das famílias. Então, essa visibilidade que vocês trazem na produção de alimentos leva direto para o consumidor. Isso é uma coisa que tem destacado (PARTICIPANTE 05, 2023)

Resistência no cuidar, além dos seminários de alimentação saudável para o público consumidor-participante feiras, “ter momentos de exposição e ter momentos de formação” (PARTICIPANTE 04, 2023). Todavia, ele aparece no contato direto entre feirante/agricultor-consumidor, no cuidado, nas relações interpessoais que envolvem atenção, preocupação e apoio, conforme frisa o participante 05 (2023):

E acho que não tem a riqueza maior do próprio agricultor que está ali na banca trazendo a informação para aquele que chega. Eu vejo que as vezes tem agricultor que fica meia hora explicando para uma pessoa da cidade. A paciência que eles têm de explicar. Não é convencer pra comprar semente. Tem uns aí que usam esse tempo para convencer a comprar. Eles convencem que aquele alimento é diferente, aí lógico a pessoa vai comprar uma semente para experimentar. Mas eu acho que pega muito nessa linha de dar mais visão para o povo (PARTICIPANTE 05, 2023)

Na ocasião da Feira de Sementes Crioulas em Irati, foi presenciado, um agricultor (como consumidor na feira) perguntando para o guardião/feirante de semente qual era a semente de feijão boa para comer, aquela “boa para dar caldo bom”. O feirante respondeu, “ai você me pegou”, respondeu brincando. Ainda divertindo a conversa, afirmou que sua esposa fala que o melhor para fazer feijão é esse, “eu entendo de plantar e comer”. O agricultor resolveu experimentar (comprar) e tirou dúvidas mais específicas de tempo de germinação e afins. A semente já embalada e sendo entregue, o agricultor que estava comprando a semente disse “o que eu coloco? ”, “qual o produto eu coloco na semente?”. Essas perguntas geraram surpresa para o feirante/guardião, puxando a semente para si falou prontamente: “nada, nada não! Se for para colocar alguma coisa eu nem te vendo”. Após esse episódio o guardião/feirante, começou a explicar o que era uma semente crioula, quais os

benefícios dela, o porque não precisava colocar insumos químicos, a preocupação com o meio ambiente (terra, água e ar). Uma verdadeira aula, de experiência vivida, a resistência aparece em forma de paciência na didática e na narrativa pedagógica do exemplo, como do agricultor e participante 01 (2022) destacou em outro momento. As resistências fortalecem relações, conforme Saquet (2022, p. 14):

A resistência precisa ter o conteúdo, na práxis territorial, do enfrentamento descolonial e contra-hegemonico, fortalecendo-se relações de solidariedade, cooperação e confiança, juntamente com processos de conservação e preservação ambiental.

Sobre os motivos e objetivos de se fazer feiras pela valorização da semente crioula e da agroecologia, está a importância do encontro e da partilha, validação das pautas comuns e próprias de territórios diversos, visibilidade política, trocas e vendas das sementes e mudas, alimentação saudável; mas, principalmente, no enfoque e nas agendas dos movimentos sociais, direcionamentos para a consciência de si em relação ao que está imposto como mundo real - a autonomia. A noção de cultura como diferença, do território como diferença (lugar, movimentos, vida e rede) e nos questionamentos aos dualismos que constitui a modernidade, a ideia de mono-mundo e a concepção de múltiplos mundos à noção de pluriverso (um mundo que caibam outros mundos), de acordo Escobar (2014a): *“En este marco, lo que “ocupa” es el proyecto moderno de Un Mundo que busca convertir a los muchos mundos existentes en uno solo; lo que persevera es la afirmación de una multiplicidad de mundos”* (ESCOBAR, 2014a,p.76). Contudo, Saquet (2022, p.69), revela um pergunta interessante: *“Quem, onde e como vivem as pessoas que acessam a experiência espaço-tempo?”*, no entendimento do autor, é na nossa cotidianidade, que reflete a *“expropriação e a continuada desterritorialização-reterritorialização”* (p.73), que revela quem somos, como vivemos e o que pensamos: *“Aí estão invisilizadas a heterogeneidade e a coexistência temporal, espacial e territorial (social-natural-cosmológica) existentes no espaço-tempo da nossa vida cotidiana* (SAQUET, 2022, p.73)⁵⁹.

⁵⁹ Ver mais o debate e reflexão completa no livro *Singularidades: um manifesto a favor da ciência territorial popular feita na práxis descolonial e contra-hegemônica*, no capítulo *Peles Brancas, Mascaras “Modernas” e “Pós-modernas”* (SAQUET, 2022, p.59-77).

No Encontro com os Povos Originários e Comunidades Tradicionais (ver Anexo 3), as lideranças das comunidades quilombolas de Restinga (Lapa), Família Xavier (Arapoti), Comunidade Barra do Turvo, Comunidade de 7 barras, Comunidade Porto Velho (Adrianópolis) e Comunidade Paiol de Telha (Reserva do Iguaçu), ressaltaram que do encontro foi possível o fortalecimento e a busca de autonomia para seus territórios:

Quanto às conquistas, só temos a nossa organização e esses encontros como algo para celebrarmos. Nossas comunidades se encontrando para partilha, diálogos e pela participação, começamos a observar algumas pequenas mudanças em nossas comunidades. A própria questão das sementes, passa a ser ressignificada, assim como a nossa cultura. Com esses encontros não nos vemos mais tão sozinhos, vemos essa participação/integração como uma conquista. Antes fazíamos o encontro por causa dos velórios, mas agora queremos fazer esses encontros para celebrar a vida, para trocarmos experiências entre famílias para fortalecer os nossos saberes. Nossa cultura é rica e desejamos preservá-la. Nosso sonho coletivo é a demarcação das terras quilombolas, para que nossas crianças e futuras gerações possam permanecer no território, sem se sentir ameaçados. A Nossa luta é por uma comunidade quilombola digna, que tenha garantia de acesso às políticas públicas, pois só com justiça social teremos um meio de vida viável. Falar do dia dos povos originários (ENCONTRO COM OS POVOS ORIGINÁRIOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, 2023).

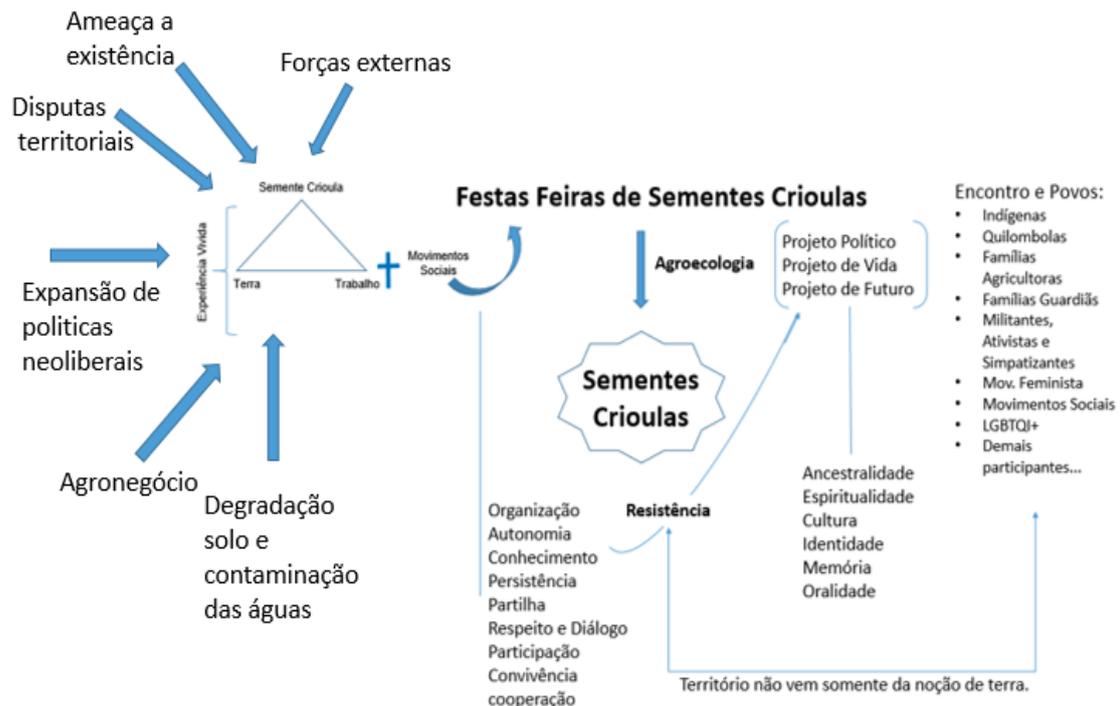
Resistência é festa, “resistência no plantio de mutirão, quintais coletivos, particulares, plantio de sementes” (PARTICIPANTE 03, 2022), muitos desses alimentos também serão comercializados, saberes e sabores com valorização do alimento, conforme destaque abaixo:

A gente fala festa, porque é uma festa de verdade, encontro dos povos. A gente valoriza a alimentação, também cultura, valor do campo. Ela também importante formação e entre guardiões, de partilhar com a cidade que hoje não conhece mais e não sabe que ela existe. De criar essa inquietação em relação a transgenia, aos agrotóxicos, destruição, poluição, destruição da casa comum que é o ambiente que a gente vive (PARTICIPANTE 06, 2024)

Celebrar o direito a vida, a valorização das sementes e da agroecologia nas feiras sem esquecer que nos seus territórios são várias as forças externas que se opõem, ações e políticas que ameaçam diretamente a existência e segurança (violências, contaminações de solos, doenças provocadas por

agrotóxicos, homicídios, suicídios, mineração, privatização das águas, barragens mineradoras, entre outros), fatores antagonistas que podem por em risco ou violar os direitos fundamentais e de território.

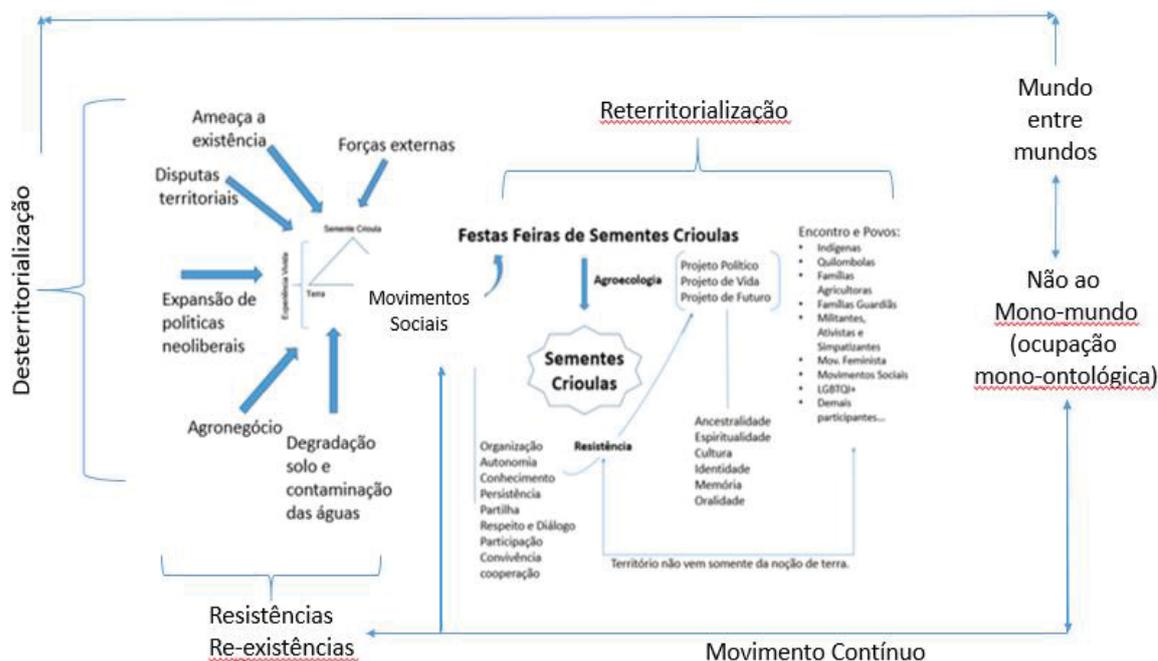
Figura 33 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 8)



Fonte: A Autora (2024)

Em Saquet (2022, p.31 *apud* RULLANI, 2005, p.51), território é “cultura e organização, prática social e conhecimento compartilhado, que se acumulam no lugar e nas relações ali adensadas”. Além disto, considera-se as práticas dos territórios mantidos por comunidades e suas organizações, para fortalecimento “étnico-territoriais”, no sentido que Escobar (2014a) propõe, pela perspectiva de território, territorialidade e territorialização e da perspectiva “ontología política” (conflitos de visão de mundo, do real e da vida, inclusive englobando humanos e não humanos e natureza). Neste sentido, sabe-se que território não vem somente da noção de terra, constituído pelo e a partir do agir dos seres humanos no espaço, construção coletiva e multidimensional (campos de força), relacional-histórica entre seres humanos e natureza, construído num determinado tempo e espaço.

Figura 34 - Esquema das Festas Feiras de Sementes Crioulas (Parte 9)



Fonte: A Autora (2024)

Os espaços que as feiras de sementes ocupam, independente do local geográfico em que estejam, mostram-se como territórios de resistência (reterritorializador) frente ao modelo hegemônico, a monogamia no fornecimento agrícola e suas consequências desastrosas para a agrobiodiversidade (desterritorializador). Pensar os espaços das feiras como territórios-práxis, com manifestações do agir dos sujeitos, estratégias táticas de persistências de valorização da agroecologia pela semente crioula, re-existência e desobediência face ao silenciamento que opera como força impositiva. Ato de semear coletivamente dentro das brechas ou fissuras do sistema capitalista, conforme Walsh (2017), a construção da interculturalidade buscando formas de ser-fazer-viver. Um movimento contínuo de desterritorialização-reterritorialização. Conforme Escobar (2014a), a globalização acentuou a ontologia política e a resistência provém de uma ação ativa ao não apagamento das cosmologias ancestrais sustentadas pelo *sentipensar* de muitas comunidades que não foram colonizadas e que lutam. Na narrativa das feiras de sementes, pela partilha, encontro, reencontro, diálogo parecem formar um território que coexiste na própria existência, um espaço emocional e simbólico que está ligado a experiência vivida que pode estar dentro dos próprios territórios das

comunidades tradicionais ou em algum município. Esse “corpo” formado, corpo-território, transita e flutua, de um lugar a outro, mas representa valores, com senso de pertencimento e identidades culturais diversas e ao mesmo tempo “iguais” ou “parecidas”, para além de fronteiras físicas (imaterial) pela vida e pela sobrevivência.

Ficam as perguntas: Como existir e coexistir? Como ser e fazer resistência? Iniciou-se essa seção com a frase de David Koppenawa, do livro *A Queda do Céu: Por que continuo a lutar? Porque estou vivo!* (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 499). No dia 01/02/2024, Angélica Kretã Kaingang, filha do coordenador executivo da Associação dos Povos Indígenas (Apib) pela Região Sul, Kretã Kaingang, nos deixou de maneira extremamente marcante, aos 14 anos, uma liderança jovem. Com ela, vai também a história de um povo, seu avô Ângelo Kretã foi morto na década de 1980 em conflitos por demarcação de terra. Até o momento não se tem certeza se foi suicídio ou assassinato, seu corpo foi encontrado no Parque Nacional Guaricana, entre as divisas de Morretes e São José dos Pinhais no KM 50 da BR 277, no sentido Litoral. São muitas as lutas, assim como as resistências aos desafios, as persistências táticas enquanto lugar de memória nas marcações identitárias e narrativas, para re-existir e coexistir. Abaixo as palavras da participante 06 (2024), que esteve no cortejo:

Estou acompanhado o cortejo para plantar essa que é sementes de uma juventude indígena que animava com seu canto, denuncia encorajava outras pra luta, mas não conseguiu se manter viva com 14 anos tira sua própria vida (**grifo nosso: ainda em investigação policial**), muita dor, mas vamos transformar e luta também por ela e tantos jovens que cometem suicídio. Por isso é que estamos juntos construindo essa proposta...tem muita coisa a ser feita, né. Lá na comunidade com os grupos, temos que regaçar as mangas, cada um pensar uma coisa, fazer, fazer junto pra poder chegar a acabar com isso. Mas também tem que pensar neste dia, para no espaço da universidade, nos campos Rebouças, um dia dos povos tradicionais, um dia de encontro de feira, de falas, um dia de apresentação e expressões culturais, de comida e de semente, pra gente também trazer o grito que vem de cada território e por isso fortalecer e acabar com isso que mata, que é a discriminação, a violência velada. O preconceito e a discriminação de não aceitar toda a riqueza destes que resistem, a juventude indígena quilombola está gritando, temos que escutar esse grito (PARTICIPANTE 06, 2024)

A resistência também é corpo, corpo-território, ele vive, ele pulsa, ele luta, ele sangra e por vezes morre.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nossos passos vêm de longe”

Jurema Werneck

A importância das sementes crioulas, sua conservação, reprodução e ampliação é fundamental para a vida deste planeta, transcendem os limites do mercado e ganham uma dimensão vital de sobrevivência. As sementes crioulas guardadas, repassadas, trocadas e cultivadas visam o fortalecimento em um movimento reterritorializador pela semente dentro dos espaços das Feiras das Sementes, ao mesmo tempo que transcendem a eles, são resistências a um modelo de agricultura que utiliza sementes transgênicas e que desconsidera as diversidades, heterogeneidades e pluridiversidades.

As Festas Feiras de Sementes Crioulas emergem como espaços de festa de comemoração, de encontros e de reencontros. Possibilitam diálogo e funcionam como locais estratégicos de reivindicação e união para a busca da autonomia dos povos indígenas, comunidades quilombolas e faxinalenses e para famílias agricultoras e guardiãs de sementes.

A participação e organização de feiras são incentivadas pelos movimentos sociais e pelas pessoas que estão dentro desse processo, de baixo e de dentro, que move e remove para continuidade e para se restabelecer uma nova forma de ver a realidade contra a hegemônica. Conforme discutido por Escobar (2005), a ligação entre a experiência vivida arrigada na vida cotidiana conecta a cultura e a identidade, expandindo-se ao invés de se estagnar. Neste sentido, a concepção de semente crioula está associada à soberania e segurança alimentar, bem como à luta e a defesa pela terra. As práticas relacionadas às sementes crioulas promovem a defesa do lugar, e a materialidade dessas sementes, tendem a fortalecer, em vez de enfraquecer a narrativa agroecológica.

A agroecologia desempenha um papel central e é um tema transversal nas Feiras de Sementes, como projeto de vida e político pelas sementes. Assim, na agenda está em destaque um projeto político pedagógico agroecológico centrado na semente crioula, visando à união e a consolidação também dos próprios movimentos sociais. Os organizadores e promotores das Festas Feiras de Sementes apostam na diferença, a partir da identidade de cada grupo e no

exercício da autonomia em diversas expressões. Embora cada grupo ou movimento social tenham suas pautas particulares, todos convergem em torno da valorização da semente, reconhecendo seu significado simbólico, cultural, histórico e ancestral. Daí a importância do encontro, da partilha, do diálogo e da formação de redes de conexão contra o agronegócio, as sementes transgênicas, o uso de insumos químicos, a destruição ambiental, erosão dos solos e contaminação das águas, que são vistos como formas de colonização da natureza e das sementes.

O Direito da Natureza é reivindicado. As Festas Feiras de Sementes se constituem como práxis territoriais, nelas ocorrem movimentações políticas, discursivas, contestatórias e de resistência contra a agricultura hegemônica, com proposições de alternativas contra a concepção dominante. Além disto, percebeu-se que existe uma ontologia política que valoriza o encontro entre o orgânico e o não orgânico, tanto entre os seres humanos e não humanos quanto com a própria natureza. Isso implica em reivindicações para um pluriverso, desafiando a ontologia moderna do universalismo (mono universo) e optando pela valorização da multiplicidade de universos e cosmovisões possíveis.

Nesta perspectiva, nas Festas Feiras de Sementes, os movimentos sociais e os organizadores buscam legitimar práticas e ações centradas nas sementes crioulas como um elemento unificador de todas as pautas. A semente crioula reside no reconhecimento de sua ancestralidade e raízes étnicas culturais. Esse reconhecimento se manifesta através de diversas formas, incluindo narrativas relacionadas a semente e a agroecologia por meio das músicas, das danças, da criação de mandalas, da realização de seminários e oficinas, da apreciação dos sabores e aromas, da troca de pelas sementes e mudas, da contemplação de flores e frutos, do diálogo e da partilha.

Em relação ao primeiro objetivo específico, focou-se no processo de apropriação e usos das sementes pelos sistemas modernos de agricultura, e, em seguida, como a agroecologia, pela construção da cultura da agrobiodiversidade se instituiu como intervenção não extrativista e não hegemônica, de forma a reivindicar os Direitos da Natureza. Buscou-se também navegar pelas abordagens em estudos de Feira de Sementes através de algumas bases de dados científicas, identificando os pontos de discussão sobre território e

resistência, que durante esta investigação, foi observado a ênfase na organização coletiva protagonizada pelos diferentes sujeitos sociais envolvidos.

Quanto ao segundo objetivo específico, a partir das discussões de território, territorialidade, desterritorialização e reterritorialização, buscou-se uma reflexão sobre território e das sementes à luz do pensamento decolonial e da capacidade dos sujeitos de construir práxis de resistência dentro dos espaços das feiras. Que se a agricultura foi se desterritorizando pela modernização as ações com as sementes pela agroecologia e pela valorização dos povos, são possibilidades de reterritorialização. Conforme a hipótese inicial e com base nas análises realizadas, concluiu-se que as Feiras de Sementes Crioulas desempenham um papel fundamental na promoção da agroecologia, na preservação da agrobiodiversidade e como resistência ao modelo de agricultura hegemônico homogeneador pela semente crioula e para a sobrevivência alimentar e dos povos. As práxis dos sujeitos são possibilidades mobilizadoras de ações, luta e resistência nas suas diversas relações no território, sendo elas materiais e imateriais nas suas diversas complexidades. O espaço vivido está no cotidiano e da construção coletiva, é nesse agir que está a resistência.

A territorialidade emerge dessas ações cotidianas e da experiência vivida, das conexões e redes tempo/espaço, onde os indivíduos interagem entre si do/no/pelo território, pela vida e sobrevivência. Isso acontece em uma perspectiva de colaboração em grupo e participação conjunta, sob uma abordagem política que os movimentos sociais adotam para o bem comum. Mas, como podemos desafiar a hegemonia moderna e oportunizar a diversidade? A promoção e a valorização da agroecologia por meio das sementes crioulas nas Festas Feiras de Sementes, tem se transformado em um mecanismo de resistência a hegemonia da agricultura convencional e pelos direitos dos povos. Ademais, as feiras são espaços de manifestação de vida, de existência e de coexistência pela diversidade da agrobiodiversidade através das sementes e pela dialogicidade entre povos (interculturalidade). São verdadeiros espaços de vida e celebração de existência.

Quanto ao terceiro objetivo específico, ao defini-lo como “analisar as práxis reterritorializadoras de resistência nos espaços das feiras de sementes crioulas nos territórios que transitam”, percebe-se uma necessidade de refutação. Quando na construção deste objetivo as vivências em campo ainda

não eram possíveis, devido a pandemia e a impossibilidade de participação e visitas nas feiras. A partir de 2023, a participação nas feiras de sementes se intensificou, as conversas formais e informais, as entrevistas com as famílias agricultoras e guardiãs, organizadores e promotores, sendo assim percebeu-se que:

- As feiras realizadas dentro das comunidades tradicionais têm uma relevância diferenciada, as pautas são envoltas nas dificuldades e problemas que elas enfrentam nos seus territórios;
- As feiras realizadas fora dos territórios das comunidades tradicionais ou no urbano, possuem como foco o diálogo, a partilha, a comercialização e trocas de sementes. Contudo, não somente essa agenda, as feiras também proporcionam um espaço para lidar com os desafios e as dificuldades compartilhadas e, principalmente, para promover e oportunizar o encontro dos povos com o objetivo e intuito de fortalecer e a oportunizar a autonomia e a visibilidade;

No entanto, vale ressaltar que, em ambas as formas de se realizar as feiras, a semente crioula está na centralidade pela valorização da agroecologia. Além disto, nas duas situações, por terem essa centralidade, as feiras criam uma unidade de reivindicações sem perderem as suas próprias individuais. Foi possível verificar, em ambas as situações a presença de um corpo e uma unidade de práxis territorial. Nas Festas Feiras de Sementes Crioulas, tanto os movimentos sociais como os grupos e comunidades buscam legitimar suas ações por meio das sementes crioulas (unificadora), com uma visão de cooperação e fortalecimento dos povos. Há uma evidente interconexão de redes que ultrapassam os limites municipais, manifestando-se em uma dimensão multiescalar, flutuante, fluída e volátil. Isso ocorre porque se deslocam e transitam de um lugar para outro, de tempos em tempos (relação espaço-tempo), refletindo em uma práxis territoriais pela vida.

E, voltando ao segundo objetivo, neste sentido que a relação entre sementes e decolonialidade ganha sentido, no agir da experiência vivida e pela concepção do território das feiras, ao mesmo tempo físico e não físico. Nas Festas Feiras existem práxis de resistência contra o agronegócio numa postura de persistência estratégica aos modos de fazer agricultura moderna. As Festas

Feiras de Sementes Crioulas seriam novos espaços de existir? Sim, há um interior dentro do território das feiras, movimentos de resistência, busca do fortalecimento dos povos das águas e da terra, reivindicação dos direitos da natureza e da valorização da semente crioula pela agroecologia (reterritorializadores).

Dentro dos territórios das Festas Feiras de Sementes Crioulas, uma série de relações se estabelecem entre as pessoas, os locais onde as feiras são realizadas, as atividades de comercialização e as trocas de sementes crioulas e mudas, as oficinas e as performances musicais. Essas relações não se limitam a comercialização e as trocas, mas transcendem para além disto. Incluem trocas de conhecimento entre os participantes, organização conjunta dos movimentos e grupos sociais envolvidos na organização. Com uma forte tendência de distanciamento e afastamento das lógicas do mercado e das práticas agrícolas modernas. Neste contexto, emerge uma dinâmica de auto-organização baseadas em práxis de cooperação, reciprocidade e de solidariedade, evidenciadas nas atividades cotidianas como nos cafés da partilha e na organização da cozinha, nas práticas das místicas e das mandalas de alimentos, bem como no compartilhamento de recursos como colchões e transportes para quem vêm de longe.

Ressalta-se que essa pesquisa se propõe a realizar devolutivas para as comunidades com o objetivo de colaborar com as pessoas de fato. Além disto, adota-se uma perspectiva de imersão dialógica, buscando se distanciar de pesquisas que reproduzem dinâmicas de cunho colonial. E, se possível, indicam-se pontos de abertura de estudos futuros sobre as Festas Feiras de Sementes: debates envolvendo as feiras estão entrelaçados em diversas redes de conexão, numa dimensão multiescalar de tempo e espaço, assim, seria interessante realizar o registro e a catalogação das sementes e mudas que são levadas para as feiras, a fim de documentar a diversidade e promover a conservação das variedades crioulas; debates e reflexões sobre gênero envolvendo as sementes, destacando as mulheres guardiãs e seu papel na conservação das sementes e para a geração de renda familiar; investigação da participação dos jovens e seu potencial envolvimento na conservação das sementes e nos movimentos sociais; participação das universidades na colaboração com as comunidades para o desenvolvimento de projetos conjuntos; análise da organização dos povos

indígenas e quilombolas identificando oportunidades para favorecer a sua autonomia e conservação de suas sementes (quais estão em maior risco, etc.); artesanato, acessórios e arte indígena, geralmente produzidos por especialmente pelas mulheres e comercializados nas feiras de sementes e seu foco na geração de renda e preservação cultural; verificar como são realizadas a organização popular para criação de políticas públicas para conservação de sementes crioulas e o estabelecimento de Casas de Sementes (quais são perspectivas de futuro através de políticas públicas?); aprofundar os estudos sobre o papel dos guardiões urbanos; relação entre saúde mental e Festas Feiras de Sementes Crioulas; verificar a relação entre patrimonialização, preservação cultural, identidade, memória e festas feiras de sementes crioulas como instrumento de conservação da agrobiodiversidade, para valorização dos povos ancestrais e comunidades tradicionais e para a sobrevivência alimentar.

Essas são apenas algumas sugestões e certamente há outras possibilidades de pesquisas e estudos sobre Festas Feiras de Sementes Crioulas e suas implicações culturais e ambientais. É importante manter uma perspectiva que valorize o pluriverso e da interculturalidade, reconhecendo e respeitando a existência e coexistência de diferentes cosmovisões e práticas. Além disto, é fundamental abordar as reivindicações e demandas dos povos originários, quilombolas, povos da água e da terra, levando em consideração sua história, o reconhecimento dos seus direitos de acesso ao território e a terra.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRASCO. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. **Dossiê ABRASCO**: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Saúde Coletiva; 2012.

ABRASCO. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. **Dossiê contra o pacote do veneno e em defesa da vida**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 2021. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/wp-content/uploads/2021/07/LIVRO-DOSSIE-V8.pdf>. Acessado em: 31 jan. 2022.

ABRAMOVAY, Ricardo; MARTINS, Ana Paula Bortoletto; NUNES-GALBES, Nadine Marques; SANSEVERINO, Estela Catunda; LAGE, Luisa Gazola; TANGARI, Juliana. **Diversidade na produção agrícola para uma alimentação saudável e sustentável**, São Paulo, mai. 2023. Disponível em: https://www.fsp.usp.br/site/wp-content/uploads/2023/06/t20_policybrief_diversidade-na-producao-agricola-para-uma-alimentacao-saudavel-e-sustentavel.docx.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

ABREU, Guilherme Barbosa. **Estratégias visando à melhoria da seleção massal**. 2010. 67 p. Dissertação (Mestrado em Genética e Melhoramento de Plantas)-Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/4317?mode=full> Acesso em: 05 fev. 2022

ACOSTA, Yamandú. **Filosofía latinoamericana y democracia en clave de derechos humanos**. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 2008. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/Uruguay/fhce-udelar/20170106045436/pdf_498.pdf Acesso em: 24 jan. 2024.

ACOSTA, Alejandra; Margarita Noh and Manuel Rabasa. **Ferías de intercambio de semillas de la milpa en la Península de Yucatán**. Una experiencia de reducción de vulnerabilidad y resiliencia campesina [Report commissioned by the UNDP]. November of 2010. Yucatán, Mexico. 33 pp. Disponível em: <https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/migration/latinamerica/86fff865c3abec94e95ad09ab56cd330e4947288211d589519eee4f15c945e5c.pdf> Acessado em: 10 ju. 2023.

ALBAN ACHINTE, Adolfo. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine (ed.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**, TOMO I, Ediciones Abya-Yala. 2013, P. 443. Disponível em: <https://agoradeeducacion.com/doc/wp-content/uploads/2017/09/Walsh-2013-Pedagog%C3%ADas-Decoloniales.-Pr%C3%A1cticas.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 167.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ALVARENGA, Augusta T. de.; PHILIPPI JR, Arlindo; SOMMERMAN, Américo; et al. Histórico, fundamentos filosóficos e teóricos-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Barueri: Manole, 2011.

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: SEMANA DA HISTÓRIA DO PONTAL, 4.; ENCONTRO DE ENSINO DE HISTÓRIA, 3., 2016, Ituiutaba. **Anais [...]**. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2016. Disponível em: <http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2021.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ALTIERI, Miguel. El Agroecosistema: determinantes, recursos, procesos y sustentabilidad. En: ALTIERI, Miguel. (ed) **Agroecologia: bases científicas para una agricultura sustentable**. 1997, Montivideo: CLADES, p.47-70. Disponível em: <https://agroeco.org/wp-content/uploads/2010/10/Libro-Agroecologia.pdf> Acesso em: 02 fev. 2023

ALTIERI, MIGUEL. El estado del arte de la agroecología: revisando avances y desafíos. En: Miguel Altieri (ed.). **Vertientes del pensamiento agroecológico: fundamentos y aplicaciones**. 2009. Medellín. SOCLA, p. 69-94. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Alejandro-Rojas-W/publication/236869933_Policultivos_de_la_mente_enseñanzas_del_campesinado_y_de_la_agroecologia_para_la_educacion_en_la_sustentabilidad_En_Vertientes_del_Pensamiento_Agroecologico/links/00b7d519bc72e7ec57000000/Policultivos-de-la-mente-enseñanzas-del-campesinado-y-de-la-agroecologia-para-la-educacion-en-la-sustentabilidad-En-Vertientes-del-Pensamiento-Agroecologico.pdf Acesso em: 02 fev. 2023

AMORIN, Lucas Oliveira do. **Plantando semente crioula, colhendo agroecologia: agrobiodiversidade e campesinato no Alto Sertão Sergipano**. Orientador: Gilberto Gonçalves Rodrigues. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17849>. Acesso em: 10 dez. 2021.

ANJOS, Jose Carlos Gomes dos; FEIJÓ, Cristiane Tavares; ANTUNES, Irajá Ferreira. A biopolítica e seus instrumentos de regulamentação: instituições regionais e suas estratégias de planejamento científico-político. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 24, n. 3, p. 295-312, set/dez. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552064357013>. Acesso em: 31 mai. 2023

AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília: Embrapa Informações Tecnológica, 2005.

AS-PTA. Agricultura familiar e agroecologia. **Grupo Coletivo Triunfo organiza a 13a Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade em Bela Vista do Toldo-SC**. 2015, . Disponível em: <https://aspta.org.br/2015/07/19/grupo-coletivo-triunfo-organiza-a-13a-feira-regional-de-sementes-crioulas-e-da-agrobiodiversidade-em-bela-vista-do-toldo-sc/>. Acessado em: 20 dez 2023

AZEVEDO, Natália Tavares de; ISAGUIRRE-TORRES, Katya Regina; BORBA, Carolina dos Anjos de. **Gênero, território e decolonialidade: experiências e perspectivas no Brasil**. Guaju, Matinhos, v.5, n.1, p. 2-14, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/68579/39236>. Acessado em: 07 mar. 2023.

BARROS, João V. Nogueira; SILVA, Monalisa A. Diniz da; SANTOS, Agda R. Mota dos. Bancos de sementes comunitários: uma ferramenta de valorização do patrimônio genético vegetal – uma revisão. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i730261>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BRANDÃO, Joseane Paiva Macedo. Quilombos, política federal de patrimônio e reparação. **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**, São Paulo, v. 28, dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28d2e57>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BOEF, Walter Simon de (Org.). **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre, RS: L&OM, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Queroz, 1987, p. 332-333.

BURKE, P. História como memória social. In: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRASIL. **Lei nº 11.105, de 24 de março de 2005**. Estabelece normas de segurança e mecanismos de fiscalização de atividades que envolvam organismos geneticamente modificados. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11105.htm. Acesso em: 30 de jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015**. Dispõe sobre acesso a patrimônio genético. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm. Acesso em: 30 de jan. 2022.

BRASIL. **Lei no 10.831, de 23 de dezembro de 2003**. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências (BRASIL, 2003). Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.831.htm. Acesso em: 30 de jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1989**. Dispõe sobre os agrotóxicos, seus componentes e afins. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7802.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20pesquisa%2C%20a,inspe%C3%A7%C3%A3o%20e%20a%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o%20de. Acesso em: 30 de jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm. Acesso em: 30 de jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11346.htm. Acesso em: 30 de jan. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012**. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7794.htm. Acesso em: 30 de jan. 2022.

BRASIL. **Lei n. 10.711, de 5 de agosto de 2003**. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças e dá outras providências. Casa Civil. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.711.htm. Acessado em: 03 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Agricultura, pecuária e abastecimento. Serviço Nacional de Proteção de Cultivares. **Informações aos usuários de proteção de cultivares**. "Carta de Serviços ao Cidadão" (nos termos do Decreto nº 6.932/2009). 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-agricolas/protecao-de-cultivar/informacoes-publicacoes/informacoes-aos-usuarios-do-snpc-fevereiro-de-2020>. Acesso em: 01 de nov. 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDENBURG, Alfio. Do rural tradicional ao rural socioambiental. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 417- 428, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/VB86BXQvfRKB8wqTjn6L7zw/?lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2021.

BRANDENBURG, Alfio. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. n.6.p.11-28.jul./dez.2002.EditoraUFPR.Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/22125/14489>. Acessado em: 29 jan. 2022.

BRANDENBURG, Alfio. Os novos atores da reconstrução do ambiente rural no Brasil: o movimento ecológico na agricultura. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 19, n. 1, abr. 2011. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/338> Acessado em: 15 jan. 2022.

BORBA, Carolina dos Anjos de. **Terras negras no dois lados do Atlântico: quem são os proprietários? estudo comparado – Cabo Verde/Brasil**. Orientador: José Carlos Gomes dos Anjos. 2013. 241 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72253/000883398.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BRUNO, Regina Ângela Landim. Agronegócio, palavra política. In: **Congresso Latinoamericano De Sociologia Rural**, 8., 2010. Anais... Porto de Galinhas: UFRPE, 2010. p. 142-160

CABABIÉ, Javier; MARGARITA BONICATTO, María; ANDRÉS ABBONA, Esteban. Semillas y saberes de los agricultores familiares: ¿cuál es el rol de las ferias de intercambio en su reproducción y conservación?. **Rev. Fac. Agron.** Universidad Nacional de La Plata, v. 114, n. 1, p. 122-128, 2015. Disponível em: <http://revista-vieja.agro.unlp.edu.ar/index.php/revagro/article/view/297>. Acesso em: 06 jun. 2023

CAPORAL, Roberto Francisco. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: Embrapa, 2009.

CARDOSO, Olinda Nogueira Paes. Recuperação da informação. **INFOCOMP**, Journal of Coputer Science, v.2, n.1, p.1-6. Disponível em: <https://infocomp.dcc.ufla.br/index.php/infocomp/article/view/46> Acesso em: 20 mai. 2023.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. Michel Foucault y la Colonialidad del poder. **Tabua Rasa**; n. 6, p.153-172, 2007. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero06/michel-foucault-y-la-colonialidad-del-poder/>. Acesso em: 05 ago. 2022

CALLE, Angel; SOLER, Marta; VARA, Isabel; GALLAR, David. La desafección al sistema agroalimentario: ciudadanía y redes sociales. Interface: **A Journal for and About Social Movements**. v. (2), nov. p. 459-489, 2012. Disponível em: <http://www.interfacejournal.net/wordpress/wp-content/uploads/2012/11/Interface-4-2-Calle-et-al.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e extensão rural sustentável: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Porto alegre: MDA/SAF/DATER/IICA, 2004.

Disponível em:

http://www.emater.tcche.br/site/arquivos_pdf/teses/agroecologia%20e%20extensao%20rural%20contribuicoes%20para%20a%20promocao%20de%20desenvolvimento%20rural%20sustentavel.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Nota do Autor, In: EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, n.1, 2002.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mana/a/ZcqxhZk9936mxW5GRrhq/?lang=pt#>.

Acesso em: 01 nov. 2021.

COMISSÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA.

Proposta pronara: Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos

Desenvolvido pelo GT Agrotóxicos/CNAPO. 2014. Disponível em:

<https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/pronara-programa-nacional-de-reducao-de-agrotoxicos-aprovado-por-merito-na-cnapo-em-agosto-de-2014.pdf> Acesso em: 20 dez. 2021.

CÈSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa

Editora, 1978. Disponível em:

https://www.academia.edu/19541054/Aime_Cesaire_Discurso_sobre_o_colonialismo.

Acesso em: 30 set. 2021.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Sementes das vidas contidas:**

sementes crioulas e transformação socioambiental dos sujeitos. Material didático desenvolvido pela Comissão Pastoral da Terra. Londrina, Paraná.

2021. Disponível em:

https://www.aopaagroecologia.org/_files/ugd/b570ce_b7ffdc1f4a674efebb14f27a9a49a772.pdf. Acesso em: 30 set. 2023

COSTABEBER, José Antônio. **Acción colectiva y procesos de transición agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil**. 1998. 422 f. Tesis (Programa de Doctorado en Agroecología Campesinado e Historia) - Instituto de Sociología y Estudios Campesinos. Universidad de Córdoba, 1998.

DALY, Herman; FARLEY, Joshua. **Economia ecologica princípios e aplicações**. Lisboa: Neograf, 2004.

DANIEL IVARS, Jorge; CARBALLO HIRAMATSU, Oscar Alberto; PABLO FILI, Juan. Resistencias sociales y ecosistémicas: trayectorias agroecológicas en la horticultura de Mendoza, Argentina. **Mundo Agrario**, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación Universidad Nacional de La Plata, Argentina, v. 22, n. 50, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.24215/15155994e173>. Acesso em: 12 jul. 2023.

DALROT, M. R. Circuitos Curtos de Comercialização de Alimentos Ecológicos. In: **Conexão ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores**. Moacir Roberto Darolt. Londrina IAPAR, 2012.

DALTRO, Monica Ramos; FARIA, Anna Amelia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro. v. 19 n. 1, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19n1/v19n1a13.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2022

DAROLT, Moacir Roberto; et all. Redes alimentares alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 1-22, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/KgSQNgpc5gF5Tx65N9H7DGd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 54, 1997.

DZIB-AGUILAR, Luis A.; ORTEGA-PACZKA, Rafael; SEGURA-CORREA, José C. Conservación in situ y mejoramiento participativo de maíces criollos en la península de Yucatán. **Tropical and Subtropical Agroecosystems**, Universidad Autónoma de Yucatán, Mexico, v. 19, n. 1, p. 51-59, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/939/93945700002.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

ESCÁRCEGA TORRES, Laura; AXAYÁCATI CUEVAS, Jesús; BACA DEL MORAL, Julio; GÓMEZ, Teodoro. Los contrastes entre el sistema formal e informal de semillas en México: una revisión crítica. **Revista de Geografía Agrícola**, Universidad Autónoma Chapingo, n. 66, p. 199–216, 2021. Disponível em: <https://revistas.chapingo.mx/geografia/article/view/r.rga.2021.66.09>. Acesso em: 13 jun. 2023

ESCOBAR, Arturo. Ecología política de la globalidad y la diferencia. In: HÉCTOR, Alimonda (Coord.). **La naturaleza colonizada: ecología política y minería en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, pp. 61-92. 2011 Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20120319035504/natura.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2024.

ESCOBAR, Arturo. Lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 69-86.

ESCOBAR, Arturo. **La invención del desarrollo**. Popayán: Universidad del Cauca, 2014.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Universidad Autónoma Latinoamericana, 2014. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/escpos-unaula/20170802050253/pdf_460.pdf. Acesso em: 25 jan. 2024.

ESCOBAR, Arturo. **Territorios de diferencia**: lugar, movimientos, vida, redes. Popayán, Colombia: Enviñón Editores, 2010.

ESCOBAR, Arturo. Territorios de diferencia: la ontogía política de los “derechos al território”, **Desenvolvimento Meio Ambiente**, Curitiba, v. 35, p. 89–100, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/43540>. Acesso em: 20 jan. 2024.

ESTRADA AGUAYO, Verónica Soledad; SUÁREZ-DUQUE, David. Factores socioambientales que favorecen la conservación in situ de tubérculos alto andinos nativos en los cantones de Colta y Guamote en Chimborazo, Ecuador. **Sociedade y Ambiente**, n. 22, p. 72-96, mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31840/sya.vi22.2081>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CRUZ, José Carlos; PEREIRA FILHO, Israel Alexandre; ALBUQUERQUE FILHO, Manuel Ricardo de. **Rotação de Culturas**. Brasília: Embrapa, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/milho/producao/rotacao-de-culturas> Acessado em: 01 jan. 2023.

FALS-BORDA, Orlando. Power/Knowledge and Emancipation. **Systems Practice**, v. 9, n. 2, 1996. p. 177-181. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/BF02172931.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Bogotá: Siglo del Hombre y Clacso, 2009. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/coedicion/fborda/>. Acesso em: 15 dez. 2023

FERNANDES, Bernardes Monçano. Sobre a tipologia de territórios In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

FERNANDES, Bernardes Monçano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, Ano 8, N. 6 – Janeiro/Junho de 2005. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1460>. Acessado em: 13 abr. 2024.

FERNEDA, Edberto. **Recuperação de informação**: análise sobre a contribuição da ciência da computação para a ciência da informação. 2003. 146 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-15032004-130230/pt-br.php> Acesso em: 20 de mai. 2023.

FERREIRA, Márcia Regina. **Comunidades rurais de Guaratuba-Paraná**: os limites e as possibilidades da opção extrativista como meio de vida no contexto do desenvolvimento rural sustentável. Orientador: Raquel R. B. Negrelle. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Departamento de Fitotecnia e Fitossanitarismo, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24153/TESE%20CORRIGIDA%202.pdf?>> Acesso em: 18 dez. 2021.

FERREIRA, Márcia Regina. A construção do conhecimento em Ciências Ambientais: contribuições da abordagem decolonial. In: SQUAREZI, Sandro Benedito. **Ambiente e Sociedade no Brasil Central**: Diálogos Interdisciplinar Regional. 2 ed. [e-book]. São Leopoldo: Oikos; Cáceres: UNEMAT, 2019.

FERREIRA, Márcia Regina; BLASZCYK, Amanda. A sustentação da abordagem decolonial na extensão universitária brasileira por meio das diretrizes legais do Estado. In: COSTA, Rogério Santos da; FREITAS, Rodrigo Rodrigues de. (Org.). **Ambiente e sociedade**: desafios da zona costeira e da educação ambiental. Palhoça: Ed. UNISUL, 2020.

FERREIRA, Márcia Regina; SILVERIO, Diego Gustavo. Reformar o pensamento: a transição paradigmática na universidade e a necessidade da política social do conhecimento para o ecodesenvolvimento In: SILVA, Clécio Danilo Dias da; SANTOS, Daniele Bezerra dos. (Org.). **Discussões efetivas sobre a sustentabilidade**. Ponta Grossa: Atena, 2021.

FERREIRA, Márcia Regina. Inovação social e saberes outros: o que a construção do conhecimento formal tem a ver com isso? In: CASTRO, Cláudio Eduardo de Castro; Et all. **Geografias fora do eixo**: por outras geografias feitas com práxis territoriais. Londrina: Liberdade/EDUEMA, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCÍA BUSTAMENTE, R.; AMALIA GRACIA, M. Nodos, actores y discursos en la generación de alternativas alimentarias locales en Quintana Roo y Yucatán, México, 2000-2016. *Intersticios Sociales*, n. 17, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5555/IS.17.197>. Acesso em: 20 jun. 2023

GASPARINI, Bruno. **A apropriação genética da agrobiodiversidade enquanto estratégia biopolítica dos impérios alimentares no contexto da revolução biotecnológica**. 2014. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37350>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FOUCOULT, Michel. **Nacimiento de la biopolitica**: curso en el College de France (1978-1979). Buenos Aries: Fondo de Cultura Economica, 2007.

FUGITA, Mariângela Spotti Lopes. **A indexação de livros**: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias: um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais. 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/109109> Acesso em: 20 de mai. 2023.

GARCÍA BUSTAMENTE, Rocio; AMALIA GRACIA, María. Nodos, actores y discursos en la generación de alternativas alimentarias locales en Quintana Roo y Yucatán, México, 2000-2016. **Intersticios Sociales**, n. 17, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.55555/IS.17.197>. Acesso em: 24 jun. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: procesos ecológicos en agricultura sostenible. Costa Rica: Turrialba, 2002. Disponível em: <https://biowit.files.wordpress.com/2010/11/agroecologia-procesos-ecolc3b3gicos-en-agricultura-sostenible-stephen-r-gliessman.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: processos ecológicos em Agricultura Sustentável. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

GOMEZ, Patrícia Botero. Sentipensar. In: KOTHARI, Ashish; et al (Orgs.). **Pluriverso**: dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021.

GOODMAN, David. Espaço e lugar nas redes alimentares alternativas: conectando produção e consumo. In: GAZOLLA, Márcio; SCHNEIDER, Sergio (org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

GRIGOLO, Sirinei Cesar. **A renovação das estratégias de lutas na agricultura**: o caso das festas das sementes crioulas no sul do Brasil. 2016. 293 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016 Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2684/1/UFSM_PPGExR_D_Grigolo%2C%20Serinei%20C%C3%A9sar_2016.pdf. Acessado em: 29 jan. 2024.

GROSFOGUEL, Ramón; MIGNOLO, Walter. Intervenciones descoloniales: una breve introducción. **Tabula Rasa**. Bogotá, n. 9, p. 29-37, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero9/02grosfoguelMignolo.pdf>. Acesso: 28 ago. 2021.

GUDYNAS, Eduardo; ACOSTA, Alberto. El buen vivir o la disolución de la idea del progreso. En: ROJAS, Mariano (Coord.). La medición del progreso y el bienestar: propuestas desde América Latina. México: Foro Consultivo Científico y Tecnológico de México, 2011. Disponível em: <https://www.gudynas.com/publicaciones/capitulos/GudynasAcostaDisolucionProgresoMx11r.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024

GUDYNAS, Eduardo. Postdesarrollo como crítica. (y la caja herramientas del análisis crítico del desarrollo). En: VELTMEYER, H.; BOWLES, P. (Eds.). "Guía esencial para los estudios críticos del Desarrollo". La Paz: Cides UMSA, 2019. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/86754/ssoar-2019-gudynas-Postdesarrollo_como_critica_Y_la.pdf?sequence=1&isAllowed=y&lnkname=ssoar-2019-gudynas-Postdesarrollo_como_critica_Y_la.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024

GUTIÉRREZ LUNA, Diana Itzu. Territorialidades no-patriarcales. una aproximación al estar-hacer-latir zapatista desde la recuperación-reconfiguración-resignificación de tejidos y rizomas territoriales autónomos. En: CATTANEO, Dilermando; CÂMARA, Marcelo Argenta; SILVEIRA, Renata Ferreira (Orgs.). **Geografias das R-existências**. Ponta Grossa: Monstro dos Mares, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/253934>. Acesso em: 06 dez. 2022

HARLAN, Jack R. **Agricultural origins**: centers and noncenters. *Science*, v. 174, p.468- 474, 1971. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1733521>. Acesso em: 15 jan. 2022

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. Universidade Federal Fluminense. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13419>. Acessado em: 15 ago. 2022.

HERNÁNDEZ VIDAL, Nathalia; GUTIÉRREZ ESCOBAR, Laura. Resistencias epistémico-políticas frente a la privatización de las semillas y los saberes colectivos. **Revista Colombiana De Antropología**, Bogotá, v. 55, n. 2, p. 39–63, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22380/2539472X.798>. Acesso em: 12 jun. 2023.

INFOPÉDIA. **Dicionários Porto Editora** [site]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>. Acesso em: 30 ago. 2023

ISAGUIRRE-TORRES, Katya Regina; MELO, Jana Carolina Farias; BITTENCOURT, Naiara Andreoli. A proteção da agrobiodiversidade e os registros ou cadastros das sementes crioulas e tradicionais. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, n. 3, v. 44, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revfd/article/view/62675#:~:text=em%3A%2023%20mar.->

,2020.,e%20uso%20sustent%C3%A1vel%20da%20biodiversidade.&text=2020. ,BRASIL%2C%20Lei%2011.105>. Acesso em: 30 set. 2021.

KLOPPENBURG, J. Seeds, sovereignty and the Via Campesina: plants, property, and the promise of open source biology. In: **Food Sovereignty: Theory, Praxis and Power**. St. Andrews College, University of Saskatchewan, Canadá. 7-18 nov. 2008. Disponível em: <https://dces.wisc.edu/wp-content/uploads/sites/128/2013/08/2008-Seeds-and-Sovereignty.pdf> Acessado em: 01 nov. 2023

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1992.

LEITE, Sergio Pereira; WESZ JUNIOR, Valdemar João. Estado, Políticas Públicas e Agronegócio no Brasil: Revisitando o papel do crédito rural in **Revista Pós Ciências Sociais**; Vol. 11, No. 22. Universidade Federal do Maranhão, 2014. Texto disponível em <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/3432> Acesso em: 06 mar. 2024

LEONARDELLI, Patrícia. **A memória como recriação do vivido**: um estudo da historia do conceito de memoria aplicado às artes performativas na perspectiva do depoimento pessoal. Orientador: Luiz Fernando Ramos. 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-07052009-143057/publico/3199071.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

LLANES-ORTIZ, G. Seeds of Maya Development: the “fiestas y ferias de semillas” movement in Yucatan. **Alternautas**, London, v. 2, n. 2, p. 10-20, 2015. Disponível em: <http://www.alternautas.net/blog/2015/7/20/seeds-of-maya-development-the-fiestas-y-ferias-de-semillas-movement-in-yucatan>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LIMA, Márcia Maria Tait. **Elas dizem não!** mulheres camponesas e resistências aos cultivos transgênicos no Brasil e Argentina. Orientador: Renato Peixoto Dagnino. 2014. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/286600>. Acesso em: 10 dez. 2021.

LIMA, Lucas Gama. A monopolização das sementes pelo capital e a contaminação por transgênicos no semiárido de alagoas. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v.13, n.2, p.271-293, ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/45030/25210>. Acesso em: 20 abr. 2022.

LIMA, Laís Stefany De Carvalho Falca; FORTI, Victor Augusto. **Sementes crioulas: qualidade e armazenamento**. São Carlos: UFSCar/CPOI, 2020. Disponível em: <https://www.sibi.ufscar.br/arquivos/sementes-crioulas-qualidade-e-armazenamento-1.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

LUGONES, Maria. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**. Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dic. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 24 nov. 2021.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, set.-dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577> Acesso em: 17 ago. 2022.

MAICA, Eitel Dias. Sementes. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2021.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **A história das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, família**. São Paulo: Contexto. 2011.

MEIHY, José Carlos. Memória, história oral e diferenças. **Sesc Memórias**, 30 set. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM>. Acesso em: 01 fev. 2020.

MELO, Bianca Maria da Silva. **Agro é pop: a anulação da conflitualidade no campo do discurso da Globo**. 2020. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/7265/1/Agro%20%C3%A9%20pop%3A%20a%20anula%3%A7%C3%A3o%20da%20conflitualidade%20no%20campo%20no%20discurso%20da%20TV.pdf>. Acessado em: 16 dez de 2023

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 333-354.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In. _____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28.ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009.

MOONEY, P.R. **O escândalo das sementes**: O domínio na Produção de alimentos, São Paulo, Nobel, 1987.

NUMER, Thamy; KEMPF, Renata Borges; GEMIM, Bruna Schmidt; DENARDIN, Valdir Frigo. Mercados de proximidade na agricultura familiar: compreendendo a “Comunidade que Sustenta a Agricultura – CSA. **X Seminário Nacional Sociologia & Política**, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337826217_Mercados_de_proximidade_e_na_agricultura_familiar_compreendendo_a_Comunidade_que_Sustenta_a_Agricultura_-_CSA. Acesso em: 03 set. 2021.

NASCIMENTO, Priscila da Silva. **Do discurso científico sobre o indígena ao discurso indígena na ciência**: decorrências críticas na construção de um paradigma indígena de pesquisa. 2020. 229 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/194334/nascimento_ps_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 10 dez. 2021.

NICHOLLS, Clara I; ALTIERI, Miguel A. Enfrentando el cambio climático: estratégias agroecológicas para la agricultura campesina. In: NICHOLLS, Clara Inés; ALTIERI, Miguel. (Org.). **Nuevos caminos para reforzar la resiliencia agroecológica al cambio climático**. Berkeley, California, 2017.

OLIVEIRA, Vanderlei Mendes. Território, memória coletiva, cultura material e imaterial apinaje: um estudo da etnoarte e dos saberes fazeres. **Observatorio Geográfico de América Latina**. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/25.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

PASSOS, Marcelo; et al. A Rede de Sementes da Agroecologia no Paraná (ReSA). In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE AGROECOLOGIA, 6.; CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 10.; SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO, 5. **Anais [...]**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/183045/1/A-rede-sementes.pdf>. Acesso em: 02 de ago. 2021.

PARANÁ. Secretaria da Saúde. **Plano de vigilância e atenção à saúde de populações expostas aos agrotóxicos do estado do Paraná**. Curitiba. SESA, 2021. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Saude-e-agrotoxicos-Pevaspea>. Acesso em: 01 nov. 2021.

PARKER, Larissa Ambrosano. **Biodiversidade como bem comum**: direito dos agricultores e agricultoras, povos e comunidades tradicionais. [S.l.]: Terra de Direitos, [20- -]. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/uploads/arquivos/Biodiversidade-como-bem-comum-min.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PESSOA, Kauê; BANDENBURG, Alfio; PIVATO, Jakeline Cristiane Furquim. (Org.). **Agroecologia e reforma agrária**: um projeto ecológico das Jornadas de Agroecologia. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

PECQUEUR, Bernard. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul. **Raízes**, Campina Grande, Vol. 24, nºs 01 e 02, p. 10–22, jan./dez. 2005

PEREIRA, E. A. D. Resistência Descolonial: Estratégias e táticas territoriais. **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 43, p. 17–55, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/615>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PEREZ-CASSARINO, Julian. **A construção social de mecanismos alternativos de mercados no âmbito da rede ecovida de agroecologia**. 2012. 479 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27480/R%20-%20T%20-%20PEREZ-CASSARINO%2c%20JULIAN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 de jun. 2021.

PEREZ, Daiana; SEPLOVICH, Julieta; GUSMAN, Natalia. Construcción de alternativas alimentarias en cuatro provincias de Argentina. **Revista Colombiana de Sociología**, Universidad Nacional de Colombia, v. 41, n. 2, p. 21-40, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rsc.v41n2.70260>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PINTO, Tânia Halley Oliveira; KLEPKA, Verônica; SOUSA, Mikaella de; CREPALDE, Rodrigo dos Santos. A integração de saberes por meio da temática das sementes crioulas na formação de professores de ciências para o campo. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente**. v. 13 (2), pp. 177-198, ago. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/lucia/Downloads/32202-Texto%20do%20Artigo-172588-1-10-20210602.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022

PORTER, Roy; Burke, Peter (org.) **Linguagem, indivíduo e sociedade**: história social da linguagem. São Paulo: UNESP, 1993.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e a arte da agricultura**: um manifesto Chayanoviano. São Paulo: UNESP, 2017.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Nuevos campesinos**: campesinos e imperiosalimento. Barcelo, Icaria, 2010.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia**: encruzilhada civilizatória Tensões territoriais em curso. IPDRS / CIDES - UMSA, 2018.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **A reinvenção dos territórios na América Latina/Abya Yala**. Universidad Nacional Autónoma de México. 2012. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/biogeografia_saude_publica/aulas%202014/2-carlos%20walter.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. Outros horizontes para a geografia pela vida, pela dignidade e pelo território. In: CATTANEO, Dilermando; CÂMARA, Marcelo Argenta; SILVEIRA, Renata Ferreira (orgs.). **Geografias das R-existências**. Ponta Grossa: Monstro dos Mares, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/147.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, Lima, v. 13, n. 29, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

QUIJANO, Anibal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140424014720/Cuestionesyhorizontes.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, 2007. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/147.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas** (pp. 107–130). Buenos Aires: Clacso, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 01 set. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Dossiê América Latina**. dez 2005, v.19, n.5, p.9-31. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/KCnb9McPhytSwZLLfyzGRDP/>. Acesso em: 20 dez. 2022

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAYNAUT, Claude. Paradoxos e Ambiguidades na Ideia de Interdisciplinaridade. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, V. 47, P. 13-49, 2018.

REGO, Thelmely Torres. **Formação em agroecologia**: programa do contestado da AS-PTA. 2016. 313 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/172586/343442.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20 dez. 2023.

REDE DE SEMENTAS DA AGROECOLOGIA. **Sementes da agroecologia**: sementes da vida realização. Fundação Heinrich, 2021a. Disponível em: <https://br.boell.org/sites/default/files/2021-10/Cartilha%20-%20sementes%20da%20agroecologia.pdf>. Acessado em: 12 dez. 2021.

REDE DE SEMENTAS DA AGROECOLOGIA. **Plantô, brotô**: produção de alimentos e conservação de sementes crioulas. Fundação Heinrich, 2021b. Disponível em: <https://resaagroecologia.com.br/cartilhas-resa/>. Acessado em: 05 jan. 2021.

REIJINTJES, Coen; HAVERKIRT, Bertus; WATERS-BAYER, Ann. **Agricultura para o futuro**: uma introdução a agricultura sustentável e de baixo uso de insumos externos. Rio de Janeiro: AS-PTA: Leusden, Holanda: ILEIA, 1999.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

RINNERT, Cynthia Hering. **Avaliação das preferências paisagísticas relacionadas a logística da restinga de taquaras (Balneário Camboriú)**. Dissertação de Mestrado, UFSC, Fundação Universidade Blumenau, 2011.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (org.) **Ciências humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

RODRIGUES, Luciene da Costa; KOSOP, Roberto José Covaia; SOUZA-LIMA, José Edmilson; SCHAFFRATH, Valter Roberto. **Campesinato e sementes crioulas**: indícios de decolonialidade. Guaju, Matinhos, v.5, n.1, p. 33-57, jan./jun. 2019. Disponível em : [file:///C:/Users/lucia/Downloads/63829-270568-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/lucia/Downloads/63829-270568-1-PB%20(1).pdf). Acesso em : 07 mar. 2023.

ROMEL, Catia Cristina, ARENOU, Daphné; SEIXAS, Claudine Dinali Santos; NOGUEIRA, Marco Antonio. **Sementes da Agroecologia**. Embrapa. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Embrapa, Brasília, 2016.

ROMEL, Catia Cristina, ARENOU, Daphné; SEIXAS, Claudine Dinali Santos; NOGUEIRA, Marco Antonio. **Sementes da agroecologia**. Brasília: Embrapa, 2016.

SAMBUICHI, Regina Helena Rosa. (Org.) IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil**: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural

sustentável. Brasília: Ipea, 2017. Disponível em:
https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/144174_politica-nacional_WEB.PDF. Acesso em: 26 jul. 2022.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Aquilombar o antropoceno, contra-colonizar a ecologia. **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7RCuzE6b83k&t=346s>. Acesso em: 02 fev. 2024

SCHINEIDER, Sergio. Prefácio à edição brasileira. In: PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e a arte da agricultura**: um manifesto Chayanoviano. São Paulo: UNESP, 2016.

SILVA, Julio Carlos Bittencourt Veiga. **Ecologização do agricultor familiar**: avançando desde uma transição ecoformadora. 2014. Tese (Doutorado Meio Ambiente) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37259>. Acesso em: 01 set. 2021.

SILVA, Janaine. **A importância das entidades de representação dos trabalhadores rurais no processo de preservação e divulgação do conhecimento das sementes crioulas**: a contribuição da assesoar. 2018. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, 2018. Disponível em:
https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/11147/1/DV_COCAM_2018_1_01.pdfAcesso em: 16 dez. 2023.

SOUZA, Rafaela Oliveira de **Direito à biodiversidade e à alimentação**: uma comparação das políticas de sementes do Brasil e da Argentina. 2021. 217 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/11188/3/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Rafaela%20Oliveira%20de%20Souza%20-%202021.pdf>. Acesso em: 1 out. 2021.

SACK, Robert. **Human territoriality**: Its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SANTILLI, Juliana. **Socioambientalismo e novos direitos**: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2005.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. Orientador: Carlos Frederico Marés de Souza Filho. 2009. 409 f. Tese (Doutorado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em:
https://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1457. Acesso em: 01 out. 2021.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Saber Popular, práxis territorial e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Consequencia, 2019a.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSIO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. Disponível em:

<https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20GRADUACAO/PENSAMENTO%20GEOGR%C1FICO%202017/2-LIVRO%20SAQUET%20E%20SPOSITO.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SAQUET, Marcos Aurelio; SANTOS, Roselí Alves dos. **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. São Paulo : Expressão Popular, 2010.

SAQUET, Marcos Aurelio. O território: a abordagem territorial e suas implicações nas dinâmicas de desenvolvimento. **IGepec**, Toledo: Unioeste, v. 23, p. 25-39, 2019b. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/22719>> Acesso em: 20 dez. 2021.

SAQUET, Marcos Aurelio. A descoberta do território e outras premissas do desenvolvimento territorial. **Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 479-505, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5655>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SAQUET, Marcos Aurelio. Territorio, clase social y lugar: premisas fundamentales del desarrollo territorial de base local, ecológica y cultural. Colombia. **Arquetipo**, v. 15, p. 39-69, 2017a. Disponível em: <https://revistas.ucp.edu.co/index.php/arquetipo/article/view/183>. Acesso em: 03 nov. 2021.

SAQUET, Marcos Aurelio.; MEIRA, Raquel. Redes curtas de comercialização: a proximidade política, pessoal e espacial da articulação entre o rural e o urbano. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 6, n. 2, 2017b. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistamseu/article/view/229921>. Acesso em: 30 out. 2021.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Consciência de Classe e de Lugar: Práxis e Desenvolvimento Territorial**. Rio de Janeiro, Consequência Editora. 2017c.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo. Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Singularidade: um manifesto a favor da ciência territorial popular feita na práxis descolonial e contra-hegemonica**. Rio de Janeiro. Consequencia Editora, 2022.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SHIVA, Vandana; PANDE, Pooman; SINGH, Jitendra. **Principles of organic farmin: Renewing the Earth's Haverst**. Navdanya. New Delhi, India, 2004.

SILVA, Luiz Everson da; Et al. Produção de banana no litoral do Paraná: reflexões acerca do papel social da universidade no contexto do desenvolvimento rural na região. **Divers@**, Matinhos, v. 10, n. 1, p. 41-47, jan./jun. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/lucia/Downloads/53694-215889-1-PB.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: UFPR, 2018.

SOUZA, Marcelo L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná, E. de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.

TOLEDO, Victor M. Agroecologia. In: KOTHARI, Ashish (Org.). **Pluriverso**: dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. História oral e contemporaneidade. **Revista Historia Oral**, n. 5, 2002. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47/39>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

TOMASSEVSKI, Elder Antonio. **Milho crioulo**: perfil dos guardiões de sementes e análise nutricional de silagens mistas. Orientador: Alberto Feiden. 2020. 115 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2020. Disponível em: http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5282/5/Elder_Tomasseski_2020.pdf. Acesso em: 01 out. 2021.

TOMASSEVSKI, Elder Antonio; SOARES, Raquel Juliano; BOURSHEIDT, Deise Maria; FEIDEN, Alberto. Sementes crioulas: importância social e ODS's. In: 1º CONGRESSO ONLINE INTERNACIONAL DE SEMENTES CRIOULAS E AGROBIODIVERSIDADE, v. 15, n. 4, 2020. Dourados, MS. **Anais [...]**. Dourados, 2020. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1127705/1/SementesCrioulasODS2020.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

VALDETE, B. Movimento de mulheres camponesas, campesinato e soberania alimentar. **Agroalimentaria**, Unisersidad de Los Andes, Venezuela, v. 20, n. 38, p. 71-86, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1992/199229475010.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2023

VASCONCELLOS, Andreia. **Construção da agroecologia como projeto socialmente transformador**: ação coletiva de mulheres guardiãs de sementes crioulas. Orientador: Joel Orlando B. Marin. 2020. 211 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/21657/TES_PPGER_2020_%20VASCONCELLOS_ANDR%c3%89IA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01 nov. 2021.

VERNOOY, R. Et All. **On the margins**: a review of policies and laws in support of farmer-managed seed systems. Rome: Bioversity International, 2023. Disponível em: https://cgspace.cgiar.org/items/7e267d7c-bca3-4002-a365-5761d4380c81_. Acesso em: 18 jun. 2023.

VIEIRA, Edson Trajano; SANTOS, Moacir José dos. Desenvolvimento econômico regional: uma revisão histórica e teórica. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/679>. Acesso em: 22 ago. 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria Candau (org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

WALSH, Catherine. Prefacio. In: **Pedagogías Decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir, TOMO I, Ecuador: Ediciones Abya-Yala. 2013. p.19-22.

WALSH, Catherine. ¿Interculturalidad y (de)colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde Abya Yala. In: DINIZ, A. Garcia; PEREIRA, D. Araujo; ALVES, L. Kaminski (Org.). **Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização**. Foz do Iguaçu: Universidad de Integración Latinoamericana, 2017.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. **Revista da Reforma Agrária**, Campinas, v. 25, n. 2/3, p.37-57, mai./dez. 1995. (Número especial sobre agricultura familiar).

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidades. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2003. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/238>. Acesso em: 01 nov. 2021.

_____. **Um saber necessário**: os estudos rurais no Brasil. Campinas: Unicamp, 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf. Acesso em: 10 fev. de 2022.

ZANONI, Magda; RAYNAUT, Claude. **Meio ambiente e desenvolvimento**: imperativos para a pesquisa e a formação. Reflexões em torno do doutorado da UFPR. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 33, abr. 2015. p. 9-30.

ZIBECHI, R. **Territórios em resistência**. Cartografia política das periferias latino-americanas. Rio de Janeiro: Consequência. 2015.

APÊNDICE 1 - Leis, Decretos e Convenções relacionados as sementes

Lei/Decreto/Convenção	Observações
Lei de Sementes - 1965	Fiscalização do comércio de sementes, Substituída pela Lei de Sementes e Mudanças nº 10.771, de 05/08/2003, que “regulamenta, objetiva garantir a identidade e a qualidade do material de multiplicação e de reprodução vegetal produzido, comercializado e utilizado em todo o território nacional” (, 2021).
Convenção Internacional para Proteção de Cultivares (1967, em Genebra) vinculada à Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI).	Com o objetivo de padronizar a propriedade intelectual
Conferência Internacional para a Proteção de Novas Variedades de Plantas (em 1957, Paris) , orientou a Convenção Internacional de Proteção de Novas Variedades de Vegetais (1961) - criação da União para a Proteção de Obtenções Vegetais (UPOV).	Foram várias as revisões da UPOV (1972, 1978 e 1991) de forma a restringir os direitos dos agricultores (guardar, trocar e comercializar sementes) se aproximando dos sistemas de patentes (SANTILLI, 2009).
Compromisso Internacional sobre Recursos Fitogenéticos durante a 22ª Reunião da Conferência da FAO (1983).	Dentre muitos compromissos, estabelecia que as empresas privadas não precisavam ter a obrigação de disponibilizar coleções (SANTILLI, 2009).
Rodada do Uruguai do General Agreement on Tariffs and Trade (Tradução nossa: Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio - GATT)	<p>Sobre o comércio de produtos agrícolas, direitos de propriedade intelectual, inovação científica, recursos genéticos, entre outros (VIEIRA, 2008, p. 2).</p> <p>Rodada do Uruguai foi criada a Organização Mundial do Comércio que passou a implementar os acordos do GATT com maior poder em função de suas atribuições também de fiscalização e punição (VIEIRA, 2008, p. 2).</p> <p>O GATT foi estabelecido em 1947, que regulamentava o comércio internacional.</p>
Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), estabelecida durante a 2ª Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992.	Foi o primeiro instrumento internacional a tratar sobre a diversidade biológica, sendo assinada por 157 países (SOUZA, 2021).

Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e a Agricultura (TIRFA)	Reconhece contribuições de agricultores para o manejo e a conservação dos recursos fitogenéticos (SOUZA, 2021).
22ª Reunião da Conferência da FAO (Compromisso Internacional sobre Recursos Fitogenéticos) DE 1993.	estabeleceu para benefício de empresas privadas o acesso aos germoplasmas de variedades agrícolas localizados em países tropicais “os recursos fitogenéticos sob domínio público, de livre acesso a todos; e os materiais genéticos sob controle privado, que não são afetados pelo princípio do livre acesso” (SANTILLI, 2009 apud SOUZA, 2021, p. 47).
A Lei de Proteção de Cultivares (Lei 9.456/1997), regulada pelo Decreto 2.366, de 5 de novembro de 1997	“Essa lei criou, no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o Serviço Nacional de Proteção de Cultivares (SNPC), a quem atribui a competência pela proteção de cultivares” (SNPC /MAPA, 2020, p.7).
A Lei nº 10.711/2003 - Lei de Mudanças e Sementes - “objetiva garantir a identidade e a qualidade do material de multiplicação e de reprodução	Registro, produção, certificação, fiscalização e comercialização de sementes e mudas. A produção de mudas é regulamentada pelo artigo 46 e seguintes do Decreto nº 5.153/2004, e a Instrução Normativa nº 24/2005 aprova as normas para produção, comercialização e utilização de mudas (SANTILLI, 2009; SOUZA, 2021). A Lei 10.711/2003 – regulamentada pelo Decreto 5.153/2004, que foi substituído pelo Decreto nº 10.586, de 2020.
Decreto 5.153/2004 (que regulamentou a Lei de Sementes)	Foi revogado pelo Decreto nº 10.586, de 2020
Decreto nº 10.586, de 2020	Regulamenta a Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças.
Lei de Biossegurança Nacional (Lei 11.105/2005)	Regulamenta os incisos II, IV e V do § 1º do art. 225 da Constituição Federal, estabelece normas de segurança e mecanismos de fiscalização de atividades que envolvam organismos geneticamente modificados – OGM e seus derivados, cria o Conselho Nacional de Biossegurança – CNBS, reestrutura a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança – CTNBio, dispõe sobre a Política Nacional de Biossegurança – PNB, revoga a Lei nº 8.974, de 5 de janeiro de 1995, e a Medida Provisória nº 2.191-9, de 23 de agosto de 2001, e os arts. 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10 e 16 da Lei nº 10.814, de 15 de dezembro de 2003, e dá outras providências (BRASIL, 2005).

Lei de Agrotóxicos (Lei 7.802/1989)	Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências (BRASIL, 2009).
Marco Legal da Biodiversidade (Lei 13.123/2015)	Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição Federal, o Artigo 1, a alínea j do Artigo 8, a alínea c do Artigo 10, o Artigo 15 e os §§ 3º e 4º do Artigo 16 da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo Decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998; dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências (BRASIL, 2015).
Lei da Agricultura Orgânica (Lei 10.831/2003)	Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências (BRASIL, 2003).
Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais (Lei 11.326/2006)	Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais (BRASIL, 2006).
Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Lei 11.346/2006)	Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências (BRASIL, 2006).
Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Decreto 7.794/2012).	Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (BRASIL, 2012).

Fonte: A autora (2021)

APÊNDICE 2 - Decretos e Leis no Brasil relacionados as sementes

Ano/Período	Decreto/Lei	Observação
1934	Decreto nº 24.114 de 12 de abril de 1934 (Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal)	Aprova o Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal, inclusive regras para a fiscalização de fungicidas e pesticidas.
1975	Programa Nacional de Defensivos Agrícolas, (II Programa Nacional de Desenvolvimento)	Este programa envolveu recursos financeiros para empresas produzirem agrotóxicos no Brasil.
1989	Lei Federal dos Agrotóxicos - Lei nº 7.802/1989	Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propagação comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências (BRASIL, 1989)
1997	Convênio ICMS 100/97	Estimulo ao consumo de agrotóxico por meio da isenção fiscal e tributária concedidas ao comercio de agrotóxico (COMISSÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA, 2014).
2002	PL N.º 6.299/2002 Apresentada ao Senado, de autoria do então senador federal Blairo Maggi	Tem como objetivo flexibilizar a utilização de agrotóxicos, componentes e afins - pretende alterar a Lei n.º 7.802, de 1989
2005	Decreto no 5.630/05	Incide sobre “a cobrança de PIS/PASEP (Programa de Integração Social/Programa de Formação do Patrimônio do Servidor) e COFINS (Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social).Esses impostos incidem na importação e comercialização no mercado interno dos ditos defensivos agropecuários”, classificados na posição 38.08 da NCM (por extenso) e suas matérias-primas” (COMISSÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA, 2014, p.9).
2007	Bayer, Syngenta, Basf, Monsanto, Dow e DuPont	86% de toda a comercialização mundial de veneno
2011	Decreto no 7.660/2011	Incide sobre “a cobrança de Imposto Sobre Produtos Industrializados – IPI sobre os agrotóxicos fabricados a partir de uma lista extensa de ingredientes ativos” (COMISSÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA, 2014, p.9).

2012	Lançamento PNAPO (Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica) pelo Decreto n.º 7.794	Em 2012 foi lançada a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), com “objetivo de integrar, articular e adequar as diversas políticas, programas e ações desenvolvidas no âmbito do governo federal, que visam induzir a transição agroecológica e fomentar a produção orgânica e de base agroecológica, contribuindo para a produção sustentável de alimentos saudáveis e aliando o desenvolvimento rural com a conservação dos recursos naturais e a valorização do conhecimento dos povos e comunidades tradicionais (ABRASCO, 2021, p. 93).
2014	Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos (PRONARA) aprovado na Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO)	PRONARA aprovado na Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO), “mas nunca foi implementado devido por conta da resistências impostas pelo MAPA” (ABRASCO, 2021, P39). Sendo assim, foi apresentado como política à Comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados pela ABRASCO
2016	ABRASCO apresenta proposta e vira PL 6670/2016 de autoria da Comissão de Legislação Participativa que institui a PNARA.	Criação da Comissão Especial para analisar o PL n.º 6.670/2016. Aprovado a PL para ser votada em 2018 (ABRASCO, 2021).
2011 e 2012		Conforme Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (Sindag) e pela Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andev), aumento de 14% nas vendas de defensivos agrícolas no Brasil
2012	Lançada a PNAPO - Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica	O DECRETO Nº 7.794, DE 20 DE AGOSTO DE 2012 Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Que possui na sua diretriz V o seguinte trecho “valorização da agrobiodiversidade e dos produtos da sóciobiodiversidade e estímulo às experiências locais de uso e conservação dos recursos genéticos vegetais e animais, especialmente àquelas que envolvam o manejo de raças e variedades locais, tradicionais ou crioulas”. (BRASIL, 2012).
2012	Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO)	Instrumento estabelecido pela PNAPO, “com a participação de representantes do governo e da sociedade civil, foi avançar ainda mais na universalização das políticas para a agricultura familiar com vistas à produção agroecológica, em conjunto com as unidades federativas” (ABRASCO, 2021, p. 96).
2015	PL N.º 3.200 apresentado na Câmara	Pretende a alteração da nomenclatura utilizada “agrotóxicos” para o termo “produtos fitossanitários” ou “produtos de controle ambiental” (no artigo 5º do PL 3.200/2015). Em 2018, “o relatório foi aprovado na Comissão Especial e o substitutivo já pode ser votado em plenário (Brasil,

		2018). O texto final altera o termo “agrotóxico” para “pesticida”, uma forma de disfarçar a realidade e diminuir a percepção de risco da população. Dá também maior poder ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), que passaria a ser o órgão responsável pelo registro dos agrotóxicos, restando ao IBAMA e à ANVISA apenas homologar avaliações do MAPA”. (ABRASCO, 2021).
2016	Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (Para)	Dentre as ações está a fiscalização e a capacitação em toxicologia. Segundo amostragem e pesquisa, em 12.051 amostras de 25 alimentos de origem vegetal, 2.371 delas foram consideradas insatisfatórias em razão da alta concentração de agrotóxicos (ANVISA, 2016).
2017	Dow e Dupont fundiram-se na nova DowDuPont.	a Syngenta foi comprada pela empresa ChemChina
2017	PL N.º 3.200/2015 foi anexado ao PL N.º 1.687/2015	Comissão Especial instalada na Câmara para apreciar PL N.º 3.200/2015 passa a apreciar PL N.º 6.299/2002, conhecido como o Pacote do Veneno (Altera os arts 3º e 9º da Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1989, que dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências).
2018	Monsanto foi comprada pela Bayer	tornando-se a maior do mundo, influenciando também o mercado nacional
2018	Parecer favorável aos PL N.º 6299/2002 e PL N.º 6670/16	Comissão especial no Congresso Nacional: visa tratar do marco regulatório dos agrotóxicos

2019-2022	PL N.º 6299/2002	“Bancada Ruralista”, ou Frente Parlamentar da Agropecuária, que, na 56ª legislatura (período de 2019 a 2022), soma 225 deputados federais e 36 senadores (ZANUTO, CABRAL, 2020, P. 92)
-----------	------------------	--

Fonte: Autora (2021) considerando informações da Abrasco (2021); Zanuto, Cabral (2020) e Brasil de Fato (2021).

APÊNDICE 3 – Roteiro de perguntas

Identificação	<ul style="list-style-type: none"> • Nome • Idade • Gênero • Naturalidade e Local que mora • História de vida (se é agricultor (a), tempo com a agricultura, filho (a) de agricultor (a), ...) • Participa de alguma experiência coletiva, ou seja, faz parte de alguma rede, organização ou instituição. Como funciona?
Sementes Crioulas <i>Objetivo: verificar a relação que possui com as sementes crioulas</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Que práticas e ações você desempenha com as sementes crioulas? (Guarda, cultiva, vende, troca, ...) • Sua família já guardava sementes? • Como se denomina em relação as sementes crioulas? • O que é ser um guardião ou guardiã de sementes crioula? • Existe alguma diferença em ser um guardião de sementes para uma guardiã de sementes? Se existir diferença, perguntar: O que é ser mulher guardiã de sementes? • Você conhece algum banco de sementes? Já visitou? Se sim, qual o local? • Considera Casas de Sementes importante? Porque? • O que ajudaria no fortalecimento das sementes?
Território – Feiras de Sementes Crioulas <i>Objetivo: Compreender como os espaços das feiras de sementes crioulas se constituem pela capacidade dos sujeitos de construir práxis de resistência nesses espaços</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Por que fazer feiras de sementes crioulas? • Qual a sua relação com as feiras? Quantas feiras já participou e organizou? De que forma participou (organizador, guardião (ã), expositor...)? Quais feiras? Quanto tempo participa? <p style="text-align: center;"><u>ESCOLHA DO ESPAÇO DA FEIRA - MUNICÍPIOS</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Por que fazer uma feira de sementes crioulas aqui nesta cidade? • Existe alguma diferença em fazer feira em um município ou em outro (um lugar ou em outro)? O que muda? • Como explicar toda a montagem da feira de sementes aqui neste lugar? O que a qualifica a ocupar esse espaço? • Por que fazer uma feira de sementes crioulas aqui nesta cidade? O que mudaria se fosse em outra cidade? • Fazer a feira de sementes em um Município é diferente do que fazer em outro Município? O que muda? Como são escolhidos os lugares (Municípios)? Qual o alcance geográfico que uma feira de sementes pode chegar? • Você considera a feira de Sementes importante para o município? E para as pessoas que frequentam e compram? <p style="text-align: center;"><u>ORGANIZAÇÃO:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • O que precisa para realizar uma feira de sementes? • Como são organizadas as feiras? A organização muda de uma feira para outra? • Como participar como expositor? Existe algum pré-requisito? • Como é realizado o cadastro? Quantos feirantes precisa ter em uma feira? A quantidade de feirantes está vinculada ao número de barracas? • Como os feirantes que moram longe se locomovem para participarem das feiras? • Os organizadores fornecem ou prestam algum serviço ao feirante? Fornecem alguma orientação? Participam de cursos? • O que não pode faltar em uma organização de feira de sementes?

	<ul style="list-style-type: none"> • Existe um momento/período do ano para realizar as feiras de sementes ou não as realizar? Qual o melhor período? • As sementes passam por algum teste de transgenia? Como são realizados? Quem realiza estes testes? Seriam realizadas apenas com as sementes de milho? Quem não passa no teste qual a orientação? • Quais são as principais dificuldades em fazer Feiras de Sementes Crioulas? E quais são os principais benefícios? • No dia a dia, o que te beneficia organizar feiras? Como os demais integrantes da sua família te enxergam neste processo? • Quais são as principais reivindicações dos feirantes? • O que precisa melhorar? • Como a feira de sementes crioulas pode alcançar quem não participa delas? • Como fazer os agricultores da região participarem dela?
<p>Resistência</p> <p><i>Objetivo: Analisar as práticas reterritorializadoras de resistência nos espaços das feiras de sementes crioulas</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como as feiras de sementes crioulas podem dar visibilidade a outras formas de fazer agricultura? • Qual o diálogo entre o agronegócio e a agroecologia? • O que falta para as sementes circularem em outros espaços? • Como avalia a compra de sementes pelas grandes ofertantes? • O que achas que vamos comer daqui 30 ou 50 anos? • O que as sementes representam em termos políticos frente a agricultura convencional?

Fonte: Autora (2023)

ANEXO 1 – Declaração Política da 12ª Feira Regional de Sementes e da Biodiversidade

XXII feira de sementes “Sementes crioulas, construindo a nossa autonomia”. Sob essa bandeira, mais de 2 mil agricultores e agricultoras familiares, adultos e jovens, participaram, em Rio Azul, no dia 07 de setembro de 2014, da 12ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade. A Feira foi convocada pelas organizações e lideranças da agricultura familiar da região Centro-Sul do Paraná e Planalto Norte de Santa Catarina articuladas no Coletivo Triunfo, sendo acolhida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Azul, com o apoio da Prefeitura do município.

Nossa feira é uma expressão da organização da luta da agricultura familiar pela defesa e conservação das sementes crioulas e raças nativas de animais, entendidas como base de nossa autonomia técnica, econômica e cultural. Em nossa região, essa defesa é realizada desde as propriedades, passando por organizações comunitárias e nos municípios. Essa ação está articulada como tema de luta política há mais de 20 anos como reação ao massivo processo de extinção das variedades e raças. Essa luta pela agrobiodiversidade encontra seu fundamento nas práticas herdadas de nossos antepassados. Mas elas apontam também para a garantia de uma agricultura mais promissora, que assegure a geração de renda e autonomia diante das ameaças impostas pelo agronegócio. Em nome desse futuro assistimos em nossa feira uma marcada mobilização da juventude rural manifestando-se em defesa da agrobiodiversidade e da agroecologia.

Diante das ameaças desagregadoras que o agronegócio faz pesar sobre o patrimônio genético e sobre a prosperidade e autonomia da agricultura familiar, e visando ao fortalecimento do movimento de resistência e de inovação agroecológica que se irradia desde as comunidades ao conjunto da região, os agricultores e agricultoras familiares e as organizações participantes da 12ª Feira das Sementes Crioulas e da Biodiversidade declaram o seguinte:

1. As sementes e as raças animais crioulos são um patrimônio da Humanidade e constituem um componente histórico vital da agricultura familiar e dos povos tradicionais cultivadores. Denunciamos as tentativas do agronegócio de se apropriar e dismantelar esse patrimônio, tornando a

agricultura familiar dependente dos pacotes tecnológicos por ele produzidos, retirando-lhe sua autonomia e sua própria condição de existência. Mantemos nossa firme disposição de continuar lutando pela instituição de políticas e programas públicos que fortaleçam a identidade sociocultural da agricultura familiar, defendam e estimulem a conservação da agrobiobiodiversidade, sua livre utilização e circulação. Nesse sentido, nos posicionamos firmemente em oposição a qualquer tipo de registro ou normativa que limite a diversidade e a permanente evolução dos recursos genéticos conservados e adaptados pelas famílias agricultoras.

2. A expansão do agronegócio impõe também mudanças nas dietas alimentares no campo e nas cidades, gerando a perda de espécies, variedades e conhecimentos tradicionais essenciais para assegurar a soberania alimentar de nosso povo. Esse processo tem levado à expansão do uso de espécies, variedades e raças não adaptadas e com isso a crescente dependência de agroquímicos, ao mesmo tempo em que deixa de ser valorizado imenso patrimônio da agrobiodiversidade em nossa região.

3. Ao defender e praticar uma agricultura produtora de alimentos saudáveis, manifestamos nossa inquietação e repúdio ao acelerado crescimento do uso de agrotóxicos e sementes transgênicas nos cultivos de nossa região. Nossas experiências de produção agrícola em bases de sustentabilidade socioambiental confirmam o que vem sendo verificado no mundo inteiro e já demonstraram que esses produtos disseminados pelo agronegócio constituem uma permanente ameaça de contaminação das lavouras das famílias que têm procurado se desvencilhar das amarras dos pacotes tecnológicos, inviabilizando as alternativas autônomas de manejo técnico, de trabalho e de geração de renda que temos construído ao longo dos anos. Ao mesmo tempo em que defendemos a criação de áreas livres de transgênicos e agrotóxicos, exigimos que as empresas do agronegócio, que geram lucros privados e prejuízos públicos com esse tipo de contaminação, sejam responsabilizadas civil e criminalmente. Para isso, cobramos do Ministério Público nas esferas estadual e federal a criação de um grupo de trabalho para enfrentar esse problema da contaminação por agrotóxicos e transgênicos com ampla participação da sociedade civil. Expressamos nosso apoio à instituição do Programa Nacional de Redução do Uso de Agrotóxicos, aprovado pela Comissão Nacional de Agroecologia e

Produção Orgânica. Nessa mesma linha, conclamamos os municípios de nossa região a estabelecerem leis que restrinjam ou proíbam o uso de agrotóxicos e transgênicos, a exemplo de municípios de outras regiões do Brasil.

4. Expressamos nosso reconhecimento ao papel positivo que têm desempenhado os programas governamentais de compra direta da agricultura familiar, tanto o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA) como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Tanto em nossa região, como no conjunto do país, esses programas demonstraram-se como ferramentas inovadoras e potentes para o fortalecimento da agricultura familiar, favorecendo a construção de mercados locais, nos quais agricultores e agricultoras e suas associações vendem sua diversidade produtiva e geram rendas próprias remuneradoras em condições de autonomia. Ao mesmo tempo em que expressamos tal reconhecimento, externamos também nossa preocupação à incitação promovida pelas forças do agronegócio para lançar descrédito sobre esses programas e, também por esta via, conspirar contra o progresso da agricultura familiar. Defendemos firmemente não apenas a continuidade do PAA e do PNAE, fortalecendo as organizações da agricultura familiar, como também sua rápida ampliação, tanto do ponto de vista orçamentário como da cobertura social. Nesse caso, acentuamos a necessidade de continuidade e ampliação do PAA-Sementes como instrumento de promoção da conservação e uso das sementes crioulas, e de defesa da agricultura familiar contra o avanço do agronegócio e dos prejuízos econômicos, ambientais e para a saúde das famílias agricultoras e dos consumidores que ele implica.

5. Constatamos e denunciemos que a disseminação do modelo produtivo do agronegócio em nossa região tem resultado em ameaça e desestímulo ao futuro da ocupação econômica dos jovens rurais como profissionais da agricultura familiar. Trata-se de uma ameaça à reprodução futura da própria instituição da agricultura familiar. Face a tal conjuntura, propomos a formulação e execução efetiva de um Plano Nacional de Apoio à Juventude e à Sucessão na Agricultura Familiar, que associe, notadamente, programas de reforma agrária e de acesso à terra, à moradia, ao crédito, a diferentes níveis de formação profissional e que favoreça também a ampliação dos serviços de infraestrutura (energia, telefonia, internet) e de lazer no meio rural. Cobramos também a criação de um Programa Nacional Bolsa de Estudo ao Jovem da

Agricultura Familiar, como incentivo ao jovem, de 18 a 29 anos, para implementar projetos agroecológicos em suas propriedades e comunidades.

6. Finalmente, e com particular ênfase, reconhecemos o papel essencial e insubstituível que têm desempenhado as mulheres agricultoras na reprodução e no fortalecimento da agricultura familiar, como agentes da produção, da conservação e defesa da biodiversidade, como gestoras de diferentes fontes de renda e como promotoras de inovações técnicas e esteio da segurança alimentar das famílias. Requeremos políticas e programas públicos que reconheçam a identidade sócio-cultural e econômica própria da mulher agricultora e lhes garantam os instrumentos legais e normativos para seu desempenho autônomo como profissional da agricultura familiar. Ao mesmo tempo, conclamamos as organizações da agricultura familiar de nossa região a assegurar a participação protagônica das mulheres agricultoras em suas direções e programas de atividade.

Ao realizar a 12ª Feira Regional das Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade reafirmamos nosso compromisso e nossa disposição para continuar na luta pela defesa e fortalecimento da agricultura familiar, com base nos princípios da agroecologia. Temos exercitado esse caminho em nossas propriedades e comunidades e temos reconhecido nele a boa alternativa para um futuro de equilíbrio socioambiental e de prosperidade para nossas famílias, adultos e jovens. Temos certeza de que esse é também o caminho para assegurar a satisfação das demandas e necessidades da população por um alimento saudável em suas mesas.

Rio Azul-Pr, 07/09/2014

ANEXO 2 – Documento referente ao encontro dos Povos Originários e Comunidades Tradicionais

Documento referente ao encontro dos Povos originários e comunidades tradicionais

FESTA DAS SEMENTES E DOS GUARDIÕES E GUARDIÃS DA BIODIVERSIDADE

FORTALECER A AGROECOLOGIA NA ESCUTA DA SABEDORIA DOS POVOS

Local: Sede da ABAT, em Manduriá - PI
 Sábado: Encontro dos Povos Originários e Comunidades Tradicionais
 10h às 20h - (somente pi convidados)
 Domingo: Festa das Sementes e dos Guardiões e Guardiãs
 08h às 15h - participação livre
 Informações: +55 85327-8203 ou +55 85327-8208

**07 E 08 DE
OUTUBRO
DE 2023**

ABAT
Associação Brasileira de Agroecologia e Agricultura Tradicional

PI. BARRAGEM
Manduriá - PI

CPT
Comissão Pastoral da Terra

Associação de Guardiões e Guardiãs da Biodiversidade
Terra Agroecológica

**Fortalecendo a Agroecologia a partir da escuta dos Povos 07 e 08
de outubro de 2023- Festa da semente e dos guardiões e guardiãs da
biodiversidade – ABAI – Mandirituba-PR**

O Projeto da Associação Brasileira de Amparo à Infância, desde sua criação na década de 70, foi integrar pessoas e natureza para uma convivência harmoniosa, promovendo a vida e valorizando a sabedoria popular. Fez parte das ações na prática do seu cotidiano, o trabalho com crianças em especial, com adultos em geral e depois de forma específica com os povos originários e tradicionais.

Com os povos tradicionais e originários foi organizada uma prática pedagógica de compreensão, recuperando símbolos que os identificam, escutando suas histórias, suas tradições, sua espiritualidade nos seus territórios e trazendo-os para uma convivência na instituição. Essa pedagogia da aproximação, se pode assim dizer, criou confiança, gosto e compromisso pela causa dos verdadeiros donos do Brasil, os indígenas e dos que participaram com suas tradições, alegria, dança, alimentos e espiritualidade, da formação do país que temos hoje, os irmãos e irmãs negros.

Nesse período de convivência, sentimos, conhecemos e aprendemos muito com a sabedoria que estes povos carregam em suas tradições. Mas, também percebemos seu sofrimento com preconceitos e violências, que sofrem por terem o seu jeito próprio e condenar as práticas do capitalismo. Por isso, não são compreendidos, valorizados, promovidos e na maioria das vezes, perseguidos e assassinados.

Com todo esse acúmulo de questões referentes aos povos nesse tempo de convivência, a ABAI quis externar melhor essa situação e para isso, num espaço tão valioso como é a Festa das Sementes Crioulas, convidar seus parceiros e parceiras para um momento especial, ao qual foi dado o nome de Escuta dos Povos, que já acontece, portanto, há dois anos.

Participaram do evento cerca de 950 pessoas, entre representantes de povos tradicionais e originários, guardiões e guardiãs de Sementes, membros de várias entidades ligadas a Rede Sementes da Agroecologia, ReSA, Professores e Estudantes da Universidade Federal do Paraná, representantes de um

movimento popular por moradia de São Paulo “Terra de Deus, Terra de Deus” e pessoas da comunidade de Mandirituba-PR.

O evento teve os seguintes objetivos:

✓ Fortalecer a luta dos povos pelos seus territórios e manter vivo as suas tradições;

✓ Possibilitar a troca de experiências e vivências entre os representantes dos povos tradicionais e originários;

✓ Possibilitar a estes povos de se fazer ouvir pela sociedade civil em geral;

✓ Aproximar a comunidade não indígena dos povos indígenas e quilombolas;

✓ Registrar e encaminhar as reivindicações dos povos tradicionais e originários para atores da política estadual e federal responsáveis pelo bem estar dos povos.

Registro da atividade da escuta dos Povos - Segue o Relato das falas dos representantes dos vários povos durante os dois dias do evento.

A partir da recepção aos povos originários (kaikang, Guarani Mbya, Guarani Nhandewa e xeta) e comunidades tradicionais Quilombolas na ABAI - Fundação Vida para Todos em Mandirituba-PR, as comunidades quilombolas de Restinga (Lapa), Família Xavier (Arapoti), Comunidade Barra do Turvo, Comunidade de 7 barras, Comunidade Porto Velho (Adrianópolis) e Comunidade Paiol de Telha (Reserva do Iguaçu) realizaram uma interação com os povos originários do Território Sagrado Indígena-Retomada (Piraquara), Tekoa Guaviraty (Pontal do Paraná), Tekoa Araçai, Tekoa Kakane - Porã (aldeia no contexto urbano de Curitiba), Aldeia de Manoel Ribas, Tekoa Yvy Porã (Posto Velho), Comunidade Pinhalzinho e Comunidade Laranjinha (Santa Amélia).

Foram organizados 3 grupos para escuta dos povos (2 espaços distintos de escutas para as comunidades indígenas e 1 espaço distinto de escuta para os quilombolas), os quais abordaram as seguintes questões:

• O que alimenta a vida no território e alimenta o meu território (povos indígenas)

Para nós indígenas, não há separação entre nós e o território. Cada Tekoa, cada povo, ao cantar, em cada música estamos falando de nossa ancestralidade, nossos direitos e nossas lutas. Não há como falar de minha vida no território sem considerar o corpo - território, esse corpo-semente. Somos corpo-espírito e manifestamos o que somos, na luta pelo território. Para nós sem Tekoa não há Teko.

A nossa cultura, a nossa língua, a tradição de nossos pais são a nossa força viva, é o que nos alimenta no dia a dia. Não separamos o território (Terra) de nós (corpo), o território tanto espiritual, como a terra é um só. O que alimenta é a comunidade e o coletivo, no capitalismo é o individual, mas para o indígena é o coletivo, nunca estamos isolados.

O nosso alimento é mostrar os nossos conhecimentos e aprendizados. O alimento é passar isso aos nossos filhos e netos. A preservação de nossa cultura é o nosso alimento, é o que nos dá vida. A vida espiritual alimenta o meu território. O alimento industrializado entra em nossa vida, mas queremos preservar a prática do cultivo dos alimentos, para termos essa soberania sobre o que comemos. O alimento precisa ser nosso, não podemos depender de alimentos industrializados e processados. É preciso refletir sobre a forma que nós nos alimentamos, mas compreendemos que essa mudança precisa ser ampla, por meio de uma nova consciência sobre a vida na Terra.

Na ancestralidade há uma história sobre o pedido de Nhanderu sobre a seca e a importância de se cuidarem e se organizarem. Hoje, sabemos que o nosso alimento é espiritual, o que alimenta a vida no meu território é vivo, não industrializado, é vivo como a semente. O cuidado é para termos essa atenção para esses saberes das mulheres indígenas que detêm o conhecimento do corpo-território e a importância do cultivo.

Nossas práticas espirituais dão vida ao território em que vivemos. As crianças que alimentam o território, são o nosso futuro de existência. A nossa fé está nas crianças e a força da comunidade. Também o que alimenta a cultura é a espiritualidade ancestral. O nosso jeito de ser, o Txamoi, a espiritualidade, a

proteção dos jovens contra os perigos da cidade. Nosso futuro está nas crianças, jovens e velhos.

Nossos velhos são nossa biblioteca, nossa vida e nossa cultura! A espiritualidade é a nossa essência, não podemos perder a nossa essência indígena. Muitos falam que os indígenas são iguais, temos línguas diferentes e nossos modos de fala são diferentes. Cada um tem uma língua materna. Somos políglotas.

• As ameaças ao lugar que vivo e quais ações são necessárias diante dessas ameaças.

Há um ataque aos direitos originários pelo marco temporal, é uma ameaça nacional que não atinge apenas os povos originários, mas a própria vida da terra. Mas de imediato é um ataque à vida dos povos indígenas e uma pressão muito forte dos ruralistas. Infelizmente, nós nos vemos sem o apoio do Ministério do Público e do Congresso Nacional, percebemos a força dos ruralistas e toda ação que desenvolvem com o objetivo da expansão do agronegócio.

Nossa grande ameaça é perder nossas práticas na agricultura, por todo processo que temos vivido. Sofremos pressão permanentemente, em especial, com a PL 2903 que vem para tirar o direito de todos. Somos vistos como problema na sociedade brasileira, mas será que somos nós indígenas o problema para o país? Se fosse mesmo, não haveria tanta miséria como vemos nos centros urbanos. O problema é a colonização e o modelo de desenvolvimento que produz tanta exclusão e pobreza. Nosso território sagrado é o Brasil, nossa luta seguirá enquanto existir indígenas.

O indígena é indígena por sua cosmovisão e se tem tecnologia iremos usar, não é o uso da tecnologia que nos ameaça ou nos faz ser menos indígena. Vemos que tantos os Guaranis e Kaingangs estavam aqui nesse território há mais de 6 mil anos. Então, não há indígena em aldeia urbana, o que há é o urbano que avançou sobre os territórios indígenas. Para nós, o marco temporal é uma falsa concepção, pois os indígenas viviam em paz e construindo nesse lugar vida e alimento sustentável. Tínhamos água com qualidade, sempre foi assim até aparecer todo esse processo, mas nós continuamos lutando pela água de qualidade até hoje. Agora querem restringir nossa vida e nosso modo de vida.

A Água que cuidamos não é só para nós e para o bem de todos. O governo, o juruá só nos prejudica, mas nós com nosso modo de vida beneficiamos todas essas pessoas.

As Aldeias que estão no urbano, devem ser chamadas de Aldeias de Contexto Urbano, não tem indígena urbano ou rural. Somos indígenas. As crianças do Contexto Urbano devem aprender a nossa língua desde pequenas, por isso é importante receber os ensinamentos na escola. Se fosse em outro contexto, teriam os rios e a mata, a caça e a pesca. Primeiro contato é com pai e mãe e depois fora aprendendo o português, ninguém apresenta a língua materna, nem nossas danças e contos. Na aldeia de contexto urbano em Curitiba não tem espaço para plantar nosso alimento, sementes e cultura de alimentos orgânicos e saudáveis, temos que comprar fora. Saiu de casa, já está na avenida. Estamos juntos e misturados Guarani e Kaingang, os cânticos, músicas e danças. Todos sabem o que aconteceu com os Xetá.

A invasão do mundo externo acaba com nossos jovens, jovem vai para a cidade e encontra o alcoolismo e as drogas. Estamos tentando manter nossos jovens dentro dos nossos territórios, as crianças que são nosso futuro e nosso amanhã, por isso é importante nossa língua. O alcoolismo é uma ameaça. A maioria das leis podem ser uma ameaça para nós indígenas, algumas vem para nos prejudicar. Podemos e devemos e compartilhar as experiências com outras comunidades.

A luta contra o Marco temporal é um passo, temos que dar muitos outros passos. Queremos um território autônomo, sem desmatamento, sem queimada, sem mineração e sem preconceito ou criminalização. Jovens presos, jovens se suicidando, usando drogas e álcool, tudo para fazer nossos povos perderem dignidade de vida, às vezes se faz necessário a radicalização política a partir de algumas ações, tais como: ocupação dos órgãos de governo, as manifestações em diversos locais públicos. Temos que nos organizar estrategicamente para enfrentar essas ameaças, a luta está acontecendo agora. Pessoas não indígenas entram na nossa aldeia e fazem o que querem. Quem tem que pensar somos nós indígenas.

Também é pertinente falar da colonização dentro da comunidade indígena. Olha o que aconteceu com os povos Yanomami por causa do garimpo. Jovens assassinados, queimados dentro da casa de reza, mulheres indígenas

violentadas, pais e mães de família sendo assassinados. Essa colonização é cruel. Só restam 1.700.000 indígenas no Brasil, precisamos descolonizar a ameaça cruel. É luta sim! Fechando a estrada e lutando. Ganhamos através do enfrentamento. São séculos de luta, desde sempre.

Somos hoje o que nossos antepassados foram. Existe muita maquiagem do governo para cumprir a constituição e seguir a lei, aquilo que foi acordado e prometido.

Dentro do governo passado fomos humilhados em rede nacional. A monocultura da soja ataca o território e as pessoas não perceberam. Às vezes é preciso radicalizar em relação às ameaças que o nosso território sofre, como as sementes transgênicas. Precisamos de território livre de transgênicos, temos sementes sagradas e elas não podem ser ameaçadas. Semente sagrada do nosso território, dos nossos direitos e dos antepassados.

As trocas de governo (municipal, estadual e federal) e as nossas reivindicações não têm continuidade, isso é um grande problema.

Ações:

O território é nosso e nossas ações estão no dia a dia, ocorrem no dia, por meio da manifestação de nosso artesanato, nossos escritores e nossas ações tanto nas aldeias como em outros contextos. As nossas ações são em nossos fazeres diários e em todos os lugares estamos o tempo todo nesse corpo-território para dizer que não aceitamos nenhum direito a menos. Entre essas ações, estão esses atos de produzir alimentos coletivamente como resistência. Encontrar mais vezes com nossos parentes, para a troca de experiências e para o fortalecimento, para ações mais saudáveis. Cada um de nós tem vivências de comunidade, dos nossos antepassados.

A terra e o território dos nossos antepassados, nós indígenas não vemos corpos de nossos parentes em um cemitério como os juruá. Quando um parente morre, queremos que os nossos parentes próximos à nossa Tekoa e não em um cemitério urbano. Pois a passagem de nossos parentes tem significado sagrado. A terra, a tekoa, os nossos antepassados são percebidos por nós de forma integral e espiritual, para nos quando um indígena morre, ele vai para a terra sem males, mas pode se comunicar sempre por meio de mensagem. A Casas de

Reza serve para as crianças e jovens e os velhos. Por isso é importante o registro da nossa terra, tem que ser a nossa e não outra terra.

Nossas ações são no hoje, porque nossos filhos precisam do território e nossa Mãe Terra precisa disso. Os não indígenas estão acabando com tudo, por isso nossas ações são permanentes, uma ancestralidade que se manifesta cotidianamente e no resgate de nossas práticas tradicionais com a terra por meio do cultivo das sementes crioulas e plantas medicinais. Precisamos orientar nossos filhos e respeitar os mais velhos e suas conquistas anteriores, para garantir uma vida digna no futuro. Valorização da luta dos que vieram antes.

• Que conquistas tivemos em nosso território e quais são os nossos sonhos coletivos?

A Retomada do Território Sagrado de Piraquara foi uma conquista para os povos Guaranis, Kaingang e Xetá. Nos Guarani, fizemos um encontro e nesse encontro Nhanderu nos falou onde seria o nosso lugar, é Nhanderu que fala para nos. A nossa conquista é o nosso fortalecimento do nosso modo de viver. As pessoas não indígenas falam que os povos indígenas são guerreiros e que estão sempre em luta, mas alguém já parou para perguntar se somos felizes? Se queremos/ desejamos ter que estar em luta permanentemente por causa dos colonizadores?

A experiência de Piraquara é um exemplo forte de uma conquista (2021), no primeiro momento, ficamos 47 dias em barraca de lona sob sol e chuva e também muito frio. Só depois chegou o Instituto de Água e Terra do Paraná. Era uma área do governo do Estado do Paraná destinada à preservação ambiental, mas estava sendo contaminada.

Vamos morar lá e fazer Teko Porã, cuidar das nascentes, cuidar deste lugar para ser realmente uma área de preservação. No segundo momento, iniciamos a vida do lugar, compartilhando a existência nesse lugar.

Nosso sonho é demarcar o território Sagrado da Retomada, nosso sonho é que não exista nenhuma gota a mais de sangue indígena. Nosso sonho é ter alimento produzido por nós.

Outra conquista foi após 15 anos no território, a nossa Tekoa Kakane - Porã conseguiu que o Prefeito do Município entregasse a terra para a União a fim que realizasse a demarcação.

Tivemos também um grande avanço em nossas lutas que foi a Casa de Passagem e o Ponto Cultural, pois o espaço cultural é muito importante para as manifestações. Eduardo Pimental percebeu como os indígenas desejavam a Casa de Passagem. A Casa de Passagem foi uma conquista, como na cidade de Irati, mas precisamos que o indígena que cuida da Casa de Passagem possa ter remuneração pelo trabalho realizado também.

Por meio de manifestação temos que reconquistar o que é nosso direito. Curitiba hoje tem manifestações indígenas pela conquista da Casa de Passagem e agora desejamos que a gestão da Casa de Passagem seja também administrada pelos povos indígenas. E que o administrador indígena em cada casa de passagem seja remunerado pela atividade de coordenação e cuidado.

O Posto de Saúde na Comunidade de Laranjinha foi uma conquista, mas tem muito ainda o que melhorar. Muitos que lutaram, já morreram, hoje somos nós.

Temos histórias de nossos filhos da comunidade Kakané-Porã que andam 4 a 5 Km para chegar à escola, sendo que poderia ter uma escola dentro do nosso território. Tivemos a ideia de chamar um jornalista para filmar o trajeto dos filhos até a escola (apareceu na Record e teve repercussão). Depois as crianças receberam passe escolar para irem de ônibus. A importância de ter jornalistas aliados.

Tivemos muitas perdas, muitos morreram lutando e os ruralistas não deram trégua e nossa re-existência permanece no cuidado da vida e da Terra. Cuidar da água, cuidar do rio, enfim cuidar da vida. Forte para nós é a água, que sofre com toda essa ganância de exploração por uma forma inconsequente dos não indígenas.

O indígena não se beneficia do extrativismo e dessa exploração, pois não deseja isso. Mas o Brasil fala de sustentabilidade, mas se fosse de verdade essa fala, não existiria a pobreza e a exclusão que presenciamos no Brasil.

Integrar nós indígenas a sociedade para passar fome? Nós indígenas não queremos. Não queremos ficar na fila do CRAS, nem na fila da fome. Assim, para nós, os deputados ruralistas são nossa maior ameaça.

Estamos muito felizes por termos essa oportunidade de nos fazer ouvir, por estarem escrevendo o que estamos dizendo, nós nos sentimos valorizados. A nossa sorte é termos a ABAI, que dá ouvido a cultura indígena, se não fossem eles estariam perdidos. Os não indígenas ajudam e fortalecem muito esses encontros.

É uma conquista ter o MST como aliado, assim como a ABAI, grupos que se preocupam com a vida da Terra, pessoas maravilhosas que levam alimentos saudáveis para as comunidades indígenas.

Conquistar escolas dentro das aldeias, com professores indígenas. O Ministério da Educação e Secretarias da Educação devem liberar espaço para nossa voz, temos professores bons e com base completa. Precisamos de uma educação que respeite nossa língua materna, nossa cultura, nossos cânticos e dança, nossos antepassados.

Fora disso, é uma visão distorcida do que acontece e o que aconteceu no passado e que precisa ser lembrado. A história dos mais velhos. Nossa força de vontade de conquistar mais, de escutar mais os velhos e repassar os conhecimentos para os mais novos. Escutar os mais velhos e os guerreiros que lutaram para conseguir o que já conseguimos até agora. O Marco Temporal foi um deles, o mais recente. Mas, ainda temos muita coisa pela frente, a PL 2309. Para não ter invasão, hoje é preciso interagir dentro das nossas comunidades, estudando e entendendo o meio político, falando com nossos parentes. Estamos em briga, temos que fazer briga política juntos. A PL 2309 tenta apagar nossas vitórias. A ameaça é constante. Não podemos esquecer que essa PL, a PL 2309 que está sendo tramitada logo em seguida a nossa vitória do Marco Temporal.

Precisamos nós mesmos contar nossa história, escrevendo livros para não perder. Registrar para não perder. A palavra morre, mas se for escrita não. As mulheres têm muito que falar, elas têm que ser ouvidas, não podem ser separadas de suas falas ou silenciadas. Temos que ouvir as mulheres indígenas, o seu relato, o seu silenciamento ainda é muito grande mesmo entre nós. Isso afeta o território.

Queremos justiça social: moradia, saúde, água de qualidade, demarcação, respeito à demarcação, educação que atenda a diferença e nossa cultura fora do modelo liberal. As ações sociais garantem a infraestrutura de moradia e de educação. Posto de Saúde de qualidade. Hoje em algumas

comunidades já temos indígenas médicos, precisamos de mais. Queremos educação para nossas crianças de qualidade, respeitando nossa língua materna, com visibilidade indígena. A nossa história tem que ser contada, quem nos olha não sabe a nossa luta e do nosso processo pelo nosso território.

A região Sul do país tem indígena sim! Tem indígena no Brasil inteiro, o país é indígena antes de tudo. Nosso sonho é ter voz do lugar que vivemos, dentro da nossa terra materna. Que possamos ter voz e vez no lugar que vivemos, que é o Brasil e os nossos rios voltarem a ter vida, voltando a fluir como sempre fluíram.

Para os jovens indígenas, sonhamos com uma casa de estudante indígena, pois não adianta falarem em cota para indígenas se não existem as condições necessárias para sua permanência (material e imaterial - respeito à diversidade cultural).

Temos como sonho também um Centro Público Cultural nas capitais do Brasil para vender artesanato indígena com um espaço adequado para venda e manifestação cultural.

Como sonho, temos o desejo de não ver mais jovens da periferia ou jovens que não ricos, serem colocados no sistema prisional por utilizarem a cannabis. A valorização da medicina fitoterápica e a descriminalização da maconha são um resgate ao conhecimento tradicional e uma mudança na forma que os jovens são tratados. A legalização pela valorização medicinal da planta poderá reduzir o tráfico e os prejuízos que esse uso fora do contexto medicinal provoca.

Ao final da roda de conversa e escuta, Eloy da Tekoa Território Sagrado indígena-retomada solicitou que todos participassem de uma moção de apoio, a qual está no final deste documento.

• O que alimenta a vida no território e alimenta o meu território (povos Quilombolas)

Para nós o que alimenta é a vontade de permanecer na terra e lutar por território. Desejar lutar pela demarcação do território, preservando o meio ambiente e espaço para plantar, a luta pela garantia dos direitos das comunidades enfrentando o próprio medo de se assumir como quilombola. Ser

quilombola é assumir a nossa representatividade mesmo diante das represálias e ameaças advindas dos fazendeiros da região do quilombo.

O que também nos alimenta é saber da nossa ancestralidade, que nossos anciãos possuem saberes e estes são transmitidos para gerações futuras. essa preservação dos saberes é o que nos alimenta.

A nossa coletividade, a união de nossa gente é o que nos fortalece.

• As ameaças ao lugar que vivo e quais ações são necessárias diante dessas ameaças (povos quilombolas).

Existe uma especificidade de ameaças para cada comunidade quilombola, na Lapa, há um pedágio que corta a comunidade, isto traz devastação ao meio ambiente, além de gerar um custo monetário a comunidade que é difícil de ser absorvido.

No entanto, mesmo diante das ameaças e dificuldades existentes, há uma preocupação e uma certa intimidação para nós quilombolas denunciarmos, pois temos medo de sofrer de retaliação. Por conta dessas represálias acabamos ficando muito isolados e com falta de acesso às políticas básicas como os postos de saúde, as escolas e os mercados. Além disso, muitos de nós tivemos que abandonar as nossas terras para poder continuar vivendo, para nós quilombolas a disputa de território foi sempre constante.

Percebemos uma ameaça para nossa própria identificação, pois por conta da discriminação que sofremos ao longo da história, até hoje sentimo-nos intimidados para nos reconhecermos quilombolas. O saber quilombola, quando desenvolvido por uma mulher, essa atividade realizada na casa de um fazendeiro como trabalho doméstico nunca é remunerada. O homem quilombola trabalha no campo e é remunerado, mas a mulher não é.

No município de Arapotí, a comunidade quilombola Família Xavier, tem encontrado resistência dos moradores, pois a localidade é dominada por pessoas descendentes de holandeses manifestando muito preconceito nas relações com os quilombolas.

Na Comunidade de Paiol de Telha, temos o desafio no enfrentamento pela luta dos territórios, pois existe uma cooperativa agrícola de pessoas descendentes de alemães e estes, não querem a valorização dos quilombolas e

seu meio e o modo de vida. A Cooperativa foi implementada há mais de 50 anos no território quilombola e o desafio é a comunidade quilombola se manter nesta região.

Também sofremos ameaças de construção de usinas hidrelétricas e se esse projeto for aprovado teremos o nosso território destruído. Outra ameaça é a forma que o Estado opera, vemos muita burocracia nas liberações de nossas atividades até na agricultura, pois vivemos em uma área de preservação ambiental (APA).

• Que conquistas tivemos em nosso território e quais são os nossos sonhos coletivos (Quilombolas)?

Quanto às conquistas, só temos a nossa organização e esses encontros como algo para celebrarmos. Nossas comunidades se encontrando para partilha, diálogos e pela participação, começamos a observar algumas pequenas mudanças em nossas comunidades. A própria questão das sementes, passa a ser ressignificada, assim como a nossa cultura. Com esses encontros não nos vemos mais tão sozinhos, vemos essa participação/integração como uma conquista.

Antes fazíamos o encontro por causa dos velórios, mas agora queremos fazer esses encontros para celebrar a vida, para trocarmos experiências entre famílias para fortalecer os nossos saberes. Nossa cultura é rica e desejamos preservá-la.

Nosso sonho coletivo é a demarcação das terras quilombolas, para que nossas crianças e futuras gerações possam permanecer no território, sem se sentir ameaçados. A Nossa luta é por uma comunidade quilombola digna, que tenha garantia de acesso às políticas públicas, pois só com justiça social teremos um meio de vida viável.

Lideranças e representantes das rodas de conversa e escuta:

Eloy jacintho do Território Sagrado Indígena-Retomada (Piraquara)

Elias da Tekoa Guaviraty (Pontal do Paraná),

Tekoa Araçai,

Silas e Camila da Tekoa Kakane - Porã (aldeia no contexto urbano de Curitiba)

Toninho da Aldeia de Manoel Ribas,

Eliza da Tekoa Kuaray Guata Porã (Guaraqueçaba)

Graziela Vice Cacique da Tekoa Yvy Porã (Posto Velho),

Cacique Reginaldo da Comunidade Pinhalzinho (Tomazina)

Valdecir - Vice Cacique da Comunidade Laranjinha (Santa Amélia)

Claudia da Comunidade quilombola de Restinga (Lapa)

Silmara do Quilombo Família Xavier (Arapoti)

Comunidade Barra do Turvo

Comunidade de 7 barras

Celina e Claudia da Comunidade Porto Velho (Adrianópolis)

Divonzir Manoel dos Santos da Comunidade Paiol de Telha (Reserva do Iguaçu)

Mari Quixirrá Costa, indígena da etnia Jamamadi do Acre.

Participantes na elaboração do relato e tradução na escuta dos povos:

Márcia Regina Ferreira – Liiis- laboratório Interdisciplinar e intercultural de Inovações sociais do Curso de Gestão Pública da UFPR.

Mara Lucia S. Furtado - Liiis- laboratório Interdisciplinar e intercultural de Inovações sociais da UFPR.

Claudenice Santos Costa - Liiis - laboratório Interdisciplinar e intercultural de Inovações sociais da UFPR.

Tamara da Silva - Liiis - laboratório Interdisciplinar e intercultural de Inovações sociais da UFPR.

Luciana Galvão - Liiis - laboratório Interdisciplinar e intercultural de Inovações sociais da UFPR.

Dirceu Fumagali _ Pastoral da Terra Claudia Aparecida Unti - Terra de Direito

Tchenna - Terra de Direito

Ronaldo - Resa

Lizia - ASSESOAR

Renato - SPTA e Coletivo triunfo

ANEXO 3 – Formulário de Inscrição 19^a Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade

008/2023, 16.52

Inscrição de Expositoras e Expositores para a 19^a Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade

Inscrição de Expositoras e Expositores para a 19^a Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade

Preencha a ficha de inscrição, descreva seus produtos, que devem estar ligados a agricultura familiar - tanto com a matéria prima quanto o trabalho final de cada produto. Após enviar sua inscrição o Grupo Coletivo Triunfo fará avaliação conforme os critérios estabelecidos para exposição. O resultado de sua inscrição e outras informações sobre a feira chegarão em alguns dias em seu celular.

lucianagmartins@gmail.com [Alternar conta](#)

 Não compartilhado



* Indica uma pergunta obrigatória

Nome do (a) representante da banca *

Sua resposta

Sobrenome *

Sua resposta



09/08/2023, 16:52

Inscrição de Expositores e Expositoras para a 19ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade

Número de Expositores por banca *

Sua resposta

Telefone (preferencialmente WhatsApp) *

Sua resposta

Comunidade | endereço *

Sua resposta

Município *

Sua resposta

Participa de alguma organização, entidade, associação ou grupo? Qual? *

Sua resposta

09/08/2023, 16:52

Inscrição de Expositores e Expositoras para a 19ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrodiversidade

Ocupação *

- Agricultor(a) Familiar
- Guardião de Semente
- Estudante
- Professor
- Organização
- Outro:

Pretende realizar uma oficina ou ter um estande técnico? Descreva aqui sua atividade!

Sua resposta

Descreva seus produtos para Comercialização *

Sua resposta

Um dos critérios para a exposição na feira é que a família leve para expor ou vender no mínimo 5 variedades sementes crioulas ou mudas cultivadas na propriedade. Descreva abaixo as 5 variedades que obrigatoriamente deverá conter na sua banca *

Sua resposta



CRITÉRIOS PARA PARTICIPAÇÃO DE EXPOSITORES NA FEIRA

- As Feiras Regionais partem do princípio de resgatar, conservar e multiplicar a Agrobiodiversidade, sendo assim todo evento está voltado para este processo vital para a agroecologia. Os critérios aqui apresentados têm o intuito de resguardar as famílias que há mais de 20 anos constroem este evento.

Crítérios:

- Todas as sementes de milho deverão passar por testes de transgenia, sendo que quando se constatar a contaminação as sementes deverão ser imediatamente retiradas da banca e da feira.

- Todas as bancas expositoras devem ter ligação direta com a conservação da Agrobiodiversidade, sendo que dentre seus produtos devem constar no mínimo cinco variedades crioulas de sementes ou mudas que comprovadamente sejam produzidas pelas famílias. (Podem ser levadas tanto para comercialização, quanto para exposição).

- Só serão permitidos produtos (alimentos, artesanatos e insumos) que comprovem sua origem de produção familiar, ou no caso de implementos, que comprovem sua utilidade na agroecologia e conservação da Agrobiodiversidade.

- Não será permitida a revenda de produtos industrializados, salvo quando estes produtos forem de origem de agroindústrias ligadas à agricultura familiar. (Exemplo: cosméticos industrializados, lingerie, eletrônicos etc.)

- As oficinas e Sanders técnicos devem estar direcionados a conservação da Agrobiodiversidade, ou resgate cultural e/ou promoção da agroecologia, não serão aceitas apresentações que promovam o consumo de agrotóxicos e utilização de sementes híbridas ou transgênicas.

- Os espaços serão distribuídos de forma prioritária para as bancas compostas por grupos de mulheres, comunidades tradicionais, associações, cooperativas e sindicatos da agricultura familiar, em especial as bancas ligadas ao coletivo triunfo e as escolas do campo.

- É proibido a venda de bebidas que não tenham a fabricação de origem artesanal ou familiar.

- Os alimentos preparados na cozinha do evento, serão direcionados para alguma instituição do município, sendo as bancas que irão comercializar alimentos, os mesmos devem ser prontos, sem utilização de nenhum tipo de fogão, freezer, geladeira ou equipamentos.

- Não serão permitidos vendedores ambulantes com produtos de nenhuma espécie.

- Os expositores devem contribuir e seguir as orientações conforme manda o cronograma da feira, sendo que os horários de fechamento e abertura das bancas deverão ser expressamente respeitados.

- A localização da banca de cada expositores, será organizada anteriormente, seguindo os critérios adotados pelo Coletivo, portanto, não será permitido a mudança de local durante a feira.

Concorda com os critérios citados acima? *

Sim

Não



06/08/2023, 18:52

Inscrição de Expositores e Expositoras para a 19ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agro biodiversidade

Gratidão!!!

Seja muito bem vindo(a) a 19ª Feira Regional! Acompanhe a divulgação nas redes sociais do Coletivo Triunfo e nos ajude a divulgar. A feira é feita por todas e todos nós e a sua participação com seus produtos, símbolos da agrobiodiversidade da nossa região, abrihantam nosso encontro. Nós vemos lá!

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em AS-PTA. [Denunciar abuso](#)

Google Formulários

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc4EHs3XhFCV9P8F_LjV7sW9UwB3wDwEzxfP6u1Rknz2K7yxKzde/view/form

f